

**ARIETE NASULICZ E BELTRAMI**

**PROEZAS ALQUÍMICAS:  
A CIÊNCIA E O ESOTERISMO DE DARIO VELLOZO NA TERRA DAS  
ARAUCÁRIAS  
(CURITIBA: 1890 – 1913)**

Dissertação apresentada para a obtenção do título de Mestre em História Cultural, Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Tereza Cristina Kirschner

**BRASÍLIA  
- 2009 -**

*À memória dos mestres Dario Vellozo, Joana Zito Losada e ao anjo amigo que partiu mais cedo, Lucas.*

## AGRADECIMENTOS

Aos anjos...

Que se manifestaram na forma de meus sábios amados: marido, filhos, familiares, amigos, colegas e professores.

Ao Rafa, por todo o amor que houver nessa vida e pelo apoio.

À Sofia e Gabe, pela compreensão e pela paciência.

Ao meu amigo pitagórico Daniel, pela presença terna e amizade sincera.

Ao querido “mecenas” Tio Valmir, pelo incentivo intelectual.

À “cumadi” Mônia, pelas preciosas dicas e conversas proveitosas.

À Janaina, pelo resgate da memória dos mestres.

À Marcos Cordioli, que emprestou fontes, livros e idéias.

À Marcus Cysneiros, pela parceria intelectual e convivência acadêmica.

À presença tão longe, tão perto da família distante: minha mãe Neusa, Verinha e meus irmãos Ronaldi, Adriana, Madelaine, Jasmine e Luciana.

À Flávia e Ducci, pela sempre agradável companhia.

À Elis e Renato, pelo doce deleite dos encontros gastronômicos.

Aos meus eternos amigos André e Andréa, por existirem na minha vida.

Ao professor José Otávio, pelas primeiras orientações e contribuições.

Aos membros do Instituto Neo-Pitagórico, pela gentileza e acolhimento.

E à querida mestra professora Tereza, pela paciência, confiança e sabedoria, a quem eu devo o resultado desse trabalho.

*“Os lábios da Sabedoria estão abertos  
somente aos ouvidos do Entendimento.”*

O Caibalion

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	v
<b>ABSTRACT</b> .....	vi
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>1. DARIO VELLOZO: O PEREGRINO EFÊMERO</b> .....	14
<b>2. CURITIBA: O ESPELHO DE PARIS</b> .....	21
<b>3. ESOTERISMO: O LÓTUS DO CONHECIMENTO</b> .....	37
<b>4. TRADIÇÃO: A CHAVE DA MEMÓRIA</b> .....	49
<b>4.1 Crença: a chama da TRADIÇÃO</b> .....	57
<b>4.2 Memória: a lembrança e o esquecimento</b> .....	61
<b>5. CIÊNCIA: A FONTE DO SABER</b> .....	66
<b>5.1 Magia: a ciência divina</b> .....	75
5.1.1 <i>Textus</i> : a Tábua de Esmeralda .....	85
<b>5.2 Alquimia: a ciência natural</b> .....	89
5.2.1 <i>Natura</i> : o tempo e a maturação .....	92
5.2.2 Alquimista: a riqueza e a longevidade .....	103
5.2.3 Cientista: o empirismo e a comprovação .....	106
<b>5.3 Verdade: a herança do cientificismo</b> .....	111
<b>6. REDENÇÃO: O ESPÍRITO DO DEVIR</b> .....	121
<b>6.1 Transmutação: a proeza moderna</b> .....	130
<b>6.2 Experiência: o fluido universal</b> .....	143
<b>6.3 Modernidade: o diálogo científico</b> .....	151
6.3.1 Editoria: a alquimia do discurso .....	153
6.3.2 Positivismo: o método como caminho .....	156
6.3.3 Evolucionismo: o caminho em espiral .....	159
<b>6.4 Presente: o tempo das possibilidades</b> .....	165
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	174
<b>FONTES</b> .....	183
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	184
<b>ANEXOS</b> .....	195

## **RESUMO**

A presente pesquisa voltou-se para o contexto da Curitiba do fim do século XIX e início do XX (1890 – 1913), procurando entender, no universo de idéias de seus intelectuais, a sua concepção de ciência. Elegemos as práticas editoriais de Dario Vellozo como fio condutor de nossa investigação. Por meio do seu discurso, pudemos apreender o conceito de ciência que compartilhou entre seus pares. Buscamos nas origens místicas da ciência a compreensão de sua formação mosaica, composta por idéias como esoterismo, pitagorismo, hermetismo, alquimia, ocultismo e teosofia. Analisamos também o diálogo estabelecido por ele entre as idéias místicas e as idéias científicas de sua contemporaneidade, como o positivismo e o evolucionismo. Embora Vellozo tenha concebido uma idéia de ciência advinda de uma tradição hermética muito antiga, não negou as contribuições da ciência racionalista de seu tempo. Conciliou, de maneira coerente, os discursos antagônicos. Entendeu as práticas da química moderna como um avanço da antiga alquimia. E vislumbrou, entusiasticamente, uma ciência redentora para o futuro promissor da humanidade que estava por vir.

Palavras-chave: Ciência, magia, alquimia, tradição, hermetismo, esoterismo, ocultismo.

## **ABSTRACT**

This research focused on the context of the city of Curitiba in the late 19th century and early 20th century (1890-1913), seeking to unravel, from the universe of ideas of its intellectuals, their concept of science. To achieve it, we chose the editorial practices of Dario Vellozo as its guiding line. From his discourse, we were able to grasp the concept of science he shared with his peers. From the mystical origins of science, we sought to understand his mosaic background, filled with esoteric, theosophical, positivistic, symbolic, Pythagorean and alchemical ideas. We also analyzed the dialogue he established between the mystical and scientific ideas of his time, such as positivism and evolutionism. Despite basing his concept of science on an ancient hermetic tradition, Vellozo did not deny the contributions of rational science of his time. He was able to reconcile the antagonistic discourses in a coherent manner. He conceived the practices of modern chemistry as advances of ancient alchemy and enthusiastically foresaw a redeeming science for a promising future for mankind.

Keywords: Science, magic, alchemy, tradition, hermeticism, esotericism, occultism.

*Quem se dedica à ciência e à filosofia põe-se à procura do homem e da natureza, escuta o que eles dizem, observa o que eles fazem e se interessa por suas palavras, ações e manifestações, desejoso de partilhar, com seus concidadãos, do destino comum da humanidade.*

Karl Jaspers

## INTRODUÇÃO

*Os domínios do mistério prometem as mais belas experiências.*

Albert Einstein

O florescer de Curitiba, a partir de meados do século XIX, aconteceu sob o signo da chamada *belle époque*, período que caracterizou o fim do século XIX e o início do XX no Ocidente. Em fins do XIX, Curitiba já experimentava os ares da modernidade: luz elétrica, bondes, calçamento das ruas, novas fachadas para os prédios e até mesmo novos lazeres, como o cinematógrafo, prenunciavam a vinda de um grau de civilização desejado por muitos de seus habitantes. O progresso, grande ideal do XIX, desenrolava-se aos olhos de todos, manifestando-se na velocidade das coisas, dos transportes, das informações, dos acontecimentos, conjunto de aspectos que, segundo Walter Benjamim, caracteriza uma concepção de modernidade. Isto porque Curitiba, como capital do Paraná, vivenciava um momento de inovações, de mudanças sociais e políticas, de crescimento populacional e econômico, de disseminação de novas idéias, intenções e práticas e de questionamentos que caracterizaram esse período de sua história. Esse contexto também permitiu-nos observar o surgimento de uma intelectualidade preocupada com o rumo das mudanças, entendidas como progresso que estavam por vir, bem como perceber suas expectativas em relação ao futuro da recém-criada República do Brasil.

Mas como era a cidade de Curitiba nesse momento?

A partir das referências de inúmeros trabalhos acadêmicos elaborados por historiadores paranaenses, podemos ambientar a Curitiba desse período dentro de um clima de ideal cosmopolita de modernidade. A percepção dos contemporâneos sobre o que era ser moderno, narrada nas crônicas, revela a consciência que tinham das mudanças aceleradas do espaço físico que sofria a cidade.<sup>1</sup> A exemplo disso, podemos citar o desaparecimento dos sapos, e conseqüentemente do som dos sapos, na descrição que Nestor Vitor fez da Velha Curitiba em 1885, demonstrando sua percepção acerca das mudanças no cotidiano da localidade. Na ocasião, ele comparou os batráquios aos antigos curitibanos que estavam deixando o centro da cidade, ocupado então pelos imigrantes, e deslocando-se para os arrabaldes. Já a Nova Curitiba, descrita por ele, era mais solene. Havia a presença de mulheres sozinhas nas ruas centrais, vista como um sinal de cosmopolitismo. E os

---

<sup>1</sup> A crônica foi um gênero de escrita muito utilizado pelos intelectuais curitibanos. Elizabeth Berberi em sua dissertação utiliza-as como fontes, e encontra nelas as dimensões da modernidade, aproximando o *flâneur* de Benjamim ao cronista curitibano. O cronista aqui deve ser entendido como aquele que consegue reconhecer o seu tempo, o observador. *Passim*: BERBERI, E. *Impressões: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

encontros sociais e dias festivos marcaram, de uma certa forma, a prosperidade sentida na cidade.

... nas tardes dos domingos e outros dias festivos, já representava bonito espetáculo aquele a que se podia assistir quando lá estive, agora, com a afluência de famílias e povo para o centro elegante da *urbs* paranaense. Havia animado desfile de carros, entre os quais já figurava um ou outro automóvel, sendo compacta em certos pontos a multidão de peões que se movimentavam girando alegremente.<sup>2</sup>

Obviamente, dentre os cidadãos curitibanos havia os que não assimilavam as mudanças de forma tão otimista. Os nostálgicos suspiravam a saudade de uma Curitiba pacata. Mas a cidade continuava a trilhar seu caminho rumo ao progresso e, à medida em que foi crescendo, novas necessidades estruturais de uma *urbs* foram aparecendo. Magnus Pereira afirma que a população letrada de então desejou um projeto explícito de cidade que antecipasse o crescimento urbano, corrigisse as ruas mais antigas, melhor controlasse a arquitetura privada e dotasse a cidade de uma certa infra-estrutura. Se, por um lado, havia os que reivindicavam um planejamento mais seguro para a cidade, por outro, havia os que viam na urbanização e na chegada do progresso uma ameaça à estabilidade dos moradores. As percepções da modernidade para os curitibanos foram notadamente variadas.<sup>3</sup>

O fator econômico impulsionador do desenvolvimento de Curitiba foi a erva-mate. A formação da indústria ervateira e do livre-mercado permeiam quase toda a documentação paranaense do século XIX, tal a sua importância do ponto de vista social, econômico e cultural.<sup>4</sup> A cidade de Curitiba tornou-se sinônimo de civilização e progresso<sup>5</sup> e, simbolicamente, passou de cabocla a cortesã<sup>6</sup>, segundo a crônica de época de Higino.

---

<sup>2</sup> VÍTOR, Nestor. *A terra do futuro: impressões do Paraná*. 2ª edição. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996. p. 122.

<sup>3</sup> Sobre as diferentes percepções da modernidade, escreveu Eugen Weber acerca de Paris do mesmo período *fin-de-siècle*: “Durante essas duas décadas aconteceu muita coisa que melhorou a vida de muitas pessoas. Não de todas. Melhores alternativas para a maioria tornaram-se facilmente menos oportunidades de escolha para uma minoria. Novas aspirações podem ser tomadas como ameaças, especialmente quando os que aspiram a melhorias começam a levantar suas vozes. Transições podem ser reconhecidas de diversos modos: como promessa ou como ameaça. Diferentes grupos sociais vêem o mesmo fenômeno de forma diferente. Até as mudanças benéficas podem ser perturbadoras: acesso a uma melhor alimentação talvez desperte saudades da antiga e rústica comida familiar; os telefones invadem a privacidade; meios de transporte mais rápidos e mais baratos assustam e poluem; menos horas de trabalho predizem ócio. Sensualistas grosseiros acolhiam com prazer o tempo de confortos modernos que sucedeu ‘a períodos de força e magnificência’, encantados com a idéia de que entraria para a história como ‘o século das privadas, dos banheiros e do aquecimento central’. Observadores mais austeros deploravam a moleza e a frouxidão que as novas facilidades estimulavam. Surgindo rápida e sucessivamente, essas impressões podiam ser tomadas como prova da presente corrupção ou presságio da decadência iminente”. (WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 10.)

<sup>4</sup> PEREIRA, Magnus R. de M. *Semeando iras rumo ao progresso*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.

Não era mais preciso viver apenas das notícias de Paris ou do Rio de Janeiro. A erva-mate tornara possível trazer a cidade todos os signos mais evidentes da condição moderna: o *boulevard*, a fábrica, a iluminação e o burburinho urbano das ruas.<sup>7</sup>

Os salões, os cafés, os clubes recreativos, as sociedades de tiro, os *clubs de gymnastica*, o Jôquei Club, o Teatro *Guayra*, o Passeio Público e a Rua XV constituíram importantes espaços de sociabilidade para uma sociedade curitibana que estava se formando. Os cafés, principalmente, eram palcos das discussões dos intelectuais, que formaram grupos de afinidades literárias, artísticas, políticas, sociais e culturais. Curitiba se pensava como uma terra do futuro e testemunhou as mudanças do mundo moderno no seu cotidiano.

Os valores nacionais e a própria valorização da história como detentora de uma memória, de um legado, de uma verdade, próprios do pensamento do XIX, contribuíram para a formação de uma identidade paranaense. Exemplo disso encontramos na fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, em 1900, por um grupo de curitibanos preocupados com uma história a se construir para o estado.<sup>8</sup> É importante ressaltar que o Paraná, até 1853, fazia parte da província de São Paulo, e ainda não possuía uma história própria. O tema da fundação do IHGPR foi tratado nas dissertações de Luiz Fernando Lopes Pereira e Rafael Beltrami, as quais nos mostram, em uma perspectiva hobsbawniana de "invenção das tradições", que a história do Paraná foi forjada, ou pelo menos, construída com base em valores focados no reconhecimento regional e afirmação de uma identidade paranaense. Esses grupos, segundo Beltrami e Pereira, criaram símbolos, alegorias e mitos legitimadores de uma proposta de República. Pereira observou no Paraná um movimento de criação de identidade em função do Estado. Centrados na produção artística do movimento, seus estudos indicaram a criação de símbolos e mitos que visavam à afirmação

---

<sup>5</sup> Civilização e progresso, termos privilegiados à época, eram entendidos não enquanto conceitos específicos de uma determinada sociedade, mas como modelos universais. Segundo os evolucionistas sociais, em todas as partes do mundo a cultura teria se desenvolvido em estados sucessivos, caracterizados por organizações econômicas. *Passim*: SHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870/1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

<sup>6</sup> O uso dessa metáfora foi recorrente nos textos do início do século, que opunham a Curitiba antiga e a moderna. A crônica de Higinio *De cabocla à cortezã*, em *O Paraná*, periódico quinzenal que circulou em Curitiba, foi um dos documentos trabalhados pela historiadora Elizabeth Berberi. Curitiba simbolicamente havia passado de uma “caboclinha de olhos azues” à uma cortezã, de referências européias. *Passim*: BERBERI, E. *Op. cit.*

<sup>7</sup> PEREIRA, Magnus R. *Op. cit.*, p. 116.

<sup>8</sup> No decorrer de nossa narrativa, adotaremos a sigla IHGPR, quando nos referirmos ao Instituto Histórico e Geográfico do Paraná; e a sigla I.N.P. para menção ao Instituto Neo-Pitagórico.

de um sentimento de pertencimento ao Estado recém-criado, colaborando assim para a idéia de um povo adaptado às exigências do novo regime republicano, representando os desejos de uma elite que surgira nas últimas décadas do século XIX com a indústria do mate.<sup>9</sup> Esses trabalhos nos forneceram elementos preciosos para que entendêssemos a visão de sociedade, de história e os anseios daqueles homens.

Os grupos sociais da Curitiba desse contexto eram constituídos de imigrantes, escravos, - embora em número reduzido e posteriormente ex-escravos -, operários, colonos, homens de negócio, funcionários públicos e intelectuais. Esses últimos, de posicionamentos aristocráticos, atendiam como *hommens de letras e de sciencia*, e que viemos a identificar posteriormente como intelectuais. Esta expressão ainda não era de uso corrente na língua portuguesa para designar os “homens de estudo”. Sua mais provável influência entre os curitibanos deveu-se à literatura francesa, embora na França a palavra tenha sido usada pela primeira vez em finais do século XIX (durante o caso Dreyfus).<sup>10</sup> Mas, como pudemos observar, ela já aparecia vez por outra em algumas publicações curitibanas do período.

Na presente pesquisa enfocamos o grupo curitibano dos chamados livres-pensadores, homens de letras e ciência, em virtude da vasta produção literária registrada e documentada, a qual nos forneceu importantes indícios do mundo das idéias que compartilharam.<sup>11</sup> As revistas, periódicos, jornais, livros e obras editadas no período em questão nos trouxeram importantes informações acerca do que pensavam, o que discutiam e com o que se preocupavam.

Compunham o grupo nomes importantes à época como Romário Martins, Sebastião Paraná, Rocha Pombo, Nestor Vítor, Euclides Bandeira, Silva Muricy, Emiliano Pernetta, Ermelindo de Leão, Vicente Machado, Mário Tourinho, Andrade Muricy, Silveira Netto, Lício de Carvalho, Leôncio Correia, João Itiberê, Dario Vellozo, dentre muitos outros. Foram eles fundadores de importantes revistas, jornais, clubes, e do já mencionado IHGPR. Discutiam nos cafés e na imprensa assuntos como política, ciência, filosofia, abolicionismo

---

<sup>9</sup> Cf. BELTRAMI, Rafael C. de C. *Da poesia na ciência: fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná - uma história de suas idéias*. Dissertação de Mestrado pela UFPR, 2002. Cf. PEREIRA, L. F. L. *Paranismo: o Paraná inventado: cultura e imaginário no Paraná da I República*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

<sup>10</sup> O termo "intelectual" como substantivo em francês é atribuído à Georges Clemenceau, um proeminente defensor de Dreyfus, em 1898.

<sup>11</sup> Não entendemos aqui que as idéias sejam entidades universais que pairam acima dos homens, mas, sim, como parte de uma representação social que (re)encontram sua materialidade através das práticas sociais e culturais. *Et. seq.*: GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989. p. 15. Ainda sobre as “idéias”, estudamo-las como movimentos que permitem explicitar o acento intelectual do nosso objeto, examinando-se as situações em que foram concebidas, em quais ambientes repercutiram e de quais sentidos foram investidas. *Et. seq.*: KOSELLECK, R. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. RJ: EDUERJ: Contraponto, 1999. p. 12.

e anticlericalismo. Diziam-se livre-pensadores e engajaram-se nas causas abolicionista, republicana e em defesa dos indígenas. Também eram homens de sensibilidade, gostavam de poesia, estudavam ciências ocultas e formavam irmandades e confrarias espiritualistas.

Algumas das revistas e periódicos editados por esses livres-pensadores tinham caráter definidamente anticlericalista, como a *Revista Jerusalém* e a *Revista Ramo de Acácia*. Nelas, atacavam o ensino religioso, a vida conventual, a prática do confessionário, a Eucaristia, o casamento religioso, a presença das ordens religiosas estrangeiras, seguindo uma linha de ataque muito próxima ao anticlericalismo europeu. As réplicas das discussões eram veiculadas pela imprensa e os livre-pensadores encontravam como opositores os parnasianistas e os clericalistas, como Olavo Bilac e o padre Desidério Deschand. Acerca do embate anticlericalista, podemos citar o trabalho de 1981, *Idéias em confronto*, de Carlos Alberto Balhana, e posteriormente a pesquisa de Tatiana Dantas Marchette, *Corvos nos galhos das acácias*, título inspirado numa metáfora comum usada pela linguagem anticlerical.<sup>12</sup> Ambos os trabalhos nos serviram de referência, na medida em que apontaram os argumentos de defesa de idéias utilizados por cada um dos discursos proferidos por aqueles pensadores.

Capítulo significativo da história do Paraná, o simbolismo aparece como um movimento de forte apelo entre os paranaenses que encontraram nas revistas, como *O Cenáculo* e a *Revista Azul*, um canal de diálogo e divulgação de idéias. O propósito da fundação de muitas delas demonstrou o esforço dos escritores na busca de expressão local, intercâmbio cultural, e, principalmente, na necessidade de rebater a provocação de que o Paraná não possuía literatura. Alguns críticos, como Araripe Júnior, questionaram o simbolismo<sup>13</sup> e o decadismo<sup>14</sup> curitibanos, afirmando que tais movimentos traduziam

---

<sup>12</sup> Os corvos, lembrando a imagem dos padres vestidos de negro, cujos chapéus sugeriam duas grandes asas; e as acácias, representado a liberdade de pensamento. Cf.: MARCHETTE, Tatiana Dantas. *Corvos nos Galhos das Acácias: anticlericalismo e clericalização em Curitiba 1896-1912*. Curitiba/UFPR. Dissertação de Mestrado em História, 1996; BALHANA, C. A. de F. *Idéias em confronto*. Grafipar, 1981. Coleção Estudos Paranaenses.

<sup>13</sup> O “Simbolismo” pode ser definido como “Estética pós-romântica, moldada pela Grande Depressão e pela influência da ‘filosofia da vida’ (Nietzsche, Bergson) que a orienta para o antipositivismo, o simbolismo é antes de tudo uma arte sofisticada, marcada por um universo cultural de valores elitistas e aristocráticos. Floresceu juntamente com o decadismo, que se caracteriza mais como uma atitude inicial e certas recorrências temáticas, que ganham arcabouço teórico no momento simbolista, que trouxe toda uma semântica de insinuação, buscando uma teoria da linguagem sustentada no princípio das correspondências e um novo método poético voltado para a abstração e para o mistério. No Brasil, a penetração do simbolismo retrata com vigor os efeitos da incompreensão da literatura dominante e da grande maioria da crítica, que vivia o clima do cientificismo, apoiado na matriz nacionalista como critério de avaliação. Às dificuldades locais em Curitiba, somou-se a compreensão de uma estética excêntrica, o que acentua o preconceito de que se tratava de uma arte importada, sem qualquer ressonância com o meio”. (DICIONÁRIO *Histórico-Biográfico do Estado do Paraná*. ed. por Luis Roberto N. Soares. Curitiba: Livraria do Chain; BANESTADO, 1991. p. 454.)

deformidades vividas pela Europa, às quais o grupo curitibano estaria alheio. Sobre esses homens, com ironia, o cronista João do Rio certa vez escreveu:<sup>15</sup>

A meu ver só Curitiba deu-se até agora de centro literário independente e forte. Mas esses brilhantes rapazes fizeram-se esoteristas, simbolistas, kabalistas, impossibilistas.<sup>16</sup>

Na historiografia paranaense, outro trabalho fundamental para a realização dessa pesquisa foi o da historiadora Mônia Silvestrin, que se voltou para a Curitiba da passagem do século XIX para o XX em busca das idéias de fim de século.<sup>17</sup> Para ela, tais idéias oscilaram entre o otimismo e o pessimismo. Suas fontes de análise foram os debates nos jornais entre os diferentes grupos culturais presentes na cidade, chamando a atenção para o predomínio dos livre-pensadores e dos espiritualistas.<sup>18</sup> Por meio dessas e de outras referências, pudemos saber quais idéias estiveram em pauta, quem foram os expoentes intelectuais da Curitiba moderna, como aconteceram as discussões na imprensa, quais foram suas preocupações, em quê estes personagens acreditaram, quais idéias defenderam, a quem combateram e como se entenderam.

---

<sup>14</sup> “Decadismo” ou “Decadentismo”, segundo Costa Ideias, no sentido mais restrito, a “decadência” é, no plano estético, uma corrente da literatura francesa desde meados do século XIX com o seu apogeu nos anos 80. No quadro da reação irracionalista (o retorno ao onirismo, aos mitos, à imaginação, ao fantástico), espiritualista (catolicismo estético, rosa-crucianismo, budismo, por exemplo) e ocultista (magia, cabala, espiritismo, teosofia, quiromancia, astrologia) do fim-de-século contra o positivismo e o cientismo, o decadentismo integra uma lata e plural renovação estética, de teor antinaturalista e antiparnasiana, distinguindo-se como arte de crise correspondente a uma paradoxal atitude, dúbia e ambivalente, perante a sociedade urbano-industrial (miticamente percebida como processo de declínio irreversível, o *finis Latinorium*) e face aos efeitos da moderna racionalidade científica e pragmática, em que o materialismo burguês despontava como algo de abjeto. IDEIAS, José António Costa. (Universidade Nova de Lisboa). Disponível em: < <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/D/decadentismo.htm> > Acesso em: 13/07/2209.

<sup>15</sup> João do Rio é um dos pseudônimos do cronista Paulo Barreto (1881 – 1921), que se utilizava desse recurso extremamente comum à época.

<sup>16</sup> *Apud.* CAROLLO, Cassiana L. *Decadismo e Simbolismo no Brasil: crítica e poética*. 2º vol. Rio de Janeiro: LTC; Brasília, MEC/INL, 1980.

<sup>17</sup> SILVESTRIN, Mônia L. *Olhares extremos: 1900 e as imagens do fim de século na imprensa curitibana*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2003.

<sup>18</sup> Adotamos a expressão “espiritualistas” de maneira generalizada nesse momento, como sugere Eliane Moura: “No século XIX, as diferentes formas da espiritualidade adquiriram características específicas, conectadas com cientificismo, utopias sociais, livre pensamento. E que representam uma encruzilhada de idéias e tendências não muito estanques. O ocultismo foi um destes movimentos de manifestação cultural e uma das formas de expressão espiritual de correntes culturais. O estudo destas formas de espiritualidade amplia a noção corrente de que a cultura ocidental está baseada em dois grandes pilares: a tradição clássica e a fé bíblica. Enquanto a primeira se apóia na racionalidade da mente, a segunda afirma a autoridade da revelação divina. Embora não haja dúvida que estas duas tradições tenham força cultural, novos temas sobre a espiritualidade humana vêm fortalecendo a concepção de que este campo foi bem mais variado do que se supunha anteriormente. Na tradição da cultura ocidental, uma terceira corrente mística e espiritual pode ser encontrada como uma resposta aos dilemas colocados pela pura racionalidade ou fé doutrinária das religiões institucionais cristãs”. MOURA, E. *Esotericismo e Ocultismo no Século XIX: uma Hermenêutica da Cultura Espiritual*. São Paulo: UNICAMP. Versão on-line enviada pela autora.

Em um primeiro momento, surpreendeu-nos o fato de que um grupo de prestígio social, intelectual e político, tenha se interessado tanto pelo espiritualismo quanto pela ciência moderna. Os membros do grupo atuavam no uso da palavra escrita e falada na esfera política, social e literária, como jornalistas, cronistas, poetas, professores e historiadores. Cultivavam prestígio entre os pares. Dentre seus integrantes, muitos aderiram ao movimento simbolista, como é o caso de Euclides Bandeira e do baudelaireano Julio Pernetá. Outros, como o jornalista Romário Martins, que se vestia quase que exclusivamente de preto, à moda dos dândis, - como forma de protestar contra a decadência da sociedade moderna - tiveram importantes atuações no campo político. Podemos citar também o crítico literário Nestor Vítor e João Itiberê, poeta, músico e diplomata, apontado como o introdutor do ocultismo no Paraná. Muito mais do que um movimento literário de estética pós-romântica, para estes homens o simbolismo funcionou como um canal de comunicação entre os mundos material e espiritual (no seu sentido imaginário). Cabe ressaltar que as fontes esotéricas e ocultas do simbolismo orientam a leitura da teoria das correspondências e contribuem para o interesse pelo mistério, que para os simbolistas, perdiam o caráter bizarro que tinham entre os decadistas e ganhavam contornos mais elevados.<sup>19</sup> Sobre o decadismo e o simbolismo no Paraná escreveu Cassiana L. Carollo:

Postas de lado as definições, o *Decadismo* e o *Simbolismo* são antes de tudo discursos tributários de uma tomada do poder da pequena República das Letras, discursos plurais e contraditórios. Mas, se vamos além constatamos que a estética simbolista joga com dois discursos: um registro espiritual, senão filosófico, e um registro propriamente literário, ou poético. (...) Enquanto o decadismo se propõe como uma postura de choque e um registro poético marcado pela extravagância, elitismo, pessimismo e esoterismo, abrindo caminho para a experimentação simbolista. Um dos traços constantes da retórica decadista é o de se apresentar como um movimento novo, um protesto do espírito, ou da alma, contra o materialismo contemporâneo. Por sua vez, o discurso simbolista além de antimaterialista, é uma reação em nome do ideal, tendo a palavra uma função essencial para sua ambição maior: a de ir além do real. Em nome do idealismo são evocados Kant, Shopenhauer, Hegel e nostalgias religiosas, esoterismo com Papus, Guaita, Péladan, Blavatsky e outros. Pode-se dizer que a literatura decadista e simbolista é mística. Os autores decadistas e simbolistas não escaparam às influências do esoterismo e do ocultismo europeus. Daí palavras privilegiadas (alma, mito, arcanos e idéias essenciais em maiúscula) e um arsenal de lendas.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> *Dicionário Histórico-Biográfico do Estado do Paraná. Op. cit., p.454.*

<sup>20</sup> CAROLLO, C. L. Introdução *Cinerário*. In: VELLOZO, D. *Cinerário e outros poemas*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba. Coleção Farol do Saber. 1996. p. 13.

Embora não fossem um grupo homogêneo, esses homens mantinham, entretanto, uma coerência de interesses, o que nos possibilita tomá-los, de maneira geral, sob um mesmo indicativo. Segundo Silvestrin, embora os membros da Maçonaria, do Espiritismo, do Decadentismo, do Neo-pitagorismo, da Teosofia e do Ocultismo não compusessem um grupo articulado, eles se inseriram em um movimento mais amplo de religiosidade – no seu antigo sentido de *re-ligare*, de ligar e religar o homem ao divino – por meio do exercício de uma espiritualidade. Além disso, a presença da Maçonaria, bem como de outras entidades como a Ordem Rosa-Cruz e a Teosofia, em Curitiba, possibilitou um espírito de tolerância religiosa devido aos preceitos de suas filosofias, que, também, incentivaram o estudo da ciência como forma de esclarecer e elevar o espírito humano.<sup>21</sup>

O ambiente curitibano propiciou o surgimento de outros grupos de interesses comuns, também heterogêneos entre si, que se contrapunham aos livre-pensadores, principalmente, aos espiritualistas. A ciência ganhava as páginas dos jornais. O grupo dos cientistas, formado basicamente por médicos, escrevia colunas científicas, publicava desde

---

<sup>21</sup> Segundo um impresso da *Ordem Grande Oriente no Brasil*, a “Maçonaria” não é uma religião. É uma sociedade que tem por finalidade unir os homens entre si, e nesse esforço admite em seu seio pessoas de todos os credos religiosos sem nenhuma distinção. Em essência, tem por objetivo auxiliar o desenvolvimento da humanidade enquanto sociedade organizada, formando construtores sociais e formadores de opinião, além da investigação da verdade, o exame moral e a prática das virtudes. Sobre a fundação da Maçonaria no Paraná consta na página eletrônica da entidade que o “início da gloriosa tradição maçônica no Paraná se deu pouco tempo após a proclamação da Independência do Brasil (07 de Setembro de 1822), quando ainda éramos a Comarca de Curitiba da então Província de São Paulo, já se fundava em Paranaguá a Loja União Paranaguense (23 de Março de 1837) e em Curitiba era fundada a Loja Fraternidade Coritibana (01 de Abril de 1845) e em 15 de Junho de 1847, em Morretes a Loja Conciliação Morreteana.” Disponível em: <<http://www.brasilmacom.com.br/gobpr.htm>> Acesso em: 16/07/2009.

Segundo página eletrônica *Rosacruz*, o lema e missão “Rosacruz” é: *Mente Pura – Coração Nobre – Corpo São*. A Fraternidade Rosacruz Max Heindel não é uma seita ou organização religiosa, mas sim uma grande Escola de pensamento. Sua principal finalidade é divulgar a admirável filosofia dos Rosacruzes, tal como ela foi transmitida ao mundo por Max Heindel, escolhido para esse fim pelos Irmãos Maiores da Ordem Espiritual. A Fraternidade Rosacruz é fundamentalmente uma Escola de reforma interna para a humanidade, uma Escola de desenvolvimento das faculdades espirituais. (Fraternidade Rosacruz: Associação Internacional de Místicos Cristãos. Centro Autorizado do Rio de Janeiro). Disponível em: <<http://www.fraternidaderosacruz.org/>> Acesso em: 16/07/2009; Disponível em: <<http://www.amorc.org.br/>> Acesso em: 16/07/2009. Consta que a sede da Grande Loja do Brasil da Ordem Rosacruz foi inicialmente instalada no Rio de Janeiro, em 1956. Transferida para Curitiba em 1960. Atualmente sua jurisdição abrange os países de língua portuguesa. Embora a fundação da sede oficial da AMORC tenha acontecido somente na década de 60 do século XX, podemos afirmar que Dario Vellozo e seus companheiros se identificavam com o ideal dos rosacruzes como consta em suas *Obras Completas*.

Sobre a “Teosofia”, Annie Besant, discípula de Helena Blavatsky, diz que “A Sabedoria Antiga” é chamada de Teosofia pelos neoplatônicos de Alexandria, a partir do século III e é o corpo de verdades que forma a base de todas as religiões, e não pode ser reivindicada como posse exclusiva de nenhuma. Ela oferece uma filosofia que torna vida inteligível, demonstrando que a justiça e o amor guiam a evolução. Coloca a morte em seu legítimo lugar como um incidente periódico numa vida infinita. *Passim*: BESANT, Annie. *A Sabedoria Antiga*. Brasília: Editora Teosófica, 2004. Embora conste que a Sociedade Teosófica tenha sido fundada no Brasil somente em 1919, em publicação do I.N.P. consta que Dario Vellozo foi o “pioneiro na difusão da TEOSOFIA e dos ensinamentos teosóficos no Brasil (...)”. (BLAVATSKY: *100 anos depois*. Publicação do I.N.P., no. 29. Curitiba: 1991. p. 9. Assim, atestamos por meio das fontes pesquisadas que se Vellozo não fundou um Centro Teosófico oficial em Curitiba, foi com certeza responsável pela divulgação dessas idéias na cidade ainda no fim do século XIX).

pequenas notas de anúncio de novas engenhocas (máquinas) a abordagens de comportamentos misteriosos, alvo dos estudos médicos na ocasião. Em um balanço do esoterismo, esses opositoristas classificaram os espiritualistas como “aberrações do espírito humano” e consideraram a ciência oculta uma superstição sem fundamento diante do paradigma da ciência positiva vigente no contexto do XIX.<sup>22</sup> Ainda de acordo com Silvestrin, o fantástico, o assombroso, o misterioso não foram adjetivos excessivos para designar os efeitos dessas idéias na passagem do século entre os curitibanos e ajudaram-nos a entender o imaginário partilhado por aqueles homens letrados.

Embora o século XIX tenha sido marcado pelo cientificismo, observou-se uma onda de misticismo tanto na Europa, quanto no Brasil no mesmo período. A Teosofia, o Orientalismo e os novos estudos da Cabala foram idéias européias que encontraram terreno para fértil discussão no Paraná. Podemos afirmar, em boa medida, que o decadentismo e o ocultismo europeus influenciaram grande parte dos simbolistas curitibanos, seja por meio da expressão artística e estética, ou nas crenças e idéias praticadas socialmente. O grande mote do esoterismo curitibano esteve pautado na tríade simbólica da *Scientia, Arte e Mystero*, e manifestou-se nos discursos, nos debates, nas ações políticas e culturais, na poesia, nas publicações de caráter científico e no modo daqueles homens pensarem seu presente.<sup>23</sup>

Um personagem que se destacou na história do Paraná, entre os homens de letras e ciência, foi o ilustre pitagórico Dario Vellozo. Tomamo-lo como objeto de estudo em nossa pesquisa, não apenas por ser ele o principal defensor das idéias compartilhadas pelo grupo, mas também por sua intensa atividade no campo literário. É oportuno esclarecer que não se trata de uma pesquisa biográfica, mas sim, de um estudo centrado em um personagem que nos serviu de fio condutor para entendermos o que pensava um determinado grupo de paranaenses, na medida em que ele compartilhava, interagia, discutia, correspondia-se e dialogava com os demais.<sup>24</sup> Apresentaremos devidamente nosso pensador Dario Vellozo no capítulo seguinte.

---

<sup>22</sup> Diário da Tarde, 24/10/1900. *Apud*: SILVESTRIN, M. *Op.cit.*, p. 54.

<sup>23</sup> Embora seja um termo complexo e historicamente controverso, adotaremos aqui, por ora, a definição de “esoterismo”, proposta por Eliane Moura e usada também por Silvestrin, de que o esoterismo compreende “uma doutrina segundo a qual uma ciência, um sistema de crenças filosófico-religiosas, reflexões epistemológicas e ontológicas da realidade última não devem ser vulgarizadas e nem divulgadas senão entre adeptos, conhecidos e eleitos”. (MOURA, Eliane Silva. *O cristo reinterpretado: espíritas, teósofos e ocultistas no século XIX*). In.: SOUZA NETO, Francisco. Benjamim (org.). *Jesus: Anúncio e Reflexão*. Revista Idéias, v.04, Campinas: SP: IFCH/UNICAMP, 2001. s/p.

<sup>24</sup> Como afirma Norbert Elias, não podemos pensar os indivíduos dissociados do seu grupo social, como representativos da sua espécie, ou como pessoas isoladas. Segundo o pensador alemão, seria mais interessante compreendê-los e estudá-los nas configurações de suas relações de interdependência, sejam com

A produção literária de Dario Vellozo estendeu-se de 1886, ano da publicação do periódico *O Mosqueteiro*, do grupo de redatores integrado por Vellozo, defensor de idéias republicanas e abolicionistas; até 1937, ano de sua morte. Contudo, seria impossível darmos conta de analisar toda a sua obra, visto que ela é vastíssima e multifacetada. Norteados pelo nosso objeto, buscamos nos arquivos, documentos que contemplassem a nossa questão. Estabelecemos, então, o nosso recorte temporal entre os anos de 1890 a 1913, período em que observamos a maior incidência de publicações pertinentes à nossa temática. Selecionamos nosso material em torno da idéia de ciência de Dario Vellozo, visto que ele tinha um grande interesse pelas discussões científicas do seu tempo.

A questão que nos propomos a discutir é como um esotérico, espiritualista, praticante da arte das ciências ocultas, dialogava com o cientificismo e o racionalismo de seu tempo. Pudemos perceber inicialmente que o conceito de ciência era um tanto amplo para ele e ultrapassava os limites do cientificismo, próprio do pensamento do XIX. Para Vellozo, a idéia de uma “ciência esotérica” não estava dissociada da idéia de uma “ciência positiva”. Como outros discursos esoteristas do século XIX, o discurso de Dario Vellozo fundamentou-se também em argumentos científicos e filosóficos. Nomes como Comte, Wallace, Spencer, Taine, Bucle, Gustave Le Bon, Barlet, Kant, Darwin, Nietzsche, Leibniz, Newton, Voltaire são constantemente citados. Helena Blavatsky, Papus, Édouard Schuré, Eliphas Levi, dentre muitos outros autores espiritualistas, aparecem com frequência em seus escritos. E expressões como “razão”, “método” e “lógica” são recorrentes em seus artigos. Dario Vellozo não negou a ciência objetiva de seu século, mas acreditou também em uma ciência mais antiga, a “ciência sagrada”, vinda de uma tradição que remontaria aos tempos de ensinamentos de sábios egípcios muito antigos, mas que segundo registros, datam do século II da era cristã. Essa tradição, difundida entre os árabes e recuperada pelos alquimistas medievais, foi a base da ciência renascentista, enfrentou no XIX a crítica científica, sendo vista como resquício de um passado mágico e supersticioso que obscurecia os olhos da verdadeira ciência de então.

Como fontes utilizamos as *Obras Completas* de Dario Vellozo, nas quais foram reunidos alguns artigos publicados em revistas, correspondências trocadas com seus pares,

---

outros indivíduos ou instituições. Para Elias, o que deve ser destacado é a complexidade das relações humanas, e o fato de que uma pessoa inserida em redes de interdependência possui opções de ação que tanto a determinam como são por ela determinadas. Quanto mais complexas essas relações, mais difícil se torna ter uma visão completa do "jogo", o que pode mesmo acarretar em posições consideradas contraditórias quando observamos o jogo apenas do ponto de vista de uma configuração ou outra, por exemplo, a intensa vida pública de um poeta simbolista é algo contraditório, mas que adquire coerência ao examinarmos outras configurações da qual este indivíduo fazia parte (suas posições políticas, os clubes frequentados, etc.). *Passim*: ELIAS, Norbert. *Introdução a Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1980.

manuais de educação, preceitos do Instituto Neo-Pitagórico fundado por ele, lições de história, simbolismo maçônico e algumas críticas anticlericais.<sup>25</sup> As fontes mais importantes para o desenvolvimento do nosso trabalho, no entanto, foram duas revistas editadas por Dario Vellozo: *A Revista do Club Coritibano*, com recorte da publicação feita entre os anos de 1896 a 1913, e a *Revista Esphynges*, com a publicação entre os anos de 1899 a 1906. A escolha dessas duas revistas deu-se pelos seguintes critérios: a primeira, por ser uma revista direcionada a um público heterogêneo, mas que ainda assim trazia em sua pauta, na *secção científica*, artigos sob o título de *Scientia Occulta*, *Teosofia*, *Occultismo práctico* e *Esoterismo*. A segunda, por ser uma revista de caráter esotérico, direcionada a um público interessado em ocultismo, e que possuía também uma *secção filosófica e científica*.<sup>26</sup>

A idéia de ciência que está presente nos textos, nos artigos, nos discursos e nas lições de Dario Vellozo constitui, portanto, o nosso objeto de pesquisa. Ao estudarmos Dario Vellozo como um esotérico da Curitiba *belle époque* e, ao mesmo tempo, um amante da ciência, tentamos responder as seguintes questões: no século do cientificismo, como tais homens, principalmente Vellozo, dialogaram com a ciência? Que concepção de ciência podemos perceber em seus escritos?

Para responder estas questões, guiamos-nos por outra pergunta: como Dario Vellozo conseguiu conciliar um discurso moderno, de um homem consciente do seu tempo, com suas práticas de tradições esotéricas tão antigas? O que nos pareceu ser paradoxal de início acabou sendo conciliado ao final. Dario Vellozo construiu um discurso coerente para um homem do seu tempo, como pretendemos mostrar no decorrer da presente dissertação.

Devido a natureza multidisciplinar do nosso objeto, é importante situarmos dentro de quais linhas de pesquisa nosso estudo transcorreu. Nesse sentido, a história do pensamento científico nos possibilitou observar as origens místicas da ciência e fundamentar nosso objeto. Trabalhamos o nosso contexto temático, o esoterismo no século

---

<sup>25</sup> É importante mencionar que as *Obras Completas* de Dario Vellozo consistem em seleções de textos póstumas, reunidos pelo professor Rozala Garzuze, Presidente do I.N.P. A primeira edição data da década de 1950. As edições que utilizamos são a edição comemorativa de 1969, de 1975 e de 1985. Estes detalhes sobre as *Obras Completas* nos levaram a notar com mais atenção o processo da prática da edição, no sentido que entende Chartier, e no sentido de que um texto não pertence mais a seu autor, como entende Foucault. Nos capítulos em que analisarmos o nosso texto-chave, *Proesas da moderna alchimia*, bem como nas discussões sobre a atividade de editoria de Vellozo, exploraremos devidamente a relação entre o editor, o texto, a autoria e o contexto.

<sup>26</sup> Optamos por manter a grafia de época quando nos referirmos aos títulos dos documentos trabalhados, bem como mantivemos a escrita original, mesmo com erros, como grafada nas fontes. Aproveitamos o momento também para avisar o leitor que sempre que fizemos pequenas citações de nossas fontes no corpo do texto, recorreremos à grafia em itálico, por se tratar de escrita de época e para diferenciá-las das citações bibliográficas, as quais sinalizaremos com aspas e nota de rodapé, como sugerem as normas da ABNT.

XIX, pautando-nos na história das religiões.<sup>27</sup> E dialogamos com outras perspectivas historiográficas, como a história das idéias e a história dos conceitos. Porém, é importante lembrar que foi, principalmente, a história cultural que abriu novas perspectivas de pesquisa, mais democráticas, as quais têm possibilitado o estudo da identidade e das manifestações culturais das mais variadas regiões do Brasil.<sup>28</sup>

As linhas de pesquisa historiográficas têm sido objeto de discussões e sabemos que envolvem conflitos de interesses e relações de poder em muitos dos discursos acadêmicos. E, ao nosso ver, isto só empobrece o trabalho do pesquisador, que fica preso a esta ou aquela linha de pesquisa, tendo que necessariamente enquadrar seu trabalho em uma delas. Achamos interessante dialogar com as mais variadas propostas metodológicas, enriquecendo assim a nossa discussão. Não nos esquecemos também das fundamentais relações do nosso tema com os estudos da Antropologia, da Filosofia, da Sociologia e da Lingüística. É importante, no entanto, enfatizar que nosso objeto pertence à área de estudo da história da ciência, que já se configura como uma disciplina independente em muitas universidades, e conta com as contribuições de pesquisadores das mais diversas áreas, como a Física, a Matemática e a Química.

É oportuno sinalizar, também, que estruturamos o presente trabalho com base em três eixos conceituais: esoterismo, tradição e ciência. Tais eixos perpassam o desenvolvimento de todos os capítulos. Esses conceitos nos permitiram relacionar a idéia de ciência de Dario Vellozo, advinda de uma tradição esotérica hermética, com uma manifestação própria no seu tempo. Trabalhamos também com a noção de contexto. Esmeramo-nos em recriar o clima e o ambiente do XIX. Nossa preocupação foi garantir a historicidade do nosso objeto, a qual nos permitiu penetrar em uma outra visão de mundo. Permitiu-nos também apreender um possível entendimento de um fragmento de tempo que não é mais o nosso.

---

<sup>27</sup> Os historiadores Pierre A. Riffard e Antoine Faivre apontam que, dentro da História da Religiões, existem linhas de pesquisa específicas das correntes esotéricas, da qual ambos fazem parte na França.

<sup>28</sup> A historiadora Eliane Moura Silva, acerca dos estudos da história do esoterismo no Brasil, nos dá uma justificativa que nos parece adequada para as possibilidades de pesquisa sobre tema: “O ocultismo do século XIX pode ser compreendido como uma importante manifestação cultural de uma época. Trata-se, na verdade, de estudar as formas de expressão espiritual como correntes culturais, a partir de corpos históricos multifórmes, das relações que mantêm entre si e dos diversos contextos religiosos e culturais dos quais são indissociáveis”. Continua a autora “(...) devemos também considerar uma importante tendência de renovação dos estudos históricos, sobretudo do ponto de vista da história cultural e o enfoque sobre alternativas históricas às tendências dominantes na cultura ocidental, que conferem a esta área de estudo, o esoterismo, relevância acadêmica”. (MOURA, Eliane Silva. *O Ocultismo do Século XIX*. Campinas: SP:IFCH/UNICAMP, 2001.)

Convidamos, então, o leitor a uma aventura pelo mundo das idéias paranaenses. Idéias acerca do futuro, do passado e do presente de homens de outros tempos. Idéias de concepção de mundo, de razão e de conhecimento, idéias de verdade e de ciência, afinal a “Ciência” foi o principal argumento para atestar a verdade das coisas no século XIX.

## 1. DARIO VELLOZO: O PEREGRINO EFÊMERO

*Uma individualidade com o relevo de Dario Vellozo não pode ficar mal conhecida no Brasil. Precisamos mostrar que nesta terra ainda existem apóstolos como os tempos atuais comportam, e dizer que eles merecem a nossa homenagem, porque semelhante entidades sempre foram, em toda parte, a alma e o sol que conservam um povo.*<sup>29</sup>

Nestor Vítor  
(jornalista, amigo de Dario Vellozo)

O peregrino efêmero Dario Vellozo foi um destes homens raros e preciosos, amigo das virtudes, que o século XIX produziu.<sup>30</sup> Nas palavras do historiador Cláudio Denipoti, "aos 68 anos, a morte encontrou-o vivendo em uma chácara nos arredores da cidade, cercado daquilo que mais cultuou em vida: amigos e livros".<sup>31</sup> Nascido no bairro Retiro Saudoso, no Rio de Janeiro, em 26 de novembro de 1869, mudou-se aos 16 anos para Curitiba, tornando-se um dos expoentes da intelectualidade curitibana do *fin-de-siècle*. Registrou as impressões do seu tempo e editou obras literárias suas e de seus amigos "pitagóricos", muitas das quais de teor espiritualista e esoterista, como já mencionamos. Professor de História e educador do Ginásio Paranaense, gostava da Grécia; republicano, abolicionista e anticlericalista, nunca deixou de expressar sua opinião acerca das questões políticas nacionais e regionais. Poeta simbolista, preocupou-se com questões da alma e da finitude humana. Dirigiu inúmeras revistas e periódicos. Criou o Centro Esotérico Luz Invisível, a Loja Maçônica de mesmo nome, a Escola Brasil Cívico, em Rio Negro, e a Loja Teosófica Nova Crótona; além de fundar o Instituto Neo-Pitagórico.<sup>32</sup> Dario Vellozo foi também delegado de organizações culturais, ordens e embaixadas em congressos e assembleias, tais como o Congresso do Livre Pensamento Maçônico, em Buenos Aires em 1906; o 3º e 4º Congresso de Geografia e História, em Curitiba e Belo Horizonte,

---

<sup>29</sup> Art. de 9-10-1921, *A Tribuna*, do Rio. – “Obra Crítica”, 1979, volume III, p. 58. *Apud*: PILOTTO, Valfrido. *A estirpe apostolar de Dario Vellozo*. Curitiba: Edição do Autor, 1990.

<sup>30</sup> “Peregrino efêmero” é uma expressão emprestada do próprio Dario Vellozo quando este se refere ao “Caminho da Perfeição”: “A vida é efêmera sim; mas não desprovida de sentido!”. (VELLOZO, Dario. *Obras Completas I*. Curitiba: Publicação do I.N.P., 1969. p. 15.)

<sup>31</sup> DENIPOTI, Cláudio. *Um homem no mundo do livro e da leitura*. Disponível em: <[www.rhr.uepg.br/v6n2/4Denipoti.pdf](http://www.rhr.uepg.br/v6n2/4Denipoti.pdf)> Acesso em: 21/07/2009.

<sup>32</sup> O Instituto Neo-Pitagórico é uma instituição ainda ativa. “É uma frateria destinada ao estudo, ao desenvolvimento das faculdades superiores do Ser, ao altruísmo, inspirado nos *Versos de Ouro* de Pitágoras, para a Cultura, para a Verdade, para a Justiça, para a Liberdade, para a Paz, para a Fraternidade e para a Harmonia. O I.N.P. não reconhece distinções de raça, nacionalidade, fortuna e posição social, nem credo religioso, filosófico ou político. Tem por princípios fundamentais: A Amizade – por base; O Estudo – por norma; O Altruísmo – por fim. As bases: Rebuscar as normas da Harmonia Cósmica; Realizar a Arte (Idealismo); e a Ciência (Verdade); desvendar o Mistério; Respeito mútuo – Liberdade absoluta – Fraternidade incorruptível”. (VELLOZO, D. *Op. cit.*, contracapa.)

respectivamente, em 1919; e os Congressos Maçônicos realizados no Rio de Janeiro em 1904 e 1906.<sup>33</sup>

Muitas monografias, dissertações e teses realizados no Paraná, que tratam do fim do século XIX e início do XX, inevitavelmente mencionam Dario Vellozo, tal a sua importância para a cidade àquela época. As abordagens são as mais diversas: o Dario Vellozo simbolista, o Dario Vellozo anticlericalista, o Dario Vellozo intelectual e professor. Ainda não se falou, ou falou-se muito pouco, academicamente, a respeito, do Dario Vellozo esoterista, preocupado com o desenvolvimento espiritual da humanidade e defensor das virtudes. Porém, o que nos interessou na figura de Vellozo foram muito mais as idéias que divulgou sobre a ciência naquele contexto histórico, as quais ainda mantêm uma tradição no momento presente.<sup>34</sup>

Um traço notadamente marcante na personalidade de Dario foi a sua paixão pelos livros, com os quais teve contato desde muito jovem. Foi encadernador, tipógrafo, mais tarde redator e editor literário de livros, periódicos e revistas num período que se estendeu de 1886 a 1937, quando do seu falecimento. Esteve sempre envolvido com o universo da palavra escrita. Segundo seus amigos, possuía a “*maior e mais selecta bibliotheca*”, mantida pela família Vellozo, inicialmente, com o pai e os irmãos “*no velho casarão, (...) substituído pelo palacete da Camara*” e, depois que casara, na chácara, onde construiu seu retiro saudoso<sup>35</sup>. Disse-se à época que Dario tinha o porão da casa,

atopetado de estantes repletas de livros (...) ao centro ostentava-se altiva panóplia, representando uma das características do Dario: o accentuado gosto pela esgrima.<sup>36</sup>

Ainda sobre a fabulosa biblioteca de Vellozo, observou também seu contemporâneo Tasso da Silveira:

Num puxado (no retiro saudoso), a bibliotheca do philosopho, que reúne a mais admirável colleção de grandes obras de que possa orgulhar Curitiba. A arte, a sciencia, a philosophia se alinham nas estantes vastas em volumes que o uso e o tempo envelheceram. Aqui e ali, curiosidades raras. Alguma velha edição da Bíblia, impressa em caracteres antigos. Sobre alta estante, o “sorriso de Voltaire”, em

---

<sup>33</sup> Disponível em: < <http://www.pitagorico.org.br/>> Acesso em: 21/07/2009.

<sup>34</sup> Referência à existência do I.N.P., que completa um século de existência neste ano de 2009.

<sup>35</sup> Nome dado à chácara de Dario Vellozo para homenagear o bairro onde nasceu no Rio de Janeiro.

<sup>36</sup> SILVEIRA NETO. *O Cenáculo*. Club Coritibano V (18), Curitiba, 30/11/1894, p. 2. *Apud*: DENIPOTI, C. (Nota referente as três citações)

nítida gravura. Sobre outra, uma cabeça de Christo, levemente inclinada para baixo, em attitude de meditação.<sup>37</sup>

O fascínio pela arte, pelos livros e pelas leituras fez de Vellozo um grande expoente intelectual de Curitiba. Mas o que lia Dario Vellozo?

Começamos nossa investigação pela Revista *O Cenáculo*, uma das precursoras das discussões filosóficas entre os curitibanos. Para a elaboração de suas edições, consta que se faziam reuniões e conferências “com tema tirado à sorte sobre literatura, ciências, artes”.<sup>38</sup> Sobre uma dessas ocasiões, Dario Vellozo mencionou o que liam e discutiam:

Líamos e discutíamos: idéias anavahantes, fabulosas empresas avultavam, explodiam, desmoronavam, num fragor de catapultas, num trágico estrugir de dinamites reivindicadoras. Rápidas, fugiam as horas, imperceptíveis, esfolhando rosas, esgarçando arminhos. Declamávamos Hugo e Murat, penetrávamos corajosamente Darwin, Haeckel, Leautréamont, Comte, Spencer... Leconte de Lisle e Shakespeare usufruíam cultos particulares; através de Dante, amávamos Beatriz; através de Petrarca, beijávamos os cílios de Laura (...) Já então, éramos pela falange dos deuses olímpicos, adversos à legião dos anjos ultramontanos.<sup>39</sup>

Casimiro de Abreu, Castro Alves, Fagundes Varela, Álvares de Azevedo, Mallarmé, Maeterlinck, Baudelaire e Edgar Allan Poe foram algumas das leituras discutidas por Vellozo e um pequeno grupo de jovens, muitos deles, alunos seus, interessados pelas letras, pelas ciências e pela arte. Mais tarde, ele passou a interessar-se por obras espiritualistas de autores como Papus, Eliphaz Levi, Stanislas de Guaita, Édouard Schuré, Helena Blavatsky dentre muitos outros. Em suas próprias palavras, o percurso percorrido foi estritamente intelectual, através da leitura como um “*fio de Ariadne no labirinto dos livros, das bibliothecas, das escolas, das ideias*”.<sup>40</sup> Percebemos inicialmente, um mosaico de influências literárias sofridas por Dario, abundantemente referenciadas em suas obras. Podemos afirmar que ele leu o que lhe foi possível e acessível em seu tempo. Sua atividade de editoria, no entanto, tornou-se um elemento de grande relevância em nossos estudos, visto que nessas circunstâncias, como leitor, escritor e editor, Vellozo, indiscutivelmente, tornou-se um disseminador de idéias, compartilhando-as com muitos homens de seu tempo.

---

<sup>37</sup> SILVEIRA, Tasso. *Dario Vellozo: perfil espiritual*. Rio de Janeiro, s/ ed., 1921.

<sup>38</sup> *Dicionário... Op. Cit.*, p. 64.

<sup>39</sup> Ultramontanismo pode ser entendido como uma doutrina política católica que busca em Roma a sua principal referência.

<sup>40</sup> VELLOZO, Dario. (Appolonio de Tyana). *Luz de Krotona*. Curitiba, s/ed., Rio de Janeiro, 1913. s/p.

Segundo Cordioli, a Curitiba do XIX abrigou um oceano de idéias que compuseram o perfil multifacetado de Vellozo.<sup>41</sup>

Como já evidenciamos, nas leituras de Dario predominaram as temáticas místicas. Em uma análise sobre leituras místicas, Michel de Certeau observou que seus traços específicos podem ser definidos como um conjunto de procedimentos de leitura praticado no campo da experiência de solitários ou de grupos designados, nos séculos XVI e XVII, como “iluminados”, “místicos”, ou “espiritualizados”.<sup>42</sup> Podemos entender, assim, como leituras místicas aquelas feitas por pessoas ditas “iniciadas” ou “adeptas”, que tentam transmitir experiências individuais e espirituais umas às outras. Nesse sentido, observar as redes práticas e as regras de leituras próprias às diversas comunidades de leitores (espirituais, intelectuais, profissionais etc.) é uma primeira tarefa para se chegar a uma história da leitura preocupada em compreender, nas suas diferenças, a figura paradigmática desse leitor que é um furtivo caçador. “Novos leitores criam textos novos, cujas significações dependem diretamente de suas novas formas”.<sup>43</sup>

No entanto, é demasiadamente difícil ao historiador conseguir apreender o processo da recepção de um texto pelo leitor. Ao propor uma história da leitura, Chartier afirma que tal projeto repousa, por princípio, num duplo postulado: que a leitura não está ainda inscrita no texto, e que não há, portanto, distância pensável entre o sentido que lhe é imposto (por seu autor, pelo uso, pela crítica etc.) e a interpretação que pode ser feita por seus leitores; conseqüentemente, um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado. A tarefa do historiador é, portanto, a de reconstruir as variações que diferenciam os “espaços legíveis” – isto é, os textos nas suas formas discursivas e materiais – e as que governam as circunstâncias de sua “efetuação” – ou seja, as leituras compreendidas como práticas concretas e como procedimentos de interpretação.<sup>44</sup> Em nossa investigação, não nos importou avaliar se os livros lidos por Vellozo foram bem lidos, ou compreendidos de forma distinta ao que nós compreenderíamos, o que possivelmente deve ter acontecido. Importou-nos ressaltar que algumas das idéias acerca da ciência, embora com sentidos difusos, foram retidas e readequadas ao seu contexto de maneira a fazer sentido para ele. E é justamente este novo sentido dado por ele que nos interessou apreender. Para isto procedemos da seguinte forma sobre a dinâmica da comunicação impressa: verificamos o

---

<sup>41</sup> CORDIOLLI, Marcos A. *O olhar de um ponto diverso: as gênesis de um idílio: a trajetória de Dario Vellozo (1890 – 1909)*. In.: BOLETIM DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, 1(6):6-25. Curitiba, 1989.

<sup>42</sup> CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da UnB, 1994. p. 13 e 14.

<sup>43</sup> MCKENZIE, D.F. *Apud*: CHARTIER, R. *Op. cit.*, p. 14.

<sup>44</sup> CHARTIER, R. *Op. Cit.* p. 11 e 12.

processo entre a leitura do texto original, feita por Vellozo, possível de ser percebido pela referência, isto é, de onde ele retirou a informação, à formulação do texto elaborado por ele, a partir da sua leitura, pois um texto cria outro texto. Assim, consideramos o novo texto de sua autoria, fruto de suas interpretações, como o componente final da resposta à nossa questão: a sua concepção de ciência. Essa verificação só foi possível porque Vellozo desenvolveu uma intensa atividade de escrita e editoria e muitos de seus artigos trazem as referências bibliográficas que utilizou para a formulação de seu discurso.

A importância da atividade editorial de Vellozo foi sinalizada também por Cláudio Denipoti. Afirma o autor que “a vida de Vellozo fora marcada por atividades de leitura, de escrita, de magistério e, em particular, de editoria (...), e como editor, todas essas atividades se coadunaram”, e conclui que “todo livro lido leva à escrita, todo texto escrito leva-o a ser editor”.<sup>45</sup> E foi nessa atividade de Vellozo que focamos a nossa atenção, uma vez que a seleção dos textos, que envolve o processo de leitura, interpretação, divulgação, circulação e, principalmente, a escolha dos autores que foram publicados nas revistas que pesquisamos, nos forneceram indicativos sobre o que ele pensava e como concebia a ciência do seu tempo.<sup>46</sup>

Acerca do trabalho de edição de Vellozo, julgamos oportuno mostrar inicialmente, o teor dos assuntos que seriam discutidos em cada seção da *Revista Esphynges*, que constam em seu primeiro número de 1899:

O Brazil não podia conservar-se alheio ao bello momento que se tem accentuado na Europa e se vae accentuando na America.

Os arautos do século XX proclamam a Renascença do Espírito, a Éra nova da alma. De novo são investigados aos sanctuarios antigos. Os templos da Sciencia Occulta iluminam-se, sábios e pensadores grupam-se, em Centros de Estudos Esotericos – continuando as tradições da Kabbala, da Gnose, da Rosa+Cruz... Os symbolos da Maçonaria nos sanctuarios; e a Alma das Tradições surge, numa apparição radiosa, alimentando no coração dos F.ºV.º a flamejante estrella da ESPERANÇA.

Dizer o que é SCIENCIA Occulta, preparar o espírito de nossos Irmãos para receber a grandiosa luz do século XX, eis o nosso intento.

Tradução celebres de occultistas e esoteristas europeus:

Nossa parte iniciatica será principalmente aproveitada por todo aquelle que conhece a Acácia; pelos esoteristas; e, ainda, pelos peregrinos romeiros do Ideal e do sonho.

---

<sup>45</sup> DENIPOTI, C. *Op. cit.*

<sup>46</sup> A dinâmica textual que vai da escrita, leitura e reescrita é apontada no conceito de “circularidade” de Ginzburg, que nesse sentido, sinaliza a dificuldade que pode ter o historiador ao interpretar suas fontes quando se trabalha com uma história da leitura. *Passim*: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

A parte philosophica e scientifica dirá sempre algo de elevado e sublime, para a educação Moral e Intellectual da Humanidade.

A parte litteraria e Artistica, em seus trabalhos ameníssimos, trará por vezes a revelação de profundos mysterios, - luminosamente interpretados por quem lê com atenção e lucidez a nossa primeira parte.

Assim, iremos apresentando sempre novos ensinamentos que, reunidos aos primeiros, darão noção nítida do que seja a Scienza Occulta, sua razão de ser e a dos Antigos Mysterios, procurando alevantar o espírito do leitor e levar-lhe à alcançar serenidade absoluta, que é o elixir da FELICIDADE.

Almejamos que a Ignorancia irreflectiva não nos obrigue jamais a descer a arena das discussões infructíferas, para repellar assaltos que se nos deem.

Não somos sectarios de Typhon, mas Iniciados de Osiris, não trazemos à destra o tridente do Mal, porém um ramo de acácia...

Contudo, saberemos terçar as armas dos hoplitas da luz, e repellar para longe os aggressores, com a coragem serena dos que se batem pelas boas causas.

- Parte iniciatica: ensaios sobre a Maçonaria.

- Parte Philosophica e scientifica: tradução de artigos de E.Levi, Papus.<sup>47</sup>

Esse documento é apenas um prelúdio do que encontramos nos arquivos. Ele explicita claramente o objetivo da criação da revista, bem como se posiciona como canal de diálogo entre as discussões que aconteciam na Europa e o contexto de interesses intelectuais dos curitibanos. Haja vista que esses homens possuíam uma eclética veia espiritualista, seja como maçons, espíritas, teósofos, rosa-cruzes ou neo-pitagóricos; encontramos na figura de Dario Vellozo o maior entusiasta desses movimentos. Ele leu, editou e promoveu todas as correntes místico-espiritualistas das quais participou, dedicando uma especial atenção ao neo-pitagorismo, fato que o levou a fundar a sede mundial do Instituto Neo-Pitagórico em Curitiba, no ano de 1909.

Das idéias dos livros à prática na realidade, das leituras às ações, a fundação do I.N.P. representa, sem dúvida, o ápice das crenças e convicções do grande peregrino. A filosofia do I.N.P., assimilada em muitos livros, demonstra claramente a ligação de Vellozo a uma tradição esotérica antiqüíssima – o pitagorismo -, embora reelaborada e adaptada ao seu contexto presente. O pitagorismo foi o “caminho do meio” seguido por Vellozo. Foi sua proposta alternativa de mundo, o qual tendia cada vez mais para um materialismo cientificista. Decididamente, foi no I.N.P. que Dario Vellozo aplicou seus

---

<sup>47</sup> *Revista Esphynge*. no. 1 – julho 1899, Anno I, Diretor- Editor: Dario Vellozo.

ideais, unindo tradição e progresso, divulgando leituras, interpretações de mundo e dialogando com outros pensadores de seu tempo. Em suas palavras,

O Instituto Neo-Pitagórico, em amor da Verdade e da Justiça, estuda os antagonismos, rebuscando o ponto neutro que permite afinizá-los. Esclarecido pelo Método Integral, evita o instável, o ilusório, o particularismo intransigente, e é respeitoso para com todas as opiniões religiosas ou filosóficas, embora se permitindo o inquiri-las e criticá-las. Em seu labor, animam-no sentimentos de tolerância, o culto da Paz, da Solidariedade, da Harmonia. Não é chama que devora, alvião que abate; é espírito que assimila, energia que sintoniza.

Dario Vellozo<sup>48</sup>

---

<sup>48</sup> *Apud*: PILOTTO, Valfrido. *A estirpe apostolar de Dario Vellozo*. Curitiba: Edição do Autor, 1990. s/p.

## 2. CURITIBA: O ESPELHO DE PARIS

*A cidade se espelha em milhares de olhos, em milhares de objetivas. Pois não apenas o céu e a atmosfera, nem apenas os anúncios luminosos nos bulevares noturnos fizeram de Paris a Ville Lumière. – Paris é a cidade dos espelhos: o espelhado do asfalto de suas ruas.*<sup>49</sup>

Walter Benjamin

Dois aspectos circundam a noção de contexto histórico que pretendemos desenvolver no decorrer da dissertação. Um é o sentido de ambientação que ele possibilita, o outro é a historicidade de um objeto que ele nos permite apreender. No entanto, estamos conscientes de que o entendimento de contexto não se resume a estas duas aplicações; ele é muito mais amplo, e seria impossível darmos conta de uma discussão de todas as suas facetas de usos e entendimentos no presente trabalho. O que nos interessa demonstrar, num primeiro momento, é que podemos entendê-lo como cenário de um recorte temporal, ou como clima de época de um local. Este sentido de contexto, particularmente, permite-nos atestar a temporalidade do nosso objeto de estudo, uma vez que tempo e espaço, modernidade e cidade, inevitavelmente influenciam os humores modernos.

Para que uma pesquisa sobre o pensamento de um determinado autor seja viável, é necessária a construção do contexto intelectual no qual ele esteve inserido. Evidentemente, é importante considerar o contexto político, social, cultural e lingüístico do qual ele fez parte. O contexto das idéias, por exemplo, nos possibilita formar a rede de relações significativas entre os conceitos, as questões e os pressupostos do autor examinado, uma vez que ele tece um texto a partir de outros autores e outros textos. Entretanto, suas idéias e seus argumentos são frutos do que o seu próprio contexto lhe permitiu entender e pensar. Nesse sentido, é difícil imaginar uma história das idéias que pretenda ignorar o contexto histórico em sentido amplo. O contexto é sempre construído e demarca o nível de análise de acordo com os objetivos da investigação. Isso quer dizer que é o historiador quem constrói o contexto, no sentido que atribui significados e relações do seu recorte temporal com o seu objeto.

Já apresentamos na introdução, os aspectos que cercaram o contexto curitibano da passagem do século. A chegada da modernidade, a mudança do espaço físico, o surgimento dos espaços de sociabilidade e as idéias que estavam em discussão,

---

<sup>49</sup> BENJAMIN, W. *Rua de mão única*. Obras Escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 197.

possibilitando assim, uma primeira ambientação do que era a Curitiba do período. Entretanto, um contexto histórico não pode ser limitado à descrição da cidade, e nem tão pouco, uma cidade moderna pode ser pensada isoladamente. Os intercâmbios são constantes. Os fluxos migratórios, tanto de pessoas quanto de idéias, são sucessivos. E as transformações são inevitáveis. Nesse capítulo daremos enfoque ao sentido de ambientação (espaço/tempo) de contexto e sua relação com as idéias pensadas. Mostraremos um panorama de impressões sobre a França e Curitiba. As outras aplicações e usos da noção de contexto, como contexto lingüístico e intelectual, serão desenvolvidas mais adiante e inter-relacionadas ao nosso objeto.<sup>50</sup>

Podemos fazer duas observações do século XIX como um todo. A primeira é que este foi o século europeu por excelência, pois a Europa, tanto quanto os europeus, estiveram mais do que nunca orgulhosos de seus empreendimentos. A segunda é que, dentro da própria Europa, havia uma mudança significativa no equilíbrio do poder intelectual e científico, que não se restringiram somente àquele continente.<sup>51</sup> Tomamos então o contexto europeu no século XIX. Nossa opção se justifica pelo fato de os intelectuais curitibanos terem sido influenciados pela literatura francesa e por Curitiba apresentar similaridades e ligações com o cenário francês e belga, embora seja necessário admitir que o decadentismo francês não foi uma realidade curitibana. Somos conscientes também de que o mundo europeu não pode ser reduzido à Paris, porém podemos tomá-la como uma representação dos problemas que tinham os grandes centros urbanos europeus do contexto, como Londres, Viena, Bruxelas e Berlim. É oportuno mencionar que outros historiadores curitibanos também estabelecem este paralelo entre Curitiba e Paris no que diz respeito às impressões da modernidade, haja vista a grande influência literária francesa nos paranaenses. Nas palavras da crítica americana Anna Balakian, sobre a influência do simbolismo francês em toda a Europa e América, diz-se que, no XIX, “todos foram a Paris”.<sup>52</sup>

No âmbito das idéias, o historiador Franklin Baumer nos dá uma visão geral do que estava sendo pensado na Europa no contexto do XIX. Ele faz uma espécie de arqueologia do pensamento europeu, tanto na literatura, na filosofia, quanto na ciência.

---

<sup>50</sup> Sobre as influências intelectuais, é importante mencionar que Vellozo importou muitas obras francesas, inclusive a Enciclopédia, bem como traduziu muitos artigos do francês para o português. Além disso, nas revistas predominam os escritos de autoria dos ocultistas franceses Papus, Eliphas Lévi, Fabre d'Olivet e Schuré.

<sup>51</sup> BAUMER, F. *O pensamento europeu moderno: Séculos XIX e XX*. Vol. II. Lisboa: Edições 70, 1977. p. 21.

<sup>52</sup> BALAKIAN, Anna. *O Simbolismo*. São Paulo: Editora perspectiva, 1985. p. 16.

Seu estudo não se aprofunda neste ou naquele ponto, mas consegue oferecer uma síntese das várias ondas de pensamento que estavam em discussão na Europa daquele século. A partir de sua obra, podemos dizer que, embora o XIX tenha sido um século marcado pelo cientificismo, co-existiram, na Europa, diversas correntes de pensamento, classificadas por ele como “mundos de pensamento”.<sup>53</sup> Do ponto de vista intelectual, ele divide o século em quatro universos: o *Romântico* que marca o início do século, em que as questões foram examinadas à luz da Razão, com resultados diferentes daqueles conseguidos pelo pensamento empírico-racionalista do século XVIII; e a Religião, embora não necessariamente a religião dos velhos tempos, bem como a metafísica, recuperaram sua influência. A Natureza também foi humanizada e espiritualizada nesse período. Em meados do século XIX, Baumer identifica o segundo destes mundos que denomina *Neo-iluminismo*, pois para ele "este mundo pareceu ter sido uma continuação do espírito, embora nem sempre da doutrina, do Iluminismo do século XVIII".<sup>54</sup> Nele podiam-se agregar idéias, de modo algum idênticas, por vezes até conflitantes, que partilhavam atitudes e hipóteses comuns. Nele, Baumer encontra os positivistas, os hegelianos e os realistas. Nesse mundo, o cientificismo chegou ao seu apogeu, a "ciência passou a ser considerada como a esperança da humanidade para controlar o mundo e obter um futuro mais brilhante".<sup>55</sup> O terceiro mundo, chamado por ele de *Evolucionista*, tem em Darwin a questão da Natureza como centro. Aqui agravou-se o debate entre a ciência e a teologia e verificou-se o apogeu do agnosticismo. Por fim, o quarto mundo, o *Fin-de-siècle*, moldado pelo darwinismo, expressou fortes dúvidas não só sobre Deus (Nietzsche), mas também sobre a Natureza, tal como os positivistas a descreviam, começando, então, a reação contra o positivismo, que, em alguns momentos, tornou-se uma desilusão para a ciência em geral. Neste ambiente de ceticismo cada vez maior, uma nova cultura da personalidade, do subjetivismo e da experiência pela experiência foi capaz de florescer. Além disso, um novo grupo de psicólogos e pensadores sociais detectaram, mais claramente do que antes, o forte elemento irracional na natureza humana e o papel desempenhado pela irracionalidade e pelo “mito” na história e na vida política. Segundo Baumer, essas tendências não deviam ser exageradas, porque de modo nenhum englobaram as maiores pretensões do Iluminismo, quer fossem velhas ou novas. Mas, em conjunto, estas tendências deram

---

<sup>53</sup> *Passim*: BAUMER, F. *Op. cit.*

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 18.

<sup>55</sup> *Idem*.

algumas indicações quanto à espécie de pensamento que surgiu no século seguinte mais angustiado.<sup>56</sup>

Podemos verificar, portanto, uma multiplicidade de correntes de idéias que floresceram no decorrer do século XIX. Cabe mencionar, ainda, o grande progresso do criticismo e a ascensão do historicismo ou do espírito histórico. O século XIX passou a pensar o mundo em termos históricos, não só enquanto compreensão do passado ou a procura de origens do presente no passado, mas também, num sentido de movimento incessante da vida humana, de mudança e desenvolvimento contínuo. A história passou a ser pensada como a "ciência do devir".

Entretanto, o XIX não pode ser percebido somente pelo viés racionalista. O romantismo despertou uma renovação religiosa e, como resposta ao crescente materialismo, contrapôs-se o espiritualismo. Baumer afirma que, fruto de um *revival* religioso, o mundo do romantismo recuperou o vocabulário místico de diversas filiações para a construção de uma retomada de idéias, culminando em um despertar provocado pelo sentimento romântico europeu na busca por outros mundos, interiores e metafísicos. Segundo o autor,

... esse *revival* assumiu muitas formas, uma das quais foi o misticismo religioso. No entanto, todas elas se inspiravam, num profundo sentido do vazio metafísico. Acreditava-se que o mundo perdera suas capacidades metafísicas e religiosas e que os homens precisavam recuperá-las.<sup>57</sup>

O ceticismo corrosivo do Iluminismo fomentou o “espírito de pesquisa”, abrindo as portas para a descrença e para o materialismo.<sup>58</sup> O espiritismo, o ocultismo e a teosofia, portanto, surgiram como movimentos que tentaram conciliar os avanços científicos da ciência empírica com o novo misticismo natural, configurando uma verdadeira onda de espiritualismo que se estendeu por toda a Europa.

A relação que se estabeleceu entre essa nova religiosidade e a ciência não ficou restrita à Europa. Curitiba, por exemplo, foi profundamente influenciada por essas idéias. Para entendermos como as idéias européias atravessaram o oceano e chegaram à Curitiba, é necessário reconstruirmos seus espaços de manifestação. E, na modernidade, tais espaços são identificados com as cidades. Afirma Benjamin que “de uma cidade, a

---

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 19.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>58</sup> *Idem*.

história depressa muda mais que um coração infiel”<sup>59</sup>. A aceleração das mudanças, a sociabilidade, os problemas do convívio social, são diretamente associados por Benjamin à percepção do espaço da cidade. Benjamin consegue estabelecer, como nenhum outro historiador, a relação entre os poetas e a aura da cidade.<sup>60</sup> O clima da cidade inspira as relações humanas, a arte, a cultura, as idéias. E assim como não podemos pensar as idéias separadas da cultura ou da sociedade, também não podemos pensá-las dissociadas do contexto da cidade. Os problemas urbanos, os avanços tecnológicos, as necessidades estruturais, influenciam o surgimento de ideologias, de políticas, de identidades, das expressões culturais, dentre tantos outros aspectos inerentes ao espaço do convívio moderno.

Nesse sentido, o historiador Carl Schorske faz uma análise interessante sobre os aspectos que envolvem a aura da cidade moderna. Afirma ele que o século XVIII havia desenvolvido, a partir da filosofia do Iluminismo, a visão da cidade como virtude. A industrialização do começo do século XIX, no entanto, trouxera à tona uma concepção oposta: a cidade como vício.<sup>61</sup> E foi no contexto de uma nova cultura subjetivista nascida na metade do século XIX que surgiu uma nova atitude intelectual em relação à cidade, que a colocou para além do bem e do mal. Os intelectuais tiveram um importante papel na avaliação do ambiente urbano. Willian Blake no fim do século XVIII e início do XIX, é um desses casos. Além de Baudelaire, que talvez seja um dos maiores impressores da aura de Paris do XIX. Baudelaire, ao afirmar seu próprio enraizamento, pôs a cidade a serviço de uma poética de atitude de vida moderna. Ele abriu as sensações a respeito da cidade em dois sentidos: a multidão e a solidão.<sup>62</sup>

Ainda, segundo Schorske, a cidade simbolizou em tijolos, fuligem e imundície o crime social da época, crime que, mais do que qualquer outro, preocupou a *intelligentsia* da Europa. Dois acontecimentos respondem pelo fato da cidade, no começo do XIX, tornar-se um símbolo estigmatizado dos males sociais. O primeiro é o enorme crescimento da taxa de urbanização e o surgimento da cidade industrial de construção barata, as quais dramatizaram as condições urbanas que até então passavam despercebidas. Em segundo lugar, essa transformação acelerada e negativa da paisagem social ocorreu contra o pano de fundo das expectativas do Iluminismo, de pensamento

---

<sup>59</sup> BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Obras Escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 81.

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 72.

<sup>61</sup> SHORSKE, Carl E. *Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 60.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 67 – 68.

histórico otimista sobre o progresso e a riqueza da civilização por meio da cidade, tal como desejaram Voltaire e Adam Smith.<sup>63</sup> A cidade como símbolo ficou presa na rede psicológica de esperanças frustradas. Sem o quadro deslumbrante da cidade como virtude, herdado do Iluminismo, a imagem da cidade como vício dificilmente teria exercido tanta influência sobre a mente e estado de espírito dos europeus. *Grosso modo*, as reações críticas à cena urbana industrial podem ser classificadas em arcaizantes e futuristas. Ambas as reações refletiam uma consciência aguda da história como meio da vida social, com o presente localizado numa trajetória de mudança. Os arcaístas abandonaram a cidade e os futuristas a reformaram. Pobreza, imundície e insensibilidade da classe alta, com certeza, não foram novidades no universo urbano. Mas, o XIX peculiarmente inspirou muitos pensadores. Marx e Hegel questionaram as condições sociais de seu tempo a partir do ambiente urbano, e, sem dúvida, sofreram a influência do clima da cidade e das transformações urbanas sociais.

A Paris do *fin-de-siècle* de Eugen Weber também nos ambientou no século XIX europeu.<sup>64</sup> Segundo esse autor, durante a última década do oitocentos e a primeira do novecentos, muitas coisas aconteceram em Paris que melhoraram a vida das pessoas. O período foi marcado não só pela decadência, mas também pelo grande progresso social e científico, o que de certa maneira, possibilitou que os privilégios da modernidade passassem a ser compartilhados por um número maior de pessoas, como calçadas, transportes públicos, iluminação elétrica, abastecimento de água, etc.

O decadentismo francês de fim de século ocorreu devido ao clima das grandes disparidades entre o progresso material e a depressão espiritual sentida por seus contemporâneos; e as imagens de uma ruína final avultou a França naquele momento.

A prova mais forte da depravação e decadência do ambiente era o que parecia ser uma maré montante de libertinagem e crime. A libertinagem ficava mais evidente nos círculos literários e elegantes de Paris, e é bem possível que se tenha limitado em grande parte a esse meio. Mas esses círculos criavam notícias, e a atenção se voltava para

---

<sup>63</sup> *Ibidem*, p. 61.

<sup>64</sup> Eugen Weber afirma que “os franceses da década de 1880 e 1890 referiam-se a si mesmos como *fin de siècle*’, e, uma vez que os ditames da moda francesa dominaram o mundo ocidental, o termo passou a marcar o término do século XIX como não tinha marcado nenhum outro até então. (...) Depois do término da Primeira Guerra, tornou-se moda chamar os anos que a precederam de *Belle Époque* e confundir esse período com o *fin-de-siècle*, como se os dois tivessem sido um só. Talvez tenham sido; os maus tempos de outrora são sempre a *Belle Époque* de alguém. Mas a *Belle Époque*, que só foi assim chamada quando se olhou em retrospectiva através de cadáveres e ruínas, representa os dez anos e pouco antes de 1914. Esses também tiveram seus problemas, mas foram relativamente anos robustos, otimistas e produtivos. O *fin-de-siècle* os tinha precedido: uma época de depressão econômica e moral, recebendo muito menos a alegria e a esperança”. (WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. SP: Cia. das Letras, 1988. p. 9 e 10.)

eles. (...) Enquanto o século chegava ao fim, a difusão mais ampla da imprensa popular criava uma espécie de câmara de eco, na qual as vozes de uma minoria se transformavam numa algazarra estrondosa, e as transgressões de uns poucos testemunhavam a depravação da maioria. Nenhuma era precedente tinha transcorrido sem vício; mas a tendência era praticar atividades inconvenientes com discrição. No *fim-de-siècle*, porém, grupos pequenos mas barulhentos davam ouvidos ao conselho de Baudelaire de que “o vício é sedutor e deveria ser descrito como sedutor”.<sup>65</sup>

As transgressões, a bebida, o fumo, a violência contra as mulheres e crianças, a sujeira e as doenças se misturavam a outras duras realidades francesas como a luta pelo sufrágio universal, os crimes das turbas famintas e as reivindicações das classes trabalhadoras com suas greves destruidoras. O quadro francês, segundo Weber, era aterrador. A violência doméstica era constante entre as camadas mais baixas da sociedade, principalmente entre os camponeses e os operários. O infanticídio era comum. O alcoolismo tornou-se um problema de saúde pública. A precariedade da higiene parisiense expunha muitos franceses às doenças. A varíola, o antraz, a sífilis, a febre tifóide e o carbúnculo eram recorrentes. Do ponto de vista urbano a situação era caótica e a atenuação de boa parte desses problemas só foi possível com os avanços científicos no campo da medicina. Louis Pasteur, por exemplo, desenvolveu vacinas e remédios contra inúmeras doenças, dentre elas a raiva. A conscientização acerca de alimentos mais saudáveis também fez parte das pesquisas deste século. A saúde e a higiene passaram a fazer parte da preocupação escolar. Houve, segundo Weber, uma crescente consciência e preocupação com a necessidade urgente de saneamento básico público.

É inegável que as pesquisas científicas trouxeram grandes benefícios sociais nos usos de espaços e bens coletivos. As novas necessidades refletiram-se nas mudanças dos modos e costumes. O século introduziu e popularizou o uso das privadas, do banheiro e do aquecimento central. O banho virou indicação médica e gradativamente os hábitos foram se transformando. A sociedade mudou, se transformou... se modernizou.

Segundo Weber, observou-se que as mudanças trazidas pela modernidade promovera hábitos mais “civilizados” aos franceses médios, não sendo difícil

---

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 40 e 41.

diferenciar os modos mais refinados como em tempos mais antigos.<sup>66</sup> Houve uma disciplinarização do comportamento em relação ao espaço público, mas houve também uma indisciplina de atitudes por parte de outros segmentos sociais, que necessitavam romper com velhos e novos padrões de comportamento, como foi o caso do uso da calça comprida e do cigarro pelas mulheres, precursoras de movimentos feministas.

A classe média passou a contar com roupas novas, comida fresca, açúcar, viagens, publicações, escolas para os filhos, comodidades que poderíamos identificar como ideal de vida burguês. Os menos privilegiados desejavam alcançar tais vantagens. E cada década trazia uma coisa nova, um novo remédio, uma nova engenhoca, um novo fenômeno, uma nova invenção. Os avanços da modernidade indicavam outro caminho, para uma melhoria, animando os ânimos para um ideal de progresso.

Século da experiência empírica, do laboratório, da observação, da anotação, da precisão, o XIX produziu inúmeras especializações científicas, as chamadas áreas do conhecimento. No campo da pesquisa científica, muitos médicos interessaram-se pelos delírios e alucinações. Despertou-se a curiosidade pela mente. O inconsciente fora descoberto. Freud e Jung aventuraram-se pelo inconsciente desconhecido. A ciência lhes deu respaldo, pois é inegável que seus estudos foram frutos da busca de uma explicação racional para as questões dos sentimentos do espírito. A mente era um mistério que a ciência desejava desvendar. A mentalidade que imperava era de que a Ciência poderia fornecer respostas satisfatórias.

Desbravar o desconhecido. Encontrar explicações para as diferenças. Atestar as semelhanças. A partir desses objetivos, foram empreendidas inúmeras viagens pelos europeus ao Oriente, principalmente para as Índias, na busca de filosofias milenares e sabedorias antigas, à luz de uma nova perspectiva científica.<sup>67</sup> Os olhares atentos e científicos de antropólogos e historiadores como Mircea Eliade,<sup>68</sup> René

---

<sup>66</sup> Conceito no sentido dado por Norbert Elias. *Passim*: ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

<sup>67</sup> É o caso dos estudos de Helena P. Blavatsky, que passou muitos anos convivendo com sábios indianos.

<sup>68</sup> Mircea Eliade (1907 - 1986): Escritor e pesquisador romeno nascido em Bucareste, Romênia, considerado o mais importante e influente especialista em história e filosofia das religiões, ficou conhecido pelas pesquisas que empreendeu sobre a linguagem simbólica das diversas tradições religiosas. De uma família de cristãos ortodoxos, desde jovem se tornou poliglota, aprendendo italiano, inglês, francês e alemão. Formou-se em filosofia pela Universidade de Bucareste em 1928, onde defendeu uma tese de mestrado sobre a filosofia na Renascença italiana, de Marcilio Ficino a Giordano Bruno. Influenciado pelo humanismo na Renascença foi para a Índia onde estudou sânscrito e filosofia hindu na Universidade de Calcutá e ainda aprendeu o hebraico e o parsí. Também estudou as filosofias do sudeste asiático, sob a orientação do mestre Surendranath Dasgupta (1885-1952), professor da Universidade de Calcutá e autor de cinco volumes sobre a história da filosofia da Índia. De volta à Romênia em 1932, doutorou-se no departamento de filosofia com a tese publicada em francês *Yoga*:

Guénon<sup>69</sup> e Helena Blavatsky<sup>70</sup> muito contribuíram nos estudos no campo das religiões nesse período. Os estudos científicos sobre fenômenos sobrenaturais se multiplicaram.

---

*essai sur les origines de la mystique indienne* em 1933. Esta edição deu-lhe reputação internacional e o levou a publicar outras obras sobre yoga e outros textos sobre filosofia. Trabalhou como adido cultural e de imprensa nas representações diplomáticas romenas em Londres e Cascais, Portugal. Após a Segunda Guerra Mundial, durante a qual serviu na legião romena na Inglaterra e Portugal, por suas convicções direitistas, não voltou para a recém Romênia comunista e estabeleceu-se em Paris, tornando-se professor de religião comparada da *École des Hautes Études*, na Sorbonne, enquanto escrevia em francês. Migrando para os Estados Unidos em 1956, estabeleceu-se definitivamente em Chicago, onde passou a lecionar história das religiões na Universidade de Chicago. Passou a chefiar o Departamento de Religião da Universidade de Chicago em 1958, cargo que ocupou até sua morte. Entre suas principais obras, caracterizadas pela interpretação das culturas religiosas e a análise das experiências místicas, encontram-se *Traité d'histoire des religions* (1949) e *Le Sacré et le Profane* (1965). Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/MirceaEl.html>> Acesso em: 22/07/2009.

<sup>69</sup> René (Jean-Marie-Joseph) Guénon nasceu em 1886 em Blois, França. Obteve licenciatura em matemática e filosofia, lecionando essas disciplinas durante alguns anos em Paris e, durante a guerra, na Argélia. Cedo dominou o grego, o latim, o inglês, o italiano, o alemão, o espanhol, sânscrito, hebraico, árabe e mais tarde, chinês, mantendo conversação com seus interlocutores europeus e orientais em suas próprias línguas, para desconcerto de muitos deles, ao constatarem o fato de um francês dominar com maestria a língua e o espírito de civilizações distantes. O mais decisivo em sua formação foi, sem dúvida, os dados doutrinários obtidos por via oral diretamente de representantes do hinduísmo (Escola de Shankara), do Islã (tariqah do Sheikh Elish El Kebir, da linha Alkbariana) e do Taoísmo (por intermédio do filho espiritual de Tong Sou Luat, eminente mestre Taoísta). Ainda muito cedo, com apenas 22 anos, seus escritos constituíram força de autoridade incontestável, pelo inédito dos esclarecimentos e pontos de articulação até então desconhecidos do orientalismo oficial vigente. Guénon desmascarou conclusivamente dezenas de impostores, desde os grosseiros aos mais pretensamente refinados, angariando para si de um lado, a grata surpresa e agradecimento dos que buscavam o oriente autêntico e, de outro lado, o ódio e perseguição de uma imensa maioria surpreendida em suas falsas bases e artimanhas. O mais eminente reconhecimento de valor partiu de autoridades orientais. Marco Pallis relata a perfeita ortodoxia de suas exposições constatada por lamas tibetanos; Ramana Maharshi denominou Guénon como "The Great Sufi"; os verdadeiros mestres taoístas mais de uma vez designaram Guénon como o único ocidental nos últimos séculos que conseguiu captar e transmitir o verdadeiro espírito do Taoísmo. Mas, o que diz Guénon ele próprio? "Todo o mérito desta obra está na doutrina oriental autêntica ali contida; meu trabalho é apenas transmiti-la da maneira mais clara e exata ao meu alcance". René Guénon (seu nome muçulmano era Shaykh 'Abd al-Wâhid Yahyâ) morreu em 1951, no Cairo, para onde havia se mudado em 1930, sem nunca ter voltado à Europa. Disponível em: Instituto René Guénon de Estudos Tradicionais <<http://www.renegenon.net/guenonbiografia.html>> Acesso em: 22/07/2009.

<sup>70</sup> Helena Petrovna Blavatsky (1831 - 1891), mais conhecida como Madame Blavatsky. "Foi a responsável pela sistematização da moderna Teosofia, e foi uma das fundadoras da Sociedade Teosófica. Os seus mais importantes livros são *Ísis Sem Véu* e *A Doutrina Secreta*, escritos em 1875 e 1888, respectivamente. Blavatsky nasceu na cidade de Yekaterinoslav, situada às margens do rio Dnieper, no sul da Rússia (atualmente território da Ucrânia). O sobrenome *Blavatsky* deve-se a um curto casamento com um homem bem mais velho, chamado Nikifor Vassilievitch Blavatsky, aos dezessete anos de idade. Era filha do Coronel Feter von Hahn e Helena de Fadeyev, uma conhecida escritora de romances. Pela parte materna, era neta da princesa Helena Dolgorukov, botânica e escritora. Depois do precoce falecimento de sua mãe em 1842, Helena cresceu sob cuidados de seus avós em Saratov, onde seu avô era governador. Helena era uma talentosa pianista e, segundo várias testemunhas, era dotada de poderes psíquicos e sobrenaturais. Desde nova mostrou-se interessada no esoterismo, lendo várias obras da biblioteca pessoal do seu bisavô que tinha sido iniciado na Maçonaria no final do século XVIII. Fez uma série de viagens que incluíram a Turquia, o Egito e a Grécia. Em algumas dessas viagens, ela foi acompanhada por Albert Rawson, um explorador natural dos Estados Unidos, também interessado no esoterismo e que era membro de lojas maçônicas. Viajou também ao Canadá, por várias partes dos EUA, México, América do Sul, e Índia. Foi à França, Alemanha, aos Balcãs, Síria e Itália, entre outros lugares. No Tibet, Blavatsky conheceu o Mestre Koot Hoomi e

A fotografia passou a testemunhar inúmeros eventos sem explicação. O magnetismo, a eletricidade, a levitação, a telepatia foram objeto de estudos de muitos cientistas. As experiências com narcóticos foram freqüentes, tais como o haxixe, a maconha, o absinto, o ópio, a cocaína e a morfina. As drogas foram a preferência de muitos intelectuais e artistas atraídos por novas sensações. O agravante moral da perversidade sexual, das práticas condenáveis, do homossexualismo, da sodomia, do sadomasoquismo, da coprofagia, dentre muitos outros “maus hábitos” que foram experimentados pelos franceses *fin-de-siècle*, contribuiu para o clima decadentista do período.

Os avanços da ciência mostraram um lado ainda mais cruel. Foram muitas as pesquisas condenáveis na área da criminologia e da psiquiatria. A cadeira-elétrica passou a ser a alternativa de punição. A indústria passou a praticar o barbarismo científico, com novos usos para o ferro, o aço, além da crescente fabricação de produtos químicos poluidores. A industrialização e o consumo se confirmavam cada vez mais enquanto tônica do capitalismo.

A bacteriologia, a radiologia, o telefone, os aeroplanos, as pesquisas sobre fenômenos paranormais contribuíram com o fascínio pelas possibilidades ilimitadas da ciência. Expressões como “telecinesia” e “ectoplasma” passaram a compor as justificativas dos estudiosos. Doutrinas espiritualistas fundamentaram seus discursos, ora científicos, ora místicos. É o caso de Allan Kardec, francês, precursor da doutrina espírita, profundamente influenciado pelo pensamento evolucionista e pelas antigas crenças hinduístas acerca das teorias do *karma* e da reencarnação.<sup>71</sup> Sua doutrina do espiritismo foi, sem dúvida, no XIX, uma tentativa de religião com bases científicas.<sup>72</sup>

---

hospedou-se em sua residência. No final de 1870, retornou à Chipre e à Grécia. Embarcou, depois, para o Egito, do porto de Perea na Grécia. O navio no qual viajava, a caminho do Egito, naufragou próximo à ilha de Spetsai. Foi salva e foi para o Cairo, onde fundou a *Societe Spirite*, onde pretendia inicialmente incentivar os fenômenos espíritas e mediúnicos codificados por Allan Kardec, para, aos poucos, introduzir os ensinamentos do ocultismo e demonstrar a natureza *mayávida* (ou seja, ilusória, em uma perspectiva teosófica) de tais práticas. Em cartas para seus familiares, Blavatsky se mostrou desolada com os participantes do grupo. Alguns fingiam ser médiuns, enquanto outros eram alcoólatras contumazes. O grupo não durou muito tempo e não alcançou os objetivos iniciais. Depois de viagens através do Oriente Médio, retornou por um curto período de tempo à Odessa, na Rússia e seguiu para Paris e, depois, para Nova York”. (Informativo BLAVATSKY. *Ísis sem véu*. SP: Editora Pensamento, 1995). Segundo publicação do I.N.P., Dario Vellozo e Helena Blavatsky foram duas consciências culturalmente alinhadas no afã paralelo dos mesmos valores espirituais, embora no factível condicional houvessem leves diferenciações. (Instituto Neo-Pitagórico. *Blavatsky: 100 anos depois*. Biblioteca Neo-Pitagórica, no. 29, 1991. p. 7.)

<sup>71</sup> Allan Kardec, segundo uma edição introdutória do “Livro dos Espíritos”: Hippolyte Léon Denizard Rivoli nasceu em Lyon, na França em 1804 e desencarnou em 1869. Antes de se dedicar à decodificação do Espiritismo, exerceu, durante 30 anos, a missão de educador. Foi discípulo de Pestalozzi, tendo publicado diversas obras didáticas. A partir de 1855 começou a estudar os fenômenos das manifestações

Se a ciência não conhecia limites, sua credulidade também era ilimitada. Em meio a tantos fenômenos, proliferaram-se as videntes, as leituras em bolas de cristal e as sessões espíritas. As drogas, os vícios da carne, a perversidade sexual, as excentricidades e o satanismo eram experimentados. O circo dos horrores trazia aos olhos do mundo o gosto pelo exibicionismo do bizarro: vacas com duas cabeças, mulher barbada, fetos deformados. Rituais orgiásticos, como os do famoso inglês Aleister Crowley, foram praticados na França.<sup>73</sup> O ocultismo caiu em desgraça, acabou se confundindo com o satanismo. Marcado pelas sensações e sentidos, o XIX quebrou tabus, mas não evitou que o charlatanismo tardasse em contaminar as opiniões da classe científica, que ainda estava se afirmando.

Pesquisa, observação, experiência, empirismo, racionalismo, eram palavras de ordem nos ditames da ciência moderna de então. As portas do inconsciente haviam sido abertas pelo colapso dos ideais estabelecidos pelo materialismo científico. Contra as explicações racionais havia um encorajamento do interesse pelo mistério e pelo sobrenatural, havia uma apreciação da fé pela fé, e das sensações que ela incitava. O ocultismo buscou suporte nos métodos científicos para se legitimar como Ciência

---

dos Espíritos que se revelavam pelas mesas girantes, grande atração pública da época, na França. Em 1858, fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e a Revista Espírita, lançando na prática o Espiritismo, não apenas em Paris, mas em toda a França, alcançando a Europa inteira e todo o mundo, incluindo a América Latina. Alguns anos depois de sua morte foi editado o livro *Obras Póstumas*, publicado por seus fiéis continuadores, contendo, entre outros escritos inéditos, a sua própria iniciação e base para a história do Espiritismo no mundo. (Edição da Petit Editora do *O Livro dos Espíritos* de Allan Kardec. São Paulo: 1999.)

<sup>72</sup> Em um de seus artigos sobre “corpos sutis”, a historiadora Eliane Moura Silva defende a relação entre o hinduísmo e o budismo, e o espiritismo kardecista na formação das idéias de *karma* e *reencarnação* de sua doutrina. Acrescenta ela: “O movimento espírita kardecista, ao surgir na segunda metade do século XIX, afirmou-se enquanto doutrina espiritual, filosófica e científica, centrada na relação com a morte, no contato sistemático e regular com os espíritos dos mortos, nas manifestações conscientes destes mesmos espíritos e nos ensinamentos por eles transmitidos. Foi um novo influxo segundo os princípios positivos da ciência de sua época. O movimento espírita sempre incentivou o estudo, a aquisição de novos conhecimentos, o aprimoramento intelectual, moral e a transformação do homem, enfatizando a realidade e a permanência da vida espiritual bem como a sua continuidade, antes e depois da morte do corpo físico, revestimento adensado constituído por matéria grosseira, vista como decorrência natural condicionada por fatores e limitações, biológicas, vivenciais e kármicas. Corpo Material de que se reveste o Corpo Espiritual. É justamente a crença convicta e absoluta nestes pressupostos que permite manter e aprofundar o diálogo com seres que, em algum período, estiveram nesta terra ‘encarnados’”. (MOURA, E. *Corpos sutis: uma contribuição aos estudos espíritas*. São Paulo: UNICAMP.) Versão on-line enviada pela autora.

<sup>73</sup> Edward Alexander Crowley (1875 - 1947): Este polêmico ocultista britânico, é considerado por alguns como uma das figuras mais controversas do século XX. Ficou famoso como um mago da magia negra. Na verdade, Crowley era um grande iconoclasta. Renegava os dogmas cristãos e tinha um especial interesse pela magia e pelos escândalos. Gostava de chocar a sociedade de sua época. Esteve envolvido com drogas e rituais orgiásticos. Inspirado pela idéia da besta se disse a própria, criando uma persona e um grupo de seguidores. Em 1904 fundou uma seita chamada *Thelema*, que ele traduzia do grego como vontade. Criou um Tarot, com uma simbologia inteligente e esteticamente apreciada. Posteriormente sua história inspirou muitos renomados artistas do rock, e novas histórias e mitos se criaram sobre a figura de Crowley a partir deles. Disponível em:

<[http://www.pucsp.br/revistanures/Revista12/nures12\\_Vitor.pdf](http://www.pucsp.br/revistanures/Revista12/nures12_Vitor.pdf)> Acesso em: 22/07/2009.

Oculto.<sup>74</sup> Nascia a idéia de “Metafísica”, no sentido daquilo que está além dos tratados da Física, aquilo que a ciência não podia explicar.

Por um lado, o contexto europeu francês do XIX foi desanimador e decadente: poluição, superpopulação, barulho, alcoolismo, drogas, ameaças ao meio ambiente, à paz, à segurança, à sanidade privada e pública, perversão sexual, publicidade duvidosa, imprensa nociva, greves, declínio dos padrões públicos e privados, transgressões, charlatanismo, Paris estava à beira de um abismo. Por outro, ele permitiu à modernidade progredir. Os bondes, os trens, os remédios, os fonógrafos, a eletricidade, a lâmpada, o fogão, as instituições coletivas, o saneamento básico e todas as outras maravilhas trazidas pela modernidade refletiam a crença num espírito de progresso enquanto melhoria.

Em Curitiba não era diferente. O lema “progresso” esteve presente em todos os discursos, políticos, sociais, culturais, econômicos, científicos e espirituais do século XIX. Segundo Mota, processo/progresso foram sinônimos naquele vocabulário, significavam uma confiança ilimitada, mais do que no poder da ciência, na infalibilidade do método científico. A superação linear e ascendente dos obstáculos ao domínio total do homem sobre a natureza foi a principal representação do progresso técnico no contexto.<sup>75</sup> A idéia de progresso perpassou todas as áreas do conhecimento

---

<sup>74</sup> Sobre o conceito “ocultismo” adotaremos aqui a conceituação proposta pela historiadora Eliane Silva Moura sobre a emergência do Ocultismo: “As palavras ‘esoterismo’ e ‘ocultismo’ e seus cognatos apareceram, como derivadas de seus adjetivos, no segundo quartel do século XIX. Primeiro em francês - *ésotérisme* - no livro *Histoire Critique du Gnosticisme* publicado em 1828. Em 1835, no *Letter to Acland: Oxford English Dictionary* encontra-se *esoterism* e, em 1846, no *Christian Observer: OED*, temos *esotericism*. Já ‘oculto’ e ‘ocultismo’ tem significados mais antigos. No *Psautier d’Oxford*, em 1120, encontra-se a palavra francesa ‘*occulte*’. Em inglês foi encontrada em 1545. O termo italiano ‘*occulto*’ fez parte do vocabulário filosófico da Renascença, sobretudo em *Giordano Bruno* (1548-1600) e na celebrada obra de *Henricus Cornelius Agrippa, De Occulta Philosophia* (1533), onde estão os chamados ensinamentos da ‘Ciência Oculta’. Em 1633, de acordo com o *Oxford Dictionary*, o termo foi enriquecido com um novo sentido e relacionado a antigas formas de conhecimento e de segredos da Antigüidade e da Idade Média. O nome francês *occultisme* apareceu no *Dictionnaire de Mots Nouveaux*, de 1842, confirmando o sentido acima. Durante o século XIX, estes termos indicavam uma necessidade de substituir um sistema de pensamento e explicação do mundo por um outro tipo de perspectiva vinculada a uma disciplina pré-existente, de natureza exegético-teológica, astrológica ou especulação alquímico-científica. Simultaneamente, tal forma de pensamento era permeada pela crença de ser a *Prisca teologia*, a *philosophia perennis*, vinda da imemorial antigüidade, da mais arcaica tradição, em plena época do progresso e da ciência. O ocultismo pode ser interpretado como uma adaptação histórica do esotericismo a um mundo em processo de dessacralização, baseando-se numa concepção segundo a qual a experiência do sagrado acontecia na vida cotidiana. O ocultismo, como uma importante forma do esotericismo ocidental, emergiu da interação entre uma concepção antiga e esotérica de ‘correspondências’ com um novo conceito de ‘causalidade’. Permaneceu num caminho ambivalente entre o esotericismo tradicional e os modernos pontos de vista ‘científicos’”. (MOURA, Eliane Silva. *O Ocultismo do Século XIX*. Campinas: SP:IFCH/UNICAMP, 2001.)

<sup>75</sup> MOTA, Aparecida Rezende. *Silvio Romero: Dilemas e combates no Brasil da virada do século XX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p. 26 e 27.

misturando-se a outras idéias e reelaborando assim, antigas idéias, as quais só pudemos apreender estudando o contexto do XIX.

Podemos ver sintetizado o pensamento de Vellozo acerca do progresso,<sup>76</sup> entendido como melhoria e elevação do espírito, nesses fragmentos publicados na *Revista do Club Coritibano*:

O progresso é o movimento ; e o movimento é a vida. Negar o progresso é afirmar o nada e deificar a morte.

O Progresso é a unica resposta que a razão possa opor às objecções relativas à existencia do mal.

Tudo não está bem; mas será bem um dia.

Sem o progresso, o mal, como Deos, seria immutavel.

O Progresso explica as ruinas e consola Jeremias que chora.

As nações se succedem como os homens, e nada é estavel, porque tudo caminha para a perfeição.

O grande homem que morre, lega à sua patria o fructo de seus trabalhos; a grande nação que se extingue na terra, se transmuda em uma estrella para illuminar as penumbras da Historia.

A civilização transforma em anjos de luz, os homens de boa vontade, e rebaixa o egoista aquem do bruto; é a corrupção dos corpos e a emancipação das almas.<sup>77</sup>

Já mencionamos o paralelo que a historiografia paranaense estabelece entre Curitiba e Paris ao falar do fim do século XIX e início do XX, devido às semelhanças dos aspectos que caracterizaram as suas modernidades, guardadas as devidas proporções nas questões sociais e nos problemas urbanos distintos vividos por elas. O que talvez identifique as impressões entre essas duas cidades seja justamente a percepção da modernidade e a consciência das mudanças que tinham seus contemporâneos. São raros os trabalhos que, ao abordar o período, não falam em algum

---

<sup>76</sup> Há muito discutido, pela historiografia paranaense, o conceito de progresso, bem como a idéia de progresso dos curitibanos do período. Então, não nos estenderemos nessa questão. Mas interessa-nos explicitar a idéia de progresso de Dario Vellozo, num sentido místico e espiritual, vinda de Léon Denis, constantemente citado em seus textos. “O que é progresso? O progresso é a aspiração pelo melhor, pelo belo, pelo bem; é a prova da existência em nós de um princípio superior, de alguma coisa grandiosa, quase divina, que nos encaminha para destinos mais altos, que nos lança sempre para frente, nos domínios do pensamento e da consciência”. (DENIS, Léon. *O Progresso*. Tradução de José Jorge. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Edições Léon Denis, 2005. p. 19.). O progresso para Vellozo, portanto, estava intimamente associado ao progresso do espírito. Via o progresso científico e material como uma consequência do progresso espiritual que a humanidade vinha desenvolvendo nessa existência.

<sup>77</sup> *Revista do Club Coritibano*, 1899, Anno X, no. 9. Frases e citações de Éliphas Levi.

ponto de suas narrativas de Walter Benjamim. Isto porque o *flâneur* de Benjamim também pode ser identificado como um personagem curitibano.<sup>78</sup> Ele aparece como termômetro das impressões sentidas, como aquele que reconhece o seu tempo e o retrata em suas crônicas, pois assim como em Paris, as crônicas se constituíram num gênero literário comum entre os curitibanos.<sup>79</sup> Os trabalhos de Benjamin sobre Baudelaire também fomentam a historiografia paranaense por dois motivos: um - porque ele o estuda, no contexto decadentista francês, como um lírico no auge do capitalismo; e outro - porque Baudelaire foi o principal inspirador do simbolismo, no Paraná e na França.<sup>80</sup>

Em poucas décadas após a sua fundação, a pacata Curitiba se transformara numa moderna capital. Seja em Paris ou Curitiba, a velocidade dos transportes, da informação e dos eventos fizeram com que a idéia de mudança passasse a ser a natureza das coisas, e as pessoas passaram a acreditar que um progresso ainda maior seria não só possível como inevitável. A modernidade, com todos os seus meios de transporte e comunicação, conseguira interligar Curitiba à Europa. As idéias, trazidas, na maioria das vezes, por estudantes, filhos de boas famílias, que iam estudar na Europa não tardavam a chegar. Andrade Muricy em suas memórias expressa um momento simbólico dessa influência.

Retorno espetacular foi aquele de João Itiberê. Voltava da Bélgica assinando "Jean Itiberé" versos em francês, e por lá reconhecido como poeta belga. (...) Aquele *dandy*... deslumbrou e chocou Curitiba com essa elegância e requinte. Mais, porém, do que a sua finura de maneiras impressionaram aos intelectuais da terra as suas credenciais literárias.<sup>81</sup>

Beltrami, historiador paranaense que pesquisou a fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, afirma que o que mais atraía a atenção dos jovens curitibanos que conheciam Itiberê era literalmente a sua bagagem material – os livros que havia trazido - livros que eram passados de mão em mão entre os moços, discutidos nos cafés, clubes, salões, e que forneceram a substância que faltava para surgimento do movimento simbolista em Curitiba, que já se configurava, enquanto intenção,

---

<sup>78</sup> *Passim*: BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire...op.cit.*

<sup>79</sup> Cf. BERBERI, Elizabete. *Op. cit.*

<sup>80</sup> A figura de Baudelaire exerceu especial influência nos curitibanos, sua obra “Flores do Mal” foi a grande inspiração do simbolismo paranaense como atesta a historiografia.

<sup>81</sup> MURICY, Andrade. *O simbolismo à sombra das araucárias* (memórias). Brasília: imprensa nacional, 1976, p. 199. *Apud* BELTRAMI, R. *Op. cit.*, p. 46.

quando da chegada do jovem dândi à capital paranaense.<sup>82</sup> Itiberê trouxera autores como Mallarmé, Edgar Allan Poe, Baudelaire, Gustave Kahn, e muitos outros.<sup>83</sup>

Obviamente, os curitibanos não liam somente os franceses. Mas por aí, podemos perceber que a juventude curitibana, como muitos jovens artistas e literatos, aspiravam aos ares cosmopolitas da Paris *fin-de-siècle* e que, de certa forma, viviam uma experiência de modernização. As idéias que chegavam, evidentemente, eram readequadas a um cenário curitibano, eram adaptadas e muitas vezes reelaboradas. Os curitibanos eram conscientes das discussões intercontinentais de seu tempo. Discutiam idéias como evolucionismo, positivismo, espiritismo, como os europeus de sua época. Mas também discutiam os problemas locais, como as causas republicana, abolicionista, aborígene e anticlericalista. Acreditavam no progresso. Acreditavam que a ciência de seu tempo traria respostas a todas as questões, pois ela, a própria ciência, estava em evolução. Para esses homens, o sobrenatural não existia, tudo tinha uma explicação lógica e racional, mas ainda não totalmente descoberta pela ciência. Por isso era importante discutir, eis o propósito da criação de muitas revistas e periódicos no período.

Depois de termos empreendido algumas viagens de idas e vindas da Europa ao Paraná, em meio ao cenário francês e curitibano; entre o intercâmbio de idéias, influências e preferências, reencontramos nosso personagem-chave, Dario Vellozo, inserido neste contexto flutuante e oscilante, sendo ele o maior entusiasta das discussões sobre os benefícios que a ciência de então poderia trazer à humanidade, embora vinculada à tradição de uma ciência sagrada muito mais antiga, como veremos a seguir.

Nosso intuito, ao reconstruirmos o contexto da cidade moderna, foi possibilitar o desenvolvimento de nossa narrativa nos capítulos seguintes, no que diz respeito ao clima que propiciou o surgimento de algumas idéias, isto é, o entendimento de como foram pensadas e porque foram pensadas. No entanto, independente da pluralidade das idéias, o aspecto crucial que singulariza o pensamento do século XIX e o torna tão sedutor é a consciência histórica de seus intelectuais. Este século produziu importantes

---

<sup>82</sup> BELTRAMI, R. *Op. cit.*, p. 47.

<sup>83</sup> Sobre o ano de 1892, Dario Vellozo, em “Ciência Oculta”, carta a Jean Itiberê, datada de 1898, destaca a profunda influência exercida pelo poeta recém-chegado da Bélgica sobre suas leituras, recordando que ainda naquele ano de 1892, descobre Flaubert, Poe, Huysmanns e, no ano seguinte, Verlaine e os malditos Corbière, Mellarmè, Rimbaud, L’Isle Adam. Através de Jean Itiberê chega a Péladan, Guaita, Meeterlinck, Levi, Papus. (DICIONÁRIO, *Op. cit.* p. 541.)

pensadores como Tocqueville, Marx, Hegel, Nietzsche, Darwin, e importantes espiritualistas como Blavatsky, Kardec e Eliade. Nas obras desses pensadores, podemos perceber um caminho pela via do pensamento evolucionista, uma certa crença no progresso e a consciência de suas contemporaneidades. Isso possibilitou, por um breve momento, que Espiritualismo e Ciência se concilhassem, pelo menos em discussão. O espírito místico de alguns aventuro-se pelos métodos da ciência, em uma tentativa de dar uma explicação lógica às questões sobrenaturais. E foi o Ocultismo que se encarregou dessas questões.

### 3. ESOTERISMO: O LÓTUS DO CONHECIMENTO

*Côncio de não crer, sentia-me culpado em meio a tantos que criam. Ao sentir que estavam certos, decidi também crer, assim como quem toma uma aspirina. Mal não faz, e nos sentimos melhor.*

Umberto Eco – O Pêndulo de Foucault

Antes de centrarmos a discussão em nosso objeto - a idéia de ciência de Dario Vellozo -, é necessário retomarmos a temática na qual ele se encontra inserido, e justificá-la: o esoterismo no Paraná.

Como a tendência atual dos estudos históricos é de renovação, sobretudo na área da história cultural, o enfoque de novos temas e objetos tem surgido como alternativa às tendências dominantes em nossa cultura ocidental. E este é o caso dos estudos que conferem relevância acadêmica a determinadas correntes de idéias, como o ocultismo, a teosofia, o esoterismo e o espiritualismo. Segundo Eliane Moura Silva, os estudos sobre tais temas são bastante recentes porque os pesquisadores evitavam esta área de estudo, suspeita tanto às Igrejas Cristãs como ao racionalismo, porque poderiam perder prestígio intelectual entre seus colegas. Porém, durante os últimos anos, esta tendência vem sendo modificada e importantes aspectos de nosso passado cultural ligados a estas tradições espirituais ganharam *status* acadêmico, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos. Conclui a historiadora que tais estudos forçam uma revisão de opiniões básicas sobre os fundamentos de nossa cultura. Assim, a partir destes pressupostos, os temas esoterismo, espiritualismo e misticismo podem ser tomados como expressões de uma idéia ligada a uma atitude de espírito manifestada em movimentos culturais.

Para o desenvolvimento da nossa temática buscamos um referencial teórico que pudesse esclarecer de maneira coerente e lúcida, a natureza e a idéia, bem como o que podemos interpretar e apreender do conceito esoterismo.<sup>84</sup> Contamos com uma

---

<sup>84</sup> Segundo António Macedo, “paralelamente, alguns autores começaram a encarar o estudo do esoterismo de um ponto de vista mais acadêmico, não se considerando, eles mesmos, ‘esotéricos’, mas investigadores quer da história, quer das idéias de determinadas correntes espirituais, místicas ou ocultas. Entre estes contam-se por exemplo, nos finais do século XIX, George R. S. Mead e Arthur Edward Waite, cujos trabalhos, apesar de tudo, ainda se encontram a meio-caminho entre o ‘discurso esotérico’ e a pesquisa universitária. No primeiro quartel do século XX, Max Heindel (1865-1919) estabeleceu a distinção técnica entre ‘o oculto’ e ‘o místico’, e, embora inserido numa específica corrente esotérica, deu forma consistente, nas suas obras, quer à vertente mística quer à vertente oculta do esoterismo. Por sua vez Rudolf Steiner (1861-1925), igualmente inserido numa corrente esotérica bem definida, abordou o esoterismo segundo um duplo enquadramento, ocultista e científico. René Guénon (1886-1951) trabalhou o esoterismo, genericamente, segundo uma perspectiva mais filosófica do que histórico-crítica, tendo o cuidado de distinguir entre o esoterismo cristão, o islâmico e o védico; todavia, o grande impulso para o

historiografia especializada no assunto, como as obras dos pesquisadores Antoine Faivre, Frances Yates, Karen Armstrong, Wouter J. Hanegraaff, Massimo Introvigne, Roland Edighoffer, José Manuel Anes e Pierre A. Riffard, autores que investigam objetos relacionados à história da espiritualidade humana, aí incluídos as ciências ocultas, a cabala, o hermetismo, os esoterismos e as ordens secretas como a Maçonaria e a Rosa-Cruz. Além de outros autores como Eugenio Garin, Gershom Sholem, Auguste Viatte, René Guénon, Henry Corbin e Mircea Eliade, que são referências clássicas na área da História das Religiões. Faivre afirma que já existe um reconhecimento acadêmico do esoterismo enquanto campo de pesquisa específico, tanto na França, onde uma disciplina é consagrada às correntes esotéricas, quanto em outros países. Lembra ele ainda que na *École Pratique des Hautes Études* (Seção de Ciências Religiosas), a "História do esoterismo cristão", disciplina criada em 1965, tornou-se, em 1979, "História das Correntes Esotéricas e Místicas na Europa Moderna e Contemporânea". Em 1980 foi criada, nos Estados Unidos, a *Hermetic Academy*, que reúne atualmente cerca de 150 pesquisadores, a maioria deles integrando igualmente o *Esoterism and Perennialism Group*, criado em 1986 no âmbito da *American Academy of Religions*.

Como se observa, o esoterismo já constitui tanto um campo de pesquisa, como um objeto de estudo, que vem se desenvolvendo em vários países. No Brasil, no entanto, esse tipo de estudo ainda está engatinhando, à exceção dos trabalhos da já citada historiadora Eliane Moura Silva. A autora investiga espíritas, teósofos e ocultistas do século XIX, como seguidores de correntes espiritualistas, termo num primeiro momento generalizante, dada a semelhança de traços que caracterizam os movimentos, e que à época compartilhavam os mesmos princípios. Por ser um tema recorrente e importante no contexto da História do Paraná, o esoterismo ocupou sempre um capítulo imprescindível nos trabalhos acadêmicos paranaenses e carece de uma abordagem mais específica.

---

estudo do esoterismo de um ponto de vista de investigação acadêmica surgiu a partir de 1928, com a tese de Auguste Viatte sobre o Iluminismo, seguindo-se-lhe as pesquisas e os trabalhos de Will-Erich Peuckert sobre a pansofia e o rosacruçianismo, de Lynn Thorndike sobre a história da magia, da Prof.<sup>a</sup> Frances A. Yates sobre o Iluminismo rosacruz e o esoterismo renascentista, devendo-se a esta última o principal estímulo para uma pesquisa rigorosa no âmbito acadêmico do 'território esotérico', o que fez alterar o respectivo panorama investigacional a partir dos anos 60 e 70 do século XX. O Prof. Antoine Faivre, mais recentemente, chama a atenção para os estudos de Ernest Lee Tuveson sobre o hermetismo na literatura anglo-saxônica dos séculos XVIII e XIX, e de Massimo Introvigne sobre os movimentos 'mágicos' dos séculos XIX e XX, sobretudo pelo facto de proporem abordagens novas e interdisciplinares". (MACEDO, António. *O que é esoterismo?* Lisboa.). Disponível em:  
< <http://paginasesotericas.tripod.com/esoterismo.htm> > Acesso em: 22/07/2009.

Do ponto de vista metodológico, recorreremos às reflexões do historiador Reinhart Koselleck, que nos chamou a atenção para a importância da historicidade dos conceitos, articulado à historicidade do historiador que os investiga.<sup>85</sup> Segundo ele, esta análise possibilita apreender suas múltiplas e específicas temporalidades, por meio da aplicação da análise lingüística e semântica no processo de investigação dos documentos. Tal procedimento permite apreender o complexo processo de significações e ressignificações que alguns conceitos sofrem no decorrer dos tempos. Os conceitos são, portanto, históricos e devem ser pensados historicamente. Assim, foi fundamental para nossa pesquisa analisar os conceitos de esoterismo, ciência e tradição como propõe Koselleck.<sup>86</sup> Começaremos nossa análise do tema esoterismo, estudando as idéias que circundaram sua conceituação no contexto curitibano em questão.

Na perspectiva da história dos conceitos, podemos dizer que os sufixos “ismos” são criações lingüísticas do século XIX, isto é, a compreensão semântica de uma idéia nomeada que permite entender aquilo que a expressão traz em si, a idéia implícita de teoria ou princípio, de significado compartilhado por um grupo, surgiu no século XIX: nacionalismo, socialismo, absolutismo, capitalismo, evolucionismo, cientificismo, esoterismo.<sup>87</sup> A expressão esoterismo já era usada por Dario Vellozo em seus escritos ainda no XIX. Saber o que Dario Vellozo entendia por esoterismo é uma questão extremamente relevante para nossa pesquisa, porém de difícil verificação. O que fizemos foi, por meio de um dicionário de época, acessar o possível significado de esoterismo no período e delimitamos o que foi possível ele ter pensado naquele tempo.<sup>88</sup> E a partir desse ponto interpretamos as fontes, que por si já trazem

---

<sup>85</sup> *Passim*: KOSELLECK, R. *Futuro Passado*: contribuição à semântica do tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto. Ed. PUC Rio, 2006.

<sup>86</sup> KOSELLECK, R. *Uma história dos conceitos*: problemas teóricos e práticos. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos, vol. 5, no. 10, 1992. p. 134-146.

<sup>87</sup> Sobre os conceitos, Koselleck chama a atenção de que é preciso estabelecer a distinção entre “conceito” e “palavra”. A história dos conceitos coloca-se como problemática e indaga a partir de quando determinados conceitos se tornaram resultado de um processo de teorização. Um conceito está relacionado àquilo que se quer compreender e, a articulação entre conceito e conteúdo a ser compreendido, pode ser demasiadamente tensa do ponto de vista da hermenêutica. Para ele, todo conceito articula-se a um certo contexto sobre o qual também pode atuar, tornando-o compreensível. Nesse sentido, os “ismos” do XIX, tornaram possíveis de ser ditos e expressos conteúdos que não tinham expressão, mas que podiam ser observados em análise retrospectiva, tornando-se compreensíveis.

<sup>88</sup> É importante esclarecer que não reduziremos o pensamento de Dario Vellozo a um dicionário de época. Apenas podemos, por meio dele, acessar o registro que se tinha da palavra, atentando para os contextos e escritos em que ela foi aplicada. Outro aspecto importante é que o primeiro sentido histórico de uma palavra não comanda necessariamente o emprego que dela faz o falante moderno, já que geralmente este o ignora, como lembra Pouillon. (LENCLUD, Gérard. *A tradição não é mais o que era...* sobre as noções de tradição e de tradicional em etnologia. *Terrain: revue d'ethnologie de l'Europe*, no. 9 - *Habiter la*

informações nesse direcionamento. Em resumo, observamos os discursos nas fontes articulados ao contexto no qual se inseriam e os interpretamos, procurando, assim, captar o possível entendimento de esoterismo que teve Vellozo.

Vejamos o que quer dizer “esotérico”. Pierre A. Riffard afirma que o adjetivo “esotérico” (εσω) foi empregado pela primeira vez por Aristóteles, embora em seus discursos apareça seu antônimo “exotérico” (εξω), que significa externo, estrangeiro, contraposto do termo “esotérico” que significa dentro, mistério.<sup>89</sup> Ainda na antiguidade, Jâmblico teria dito que Pitágoras dividia seus discípulos em duas classes: *exotéricos* e *esotéricos*. O termo esotérico possui uma origem muito antiga e a gênese e o uso histórico dessa palavra são amplamente discutidos na obra de Riffard, da antiga Grécia e Roma à *Encyclopédie* do século XVIII; e no artigo de António de Macedo, *O que é esoterismo*. No léxico, esotérico está associado a uma idéia de “mistério interior”.

O conceito esoterismo, porém, é mais recente. Segundo Macedo, Johann Gottfried Herder (1744-1803), que se opôs ao racionalismo Iluminista de sua época, foi o primeiro autor a utilizar a expressão *esoterische Wissenschaften* - ciências esotéricas -, referenciável no tomo XV das suas *Sämtliche Werke*, e ainda segundo esse autor, o substantivo *l'ésotérisme* surgiu pela primeira vez na obra *Histoire critique du gnosticisme et de ses influences* (1828), de Jacques Matter.<sup>90</sup> Na sequência, deve-se ao ocultista e cabalista Eliphas Lévi (1810-1875) a vulgarização dos termos “esoterismo” e “ocultismo”, este último na sua acepção moderna e mais lata de *corpus* de “ciências ocultas”. O termo adquiriu uma voga crescente depois que Helena P. Blavatsky, A. P. Sinnett, Annie Besant e C. W. Leadbeater, da Sociedade Teosófica popularizaram o conceito desde o último quartel do século XIX e ao longo do início do século XX.

Ainda sobre o termo esoterismo, Riffard afirma, no entanto, que Pierre Leroux, filósofo socialista que se interessou pelo misticismo e pela palingenesia, teria criado as expressões “esoterismo” e “esotericamente” em 1840, em um artigo chamado *De l'humanité*.<sup>91</sup> Para este autor, a consagração da palavra esoterismo só ocorreu em

---

Maison -, 1987. Traduzido do francês por José Otávio Nogueira Guimarães – Núcleo de Estudos Clássicos/Departamento de História/UnB.).

<sup>89</sup> RIFFARD, P. A. *O esoterismo*. São Paulo: Ed. Mandarin, 1996. p. 57 -77.

<sup>90</sup> MACEDO, A. *Op. cit.*, s/p.

<sup>91</sup> “Palingenesia”: O eterno retorno, segundo Shopenhauer, renascimento sucessivo dos mesmos indivíduos.

1883, quando foi publicado *Budismo Esotérico* de A. P. Sinnet e, logo após, em 1888, com a publicação da *A Doutrina Secreta* de Helena Blavatsky.

Divergências à parte sobre a origem da expressão esoterismo, seja em francês, alemão ou inglês, podemos afirmar que seu uso tornou-se corrente em fins do XIX, popularizado pelas correntes esotéricas teosóficas. Mas qual foi o significado de esoterismo nos dicionários em circulação no Brasil do século XIX?

Em 1863, o *Dicionário da Conversação e da Leitura*, publicado em Paris, trazia a expressão *ésotérique*:

Esotérico (do grego *εσω*, de dentro), o contrário de *exotérico* ou *exterior* (*εξω*, de fora). Quanto a esta última palavra, diz-se, propriamente, da doutrina e das obras dos antigos filósofos que estavam ao alcance de todas as classes de ouvintes ou de leitores, em oposição à doutrina *esotérica*, ou *secreta*, comunicadas apenas a discípulos de escolha: assim, Pitágoras – que fundou em Crotona um tipo de congregação filosófica, com a finalidade de aperfeiçoar os hábitos intelectuais, religiosos e morais – tinha ainda visões políticas que não confessava. Essa última pretensão provocou a ruína da sociedade, em torno de 500, e a morte do fundador. O ensinamento dos *irmãos da Rosa-Cruz* era igualmente *esotérico*. De Reiffenberg.<sup>92</sup>

Atestar a presença deste vocábulo em dicionários franceses assume relevância a partir da constatação da forte influência francesa sobre Dario Vellozo, já que sabemos que importava e lia muitas obras nesta língua.

No *Grande Dictionario da Lingua Portugueza*, do Frei Domingos Vieira, de 1873, o termo “esotérico” e seu derivado “esoterismo”, aparecem da seguinte forma:

Esotérico, adj. (Do grego *esôterikos*, interior; de *esô*, no interior). Termo de Historia e Philosophia, - *Doutrina* esotérica, doutrina secreta que certos philosophos da antiguidade davam conhecimento a apenas um pequeno número de seus discípulos; diz-se por oposição à *exoterica*.

---

<sup>92</sup> Em francês, no original: *Ésotérique* (du grec *εσω*, au dedans), le contraire d'*exotérique* ou *extérieur* (*εξω*, au dehors). Ce dernier mot se dit proprement de la doctrine et de ouvrages des anciens philosophes, qui étaient à la portée de toutes les classes d'auditeurs ou de lecteurs, par opposition à la doctrine *ésotérique*, ou *secrete*, qu'ils ne communiquaient qu'à des disciples de choix: ainsi, Pythagore, qui fonda à Crotona une sorte de congrégation philosophique, dans lè but de perfectionner les habitudes intellectuelles, religieuses et morales, avait encore des vues politiques qu'il n'avouait pas. Cette dernière prétention causa la ruine de la société, vers 500, et la mort du fondateur. L'enseignement des *frères de la Rose-Croix* était aussi *ésotérique*. De Reiffenberg, DICTIONNAIRE DE LA CONVERSATION ET DE LA LECTURE, sous la direction de M. W. Duckett. Seconde Edition entièrement refondue (corrigée, et augmentée de plusieurs milliers d'articles tout d'actualité). Tome Huitième. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, Fils et Cie. Imprimeurs de l'Institut, Rue Jacob, 56. M DCCC LXIII. p.776. Traduzido do francês por José Otávio Guimarães (Núcleo de Estudos Clássicos – UnB).

Esoterismo, *s. m.* Vid. Esotérico. Systema pythagorico que se compunha do mais selecto e escolhido da doutrina de Pythagoras, e cujos princípios, reservados inclusivamente para os iniciados, jamais se communicavam aos profanos da sciencia d'este mestre.<sup>93</sup>

Muito mais do que significados, os dicionários registram as mutações que ocorrem em uma língua. Antes de haver o registro, a palavra deve estar em uso, deve ser parte de experiência social e cultural, pois só a partir da sua interatividade, ela aparece como necessária para expressar novas idéias e experiências, ou mesmo ressignificar as velhas, não excluindo a possibilidade de que significados adversos co-existam entre si. Os dicionários, então, não apenas registram e catalogam palavras de uma língua, mas também nos permitem observar as expressões articuladas nos seus usos discursivos e possibilitam apreender possíveis mudanças nos significados. Exemplo disso encontra-se em artigo de Tereza Cristina Kirschner, no qual investiga a palavra “censura” no século XVIII – e cujo atual significado é muito diferente do que teve naquele século.<sup>94</sup> Devemos, então, atentar para o fato de que os conceitos são passíveis de ressignificações e, nesse sentido, interessa-nos entender a historicidade e o contexto em que surgiram as idéias acerca do esoterismo no recorte temporal em estudo. Como a linguagem sofre mutações, devemos tomar o cuidado com o anacronismo na interpretação de sentidos dados por um autor ao escrever um enunciado em um dado contexto.

Os riscos de acabar projetando no passado, de maneira mecânica, os significados que os conceitos possuem no presente é considerável. (...) Não se pode negar que novas questões e novas interpretações sempre emergem no campo da pesquisa historiográfica. (...) E toda a revisão historiográfica ocorre sob a pressão de transformações no nível da experiência que leva o historiador a substituir ou suplantar interpretações prévias por novas.<sup>95</sup>

Assim, evitando os equívocos de sentidos, os anacronismos e as interpretações equivocadas, por meio da historicidade do significado da palavra esoterismo, isto é, entendida no contexto do XIX, articulada às referências de leitura de Dario Vellozo,

---

<sup>93</sup> GRANDE DICCIONARIO PORTUGUEZ OU THESOIRO DA LINGUA PORTUGUEZA, pelo Frei Domingos Vieira, dos eremitas calçados de Santo Agostinho. Publicação feita sobre o manuscrito original de 1871, inteiramente revisto e consideravelmente augmentado. Terceiro Volume. Porto: Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1873.

<sup>94</sup> KIRSCHNER, T. C. *Entre arquivos e teorias: uma questão de fronteiras?* In.: SERPA, Elio C. e MENEZES, Marcos A. (org.). *Eventos da história narrativa, arte e nação*. Uberlândia: EDUFU, 2007.

<sup>95</sup> *Idem*.

como Blavatsky, Papus e Eliphas Levi, podemos reconstruir seu possível entendimento da idéia de esoterismo.

Esoterismo, misticismo, espiritualismo e teosofia, são expressões que aparecem indistintamente nos textos analisados. Vimos que mesmo a historiografia especializada trata tais expressões como sinônimas, mesmo que no léxico elas tragam idéias próprias a cada uma. Inicialmente, tratamos o esoterismo sincretizado a esses outros conceitos de misticismo e espiritualismo. E, por fim, abordamo-lo na sua relação mais específica com o nosso objeto, nos capítulos que seguirão.

Entre os autores acadêmicos que atualmente estudam o esoterismo, tornou-se consensual a designação de “esoterólogos” para os que investigam a ciência da esoterologia, diferenciando-os dos “esoteristas”, aqueles que fazem e praticam o esoterismo, no sentido de pertencimento a uma sociedade secreta de práticas iniciáticas. No entanto, entre os esoterólogos nem todos coincidem em suas definições do campo investigacional do esoterismo, podendo-se de certo modo, e sem tentar uma conciliação entre os diferentes autores, dizer que existem vários “esoterismos”.

Simplificadamente, é possível dizer que existem duas grandes tendências nas linhas de pesquisas: o universalismo pró-esotérico e a estruturação histórico-crítica. Na linha do universalismo pró-esotérico incluem-se os trabalhos acadêmicos dos já citados professores Pierre A. Riffard e José Manuel Anes. O trabalho de Riffard é ricamente detalhado, abundante em fontes e referências sobre os esoterismos. Segundo Riffard, o esoterismo tanto existe no Ocidente como no Oriente, desde a pré-história até aos nossos dias, e tem a ver com o mistério da existência tal como é percebido pelos seres humanos. Uma das idéias por ele abordada é o "mistério" que cerca esse conceito, e que o faz estar sempre associado ao místico e ao oculto. O autor investiga o caráter e a natureza deste mistério em diferentes grupos em determinadas épocas, que se estende do mesolítico às sociedades modernas, e, analisa como certas pessoas, em um dado contexto, pensam os mistérios do seu tempo. Seu objeto de estudo é "aquilo que está oculto", o próprio mistério, ou o que é pensado como oculto. Riffard critica certos investigadores acadêmicos que procuram estudar o esoterismo “de fora”, como se pudesse existir um “fenômeno cultural esotérico” independentemente do esoterismo em si e questiona: pode alguém ser um esoterólogo sem ser, ao mesmo tempo, um esoterista? Para ele, a essência do esoterismo é, ela mesma, “esotérica”.<sup>96</sup>

---

<sup>96</sup> RIFFARD, P. A. *Op. cit.*, p. 30 - 32.

Uma posição totalmente diferente é assumida por Antoine Faivre e Wouter J. Hanegraaff, defensores da linha histórico-crítica. Segundo Faivre, não se deve falar em “esoterismo” mas em “esoterismos”, ou melhor, em “correntes esotéricas e místicas”, uma vez que ele considera que não há um esoterismo em si, mas apenas correntes, autores, textos e épocas. Para que o esoterismo se constituísse em uma especialidade acadêmica reconhecida pela comunidade científica, Antoine Faivre definiu-o de acordo com a Direção de Estudos da *Section des Sciences Religieuses des Sorbonne*, que ele mesmo integra juntamente com outros docentes como: um *corpus* de textos que constitui a expressão de um certo número de correntes espirituais na história Ocidental moderna e contemporânea, ligadas entre si por um ponto comum, bem como uma forma de pensamento que subjaz a essas correntes. Considerado de forma extensiva, esse *corpus* estende-se da antiguidade tardia até hoje; considerado de forma limitativa, abarca um período que vai do Renascimento até à época contemporânea.<sup>97</sup>

Tomando o esoterismo como objeto de pesquisa, Faivre faz uma abordagem das correntes esotéricas modernas e tenta compreender qual o papel do esoterismo nas sociedades ocidentais, investigando as três vertentes básicas que compuseram a mística esotérica: a “alquimia”, a “magia” e a “astrologia”, compreendidas pelos antigos como a Ciência Sagrada. Antoine Faivre também elenca seis elementos pelos quais podemos identificar a existência de um esoterismo, de uma gnose, daquilo que a palavra mistério possa definir; possível de ser percebido por meio da manifestação cultural de um dado grupo, em um dado contexto. Tais elementos são:

- a) A idéia da existência de *correspondências simbólicas*: entre um mundo arquetípico, expressa por meio de símbolos como a Astrologia, a Cabala, o Tarot, enfim aquilo que os esotéricos entendem por "escrita sagrada" e teoricamente, estariam restritas aos chamados sábios e iniciados. Analogia entre o símbolo e o significado. “O que está em baixo é como o que está em cima”<sup>98</sup>.
- b) A *Natureza viva*: magia, alquimia, homeopatia, respiração, meditação, talismãs, amuletos; pensados como fórmulas para o equilíbrio, aquilo que poderia sofrer a ação da operação de pretensas forças de magos, pensada pelos esotéricos como "a ciência sagrada" ou "o grande mistério".

---

<sup>97</sup> FAIVRE, Antoine. *O esoterismo*. Campinas: São Paulo: Papyrus, 1994. p. 13. Podemos entender o *Corpus* a que se refere Faivre como “tradição”, em nossa pesquisa mais propriamente a tradição hermética. Abordaremos devidamente o conceito de tradição no capítulo seguinte.

<sup>98</sup> Segundo Fernando Pessoa, esta é a grande regra do Oculto de Poimandro de Hermes. (PESSOA, Fernando. *Poesias Ocultistas*. SP: Editora Aquariana, 1996. p. 31.).

- c) *Imaginação e mediações*: existência de um agente transmissor, onde se faz necessário um intermediário, encontrado na angeologia,<sup>99</sup> nos símbolos (portadores de arquétipos), nos rituais e nas expressões culturais e artísticas de um dado grupo, em um dado contexto. A imaginação deve ser entendida aqui como uma forma de "poder", um poder de criar.
- d) *Experiência de transmutação*: expressa na idéia de purgação, purificação, para se atingir um grau de iluminação, um "segundo nascimento", uma transformação ou metamorfose atingida por meio da gnose, da abstenção e da meditação.
- e) *Concordância*: práticas que estabelecem métodos para se obter a iluminação, uma gnose (aqui entendida como "conhecimento"), de qualidade superior, que reúne homens de boa vontade em torno de um espírito de tolerância. Ou, melhor expressando, no sentido de um ideal, uma esperança de tolerância, e que podemos entender como sentimento altruísta. Também a crença numa idéia de "tradição primordial", procurada pelos estudiosos ocultistas. Esse elemento em particular, segundo Faivre, foi muito forte nos movimentos esoteristas do século XIX.
- f) A idéia de *transmissão*: ou seja, o caráter iniciático que um grupo pode apresentar; a existência de uma escola e discípulos, a organização das chamadas sociedades secretas e a validade dos conhecimentos transmitidos, que podem acontecer por meio daquilo que é pensado pelos esotéricos como ciências ocultas, como gnose e como hermetismo.

Identificar tais elementos, para Faivre, facilita o esboço dessa fronteira do campo e do objeto de estudo. Fronteira essa que permite observar o caráter transdisciplinar do esoterismo, que ultrapassa a arte, a poesia, a literatura, a sociedade, a cultura e a história das idéias. Faivre defende a idéia de que esoterismo é um conceito ocidental do imaginário moderno, uma vez que, se o esotérico existiu historicamente, a idéia de esoterismo só foi possível ser pensada pela modernidade. No entanto, segundo Macedo:

Outros autores, porém, simplificam a questão considerando que o esoterismo se constituiu no Ocidente como disciplina autônoma, a partir de finais da Idade Média, desde que a teologia e a ciência absorveram certos temas que o integravam, eliminando outros que, por serem mais inquietantes ou pertencerem ao imaginário mais perturbador, acabaram, com essa expulsão ou mesmo perseguição, por

---

<sup>99</sup> Tratado acerca dos anjos, crença na intervenção de anjos.

integrar as correntes esotéricas ocidentais, sobretudo a partir do Renascimento. No Oriente, pelo contrário, a teologia contém os temas esotéricos e por conseguinte o esoterismo não precisa se constituir como disciplina a parte. Segundo este ponto de vista, pode-se falar em esoterismo associado às várias escolas e tendências que se desenvolveram no Ocidente na linha dos ensinamentos de Marsilio Ficino (1433-1499), de Pico della Mirandola (1463-1494) e de Johannes Reuchlin (1455-1522), esoterismo esse que floresceu, sobretudo, na Europa e nos séculos XVI e XVII. A sua principal característica é a rejeição da linguagem comunicativa como expressão da verdade, e a pretensão de que é nas camadas não-semânticas da linguagem que se oculta a antiga Sabedoria. Em extensão a este conceito, não se pode ignorar a importância do pensamento judaico e dos textos hebreus na Europa, cujo *torat hasod* (conhecimento esotérico) constituiu um corpo específico de tradições secretas na cultura judaica, no centro do qual, e a partir do século XIII, se encontra a Cabala, que teve uma influência de indiscutível relevo no esoterismo cristão.<sup>100</sup>

A discussão que cerca o conceito de esoterismo poderia nos render todas as páginas da presente dissertação, e ainda assim não esgotaríamos o tema. Nossa real intenção aqui é sintetizar brevemente sua possível conceituação, para que então, possamos compreender melhor os elementos que circundam a natureza do nosso objeto. Podemos considerar, em síntese, que a idéia de esoterismo traz em si uma verdade científica, filosófica ou religiosa das coisas, de algo reservado a um número restrito de iniciados, escolhidos por sua inteligência ou valor moral. Ela abrange um conjunto de doutrinas práticas e ensinamentos de teor espiritualista, nos quais se confundem influências de religiões orientais e ciências ocultas, comuns no século XIX, associadas às técnicas terapêuticas, que mobilizam energias não integrantes da ciência racionalista e que visam iniciar o indivíduo nos caminhos do auto-conhecimento, da paz espiritual, da sabedoria, da saúde e da imortalidade.

A partir dessas premissas básicas que desenvolvemos até o momento, podemos analisar, no contexto particular da Curitiba do fim do século XIX e início do XX, a atuação de Dario Vellozo como um esotérico, pois podemos identificar devidamente em seu universo, os seis elementos esoterizantes desenvolvidos por Faivre, bem como pelos outros teóricos.<sup>101</sup>

---

<sup>100</sup> MACEDO, A. *Op. cit.* s/p.

<sup>101</sup> Segundo Riffard, “esoterizante” é uma expressão criada pelo próprio A. Faivre. (RIFFARD, P. A. *Op. cit.*, p. 72.).

As palavras de Frances Yates, ao escrever sobre os rosa-cruzes do século XVII e sobre Giordano Bruno, parecem-nos apropriadas para ponderar sobre a consciência que temos dos riscos acerca da natureza do nosso tema de pesquisa:<sup>102</sup>

Houve, inevitavelmente, um excesso de simplificação no exame desse tema imensamente complexo, e meu propósito, ao organizar todo o material em função da figura de Giordano Bruno, pode ter influenciado a escolha que fiz do material. A história completa do hermetismo ainda está por ser escrita; deverá incluir a Idade Média, continuando muito além da data até onde cheguei. Tenho consciência dos riscos a que me exponho ao traçar um roteiro através de modos de pensar tão pouco familiares e obscuros como os dos hermetistas da Renascença e não posso esperar a inexistência de erros. Se este livro atrair a atenção para um assunto tão importante, incitando outras pessoas a trabalharem nesse campo, terá cumprido sua tarefa.<sup>103</sup>

O esoterismo no Paraná constitui uma tradição que vem desde a fundação do Estado. O esoterismo curitibano nasceu com Curitiba e foi profundamente influenciado pelo ocultismo francês. O Instituto Neo-Pitagórico representa o ponto culminante do esoterismo de Dario Vellozo. Inspirado nos Versos de Ouro de Pitágoras, Vellozo formulou uma sugestão de conduta ética perante a vida, pretendeu que tais versos servissem à meditação e ao ensino do caminho das virtudes para a obtenção da paz de espírito, único objetivo dessa existência, segundo os espiritualistas. Essa base ético-moral foi fundamental para fundação do Instituto, uma vez que este se destina "ao estudo e ao desenvolvimento das faculdades superiores do ser e ao altruísmo, voltado para a cultura, para a verdade, para a justiça, para a liberdade, para a paz, para a fraternidade e para a harmonia".<sup>104</sup>

No dia 26 de novembro de 1909 reunia-se com o professor Dario Vellozo, no Bosque do Retiro Saudoso, na Vila Isabel, em Curitiba, um grupo de ex-alunos e alunas, para comemorar o aniversário do Mestre, como faziam habitualmente. No desejo de continuar esse

---

<sup>102</sup> Ao caracterizarmos a Rosa-Cruz como uma ordem secreta e invisível de tradição hermética, é importante esclarecer que Yates aplica esse conceito de uma maneira mais ampla, no sentido de entender um processo histórico: "*Rosa-cruz*, no sentido estritamente histórico, representa uma fase na história da cultura européia, que é intermediária entre a Renascença e a pseudo-revolução científica do séc. XVII. É uma fase na qual a tradição da Renascença Hermético-Cabalística recebeu o influxo de uma outra tradição hermética, a da alquimia. Os 'manifestos rosa-crucianos' representam a manifestação dessa fase, sendo, como são, a combinação da 'Magia, Cabala e Alquimia' como influência conducente ao novo iluminismo". (YATES, F. A. *O Iluminismo Rosa-Cruz*. São Paulo: Editora Cultrix Pensamento. 1972. p. 7.)

<sup>103</sup> YATES, F.A. *Giordano Bruno e a tradição hermética*. São Paulo: Editora Cultrix. 1964. p. 9.

<sup>104</sup> I.N.P. Sobre o instituto ver página oficial na WEB. Disponível em: <<http://www.pitagorico.org.br/>> Acesso em: 22/07/2009.

convívio edificante, resolveu-se, por sugestão do aniversariante, fundar um centro de estudos que a todos congregasse fraternal e amistosamente. Foi assim que, nesse mesmo dia, nasceu o INSTITUTO NEO-PITAGÓRICO, inspirado no antigo INSTITUTO DE PITÁGORAS, criado pelo Filósofo da Unidade, no século VI a.C., em Crótona, na Magna Grécia. Decorridos nove anos, a 22 de setembro, inaugurava-se o TEMPLO DAS MUSAS – sede mundial do Instituto – no Horto de Lísis, ao lado do Bosque dos Pitagóricos. Era a concretização do sonho daqueles idealistas, cujo labor irradiou-se pelo mundo.<sup>105</sup>

Atualmente, outras entidades e associações de natureza espiritualista, como é o caso da Ordem Rosa-Cruz (AMORC), além do I.N.P., revelam o forte espírito esoterista dos curitibanos. A Ordem Rosa-cruz, por exemplo, possui um templo, ao lado de um parque num dos bairros de Curitiba, com museu, biblioteca, jardim e uma arquitetura de influência egípcia ou "neo-egípcia". Há inclusive uma múmia autêntica, possivelmente trazida por Dom Pedro II, quando da sua visita ao Egito. Além disso, a maçonaria da Ordem Grande Oriente do Brasil também constitui um grupo altamente atuante na sociedade curitibana de hoje.

---

<sup>105</sup> Sobre sua fundação, por Rosala Garzuze, presidente do I.N.P. *Idem*.

## 5. CIÊNCIA: A FONTE DO SABER

*A coisa mais bela que um homem pode experimentar é o sentido do mistério. É a fonte de toda verdadeira arte e de toda verdadeira ciência. Quem nunca experimentou essa sensação, encontra-se como que morto: seus olhos estão fechados. (...) Saber que aquilo, que para nós é impenetrável, existe realmente e se manifesta com a mais alta sabedoria e a mais radiante beleza que os nossos pobres sentidos conseguem perceber somente em suas formas primitivas, essa consciência, esse sentimento, é a essência da verdadeira religiosidade.*

Albert Einstein

A base de uma pesquisa histórica está em suas fontes. Sem elas, é impossível a investigação séria de um tema. Elas podem, porém, levar a pesquisa tanto a lugares inusitados e cheio de surpresas, quanto podem valer como “provas” para argumentos pré-concebidos por um historiador. Tudo depende de como lemos e interpretamos as fontes. Preferimos, no entanto, no presente trabalho, nos deixar guiar pelas “pegadas” de nossas fontes e seguir o caminho que fluiu a nossa frente.<sup>138</sup>

Com olhos voltados ao nosso objeto, a idéia de ciência de Dario Vellozo, fomos aos arquivos e buscamos documentos que pudessem trazer pistas sobre o assunto e ampliar nossas possibilidades, como textos científicos, por exemplo, que não constavam na publicação das edições do I.N.P. das *Obras Completas* de Dario Vellozo. Sabíamos que Vellozo havia escrito e editado inúmeras revistas em Curitiba. Porém, sabíamos também que muitas delas já não existiam mais. Foi nos arquivos da Biblioteca Pública do Paraná que descobrimos em microfilmes duas dessas revistas dirigidas e editadas por ele: a *Revista do Club Coritibano* e a *Revista Esphynges*. A primeira, uma revista direcionada aos membros do clube, do qual faziam parte nomes já citados do círculo de Dario. E a segunda, direcionada a um público mais restrito, sendo uma revista essencialmente esotérica. O mote das revistas era *Sciência, Arte e Mystério*. A esfinge figurou como símbolo do saber que se pretendia passar. *Saber, Querer, Ouzar*<sup>139</sup> e *Calar* foram as palavras de ordem para aqueles que beberam da fonte oculta da ciência sagrada.

Ao trabalharmos com a idéia de ciência de Vellozo, vale ressaltar que ele, Dario Vellozo, não era um cientista, embora tivesse extenso interesse por todas as áreas do conhecimento. Era um livre-pensador, como ele mesmo dizia. Seu trabalho como editor

---

<sup>138</sup> Expressão usada por Ginzburg, quando se refere às “pistas” que o historiador/investigador/caçador deve seguir para tentar reconstituir o passado. (GUINZBURG, C. *Op. cit.* p. 151 - 156.).

<sup>139</sup> “Ouzar” foi o verbo grafado na fonte à época.

foi fundamental para a divulgação de textos científicos e literários em Curitiba, como já mencionamos. A editoração permitiu-lhe escolher os textos, os assuntos que seriam publicados, bem como possibilitou expor suas idéias, discuti-las e formar opiniões. Podemos afirmar que havia diálogo nas revistas, onde os discordantes também tinham voz. Exemplo disso, é a publicação do artigo *O Nirvana*, escrito por Alfredo Munhoz e endereçado a Dario Vellozo e Emiliano Perneta, na *Revista do Club Coritibano* em 1899, o qual critica as tendências “novíssimas” e orientalistas dos intelectuais curitibanos, atacando a idéia da crença no Nirvana, como o caminho para a transcendência, argumentando que o aniquilamento do ser, ou extinção da vontade seria um absurdo.<sup>140</sup>

Nos excertos dos Estatutos da fundação do *Centro Esoterico Luz Invizível*, do Grupo Independente de Estudos Esotéricos, publicados na *Revista Esphynges* em 1900, há claramente expresso a finalidade de sua criação:

Art. 1º. – O Grupo Independente de Estudos esotericos tem por fim:

1º. O estudo imparcial, fora de toda academia e de todo clericalismo, dos dados scientificos, artisticos e sociaes, occultos no amago de todos os symbolismos, de todos os cultos e de todas as tradições;

2º. O estudo scientifico, pela experimentação e pela observação, das forças ainda desconhecidas da Natureza e do Homem (phenomenos espiritas, hypnoticos, magicos e theurgicos);

3º. O agrupamento de todos os elementos esparsos, em vista da lucta contra as doutrinas desesperadoras do materialismo e do atheismo.

Art. 2º. – Cada membro conserva inteira liberdade de opinião, uma vez que respeite a dos collegas.<sup>141</sup>

As revistas, portanto, serviam como canais de discussão e divulgação de idéias filosóficas e científicas, e os temas refletiam as preocupações e interesses do momento. A *Revista Esphynges* estava dividida em três seções de discussão. Trazia uma parte iniciática, outra filosófica e científica e outra literária e artística. Alguns dos títulos dos artigos publicados na seção *Philosophica e Scientifica*, são *O Fluido Universal*, *Luz astral: irradiação da divindade*, *Nirvana*, *Unidade da matéria*, *Como tem caminhado o homem na Terra*, *Das respirações solar e lunar (Astrologia)*, *Do aborigene paranaense*, *Archeologia Indigena*, *Introdução ao estudo das forças*, *Programa do*

<sup>140</sup> *Revista do Club Coritibano*. Ano 10, no. 7. Julho de 1899. Ver anexo II.

<sup>141</sup> *Revista Esphynges*, no. 10. Setembro de 1900. Fundação do *Centro Esoterico Luz Invizível*.

*Curso Orthologia ou Universidade Sociocratica – Primeiro Grao (Doutoral)* *Eidonomia, Da emancipação da consciencia, Positivismo, Raças aryanas de Peru, Sobre a matéria, A Sciencia Maldita, Sciencia Occulta, Occultismo, Occultismo práctico*, dentre outros. A *Revista do Club Coritibano* também tinha uma seção científica e publicou alguns desses mesmos artigos, além de outros sob o título de *O precursor do homem, Energia e conservação de energia, O sol como gerador de energia electrica, Proezas da moderna Alchimia* e muitos outros.

Analisar todos os textos publicados na seção científica das revistas revelou-se uma tarefa impossível. Optamos, num primeiro momento, por um texto escrito e editado por Dario Vellozo, que demonstra o caráter científico das discussões, bem como a preocupação com as descobertas científicas do seu tempo. Por meio dele, pudemos ainda depreender a opinião de Dario Vellozo sobre tais assuntos.

É necessário, no entanto, expor o motivo central da escolha dos textos com ênfase nas discussões químicas e alquímicas para a análise do nosso objeto, uma vez que a história da ciência proporciona diferentes caminhos para sua investigação. Poderíamos percorrer as rotas sob as mais variadas perspectivas, como a Física, a Química, a Matemática, a Biologia, a Medicina, dentre tantas outras possibilidades. Nossa abordagem, porém, seguirá o fio da história da Química, antes dita *Alchimia*, pois tanto a Química quanto a Física modernas têm suas origens históricas em tempos muito remotos, quando ainda não havia uma separação entre o conhecimento mágico e o conhecimento científico. Essas disciplinas, que se consolidaram e atingiram seu apogeu de desenvolvimento em fins do século XIX e ao longo do século XX, mantêm uma íntima relação com um passado místico. As tecnologias atuais receberam um legado de séculos de observação, pesquisa e experiências para estar no atual estágio, questionável ou não, que estão hoje. E a ciência e a idéia de ciência que vigoram como paradigmas dos nossos tempos nem sempre foram pensadas ou concebidas como são entendidas hoje. Como tudo que é histórico, essas idéias sofreram um processo histórico e é esse processo que nos interessa investigar.<sup>142</sup>

O texto intitulado *Proezas da moderna Alchimia*, o qual aborda as experiências químicas e físicas feitas por cientistas renomados do início do século, publicado na

---

<sup>142</sup> Seguimos a sugestão metodológica proposta pelo historiador Alan Chalmers, que obsevou o desenvolvimento do pensamento da Física e das concepções de universo naturalista e mecanicista. Este autor trabalhou com o conceito da fabricação da ciência, verificando as relações sociais e políticas que permitiram que ela se consolidasse como paradigma no século XIX. *Passim*: CHALMERS, Alan F. *A fabricação da ciência*. São Paulo: Editora UNESP, 1994.

*Revista do Club Coritibano* em 1913, revela claramente que Dario Vellozo entendia a Química moderna como a antiga *Alchimia*, isto é, ele não via uma diferença entre a busca da pedra filosofal e as pesquisas dos modernos cientistas.

### Proesas da moderna Alchimia

Está realizado o velho sonho da alchimia: transmutar a materia vil em materia nobre.

Esta esperança que todos os povos perseguiram, que atravessou toda a historia, e na qual acreditaram, muito antes da era christã, o Egypto e a Chaldéa, a Judéa e a Grecia, que em Roma, Tertuliano, desde o terceiro seculo, amaldiçoou, que toda a nossa idade média manteve em segredo, sob a perpetua ameaça das fogueiras, e que por fim se tinha abandonado ha uma centena de annos, eis-a que, por uma singular surpresa da sciencia, ressurge como uma verdade.

Sir William Ramsay já nos tinha feito entrever a transmutação dos metaes. Desde horas, temos a transmutação das pedras.

Um sabio francez encontrou o segredo de transformar o corindon,<sup>143</sup> sem valor, num topasio ou num rubi.

Ouçamos a historia desse descobrimento, feito num laboratorio do Collegio de França, de que um grande homem de sciencia, Lapparent, deo, ha dias, conhecimento à Academia de Sciencias.

De ha tempos que o professor Bordas se preocupava com uma observação dos esposos Curie, observação que tinha merecido tambem, a interessada curiosidade de Berthelot. Sabe-se que o radium – esse prodigioso corpo – está encerrado em tubos de vidro, minusculos; pois bem, o vidro desses tubos ganha sempre uma magnifica coloração azul. Berthelot, estudando essa coloração, attribuiu-a a vestigios de manganez, que com o seo miraculoso poder de projecção o radium descobre no vidro e faz reviver.

O professor Bordas quiz levar mais longe este estudo, esta observação, afim de verificar se aquella explicação, sendo verosimil seria verdadeira e a unica.

Teve então a idéa de reccorrer aos productos naturaes os mais duros, ás pedras finas, e submetteu-os á acção do radium.

Pegou em coridons de quatrocentos réis o quilate e pol-os em contacto com um tubo de radium puro, e deixou-os, durante um mez, submetidos àquella acção, sem mais se preocupar. Ao cabo daquele lapso de tempo, foi surprehender aquellas pedras, que seria de um injustificado exaggero intitular preciosas. – *Ellas tinham mudado de cor!*

O coridon incolor tornara-se amarello como o topasio; o coridon azul, verde como a esmeralda; o coridon vilaceo, azul como a saphira.

---

<sup>143</sup> *Coríndon*, *Corindo* ou *Corundum* é um mineral à base de óxido de alumínio, que representa o valor nove em dureza, na escala de Mohs. Naturalmente transparente, pode ter cores diferentes de acordo com impurezas que pode ter. Os espécimes translúcidos, são usados como jóias; o de coloração vermelha é chamado de rubi, tendo outras cores, amarelo, rosa, púrpura, verde e cinzento; o azul é chamado de safira. Disponível em: <<http://mineratins.to.gov.br/iframe/estatico.php?id=233>> Acesso em: 24/07/2009.

Assim, se achava desde já destruída uma das mais incontroversas opiniões dos sábios: que cada pedra tem a sua cor, própria, que cada pedra tem o seu oxido próprio, e que não havia relação alguma entre esses oxydos. Mas, isto era apenas o prologo das surpresas reservadas ao espirito admiravel do preparador. O professor Bordas em seguida leva aquellas pedras transformadas ao joalheiro que lha'as vendera. Este não as reconhece já, e declara que em vez de quatro tostões o quilate, ellas valiam nove mil réis o quilate.

Não sabemos como é tecida a alma do professor Bordas; mas calculamos que deve ter experimentado uma commoção feita, a um tempo, de extranha alegria e de tétrico horror.

Surprehender-se, de repente, possuidor do segredo de fazer e desfazer fortunas, segredo que todas as gerações procuram impacientemente e desesperadamente desvendar, atravez esperanças insensatas e decepções seculares; dizer a si próprio que, talvez, amanha, vá arrazar industrias, mudar as cambias da Bolsa, deitar por terra, ao mesmo tempo, o calculo dos sábios e dos financeiros, conseguir todos esses factos de um alarmante imprevisto, com a simples revelação do seu segredo, traíndo a natureza que, durante milhares de annos, dissimulou o parentesco que liga o metal nobre ao metal vil, são coisas que justificam o estremecimento violento de um coração dentro do peito.

Mas, os sábios pensam unica e simplesmente na sciencia, e a ancianidade dos descobrimentos domina-lhes todos os sentimentos e todos os pensamentos.

O professor Bordas teve apenas um desejo: recommençar as experiencias, envolvendo-as de novas certezas.

Pedió, pois ao joalheiro que lhe cedesse corindons aos pares, dois incolores, exactamente identicos, dois violaceos, etc... Segurou, então os pares, e, guardando um coridon de cada par, como testemunha, poz o outro em contacto com um milligramma de radium. Este, fez novamente a reacção: penetraram nas pedras e submetteram-as a uma especie de bombardeamento luminoso. Ao cabo de algumas semanas, o experimentador tornou a observar os seus dois corindons e levou-os outra vez ao joalheiro. O corindon que soffrera a acção do radium transformara-se em rubi, e este que antes valia uns quinhentos réis o quilate, foi avaliado entre cem e cento e vinte mil réis.

Quanto às outras pedras submettidas à acção do radium, ellas transformaram-se assim:

O coridon vermelho escuro, tornara-se vilaceo; o coridon vilaceo, azulara (saphyra); o corindon azul, tornara-se amarello (topazio). se refere as cores da alchimia

Não ha, pois, differença entre as pedras, e tem razão o velho symbolo da alchimia, “dragão que morde a cauda”, para significar que na natureza não ha principio nem fim.

Sir William Ramsay, transformando o cobre em lithio, provara que a transmutação dos metaes não era uma chimera, o professor Bordas transformando a pedra vil em pedra preciosa, encontrou a transmutação das pedras, e o seu descobrimento tem mais importancia e valor pratico que aquelle, porque pode paralyzar, como lhe convier, a transmutação das pedras. O corindon tornado rubi conserva a sua cor, que nem o calor, nem a electricidade modificam.

Assim, a pedra philosophal, cuja rebusca foi, até ao seculo... XVIII, considerada um crime, essa varinha magica em que o seculo XIX ja não acreditava, o francez Curie a descobrio e o francez Bordas lhe provou o seo real valor.

O minusculo tubo de radium, grande como duas cabeças de alfinete juntas, comprido de dois alfinetes postos um ao longo do outro, eis a varinha da sciencia, com o auxilio da qual ha quem possa interferir no valor das joias, ennobrecendo as pedras. Que esse milligrama de radium valha uma fortuna, que um kilo seja avaliado em 80 mil contos de réis, isso que importa?! Alguns miligrammas bastam para transformar multiplas pedras, pois que cada milligrama deve conservar durante dois mil annos a sua força radio-activa.

Mas, quaesquer que sejam as consequencias economicas deste descobrimento scientifico, que o vil corindon adquira um valor inverosimil, ou que a pedra preciosa pelo contrario, caia do seo throno de gloria e se desvalorize, perdendo num dia todo o seo preço, devemo-nos inclinar, com respeito, deante deste novo milagre, porque, com elle, o homem acaba de adquirir sobre as cousas um poder que até agora era apenas regalia da divindade.

O radium parece que é a origem de tudo. A acção da radio-actividade vae, dia a dia, conquistando novas sorpresas, vae alastrando a area da suas emprevistas revelações, e, o assombro cresce e avoluma cada vez que a sciencia, a eterna insaciada e a eterna disvirginisadora dos mais insondaveis segredos da natureza, pela voz dos seos apaixonados, nos vae exhibindo todos os seos exitos.

Que extraordinaria maravilha, que surprehendentemente magia encerra o radium que tanta cousa transforma, tanta cousa transmuda, que dir-se-hia, conta na sua propria essencia, perpetuamente luminosa, o poder mysterioso, occulto e ainda ignorado da vida inicial. Outros maravilhosos descobrimentos, certo, se deverão à acção do radium, e a vida actual, que tem as suas superstições e os seos preconceitos de organização social alicerçados em bases que se julgavam solidas, talvez esta vida tenha de transformar-se tambem, e então o spectaculo da sua desorganização será um extraordinario capitulo a que – ae de nós não podermos assistir.

Já não será a fantasia quem ha de erguer as regiões ainda hoje chimericas as ambições desmedidas e as ancias impacientes, mas a verdade, que então, volvidos annos, proclamará a sua acção, exclusiva, e, chimeras, sonhos, tudo rolará, desdenhado e escarnecido, pelas gerações futuras, no pó da inutilidade.

Sim, não ha descobrimento que mais do que este, justifique a phrase de certo philosopho:

\_ Os deozes invejam o que os homens descobrem.<sup>144</sup>

Por meio desse artigo, podemos perceber que Dario Vellozo acompanhava os resultados das experiências desenvolvidas por seus contemporâneos e que ele explicitava claramente o que pensava a respeito dessas pesquisas, “*Está realizado o velho sonho da alchimia: transmutar a materia vil em materia nobre.*”

Para podermos empreender uma análise mais elaborada desse documento, será necessário fazermos uma viagem pelo tempo em busca das origens da ciência. É

---

<sup>144</sup> Revista do Club Coritibano, ANNO XIV, no. 3, Março de 1913.

necessário, no entanto, conceituarmos devidamente a natureza do nosso objeto: a idéia de ciência, recorrendo aos argumentos de autores que escrevem sobre o assunto.

Não é difícil constatar que a história da ciência é um tema multidisciplinar. Várias categorias de cientistas, químicos, matemáticos, físicos, biólogos propõem-se a discuti-lo. O diálogo com essas referências é fundamental, na medida em que nos leva a perceber que não somente historiadores podem falar da história da ciência. Afinal outras visões, outras narrativas, outros discursos são sempre enriquecedores.

Em seus estudos sobre religião e ciência no Renascimento, o antropólogo Klaas Woortmann afirma que ciência e magia nunca foram idéias pensadas separadamente.<sup>145</sup> O conhecimento, saber antigo, esteve sempre cercado de mistério, do Egito às comunidades célticas. Na Antiguidade, na Idade Média, no Renascimento, ciência e magia foram componentes de um saber oculto, a chamada “Ciência Sagrada”, que engloba elementos de Magia, Astrologia, Cabala e Alquimia. Essas idéias ainda se fizeram presentes no Iluminismo, porém com uma tônica mais crítica. O divórcio entre ciência e magia só aconteceu efetivamente no século XIX, século do racionalismo e cientificismo por excelência. Parece-nos, em um primeiro momento, que os curitibanos não somente permaneceram fiéis ao pensamento místico-científico tradicional, como também reelaboraram novas idéias e ressignificaram velhas crenças. Como livre-pensadores, transitaram pelas discussões do positivismo, do evolucionismo, do simbolismo e do espiritualismo de seu tempo. As influências que sofreram foram notadamente européias. Havia nas discussões uma miscelânea de argumentos, ora científicos, ora místicos, mas que juntos constituíam uma maneira muito coerente de conceber seu mundo.

A palavra “ciência” vem do latim *scientia*, e significa conhecimento. Segundo a física e historiadora da ciência Ana Maria Alfonso Goldfarb, foi no século XIX que o termo ganhou seu atual sentido e a palavra cientista passou a ser usada para demoninar aqueles que se dedicam a estudos específicos.<sup>146</sup> Até o advento do Iluminismo, essa palavra, ou seu cognato latino, significou qualquer conhecimento gravado, sistemático ou exato. Definir uma conceituação única, a-histórica e universal de ciência, no entanto, é uma tarefa difícil. Tal complexidade se dá pelo fato de termos de pensar em idéias múltiplas de ciência co-existent em nossa época e co-existent em outros passados.

---

<sup>145</sup> WOORTMANN, K. *Religião e Ciência no Renascimento*. Brasília. Editora Unb. Disponível em: < <http://www.unb.br/ics/dan/Serie200empdf.pdf> > Acesso em: 24/07/2009.

<sup>146</sup> GOLDFARB, Ana Maria Alfonso. *O que é História da Ciência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. p. 17.

Nosso objeto se revela, nesse sentido, multidimensional, o que nos leva a tomar determinados cuidados conceituais, para não cairmos em armadilhas, ao tratar o tema.

Michel Serres, filósofo e matemático, professor de história das ciências na Universidade de Paris, observa que a ciência não pode ser pensada linearmente, pois não se pode falar em uma ciência única e, sim, em “ciências”.<sup>147</sup> Para ele, a questão da história das ciências está diretamente envolvida numa condição histórica das ciências, pois devemos levar em conta a sua fragmentação e especialização a partir do XIX e a pluralidade de categorias científicas, chamadas disciplinas que passaram a existir. Ainda que fale em ciências, Serres não nega a existência da tradição de um “saber científico”, que ele estabelece como um “ponto fixo”, um paradigma de pensamento sobre a idéia de ciência vivido por cada época. A ordem clássica é um desses pontos fixos estabelecido por ele.<sup>148</sup> É a ponderação, a referência tranquila que equilibra e torna o mundo concebível, é a razão, e filosoficamente somos herdeiros dessa tradição de pensamento. Nossa pesquisa leva-nos a crer que o hermetismo é um desses pontos fixos a que se refere Serres, pois segundo ele, esses pontos fixos conseguem sintetizar em si *archês*, isto é, elementos que não variam. A ciência sempre existiu. A idéia de ciência também sempre existiu, embora chamada por outros nomes e concebida de diferentes formas. O *archê* hermético foi constante nas referências que estudam a história da ciência, nos revelando que sua história se confunde com a própria história da ciência.

Dialogamos também com outro autor, Paolo Rossi, que analisa a história da ciência sob uma perspectiva um pouco diferente. Afirma o autor, que o tipo de saber a que atribuímos hoje o nome de ciência, nasceu na Europa e propagou-se com extraordinária rapidez por todas as áreas do planeta. Para ele, este saber está presente não só em culturas não ocidentais de tradição muito antiga, mas também em povos que, há um século, eram considerados “primitivos”. Observa ainda, que este saber teria “normas gerais” transversais em relação às etnias, às civilizações, às nações, às tradições religiosas e culturais. Existe também nesse sistema de normas, uma ética científica que é partilhada por todos os membros das comunidades científicas e que é (numa medida historicamente variável), independente das línguas ou dos credos políticos e religiosos. As pesquisas e os avanços científicos são compartilhados e submetidos a um tribunal ético onde uma descoberta tem que passar por um

---

<sup>147</sup> SERRES, Michel. *As ciências*. In.: LE GOFF, J.; NORA, P. *História: Novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. p. 160 – 164.

<sup>148</sup> Referência ao pensamento grego. *Ibidem*, p. 164.

reconhecimento público. A figura histórica deste cientista moderno, que compartilha seu conhecimento com seus pares, segundo Rossi, nasceu em finais do XVI e do XVII, culminando na “revolução científica” desse século. Onde vemos, então, a consagração da profissão cientista.

Nesse tempo, para se ser “cientista”, não era necessário ser-se perito em latim ou em matemática, ter-se um amplo conhecimento de livros ou uma cátedra universitária. Todos, professores, experimentadores, artesãos, curiosos e diletantes, tinham acesso à actas das academias e podiam ser membros das sociedades científicas.<sup>149</sup>

Poderíamos perfeitamente reconhecer a figura deste cientista no mago, no astrólogo ou no alquimista que precederam a revolução científica. À parte a discussão das características dos homens de conhecimento, Rossi e Serres concordam numa coisa, na existência de um fio condutor do saber de uma época chamado ciência, mesmo que entendida sob o ponto de vista de diversas variantes contextuais.

Nos dicionários usuais, a palavra ciência está sempre relacionada a expressões como razão, verdade, natureza, método, lógica, conhecimento empírico... várias idéias podem ser referidas a este termo, tendo incorporado cada um dos conceitos historicamente construídos os quais já foram *archês* em algum momento histórico. De Aristóteles, Galileu, Bruno, Bacon, Kepler, Descartes, Newton a Comte, temos diversos *archês* de verdades científicas, de ordem de mundo e sentido político, cultural e religioso. O fato é que, paralelamente a esse paradigma científico, sempre houve o conhecimento oculto, ou a crença nele, de uma ciência sagrada, estudado e praticado por sábios, magos, alquimistas e cientistas. Historicamente sabemos que conhecimento e ciência são conceitos necessariamente associados a alguma forma de poder, por isso então velados.

Embora, atualmente, a ciência renegue seu passado mágico, historicamente ela sempre esteve ligada a essa tradição de saber. O hermetismo, via de regra, possibilitou o desenvolvimento do saber científico, associando magia e ciência propriamente dita. Segundo Paolo Rossi, a tradição mágico-hermética teve um peso relevante sobre o pensamento de muitos expoentes da chamada revolução científica. E, no limiar da modernidade, esse enredo entre magia e ciência não pode ser desfeito tão facilmente.<sup>150</sup>

---

<sup>149</sup> ROSSI, P. *O Cientista*. In.: VILLARI, Rosario. *O homem barroco*. Lisboa: Editorial Presença, 1995. p. 233.

<sup>150</sup> ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Bauru: EDUSC. 2001. p. 59.

Em sua acepção lingüística, “hermético” quer dizer fechado, obscuro, de compreensão difícil. O atual entendimento que se faz dessa expressão advém do caráter secreto dos ensinamentos herméticos do gnosticismo ocidental, divulgado apenas aos poucos adeptos e iniciados. Já o hermetismo, entendido como uma doutrina ligada ao gnosticismo, formada pela fusão dos elementos doutrinários orientais e neoplatônicos, cristalizou-se na idéia de um ensinamento no qual se misturam filosofia e alquimia. O veículo que permitiu a perpetuação de tais ensinamentos da antiguidade para o mundo moderno foi a tradição. Segundo Yates, a tradição hermética foi viabilizada dos tempos antigos para os tempos modernos por meio de ordens secretas, como a Rosa-Cruz. Podemos depreender dois sentidos legados por essa tradição: o sentido místico e o sentido científico, embora em seus primórdios, eles não tenham sido pensados separadamente; apenas no século XVII iniciou-se a cisão dessas duas perspectivas de conhecimento. Podemos de antemão afirmar que a tradição hermética conseguiu perpetuar-se por meio das práticas dos alquimistas. No entanto, a tradição hermética não foi só transmitida oralmente, mas também textualmente, o que facilita, em boa medida, a nossa investigação, pois o texto, enquanto fonte concreta, nos garante a consulta e nos permite a formulação de hipóteses mais palpáveis. Tais textos compõem o *Corpus hermeticum* e merecem a nossa especial atenção.

Podemos afirmar com segurança que a concepção de ciência de Dario Vellozo está intimamente relacionada à tradição hermética, questão esta que trataremos nos itens que se seguirão.

## 5.1 Magia: a ciência divina

*Os Princípios da Verdade são sete: aquele que os conhece perfeitamente possui a Chave Mágica com a qual todas as Portas do Templo podem ser abertas completamente.*<sup>151</sup>

O Caibalion

Se queremos empreender uma análise sobre a concepção de ciência de Vellozo, devemos seguir o fio da tradição hermética, visto que esse pensador está fortemente relacionado à essa tradição. Para tanto, é necessário recuarmos no passado, onde história e mito, como nos tempos de Heródoto, se confundem.

---

<sup>151</sup> Três Iniciados. *O Caibalion*: estudo da filosofia hermética do antigo Egito e da Grécia. São Paulo: Editora Pensamento. 1908. p. 19.

Thot é o mais misterioso dos deuses egípcios. É símbolo da sabedoria e autoridade. É o escriba silencioso que, com sua cabeça de Íbis, a pena e a tabuleta, registra os pensamentos, as palavras e os atos dos homens, que mais tarde pesará na balança da Justiça. Platão diz que Thot foi o criador dos números, da geometria, da astronomia e das letras. A cruz que leva na mão é símbolo de vida eterna e seu bastão emblema de sabedoria divina. Esse mesmo deus na Grécia aparece como Hermes, em Roma como Mercúrio, na Babilônia como Nebo.

Os arquétipos simbólicos incorporados pelo deus Hermes estão ligados à comunicação, escrita, conhecimento, ciência, magia, astrologia e alquimia. Algumas correntes místicas defendem que Hermes existiu em tempos de Moisés. Outras dizem ainda que Hermes foi Moisés. Acredita-se também que Hermes tenha sido o selo de uma escola de sábios da antiguidade. Hipótese mais plausível em nossa opinião. Aqui estão colocados os limites da nossa pesquisa. Não nos interessa saber se Hermes efetivamente existiu ou não, mas sim saber como a crença em seus ensinamentos, bem como a sua influência, têm se perpetuado como referência de uma ciência sagrada por tantos séculos.

Nesse sentido, Frances Yates nos fornece um importante trabalho sobre a tradição hermética renascentista. Afirma a autora que os humanistas clássicos recuperaram a literatura e os monumentos da antiguidade clássica com sentimentos de retornar ao ouro puro da civilização. Os reformadores religiosos voltaram-se para o estudo das Escrituras e dos Evangelhos. Os textos antigos foram revisitados. Buscou-se a idade de ouro da magia, que, cria-se, vinha de longínquos tempos egípcios. Porém, as obras inspiradoras dos magos da Renascença, as quais eles acreditavam pertencer a mais remota antiguidade, na verdade haviam sido escritas entre os séculos II e III d.C.<sup>152</sup> Essas obras eram produto do substrato pagão do primitivo cristianismo, aquela religião gnóstica, fortemente tingida de magia, cheia de influências orientais. Estes escritos

---

<sup>152</sup> Segundo Frances Yates, “o que os magos renascentistas aprendiam não era a sabedoria egípcia de tempos um pouco posteriores ao dos patriarcas e profetas hebreus, e muito anterior a Platão e aos demais filósofos da Antiguidade grega, dos quais todos haviam bebido da fonte sagrada. A constatação de que o *Corpus Hermeticum* fora uma criação dos cristãos gnósticos do início da era cristã, que tentavam corroborar o advento do Messias e tornar a doutrina cristã mais agradável aos gentios, foi feita por Isaac Casaubon em 1614”. Frances Yates considera a fixação da data de Hermes Trismegisto como um divisor de águas entre o mundo renascentista e o mundo moderno, pois tal descoberta esmagou de um só golpe a estrutura do platonismo renascentista, cuja base se assentava nos *prisci theologi* dos quais o principal era Hermes Trismegisto. Destruíu a situação do mago e da magia renascentista, com seus fundamentos hermetico-cabalistas, alicerçados na antiga filosofia egípcia e no cabalismo. (YATES, *Giordano... op. cit.*, p. 13, 14 e 440.). É importante lembrar que, embora Casaubon tenha minado a crença numa tradição hermética, mais tarde os textos foram revisitados e houve um ressurgimento de um neo-hermetismo, intimamente associado à Alquimia, graças aos invisíveis rosa-cruzes.

seriam, em sua maior parte, produto dos neoplatônicos egípcios, grandemente influenciados pelo estoicismo, pelo judaísmo e pela teologia persa.

Inspirada em Hermes Trismegisto desenvolveu-se uma extensa literatura em grego, consagrada à astrologia, às ciências ocultas, às virtudes secretas das plantas e das pedras e à magia simpática, baseada principalmente no conhecimento das correspondências planetárias.<sup>153</sup> Segundo Yates, ignora-se quando o quadro de referências hermético foi primeiramente utilizado pela filosofia. Entretanto, o *Corpus Hermeticum*, composto por *Poimandres*, *Asclépios*, *Tábua de Esmeralda*, além de outros textos, são parte desse conjunto textual e devem provavelmente pertencer aos primeiros séculos da era cristã. Esses escritos geralmente aparecem na forma de diálogo entre Hermes-nous e seus discípulos.<sup>154</sup> Posteriormente, muitos outros textos herméticos, principalmente alquímicos, foram escritos e acrescentados à *Hermética*. É o caso do *Picatrix*, escrito em árabe no século X, e do *Mutus Liber*, o livro mudo da alquimia, publicado no século XVII.

O contexto histórico e o estado de espírito da época<sup>155</sup> do século II, no qual foi escrito o *Corpus Hermeticum*, foi analisado por Festugiere, o qual afirma que, aparentemente, aquele mundo da *pax romana* estava no auge da sua vigência e as populações mistas do Império Romano eram eficientemente governadas por uma burocracia. A rede de estradas facilitava as comunicações. As classes instruídas haviam absorvido a cultura grego-romana baseada nas sete ciências humanas. As condições mentais e espirituais desse mundo, porém, eram estranhas. O esforço intelectual da filosofia grega exauria-se, possivelmente porque o pensamento grego jamais adotou a verificação experimental de suas hipóteses, passo que só seria dado quinze séculos mais tarde, com o surgimento do moderno pensamento científico do XVII.<sup>156</sup> Yates afirma

---

<sup>153</sup> Em latim "Hermes o Três-Vezes-Grande", derivado do Grego Ερμης ο Τρισμεγιστος. Três vezes mago. No prefácio de uma obra sobre alquimia do século XII, afirma-se que havia três Hermes, nomeados Enoch, Noé e Hermes Triplex, rei, filósofo e profeta, que reinou no Egito após o Dilúvio. A mesma genealogia de "Hermes Mercurius Triplex" é também apresentada num tratado do século XIII sobre astrologia, com a mesma explicação para o termo "tríplice". Em Ficino, há uma explicação semelhante da palavra "Trismegisto", referente a Hermes em sua tríplice capacidade de sacerdote, filósofo e rei legislador. (YATES, *Giordano... op. cit.*, p. 61.). Já a expressão "Hermetismo" por sua vez vem do latim *hermeticus* e tem sentido de "fechado, impenetrável, sigiloso, misterioso" se confundindo inclusive com o conceito de esoterismo, discutido anteriormente. E "hermenêutica", palavra de mesma raiz, está associada a "interpretação, esclarecimento, exposição", sendo a hermenêutica em sua origem, a arte de interpretar os textos sagrados.

<sup>154</sup> "Sou eu, nous, teu Deus, Asclépio... e a luminosa palavra que flui do nous é o Filho de Deus." (HERMES TRISMEGISTO. *Ensinamentos Herméticos*. Edição da Ordem Rosacruz. Curitiba. p. 8.)

<sup>155</sup> Mantivemos a expressão "espírito de época" como usada por Yates. (YATES, *Giordano... op. cit.*, p. 15.)

<sup>156</sup> *Apud*: YATES, *Ibidem*, p. 16.

que esse mundo do século II, todavia, buscava intensamente o conhecimento da realidade. Voltou-se, então, para outros modos de buscar respostas, modos intuitivos, místicos e mágicos, uma vez que a antiga razão grega, aparentemente falhara. Buscou cultivar o *nous*, a faculdade intuitiva do homem.<sup>157</sup> A esse respeito, Umberto Eco também afirma que o hermetismo do século II procurava uma verdade secreta contida nos textos, mas a revelação estaria além do discurso dos homens. A verdade se identificava com aquilo que não estava dito, ou estava, de um modo obscuro, e deveria ser entendido além das aparências.<sup>158</sup>

Foi durante a Renascença que a tradição hermética, oriunda do século II, se notabilizou, principalmente por meio de Marsílio Ficino e Giordano Bruno. Frances Yates sugere uma relação entre as viagens do italiano Giordano Bruno pela França, Inglaterra e Alemanha e a sobrevivência da tradição hermética entre os rosacruzes, embora reconheça que tal relação necessitaria de uma investigação mais pormenorizada. Bruno andara pela Alemanha pregando o advento de uma reforma mágica e o

---

<sup>157</sup> “*Nous*” é uma expressão grega que não possui uma transcrição direta para a língua portuguesa. Pode significar atividade do intelecto ou da razão em oposição aos sentidos materiais. Muitos autores atribuem como sinônimo à *Nous* os termos “Inteligência” ou “Pensamento”. O significado ambíguo da palavra é resultado de sua constante apropriação por diversos filósofos, para denominar diferentes conceitos e idéias, dependendo do filósofo e do contexto. Por vezes pode-se entender como uma faculdade mental ou característica, outras vezes, como uma qualidade do universo ou de Deus. Homero usou a expressão *nous* como atividade mental. No período pré-Socrático o termo foi gradualmente atribuído ao saber e a razão, em contraste aos sentidos sensoriais. Anaxágoras descreveu *nous* como a força motriz que formou o mundo a partir do caos original, iniciando o desenvolvimento do cosmo. Platão definiu *nous* como a parte racional e imortal da alma. É o divino e atemporal pensamento no qual as grandes verdades e conclusões emergem imediatamente, sem necessidade de linguagem ou premissas preliminares, ou seja, faculdade pela qual se intui as idéias. Aristóteles associou *nous* ao intelecto, distinto de nossa percepção sensorial e graças ao qual reconhecemos as substâncias. Ele ainda dividiu-o entre *nous* ativo e passivo. O passivo é afetado pelo conhecimento. O ativo é a eterna primeira causa de todas as subseqüentes causas no mundo. E Plotino descreveu *nous* como uma das emanações do ser divino. Segundo Humberto Eco, no século II o *Nous* apresentou a faculdade da intuição mística, da iluminação não-racional, da visão instantânea e não-discursiva. “Hermes pergunta a Poimandro quem ele é, e Poimandro responde que ele é *Nous*, Mente.” A Ordem Rosacruz usa *nous* para descrever a força universal, cósmica, criativa, a energia que pode ser considerada como Mente ou energia psíquica, cósmica. Os escritos dizem que a Mente está sempre com o homem. Em outras palavras, o homem tem em seu interior a Mente Cósmica; ele nunca está separado dela. Síntese de: HERMES TRISMEGISTO. *Ensinaamentos Herméticos*. Edição da Biblioteca Rosacruz, 2005; SADOUL, Jacques. *O tesouro dos alquimistas*. Brasília: Editora Unb. s/d. Acervo da Biblioteca da UnB.

<sup>158</sup> “A busca da verdade não revelada, está num passado antiqüíssimo: a verdade é uma coisa que habita ao nosso lado desde o início dos tempos, salvo quando a esquecemos. E se a esquecemos, alguém deve tê-la conservado para nós; e nós não somos mais capazes de compreender suas palavras. Esta sabedoria deve portanto, ser exótica. Jung explicou que quando uma imagem divina torna-se muito familiar a nós perde seu mistério, voltando-nos para as imagens de outra civilização, porque somente os símbolos exóticos conservam uma aura sagrada. Para o século II, a sabedoria secreta deveria portanto, morar com os druidas, sacerdotes celtas, ou com os sábios do Oriente, que falavam línguas incompreensíveis”. (ECO, Umberto. *O irracionalismo ontem e hoje*. Conferência pronunciada na Feira de Frankfurt, em 6 de outubro de 1987 e publicada na edição de 31 de outubro de 1987 da Folha de São Paulo. Tradução de Rodão Arruda. ICC – Dpto. de História – Núcleo de Estudos Clássicos.)

movimento rosa-cruz deixa transparecer nuances que recordam Bruno, mas também há divergências nesse sentido.<sup>159</sup>

Antes de prosseguirmos com nossa discussão sobre o hermetismo renascentista, é importante esclarecer o que podemos compreender por “magia”, uma vez que essa expressão pode ser confundida com feitiçaria ou bruxaria. A ciência sagrada como compreendida pelos sábios antigos, medievais e renascentistas era composta por quatro artes: a Magia, a Astrologia, a Cabala e a Alquimia.<sup>160</sup> Muitos dos filósofos renascentistas, fortemente influenciados pelo hermetismo, reconduziram a prática da magia. Antes magia natural, associada as forças da natureza e planetárias, depois magia aplicada, associada principalmente à Alquimia. No Ocidente, as palavras “magia”, “mago”, “mágico”, “magnético”, provêm da mesma raiz. Em grego *Mageia*, vindo de *Mag* (da tribo dos medos). Já *Mag*, *Magh*, *Magus* derivam de *Mahaji*. Em sânscrito temos *Maha-atma*, que significa “o da grande alma ou espírito”, associado ao sacerdote do deus do fogo dos tempos pré-védicos. Nos Evangelhos são mencionados três reis magos que visitaram o messias. Além de magos, consta também que tais reis eram astrólogos. A palavra “mago” nesse evento bíblico deriva do persa *Mobed*, *Megh* e ainda *Meh-ab*, que queria dizer homem de grande de força, e *Magusk*, homem sábio. Os discípulos de Zoroastro, por exemplo, eram chamados de *Megh-estom*. E tanto Moisés como Daniel eram magos que praticavam a magia caldaica e egípcia. Nesse caso, a palavra mago em caldeu deriva de *magh* ou *mah-hindu*, que significa um homem versado em ciência secreta e esotérica. É tão impossível precisar a origem da palavra magia, quanto indicar o dia em que nasceu o primeiro homem, pois a magia é tão antiga quanto o homem, como afirma Blavatsky.<sup>161</sup> No entanto, alguns autores modernos esforçam-se para provar que Zoroastro foi o fundador da magia, unicamente porque foi o fundador da religião dos magos. Mas a prática da magia pode ser observada em outras culturas, as quais nunca tiveram contato entre si. Cada uma das religiões, onde a magia é praticada de alguma forma, baseia-se nos estudos dos conhecimentos ocultos da natureza e maneiras de manipulá-la, juntando-se à ela o conhecimento da alquimia e da astrologia.

A palavra “magnetismo”, por sua vez, deriva de Magnésia, cidade antiga da Tessália, onde se encontravam muitos pedras imantadas. E não foi difícil estabelecer-se

---

<sup>159</sup> YATES, *Giordano... op. cit.*, p. 455.

<sup>160</sup> RIFFARD, *op. cit.*, p. 35.; FAIVRE, *op. cit.*, p. 21.; YATES, F. *Giordano... op. cit.*, p. 57 – 74.

<sup>161</sup> BLAVATSKY, Helena P. *A doutrina mística*. Narrações Ocultistas. São Paulo: Editora Hemus. s/d., p. 193.

uma associação entre a idéia de magia e magnetismo, visto que ambos pressupõem um poder simpático e de atração. Já o parônimo de mago, “mágico”, assumiu um significado muito diferente do que teve no passado. Hoje é associado ao embusteiro e charlatão. Mas em sua origem era sinônimo de honrado e respeitável, possuidor do conhecimento e da sabedoria.<sup>162</sup>

Riffard afirma que para a magia ser operada considera-se que há três tipos de mundo: o elemental, o celeste e o intelectual. Portanto, há a magia natural, a magia celeste e a magia cerimonial. A magia, nesse sentido, é uma faculdade que tem um imenso poder pleno de mistérios bastante exaltados, e que reafirma um conhecimento muito profundo das coisas mais concretas, sua natureza, seu poder, sua qualidade, sua substância, seus efeitos, sua diferença e seus produtos. A partir daí, ela produz seus efeitos maravilhosos pela união e aplicação feitas das diferentes virtudes dos seres superiores com as inferiores. Trata-se da verdadeira ciência, a filosofia mais elevada e mais misteriosa, a perfeição e a realização de todas as ciências naturais, pois toda a filosofia estabelecida se divide em física, matemática e teológica.<sup>163</sup>

Outra relação importante a ser mencionada com a magia é a “imaginação”, isto é, o poder de criar mentalmente, movido por uma vontade. *Imaginatio* é parente de *magnet*, *magia*, *imagio* e também *imagem*. É o principal instrumento do conhecimento (de si, do mundo e da natureza).<sup>164</sup> Segundo *O Caibalion*, o poder é mental. É a força da mente e da imaginação que pode criar e movimentar. Portanto, podemos entender por magia o poder de concentrar a vontade na imaginação criadora, possível por meio do conhecimento das leis da natureza. É a vontade que põe a força em movimento e produz matéria.<sup>165</sup>

A mente (tão bem como os metais e os elementos) pode ser transmutada de estado em estado, de grau em grau, de condição em condição, de pólo em pólo, de vibração em vibração. A verdadeira Magia é uma Arte Mental.<sup>166</sup>

---

<sup>162</sup> *Ibidem*, p. 191.

<sup>163</sup> RIFFARD, P. *Op. cit.*, p. 90.

<sup>164</sup> No capítulo “Esoterismo, o lótus conhecimento”, mencionamos que a imaginação é um dos elementos que identificam um esoterismo, como elencado por Faivre. (FAIVRE, *op. cit.*, p. 20 – 21.). A respeito da relação entre imaginação e criação, afirma Alice Bailey que: para que um indivíduo possa tornar sua criação real, seja ela uma pintura, escultura ou um invento qualquer, deve ele antes imaginar, criar mentalmente, planejar. Do pensamento-forma passa-se a execução do que foi imaginado efetivamente. *Passim*: BAYLEY, Alice A. *Um tratado sobre magia branca: o caminho do discípulo*. Editado por Lucis Publishing Company/New York. Porto Alegre: Gráfica e Editora A Nação, 1951.

<sup>165</sup> *Passim*: *O Caibalion*, *op. cit.*

<sup>166</sup> *Ibidem*, p. 32.

É importante ressaltar que, desde a Renascença, não somente a Igreja, como também os sábios, condenaram a “baixa magia”, consideravam os sortilégios como prática ilícita de bruxaria. Não somente a magia, mas também a astrologia, que tentava prognosticar o futuro, eram tidas como supersticiosas e eram severamente condenadas e punidas. Os vaticínios eram coisas de adivinhos e feiticeiros. No entanto, grandes navegadores, como Vasco da Gama, tiveram o conhecimento da astrologia para empreender suas viagens, sem serem perseguidos pela Igreja. A questão é que esta astrologia de Gama era uma astrologia científica, diferente da astrologia judiciária (supersticiosa), como observa Faria.<sup>167</sup>

Para frisar a diferença entre a baixa e a alta magia, é interessante demonstrar que, durante a Renascença, o abade Tritheim (1462 – 1516) deu um depoimento significativo sobre a prática da alta magia: “A magia, falo da magia natural, não produz somente efeitos visíveis, mas, além disso, ilumina maravilhosamente, no conhecimento da divindade, o espírito do homem instruído nessa arte, concedendo à alma frutos invisíveis”.<sup>168</sup> Segundo Riffard, o abade que tentou restringir seu conceito de magia, passando à magia natural, e de magia natural, à magia lícita, acabou, na verdade, ampliando sua idéia até entender por magia o conhecimento doutrinal e operativo dos segredos da natureza, da arte, do espírito e de Deus, diferindo a alta magia da magia especulativa e prognóstica.

Entendido o sentido de magia ao qual nos referimos, voltemos ao Renascimento. Segundo Yates, magia, astrologia, cabala e alquimia compunham o hermetismo renascentista. A magia associada ao movimento, a astrologia associada à luz, a alquimia associada ao calor e a cabala associada ao verbo. Acreditava-se que por meio dessas quatro artes poder-se-ia operar e manipular a natureza. Percebe-se uma constante presença da cabala nos escritos herméticos renascentistas, bem como do esoterismo pitagórico.<sup>169</sup> Além de Giordano Bruno, em menor escala, Pico della Mirandola, John Dee e Reuchlin são alguns dos nomes de hermetistas cabalistas abordados por Yates na sua investigação acerca da tradição hermética.<sup>170</sup> Ainda que Casaubon tenha quebrado a

---

<sup>167</sup> FARIA, Miguel. *Vaticínios e superstições: 1524 – 1577*. In.: Revista Oceanos, *Memória da África*. no. 73, Março 1993. p. 50 – 57.

<sup>168</sup> RIFFARD, P. *Op. cit.*, p. 89 – 90.

<sup>169</sup> Fludd, por exemplo, combinou o hermetismo com o misticismo numerológico de Pitágoras e da Cabala para a produção dos seus diagramas extáticos. E John Dee foi fortemente influenciado pela idéia dos anjos cabalísticos. (YATES, *Giordano... op. cit.* p. 468.)

<sup>170</sup> Embora saibamos da importância da Cabala para o hermetismo renascentista, não aprofundaremos o tema, pois necessitaríamos de uma pesquisa mais direcionada sobre o assunto e ainda assim não conseguiríamos contemplá-lo devidamente no presente trabalho, até porque estamos tentando centrar

tradição hermética renascente, ela sobreviveu por meio de outras abordagens, como a de Campanella, Fludd e Kircher no século XVII, as quais garantiram a sua perpetuação.<sup>171</sup>

Embora o discurso científico do século XVII tenha se tornado cada vez mais empírico e racional, dando espaço ao ceticismo místico, encontramos uma revitalização do hermetismo nessa época no que diz respeito à Alquimia aplicada. E, segundo Yates, foram os rosacruzes os grandes responsáveis pela promoção e divulgação desse neo-hermetismo<sup>172</sup> para uma reforma geral do mundo. Assim, entendido os fatores que permitiram a sobrevivência da tradição hermética, podemos avançar nosso tema e discutir a natureza dos escritos herméticos.

O saber sempre esteve associado a uma forma de poder. O conhecimento sempre esteve cercado de mistério, aquilo que se é incapaz de explicar ou compreender. O segredo matemático e arquitetônico das grandes construções, das pirâmides, das igrejas, dos templos, foi muito bem guardado e velado por símbolos, passíveis de serem interpretados apenas por adeptos e iniciados. As profissões antigas como médico, ferreiro, vidreiro e carpinteiro também guardavam os segredos dos seus ofícios.<sup>173</sup> A farmacologia e a química também constituíam segredos guardados à sete chaves. E a ciência propriamente dita não fugiu a essa regra.

Ai de mim se revelo e ai de mim se não revelo!  
Se digo o que sei, os maus aprenderão a cultivar  
seu Mestre; se não digo, os companheiros  
continuarão ignorantes da verdadeira sabedoria.”  
*Mutus Liber, Livro I*<sup>174</sup>

---

nossa discussão no que concerne os aspectos da alquimia no hermetismo. Para efeitos de noção geral, lembramos que no capítulo que tratamos da “Tradição: a chave da memória”, expusemos como funciona a idéia do poder criador do verbo. A Cabala se faz presente nas práticas alquímicas devido à evocação de nomes e palavras sagradas com efeitos mágicos.

<sup>171</sup> Em suas primeiras obras, Fludd anuncia ser um discípulo rosa-cruz, a misteriosa seita ou sociedade secreta aparentemente originária da Alemanha e de um meio luterano. A evidência quanto às idéias dos rosa-cruzes é torturantemente imprecisa, não havendo nenhuma certeza de que eles tenham sido uma seita organizada. Os rosa-cruzes representam uma tendência do hermetismo renascentista e de outros ocultismos que caíram na clandestinidade, no século XVII, transformando o que havia sido um modo de ver o mundo, associado às filosofias dominantes, em preocupações das sociedades secretas e grupos minoritários. (GARIN, *Apud.*: YATES, *Giordano... op. cit.*, p. 445 e 449.)

<sup>172</sup> Recorremos ao prefixo “neo” no sentido de diferenciar o hermetismo renascentista de Giordano Bruno e o hermetismo iluminista de Marin Mersenne, que segundo Yates é o “anunciador da nova ciência”. (*Ibidem*, p. 480.)

<sup>173</sup> Ver os estudos de Mircea Eliade sobre os “ferreiros e alquimistas”. O trabalho dos metais, impossível sem o domínio do fogo, ficou durante muito tempo associado a uma atração, a uma obsessão mágica. A fabricação de utensílios e armas na antiguidade foram consideradas artes sagradas. *Passim*: ELIADE, Mircea. *Ferreiros e alquimistas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

<sup>174</sup> CARVALHO, José Jorge. *Mutus Liber*: o livro mudo da alquimia. São Paulo: Attar, 1995. p.14.

A questão do segredo é essencial para o conceito de esoterismo, bem como se confunde com a própria idéia de hermetismo. O conceito de hermetismo está diretamente relacionado aos verbos “saber, querer, ousar e calar”, resguardados do tempo pela Esfinge de Gizé. A esfinge é um símbolo que, por conceito, sintetiza várias idéias e guarda na sua essência aquilo que tem significado. O saber como segredo está, portanto, implícito na idéia do hermetismo, que oculta, vela e guarda a ciência divina. E o hermetismo historicamente traduz-se por si mesmo como o mistério. Riffard afirma que a premissa básica dos esoterismos é o culto ao segredo, pois somente os adeptos e iniciados acessam as portas, por meios das chaves, isto é, o entendimento da linguagem simbólica, assim se resguardando dos profanos.<sup>175</sup> Nas receitas para a fabricação de vidro do período cassita mesopotâmico, por exemplo, René Guenon encontrou o alerta “aquele que sabe pode mostrar àquele que sabe, mas aquele que sabe não deve mostrar àquele que não sabe”. Nesse sentido, a estratégia milenar para velar segredos tem sido a linguagem simbólica, seja por meio das figuras de linguagens, de parábolas, de símbolos, desenhos, etc. Mas as razões de se guardar os segredos herméticos por meio dos simbolismos se deu não só pela ocultação aos mal-intencionados, mas também porque durante a Idade Média e Moderna não foram poucos os perseguidos por atividades ligadas à magia, como já mencionamos. Então, podemos observar uma dupla função da ocultação do chamado grande segredo hermético e sintetizá-la na máxima bíblica *Margaritae ad porcos*, que quer dizer “não atirar pérolas aos porcos”.<sup>176</sup>

Expostas as condições secretas dos textos herméticos, fica evidente a dificuldade de interpretação que enfrenta o pesquisador. Foram variadas as técnicas usadas para a ocultação dos processos alquímicos, por exemplo. Os autores se referem às substâncias e processos por expressões próprias à Alquimia, na maioria das vezes usando referências mitológicas e simbólicas.<sup>177</sup> Algumas operações são mencionadas, mas não são explicadas. Usa-se também palavras que lidas em voz alta, produzem uma outra

---

<sup>175</sup> Segundo Riffard, “o segredo, é secreto, e não se trata de um pleonasma e sim de que não há um além do segredo, porque esse além não seria mais secreto, e sim não-secreto”. Umberto Eco também afirma que não pode existir um segredo final. O segredo final da iniciação hermética é que tudo é segredo. Segue ele que, o segredo hermético deve ser um segredo vazio, porque quem pretende revelar um segredo não é um iniciado e fica preso ao nível superficial do conhecimento do mistério cósmico. (RIFFARD, P. *Op. cit.*, p.28 – 31.)

<sup>176</sup> ROSSI, P. *O nascimento... op. cit.*, p. 45. “Não deis aos cães as coisas santas, nem atireis aos porcos as vossas pérolas, não aconteça que as pisem com os pés e, voltando-se, vos despedacem.” (*Bíblia Sagrada*. Mateus, Cap. 7, Vers. 6.)

<sup>177</sup> Ouroboros, leão verde, dragão, unicórnio, etc... são inúmeros os arquétipos de significados evocados por estes simbolismos.

palavra ou um som característico.<sup>178</sup> As operações alquímicas não são apresentadas em ordem de procedimento. Há uma intenção clara em desviar propositalmente o leitor. No *Mutus Liber*, o *Livro Mudo da Alquimia*, por exemplo, a exposição é feita apenas, ou predominantemente, por gravuras alegóricas.

Considerando que não somente o esoterismo hermético vela o seu segredo, lembremos que os os segredos de ofício da antiguidade também foram zelosamente guardados. O ferreiro (que trabalhava o metal), o vidreiro (que conseguia obter cores com determinados pigmentos e mistura de substâncias), o carpinteiro (que conhecia os segredos das construções), os médicos (que tinham o poder de curar pelas plantas), todos ocultavam o saber dos processos de suas atividades.

As idéias, o conhecimento, a língua, a memória, só existem por causa da sua ligação com o passado. São elementos que por si só dependem do passado para existir. Uma tradição, mesmo que inventada, só resiste ao tempo e continua existindo porque se atualiza e se adapta, no sentido de que conserva os elementos do passado com um sentido no presente. A tradição esotérica permite a perpetuação de um segredo. Porém, este segredo precisa ser conhecido de poucos ou muito poucos, e necessita ser informado. Se não for conhecido por ninguém corre o risco de se perder no tempo. Os monumentos são uma maneira de se conservar a informação. Não são poucas as igrejas, os templos, as escrituras, as pinturas e as esculturas antigas, renascentistas, barrocas, por exemplo, que trazem informações e segredos acerca dos mistérios de outras épocas guardados nos seus infindáveis simbolismos. E foram, segundo trabalhos historiográficos, as sociedades secretas como a dos Templários, da Maçonaria e a da Rosa-Cruz que se encarregaram da transmissão do segredo do saber científico de outros tempos. O estudo de Frances Yates, nesse sentido, é vital para nossa pesquisa, pois esclarece de maneira muito sóbria a relação entre os rosacruzes e o movimento científico do século XVII e XVIII, dando-nos a base do pensamento científico moderno que se consolidou no século XIX, como veremos adiante.

---

<sup>178</sup> Aqui é possível perceber a aproximação da Alquimia com a Cabala, enquanto operação de fala mágica.

### 5.1.1. *Textus*: a Tábua de Esmeralda

*Hermes Trismegisto escreveu com uma ponta  
de diamante, em uma lâmina de esmeralda...*<sup>179</sup>

Jorge Ben Jor

Do *Corpus Hermeticum*, a *Tábua de Esmeralda*, atribuída a Hermes Trismegisto (dito três vezes grande), foi o fundamental texto para a Alquimia medieval. Não podemos estabelecer com segurança a origem real da *Tábua de Esmeralda*, não da tábua propriamente dita, mas do texto que se diz ter sido ali gravado. A referência mais antiga que se conhece documentada desse texto encontra-se num escrito árabe dos fins do século VIII, atribuído a Geber (ou Jabir) ibn Hayyan; no mundo cristão, parece que Santo Alberto Magno, do século XII, conheceu uma versão em latim. Acredita-se que a versão árabe pode ter vindo de um original grego que se perdeu. E a versão latina, por sua vez, pode ter sido feita a partir da árabe. Já vimos que, embora o hermetismo se diga herdeiro de uma tradição que remonta aos tempos egípcios milenares, documentalmente ele se baseia em obras escritas nos primeiros séculos da era cristã. Então, consideremos aqui as práticas científicas que se depreenderam a partir da crença da *Tábua de Esmeralda* como a fonte de uma ciência divina escrita em remotos tempos. Mas o que diz a *Tábua de Esmeralda*?

*Verba secretorum Hermetis - Verum, sine mendacio, certum et verissimum: quod est inferius est sicut quod est superius; et quod est superius est sicut quod est inferius, ad perpetranda miracula rei unius. Et sicut omnes res fuerunt ab uno, mediatione unius, sic omnes res natae fuerunt ab hac una re, adaptatione. Pater ejus est Sol, mater ejus Luna; portavit illud Ventus in ventre suo; nutrix ejus Terra est. Pater omnis telesmi totius mundi est hic. Vis ejus integra est si versa fuerit in terram. Separabis terram ab igne, subtile a spisso, suaviter, cum magno ingenio. Ascendit a terra in coelum, iterumque descendit in terram, et recipit vim superiorum et inferiorum. Sic habebis gloriam totius mundi. Ideo fugiet a te omnis obscuritas. Hic est totius fortitudine fortitudo fortis; quia vincet omnem rem subtilem, omnemque solidam penetrabit. Sic mundus creatus est. Hinc erunt adaptationes mirabiles, quarum modus est hic. Itaque vocatus sum Hermes Trismegistus, habens tres partes philosophiæ totius mundi. Completum est quod dixi de operatione Solis.*<sup>180</sup>

Encontramos variações nas traduções para a língua portuguesa. Optamos por adotar a seguinte versão:

<sup>179</sup> Referência à música “Hermes Trismegisto e sua celeste Tábua de Esmeralda” de Jorge Ben Jor.

<sup>180</sup> Em latim, versão de Heinrich Khunrath. (MACEDO, Antonio. *Alquimia Espiritual dos Rosacruz*. Transmutação mental, Transmutação cordial e a Themis Aurea.) Disponível em: < <http://www.triplov.com/alquimias/bmacedo.htm> > Acesso em: 25/07/2009.

Palavras secretas de Hermes - É verdade, sem mentira, certo e muito verdadeiro. O que está em baixo é como o que está em cima e o que está em cima é como o que está em baixo, para realizar os milagres de uma coisa única. Assim como todas as coisas foram e procedem do Um, pela mediação do Um, assim todas as coisas nasceram desta coisa única, por adaptação. O Sol é seu pai, a Lua é sua mãe, o vento o trouxe no seu ventre; a Terra o alimenta; o pai de tudo, o Thelesma<sup>181</sup> de todo o mundo, está aqui. A sua força permanece inteira quando se converte em terra. Separarás a terra do fogo, o subtil do espesso, suavemente e com grande habilidade; subirá da terra ao céu e de novo descerá à terra, deste modo recebe a força das coisas superiores e inferiores. Por este meio obterás a glória do mundo e toda obscuridade se afastará de ti. É a força forte de toda força, pois ela vencerá toda coisa subtil e penetrará toda coisa sólida. Assim foi criado o mundo. Disto se farão admiráveis adaptações cujo meio está aqui. Por isso sou chamado Hermes Trismegisto, porque possuo as três partes da sabedoria de todo o mundo. O que eu disse sobre a operação do Sol está completo.<sup>182</sup>

Não temos aqui a pretensão de interpretar a *Tábua de Esmeralda*. Não foram poucos os que se aventuraram por esses labirintos de simbolismos. Se tudo quanto se refere à *Tábua de Esmeralda* é nebuloso, a interpretação do texto está ainda mais envolta em nuvens de possibilidades de interpretações, exceto, possivelmente para um alquimista. Diz-se que quem desvendar os mistérios dessas palavras terá a chave do mundo. O que podemos apreender dos estudos históricos acerca da conceituação de hermetismo é que a partir da *Tábua de Esmeralda*, os alquimistas deduziram sete princípios herméticos: o Princípio de Mentalismo, de Correspondências, de Vibração, de Polaridade, de Ritmo, de Causa e Efeito e de Gênero. Princípios esses que se aplicam às forças da magia e da alquimia e que são seguramente produtos de estudos modernos sobre o assunto. Segundo *O Caibalion*:

---

<sup>181</sup> *Thelesma*: Achamos por bem adotar aqui uma definição proposta pelo próprio Dario Vellozo em seu artigo *O Fluido Universal* “Ficará então demonstrado que so ha uma força primordial, de mutabilidade proteica abrangendo todos os phenomesnos, desde os menores até os maiores, - o microcosmo e o macrocosmo. Surprehender-se-ha e em tal força a *alma do mundo* dos antigos, delles que desde as origens da philosophia grega, tanto se empenharam todos os phenomenos a um elemento primordial, *primordial* de Heraclito surgirá então com a sua significação physica e real, não com a que lhe dariam as nheiras, mas com a de Rechembach, a do OD, que, quando luminoso, penetra todos os corpos e tem sido citado em todos os seculos debaixo de varios nomes como, por exemplo: - Telesma, em Hermés; *Enormon* ou *Ignio subtilissimus*, em Hippocrates; *Akasa*, na Índia; *Luz Astral* nos Kabbalistas; *Pneuma*, por Galeno; *Blas Humanun* por van Helmont; *Alcahest*, por Paracelso; e *cópula* (intermediario entre o espirito e o corpo) por Boerhave, chamam-lhe os alchimistas: *Quinta essencia*; *Espirito Universal* ou *Espirito-vital*, os occultistas da edade media *Materia subtil*, Desacartes, e *Spiritus subtilissimus*, Newton. (*Revista Esphynges*. no. 4, Outubro, 1899.)

<sup>182</sup> Versão editada pela AMORC de Curitiba: HERMES TRISMEGISTO. *Ensinamentos Herméticos*. Edição da Biblioteca Rosacruz, 2005. p. 29 – 30.

1. O Princípio de Mentalismo: O todo é mente; o Universo é mental.
2. O Princípio de Correspondência: O que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima.
3. O Princípio de Vibração: Nada está parado; tudo se move; tudo vibra.
4. O Princípio de Polaridade: Tudo é Duplo; tudo tem pólos; tudo tem o seu oposto; o igual e o desigual são a mesma coisa; os opostos são idênticos em natureza, mas diferentes em grau; os extremos se tocam; todas as verdades são meias-verdades, todos os paradoxos podem ser reconciliados.
5. O Princípio de Ritmo: Tudo tem fluxo e refluxo; tudo tem suas marés; tudo sobe e desce; tudo se manifesta por oscilações compensadas; a medida do movimento à direita é a medida do movimento à esquerda; o ritmo é a compensação.
6. O Princípio de Causa e Efeito: Toda a causa tem o seu efeito; todo efeito tem a sua causa; tudo acontece de acordo com a Lei; o Acaso é simplesmente um nome dado a uma Lei não reconhecida; Há muitos planos de causalidade, porém nada escapa à Lei.
7. O Princípio de Gênero: O Gênero está em tudo; tudo tem o seu princípio masculino e o seu princípio feminino; o gênero se manifesta em todos os planos.<sup>183</sup>

Na documentação que pesquisamos encontramos algumas referências à *Tábua de Esmeralda* de Hermes, especificamente no capítulo sobre tradição hermética, desenvolvido por Dario Vellozo:

Nos Santuários, os sacerdotes ensinavam a ciência de Hermes, o magno inventor da Arte Sagrada, senhor dos mais custosos arcanos da Alquimia. Hermes gravou em pedra preciosa diversas sentenças, conhecidas com o nome de Tábua de Esmeralda, resumo das doutrinas ensinadas nos Templos. A *Tábua de Esmeralda*, é toda a magia em uma só página. A ciência de Hermes era recebida por iniciação. A iniciação achava-se dividida em pequenos e grandes Mistérios. Os pequenos mistérios eram o estudo sintético das ciências elementares; os grandes mistérios estudavam a metafísica das ciências e a Arte Sagrada.<sup>184</sup>

Dos princípios herméticos, o conceito de analogia, enquanto lógica de pensamento, está profundamente ligado à tradição da ciência hermética, pelo princípio das correspondências. Diz-se que “*o que está em cima é como o que está embaixo*”, isto é, é “*análogo e correspondente*”, mas não igual, nem semelhante. Dizemos semelhantes as coisas que têm aparências comuns; dizemos iguais as coisas que têm dimensões

<sup>183</sup> *Passim: O Caibalion, op. cit.* É importante ressaltar que *O Caibalion* foi escrito por ditos três iniciados anônimos. Sua primeira edição é de 1908 em inglês. O título, *O Caibalion* tem a mesma raiz da palavra hebraica Qabala (tradição oral) e significa tradição ou preceito manifestado por um ente de cima, ou ainda revelação ou tradição superior.

<sup>184</sup> VELLOZO, D. *Obras Completas IV... op. cit.*, p. 37.

iguais. Uma coisa é análoga e correspondente à outra quando tem função correspondente e análoga. Seria um erro dizer que “o que está em cima é igual ao que está embaixo”, porque a matéria não é igual ao espírito, o céu não é igual à terra, o volátil não é igual ao fixo, e assim por diante.<sup>185</sup> A analogia, portanto, é um conceito chave para a lógica hermética.

O princípio das correspondências gera uma outra idéia: a de microcosmo e macrocosmo, que confirmou a Astrologia como uma das artes da magia hermética. Este princípio contém a verdade que existe uma correspondência entre as leis e os fenômenos dos diversos planos da existência e da vida. Ele explica que há uma harmonia, uma correlação e correspondência entre esses diferentes planos de manifestação. Os hermetistas dividem-nos em planos físico, mental e espiritual. Segundo *O Caibalion*, a compreensão desse princípio daria ao homem os meios de explicar muitos paradoxos obscuros e segredos da natureza.

Outro conceito hermético extraído da *Tábua de Esmeralda* pelos alquimistas foi o de adaptação,

o que está embaixo é como o que está no alto, e o que está no alto é como o que está embaixo. E por essas coisas fazem-se os milagres, de uma coisa só. E como todas essas coisas são e provêm de um, pela mediação do um, assim todas essas coisas são nascidas dessa única coisa por adaptação.<sup>186</sup>

A idéia de mediação, possível porque tudo viria de uma matéria única e primal, permitiu a evolução dos processos alquímicos e químicos desenvolvidos pelos alquimistas e posteriormente cientistas, os quais visavam transformar a matéria vil em matéria nobre, transformar “chumbo em ouro”, alquimizando as substâncias. Veremos que essa idéia, por mais folclórica que nos pareça hoje, possibilitou pesquisas e conseqüentemente muitas descobertas nos séculos que se seguiram, culminando no nascimento da Química e da Física modernas, bem como de outras ciências do nosso tempo. Com base em referências historiográficas pesquisadas, podemos afirmar que o hermetismo foi o *germên* da ciência moderna, ainda que muitos cientistas refutem esta ligação.

A justificativa para que as comunidades científicas atuais reneguem a herança da magia da qual a ciência moderna é descendente, segundo Thomas Kuhn, é que a ideologia da profissão científica atual está profundamente enraizada numa

---

<sup>185</sup> *Ibidem.* p. 21.

<sup>186</sup> SADOUL, J. *O tesouro... op. cit.*, p. 31.

desvalorização da história. As novas descobertas levam a que livros e revistas ultrapassadas percam o seu papel ativo numa biblioteca científica e sejam removidos. Ao contrário da arte, a ciência destrói o seu passado numa negação do mesmo. Segundo ele, pode-se dizer que atualmente a tradição científica é não ter tradição.<sup>187</sup>

Mas a tradição hermética existe! E há documentação para comprová-la. Ela pode ser identificada e rastreada dentro de várias correntes do pensamento científico desde o século XIII. Segundo Rossi, foi a tradição da magia natural do Renascimento que deu aos modernos uma idéia de uma importância fundamental, ou seja, de que o saber que se tem por objetivo na natureza, não é apenas contemplação, nem tão pouco teoria. É sim a operação, a manipulação e a intervenção nessa natureza. Se o domínio e controle são fins constitutivos e essenciais da ciência, então aquilo que chamamos realidade refere-se não só ao que pensamos do mundo, mas também ao que fazemos dele.

## 5.2 Alquimia: a ciência natural

“Ora, lege, lege, lege, relege, labora et invenies!”<sup>188</sup>  
Mutus Liber

Se paira a dúvida de que o *Corpus Hermeticum* é uma construção dos primeiros tempos cristãos, não ocorre o mesmo com o seu legado; ele só chegou ao nosso conhecimento por meio de cópias das cópias dos alquimistas, estes incansáveis pesquisadores que podem ser confundidos com magos e sábios de outrora. Foi a dedicação, o trabalho e a persistência desses primeiros cientistas que possibilitaram o avanço e o desenvolvimento de técnicas, métodos e processos de experimentação, que culminaram na invenção de engenhocas modernas e novas descobertas científicas no nosso tempo.

“*Está realizado o velho sonho da alchimia: transmutar a materia vil em materia nobre*”. Inteirado nas notícias das mais novas pesquisas científicas, Dario Vellozo considerou os avanços da ciência de sua época como proezas alquímicas. O que significa dizer, que ele tinha leituras, ou pelo menos conhecia os procedimentos da antiga alchimia. Para entender o discurso de Vellozo, vejamos como a alchimia canalizou o antigo conhecimento científico hermético para o moderno conhecimento científico positivo, vindo desaguar na química contemporânea.

---

<sup>187</sup> *Passim*: KUHN, T. S. *As estruturas das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

<sup>188</sup> “Reza, lê, lê, lê, relê, trabalha e alcançarás”. 14<sup>a</sup>. Prancha. *Mutus Liber*: o livro mudo da Alquimia. Ensaio preliminar, comentários e notas de José Jorge de Carvalho. – São Paulo: Attar, 1995. p. 120.

A ciência hermética, como afirma Yates, *par excellence* é a alquimia.<sup>189</sup> Para efeitos de compreensão, podemos entender a magia como uma ciência divina, legada por Hermes Trismegisto, recebida de Deus-*nous*. E a alquimia como a ciência da natureza, parte especializada da magia (magia natural), aplicada à matéria, embora não haja efetivamente uma separação entre a ciência divina (magia) e ciência natural (alquimia) no hermetismo.

Yates localiza o *germen* da ciência moderna no período renascentista, como já vimos anteriormente. Jean Delumeau, por sua vez, caracteriza o Renascimento como um movimento intelectual que se definiu a si próprio como movimento em direção ao passado, característica essa aparentemente oposta a do nosso mundo moderno, a caminho do progresso. Para ele, o Renascimento quis voltar às fontes do pensamento e da beleza do passado glorioso de Roma e da Grécia.<sup>190</sup> Sem contradizer Delumeau, Woortmann coloca a questão em uma outra perspectiva. Para ele, o Renascimento, entendido por muitos autores como um momento de revolução, pode ser entendido também como um processo de transição entre o mundo medieval e o pensamento moderno.<sup>191</sup> E é no sentido de transição que encontramos o embrião do nosso objeto. Veremos como a alquimia contribuiu para a elaboração da idéia de ciência do século XVII, sua implementação no corolário científico do XVIII e sua culminação científico-racionalista no XIX.

A Alquimia é o elo mais evidente entre o conhecimento antigo e a ciência moderna. Sua prática é considerada por muitos como uma ciência rudimentar, uma espécie de “proto-ciência”. Nela, encontramos os primeiros princípios da Química moderna.

A origem da expressão “Alquimia” parece ser um tanto obscura. Muitos concordam que o prefixo “Al”, que funciona como artigo, pode ter vindo do árabe. Lembremos do domínio árabe na Europa a partir do século VIII. Foram eles os grandes responsáveis pela divulgação dos textos alquímicos entre os ocidentais. “Químia”, por outro lado, parece ter outras possibilidades de origem. Pode ter origem chinesa e mesmo

---

<sup>189</sup> YATES, F. *Giordano...*, *op. cit.*, p. 174.

<sup>190</sup> Delumeau discorre, numa perspectiva da arte, a retomada dos valores clássicos no período em questão. A valorização da estética na construção das igrejas, nas obras dos pintores e escultores. O surgimento do naturalismo na pintura como forma de representação da realidade. A harmonia das proporções da natureza. A arqueologia, como prova de um passado glorioso. A retomada dos textos antigos. O Renascimento, para ele portanto, foi não só uma retomada de um passado, como foi também, um início de uma nova visão de mundo centrada no homem. (DELUMEAU, Jean. *A Civilização do Renascimento*. Lisboa: Editora Estampa, 1984. p. 85 – 119.)

<sup>191</sup> WOORTMANN. *Klass. Op. cit.* s/p.

egípcia, onde *chimia* significava terra negra. Em grego, encontramos *chyma* (fundição de metais) e *chymos* (humor). A palavra pode ter também relação com *Can*, filho de Noé, que teria salvo os conhecimentos pré-diluvianos. Outra referência é *Chema*, anjo caído mencionado nos Apócrifos, que teria transmitido aos homens a arte da Alquimia. E ainda, *Al Chama*, pesquisado por intermédio do fogo, em árabe, ou *al-kimyâ* (a química), em árabe da península Ibérica.<sup>192</sup>

Num antigo texto helenístico referente à alquimia intitulado *A Profetisa Ísis para seu filho*, Ísis revela como obteve de um anjo, que a desejava, o grande segredo da técnica egípcia da alquimia. Esse encontro aconteceu num momento favorável da posição dos astros no céu: o *Kairos*, o momento favorável, que domina um dos aspectos da alquimia. É a relação entre o macrocosmo e microcosmo. O anjo lhe revelou não somente receitas mágicas para a obtenção do ouro alquímico; mas, também, a necessidade da união dos opostos para consegui-lo, no momento favorável; o que é expresso pela exortação final de Ísis a seu filho Osíris: “De modo que tu és eu e eu sou tu”.<sup>193</sup>

Independente da origem da palavra, na Europa, em fins do século XVIII, “Alquimia” já não tinha mais a mesma credibilidade e perdeu seu artigo e passou a ser apenas Química.<sup>194</sup> Mas quem eram os alquimistas?

Seguramente pesquisadores! Um castelo distante, um laboratório escuro, cheio de engenhocas, a parafernália de tubos de ensaio, líquidos coloridos e restos mortais de plantas e animais compõem a imagem consagrada do alquimista, imagem esta que se funde à imagem do mago e do cientista e parecem se confundir no labirinto dos tempos. O mago, o alquimista e o cientista, na verdade, são variações da mesma intenção científica. Embora, variem suas filosofias, suas verdades, seus objetos, suas convicções e seus contextos históricos. Mas, *a priori*, eles retratam o pesquisador, interessado pela natureza em seus tempos e contextos. São antes de tudo, aventureiros, movidos por uma busca (ou fê) de algo que lhes suscita a curiosidade e a vontade. Eugenio Garin faz uma descrição muito apropriada do filósofo que se funde ao mago renascentista:

Melancólico, nascido sob o signo de Saturno, é o intelectual, ou melhor, o filósofo, e sobretudo o novo tipo de filósofo, que há pouco

---

<sup>192</sup> GEBELEIN, Helmut. *Alquimia*. São Paulo: Francis, 2007. p. 7 – 8; HUTIN, Serge. *A tradição alquímica*. São Paulo: Editora Pensamento, 1979. p. 15.

<sup>193</sup> *Ibidem*, p. 16 – 17.

<sup>194</sup> É importante frisar que boa parte das expressões que aparecem na literatura alquímica vem do árabe, pois foram os árabes que legaram grande parte dos textos alquímicos ao Ocidente.

tempo começara a circular pela Europa (...): moralista e médico; mago e astrólogo, que, como os sábios antigos, ri e chora com as coisas do mundo, e para quem a melancolia assume as características da divina mania de Platão. (...) o filósofo é o mago na medida em que se ocupa de ciências da natureza e age no plano natural (...), a magia natural é a parte prática da ciência da natureza. (...) o que costumávamos chamar de mago é o filósofo. (...) Perscrutar a caverna, penetrar a fundo na realidade natural; interrogar as estrelas; dissecar os vivos; ditar as leis à cidade, ou melhor, construir a cidade; curar a melancolia e a loucura: eis algumas das tarefas de quem é considerado e apontado como filósofo entre os séculos XV e XVI, num progressivo ajustamento de termo, que se vai adaptando à profunda mudança cultural que então se verificava e à nova difusão dos filósofos antigos.<sup>195</sup>

### 5.2.1 *Natura*: o tempo e a maturação

*Aquele que imagina que todos os frutos amadurecem ao mesmo tempo, como as cerejas, nada sabe a respeito das uvas.*

Paracelso

A idéia de natureza esteve intimamente relacionada à visão de mundo dos renascentistas. Afirma Edwin Burttt que, ao estabelecer o contraste metafísico fundamental entre o pensamento medieval e o moderno, com respeito a suas concepções da relação do homem com o seu mundo natural, percebe-se uma tendência dominante.<sup>196</sup> Para o pensamento medieval, o homem ocupava um lugar mais significativo e determinante no universo que o reino da natureza física, diferindo posteriormente, da principal corrente do pensamento moderno, em que a natureza ocupa um lugar mais independente, mais determinante e mais permanente que o homem. Para a Idade Média, o homem foi, em todos os sentidos, o centro do universo, pois o mundo e a natureza estariam teleologicamente subordinado a ele e a seu destino eterno. Burttt pondera que os dois grandes movimentos que se uniram e teriam levado a natureza a essa condição foram a filosofia grega e a teologia judaico-cristã. Tal visão de mundo, que prevaleceu nos tempos medievos, marcou, portanto, uma profunda e persistente confiança de que o homem, com suas esperanças e ideais, seria o fator controlador de todo o universo.

Essa visão inspirou a física medieval. Sustentou-se não só que todo o mundo da natureza existia para o benefício do homem, mas também que ele estaria imediatamente presente e inteligível a sua mente. Por conseguinte, as categorias em termos das quais

---

<sup>195</sup> GARIN, Eugenio. *O homem renascentista*. Lisboa: Editoria Presença, 1991. p. 123 – 135.

<sup>196</sup> BURTT, Edwin A. *As bases metafísicas da ciência moderna*. Brasília: Editora da UnB, 1991. p. 11.

ele era interpretado não eram as de tempo, espaço, massa, energia e outras mais; mas sim as de substância, essência, matéria, forma, quantidade, qualidade – categorias desenvolvidas na tentativa de dar forma científica aos fatos e relações observados nas experiências sensoriais espontâneas do homem com relação ao mundo e aos usos principais que o homem fazia dele. Acreditava-se que o homem era ativo na aquisição do conhecimento e que a natureza era passiva.

Segundo Frank Greiner, em sentido metafórico, podemos entender a natureza como uma “dama simbólica que não revela o seu segredo tão caro”.<sup>197</sup> Se o artista (da Grande Obra, a pedra filosofal) não for de início procurar o germe de todos os metais, dos animais e vegetais, que se encontram em seu poder e contidos na terra, não encontra a resposta. Isto equivale a dizer que o magistério do alquimista supõe uma estreita colaboração e uma troca de serviços, entre ele e a natureza. A descoberta do segredo da natureza está reservada àquele que mediante a ciência e tenacidade conseguir levar os germes, princípios e sementes de todas as formas de vida ao termo de sua maturação. Assim a natureza é ao mesmo tempo guia, recompensa e obrigação.<sup>198</sup> Ela ensina o adepto, confia-lhe seu segredo, mas ele lhe deve sua regeneração, que ela não saberia alcançar se fosse abandonada a seus próprios recursos. O mundo da natureza existe para que possa ser conhecido e desfrutado pelo homem. E o homem existe, por sua vez, para que possa “conhecer Deus e deleitar-se com ele para sempre”.<sup>199</sup>

Se entendermos o Renascimento como uma transição para o pensamento moderno veremos que a relação do homem com a natureza tomou outra perspectiva a partir do século XVII. A natureza passou a ser o foco de todo o conhecimento, via ciência newtoniana.<sup>200</sup> O homem passou a ser não mais do que o produto casual e temporário de uma natureza cega e sem propósito. Passou a ser um espectador irrelevante de seus feitos, quase um intruso em seus domínios. Portanto, observamos nitidamente uma quebra no paradigma de pensamento acerca da natureza entre o Renascimento e o Iluminismo, onde o naturalismo se consagrou como visão de mundo.

---

<sup>197</sup> GREINER, Frank. *A Alquimia*. São Paulo: Editora Unimarco, 1994. Coleção 50 Palavras. p. 79.

<sup>198</sup> Dentro dos princípios alquímicos encontramos a lei da compensação, que remete as trocas e equivalências.

<sup>199</sup> GREINER, F. *Op. cit.*, p. 76 – 79.

<sup>200</sup> “Para a ciência do século XVII, o homem era o produto de causas que não tinham qualquer previsão do fim que estavam alcançando; sua origem, seu crescimento, suas esperanças e medos, seus amores e crenças eram apenas o resultado de posicionamentos acidentais de átomos. O pensamento do XVII passou a tratar as substâncias, acidente e causalidade, essência e idéia, matéria e forma, potencialidade e ocorrência, como outras categorias de análise: força, movimento, leis, mudanças de massa no espaço e no tempo”. (BURTT, *op. cit.* p. 16 – 19.)

Falemos agora da estreita relação da Alquimia com a Natureza, onde o homem ocupa o papel central. Segundo Garin, o poder do homem sobre a Natureza esteve profundamente associado ao pensamento hermético. Afirma ele que o hermetismo significou sobretudo a exaltação do homem: um homem que era o deus hermético *Antropos* humanizado – o grande milagre, que poderia interferir nos processos naturais.<sup>201</sup>

A observação da natureza, que acontece desde os tempos das comunidades mais remotas, possibilitou o acompanhamento do movimento no céu, do sol, da lua e de outros astros, permitindo a criação de calendários em todas as culturas. A observação demonstrou que na *natura* tudo é cíclico. Tudo obedece estágios de existência e maturação. Da lagarta, que se metamorfoseia em borboleta, à uva, que vira vinho, que vira vinagre. Tudo se transforma naturalmente. Porém, tudo, inclusive a natureza, está submetida ao tempo. Tudo tem seu tempo de maturação. Nesse sentido, os alquimistas acreditavam que seria possível ao homem acelerar os processos naturais de maturação por meio de uma intervenção que, manipulando os estágios, o “conhecer e fazer”, conseguir-se-ia transmutar a matéria.<sup>202</sup> A “transmutação”, portanto, é a aceleração dos processos naturais da matéria, a partir da idéia hermética de um modelo de explicação da natureza, de que tudo vem de uma única matéria, uma matéria prima.<sup>203</sup> Ao seguir a natureza, por meio das ciências naturais, a alquimia poderia assim imitá-la e dominá-la. Alquimia, portanto, é tudo que envolve o processo de elaboração e alteração da matéria. O ato de trabalhar o ferro está relacionado a alquimia, o ato de cozinhar e alterar os estados dos alimentos pela fritura, assamento ou cozimento, também é alquimia.

Sobre a questão do tempo, natureza e alquimia, Mircea Eliade observa que, ao substituir o Tempo, o alquimista evita cuidadosamente assumi-lo; sonha em precipitar dos ritmos temporais, em fazer ouro mais rapidamente do que a Natureza. Nas ciências físico-químicas e na indústria, a defesa contra o tempo deixou de ser possível. A trágica grandeza do homem moderno vinculou-se ao fato de ter este tido a audácia de assumir, diante da natureza, a função do Tempo.<sup>204</sup> A idéia do tempo como agente de maturação, que pode ser acelerado pelos processos da alquimia, faz parte dos princípios do domínio

---

<sup>201</sup> GARIN, Eugenio. *O homem renascentista: o filósofo e o mago*. São Paulo: Editora Presença, 1991. p. 133.

<sup>202</sup> ROSSI, P. *O cientista... op.cit.*, p. 236.

<sup>203</sup> É importante dizer que quando os alquimistas falam em transmutação, falam em transmutação da matéria e não dos elementos (fogo, água, terra e ar).

<sup>204</sup> ELIADE, M. *Ferreiros e alquimistas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 140.

da matéria, segundo a visão alquímica. O elemento tempo está presente em toda a iconografia hermética representado por Chronos e Saturno.

Transformar chumbo em ouro sempre foi o sonho dos alquimistas. Para se conseguir o objetivo da alquimia, transmutar a matéria vil em matéria nobre, seria necessário a produção de um agente mediador, uma pedra mágica que possibilitasse as operações, a pedra filosofal.<sup>205</sup> É nesse ponto que a história da alquimia se funde com a história da ciência moderna. Pois foi a busca da pedra filosofal para se transformar a matéria, que levou a ciência a descobrir sua constituição: a molécula, a célula e o átomo. Descobertas estas que posteriormente levaram a novas descobertas e possibilitaram o desenvolvimento de todas as tecnologias das ciências atuais. Não podemos negligenciar, entre os objetivos dos alquimistas, a busca pela obtenção do elixir da longa vida, uma panacéia universal, um remédio que curaria todas as doenças e daria vida eterna àqueles que o ingerissem. E a terceira grande finalidade, criar uma vida humana artificial, o *homunculus*.<sup>206</sup> Essa busca em particular rendeu estudos e pesquisas à atual Genética.

---

<sup>205</sup> A produção complicada e morosa da “pedra filosofal” é chamada de “Grande Obra”. Descrever o magistério, o conjunto das operações que permitem fabricar a pedra filosofal não é uma tarefa para poucas páginas, pois os autores alquimistas sempre se esforçaram para dissimular a verdadeira ordem das coisas. No entanto, faz-se necessário esclarecer alguns pontos de referência sobre o assunto. Para começar citamos este axioma, chave do *opus* alquímico, enunciado por autor desconhecido do *Filet d’Ariane* (1695): “Assim como se diz que o trabalho da pedra é uma perpétua sublimação, assim também é possível dizer que ele não consiste senão numa dissolução e coagulação perpétuas”. Uma vez que o objeto dos sábios, ou matéria, tiver sido submetido a uma minuciosa preparação – ele deve ser libertado de sua ganga grosseira e depois triturado, coado e purificado antes de ser cozido no atamor -, pode ser iniciada a Grande Obra propriamente dita, dividida em três partes, designadas na maioria das vezes por cores: negro (Solve) purificação representado pela alegoria de um homem quebrando um ovo com um gládio. O branco, o amarelo e a casca de ovo representam os três princípios do enxofre, do mercúrio e do sal, componentes primitivos da matéria, que devem ser separados, simbolizados pela espada do fogo. Assim seguem os processos a calcinação, a coagulação, etc. O bom andamento dos processos transparece no cromatismo próprio da alquimia. As fases da Grande Obra são simbolizadas pelo leão, a águia, a serpente, o dragão, o corvo, o pavão, o cisne, o unicórnio e o pelicano. O resultado das operações permite conseguir-se a pedra filosofal, um pó capaz de transformar em ouro todos os metais imperfeitos, ou suscetível, quando diluído no álcool, para formar um remédio universal, o elixir da longa vida. O labor e a persistência são as prerrogativas necessárias para a elaboração da Grande Obra. “Reza, lê, lê, lê, relê, trabalha e encontrarás.” Síntese dos autores: CARVALHO, José Jorge. *Mutus Liber: o livro mudo da alquimia*. São Paulo: Attar, 1995; HUTIN, Serge. *A tradição alquímica: a pedra filosofal e o elixir da longa vida*. São Paulo: Editora Pensamento, 1979; GEBELEIN, Helmut. *Alquimia*. São Paulo: Francis, 2007; GREINER, Frank. *A alquimia*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

<sup>206</sup> Possivelmente há aqui uma certa influência da tradição judaica, pois dentro das teorias da Cabala, acredita-se ser possível dar vida a um ser artificial, chamado em hebraico de *Golem*. O conceito do homúnculo (do latim, *homunculus*, pequeno homem) no entanto, parece ter sido usado pela primeira vez pelo alquimista Paracelso para designar uma criatura com cerca de 12 polegadas de altura e que, segundo ele, poderia ser criada por meio de sêmen humano posto em uma retorta hermeticamente fechada e aquecida em esterco de cavalo durante 40 dias, onde assim se formaria um embrião. Outro alquimista famoso que tentou criar *homunculus* foi Johann Konrad Dippel, que utilizou técnicas bizarras como fecundar ovos de galinha com sêmen humano e tapar o orifício com sangue de menstruação. Atualmente, por meio da ciência genética, sabemos ser impossível cruzar espécies diferentes. Os seres de mesma espécie cruzados como a mula (cavalo e jumenta), são seres híbridos e estéreis. As pesquisas atuais nessa área têm encontrado dificuldades éticas para a continuação do trabalho, pois as religiões demonstram ser

Encontramos na literatura alquímica uma farta referência a fórmulas, métodos, manuais, resultados de pesquisas e experiências. Tudo envolto em anotações enigmáticas, desenhos saturados de simbolismos, símbolos estranhos como o Ouroboros,<sup>207</sup> o leão verde, o unicórnio e muitos outros que contribuem para o clima de mistério que cerca o nosso tema. Julgamos infrutífero carregar nosso leitor com informações sobre o significado de cada um dos termos alquímicos, de cada símbolo, cada expressão ou desenho.<sup>208</sup> Centraremos nossa discussão nos elementos da alquimia que nos ajudem a compreender o texto *Proesas da moderna Alchimia* de Dario Vellozo, que efetuaremos adiante.

Nas representações iconográficas, o laboratório do alquimista é escuro, cheio de livros, tubos de vidro, lentes, velas, cadinhos, retortas, provetas, alambiques, pinças, foles, assopradores, atadores ou fornos, balança, além de potes cheios de ervas, minerais, bichos mortos e mil e um artigos exóticos. Misturados aos barulhos de fervura, podia-se sentir também os cheiros das substâncias no ar. O odor das combinações era malcheiroso e, por vezes, doce e acre. Na verdade, segundo os estudiosos, o laboratório de um alquimista da Renascença não diferia muito dos laboratórios dos químicos do século XIX e início do XX. Nesse ambiente, não faltavam ainda os quatro componentes básicos da alquimia: o enxofre, o mercúrio, orvalho e o sal. O orvalho era utilizado para umidecer e banhar a matéria-prima.<sup>209</sup> O sal era considerado o dissolvente universal, também conhecido por arsênico, é a ligação entre o mercúrio e o enxofre, muitas vezes associado à energia vital, que une corpo e alma. Os

---

veementemente contra essa possibilidade. Sobre o *Golem*, Scholem apresenta uma lenda judaica polonesa numa versão do século XVII em que o homenzinho é feito de barro, por meio de operações mágicas e palavras sagradas, numa associação clara a Adão, também feito de barro. Essa idéia do *Golem* (ou do *humunculus*) por si só mereceria uma pesquisa própria. Porém, não nos ocuparemos aqui dessa discussão. (SCHOLEM, *op. cit.*, p. 189 – 240.)

<sup>207</sup> “Ouroboros” não é um símbolo exclusivo da alquimia. É a serpente ou dragão que morde o próprio rabo. Simboliza eternidade, fecundação e o eterno retorno. A palavra possivelmente tenha vindo do hebraico, onde “ouro” é rei e “ob” serpente. Este símbolo também é associado à Fênix. “Alimenta este fogo com fogo, até que se extinga e obterás a coisa mais estável que penetra todas as coisas, e um verme devorou o outro, e emerge esta imagem”. (HUTIN, *op. cit.* p. 158.)

<sup>208</sup> Os símbolos alquímicos mais importantes são o “anjo” (símbolo da água e do chamado para participar da Grande Obra), a “arca” (símbolo da aliança, representada também pelo arco-íris), a “balança” (que tem significado de sublimação do ar e do conhecimento das proporções), a “caverna” (imagem do *solve* e *dissolve*, representa a mistura, que aprofunda a terra e racha a medida que se abre para o nascimento). O “leão verde” e o “unicórnio” por sua vez estão associados ao casamento alquímico como veremos à frente. (*Idem*, 154 – 160.)

<sup>209</sup> Os trabalhos da primavera sempre estiveram associados ao orvalho. Uma das gravuras das lâminas do *Mutus Liber* é colheita do orvalho feita pelo casal alquimista por meio de diversos lençóis estendidos ao ar livre. Este arquétipo evidentemente está associado à fertilidade necessária à agricultura celeste para a Grande Obra. O orvalho de maio “designa o sal filosófico que se liquefaz em gotículas”, e também é o influxo espiritual que “cai” sobre o iniciado e opera em sua transformação. (HUTIN, *op. cit.*, p. 60.)

outros dois elementos, mercúrio e enxofre, eram a essência da alquimia. O enxofre é um elemento de princípio fixo, ativo, masculino, que representa as propriedades de combustão e corrosão dos metais.<sup>210</sup> E mercúrio é o princípio volátil, passivo, feminino, inerte.<sup>211</sup> Ambos, combinados, formam o que os alquimistas descrevem como o “coito

---

<sup>210</sup> O enxofre, do latim *sulphur ũris* é um elemento químico de símbolo S, número atômico 16 (16 prótons e 16 elétrons) e de massa atômica 32. À temperatura ambiente, o enxofre encontra-se no estado sólido. É um não-metal insípido e inodoro, facilmente reconhecido na forma de cristais amarelos que ocorrem em diversos minerais de sulfito e sulfato, ou mesmo em sua forma pura (especialmente em regiões vulcânicas). O enxofre é um elemento químico essencial para todos os organismos vivos, sendo constituinte importante de muitos aminoácidos. É utilizado em fertilizantes, além de ser constituinte da pólvora, de medicamentos laxantes, de palitos de fósforos e de inseticidas. Este não-metal tem uma coloração amarela, mole, frágil, leve, desprende um odor característico de ovo podre ao misturar-se com o hidrogênio, e arde com chama azulada formando dióxido de enxofre. É insolúvel em água, parcialmente solúvel em álcool etílico, porém se dissolve em dissulfeto de carbono. É polivalente e apresenta estados de oxidação. Em todos os estados, sólido, líquido e gasoso apresenta formas alotrópicas cujas relações não são completamente conhecidas. Ao fundir-se o enxofre, obtém-se um líquido que flui com facilidade formado por moléculas de S<sub>8</sub>, porém ao aquecê-lo se torna marrom levemente avermelhado apresentando um aumento na sua viscosidade. Este comportamento se deve a ruptura dos anéis formando longas cadeias de átomos de enxofre que se enredam entre si diminuindo a fluidez do líquido; o máximo de viscosidade é alcançado numa temperatura em torno de 200 °C. Esfriando-se rapidamente este líquido viscoso obtém-se uma massa elástica, de consistência similar a da goma, denominada *enxofre plástico* formada por cadeias que não tiveram tempo para reorganizarem em moléculas de S<sub>8</sub>; após certo tempo a massa perde a sua elasticidade cristalizando-se no sistema rômico. Estudos realizados com raios X mostram que esta forma amorfa pode estar constituída por moléculas de S<sub>8</sub> com uma estrutura de hélice em espiral. O enxofre é conhecido desde a antiguidade. No século IX a.C. Homero já recomendava evitar a pestilência do enxofre. Aproximadamente no século XII, os chineses que inventaram a pólvora usavam uma mistura explosiva de nitrato de potássio (KNO<sub>3</sub>), carbono e enxofre. E os alquimistas na Idade Média conheciam a possibilidade de combinar o enxofre com o mercúrio. O enxofre está presente em todas as formas de vida, nos aminoácidos das cadeias cromossômicas. É um elemento que existe em abundância na natureza. É também encontrado em vários tipos de meteoritos e, acredita-se que a mancha escura que se observa próximo a cratera lunar Aristarco deva ser um depósito de enxofre. A coloração variada de Io, a lua vulcânica de Júpiter também se deve a presença de diferentes formas de enxofre no estado líquido, sólido e gasoso. Embora seja um elemento químico conhecido dos homens desde a antiguidade, ainda não foram esgotadas todas as possibilidades de seu uso. Prova disso é o nitreto de enxofre polímero (SN)<sub>x</sub>, sintetizado em 1975 por Alan G. MacDiarmid e Alan J. Heeger e que apresenta propriedades metálicas, apesar de ser constituído por não metais com propriedades elétricas e ópticas não usuais. Este trabalho serviu de base para o posterior desenvolvimento, com Hideki Shirakawa, de plásticos condutores e semicondutores que motivou a concessão do Prêmio Nobel de Química, em 2000, aos três pesquisadores. O que representa uma revolução para a indústria. Disponível em:

< [http://www.chemicalproperty.eu/enxofre\\_pt.html](http://www.chemicalproperty.eu/enxofre_pt.html) > Acesso em: 25/07/2009.

<sup>211</sup> O mercúrio é um metal líquido à temperatura ambiente e é conhecido desde a antiguidade. Seu nome é uma homenagem ao Hermes grego e o deus romano “Mercúrio”, o mensageiro dos deuses. Essa idéia vem da associação da fluidez do metal com as propriedades da rapidez de Hermes. Seu símbolo é Hg, e como todos os símbolos químicos, vem do latim *hydrargyrum* que significa *prata líquida*. O mercúrio é um elemento químico de número atômico 80 (80 prótons e 80 elétrons) e massa atômica 200,5. É um dos seis elementos que se apresenta líquido à temperatura ambiente ou a temperaturas próximas. Os outros elementos são os metais cério, gálio, frâncio e rubídio e o não metal bromo. Dentre os seis apenas o mercúrio e o bromo são líquidos nas Condições Padrão de Temperatura e Pressão. O mercúrio pertence ao grupo (ou família) 12 (anteriormente chamada 2B) e faz parte da classe dos metais de transição. Tal grupo é ainda chamado família do zinco, na tabela periódica. Normalmente utilizado em instrumentos de medidas (termômetros e barômetros), lâmpadas fluorescentes e como catalisador em reações químicas. É um líquido prateado que na temperatura normal é metal e inodoro. Não é um bom condutor de calor comparado com outros metais, entretanto é um bom condutor de eletricidade. Estabelece liga metálica facilmente com muitos outros metais como o ouro ou a prata produzindo amálgamas. É insolúvel em água e solúvel em ácido nítrico. Quando a temperatura é aumentada transforma-se em vapores tóxicos e corrosivos mais densos que o ar. É um produto perigoso quando inalado, ingerido ou em contato com a

do Rei e da Rainha”.<sup>212</sup> É importante mencionar que a noção de combate entre os dois princípios da matéria-prima, o enxofre e o mercúrio, é simbolizado por alegorias características (a luta do dragão alado contra o dragão áptero ou o casamento do rei e da rainha) que designam estados místicos interiores, mas também, evidenciados na maioria dos textos alquímicos, como prática e operação exteriores dos elementos em laboratório.

Outra noção importante para os alquimistas diz respeito à criação dos metais. Eles acreditavam que os metais cresciam no colo da terra, surgindo do mercúrio e do enxofre que existiria no seu interior. As diferentes características dos metais seriam explicadas pela variação na mistura desses dois princípios. Somente mais tarde seria acrescentado o princípio do sal, que parece necessário à explicação da corporalidade dos metais. Os alquimistas tinham uma noção de que os minérios passam por diferentes estágios de maturação. E o que eles pretendiam era, portanto, acelerar essas etapas da maturação. Assim, aquilo que a natureza levaria séculos para produzir poderia levar anos, meses ou, com muita sorte, apenas alguns dias. Dentro dessa lógica, o chumbo seria, então, o ouro ainda não envelhecido, assim como o carvão seria o diamante ainda não maturado.

---

pele, causando irritação nos olhos e vias respiratórias. O mercúrio há muito usado pelos alquimistas ajudou os pesquisadores a desenvolver termômetros, barômetros, lâmpadas, medicamentos, espelhos, detonadores, corantes e muito outros inventos importantes à modernidade. Disponível em:

< [http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0220296\\_04\\_cap\\_01.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0220296_04_cap_01.pdf) >

Acesso em: 25/07/2009. *Ad tempora*: A descoberta do exército de terracota em 1974, mostrou os guerreiros Xian do século II a. C. Descobriu-se recentemente que o imperador Qin havia sido enterrado com seus tesouros e objetos artísticos, com uma réplica do mundo, onde pedras preciosas representavam os astros, pérolas os planetas, e lagos de mercúrio representavam os mares. Isso possivelmente devido a forte importância do mercúrio na alquimia chinesa.

<sup>212</sup> Sobre o simbolismo do “casamento alquímico” podemos dizer que está relacionado na prática à reação química e a associação do enxofre com o mercúrio. O coito ocorre num vaso que, na iconografia, assume na maioria das vezes a aparência de uma bacia redonda. Os comentários falam do banho do rei e da rainha para designar a cocção na matéria. Na *Turba dos Filósofos*, a operação é descrita como união do homem vermelho com a mulher branca, numa casa redonda, cercada de calor lento (o forno). Na simbologia, o casamento alquímico está relacionado também à agricultura celeste, que representa a fertilidade. Há um animal característico para representar essa ideia, o unicórnio, símbolo de potência fálica divina. O *Mutus Liber* traz várias referências iconográficas ao casal alquímico. Há também os procedimentos demonstrados nas *Núpcias Químicas* de *Christian Rosenkreutz*, que falam da necessidade de uma sóror alquímica. Isso se deve à premissa da *Tábua de Esmeralda* sobre o princípio do gênero, sem o gênero não há criação. A criação é produto da união dos opostos. O rosa-cruz alemão Kékulé do fim do XIX diz ter recebido a revelação intuitiva de sua descoberta decisiva (o anel de benzeno) numa visão que lhe mostrou o *ouroboros* (a serpente que morde a própria cauda, símbolo da unidade da matéria) dos alquimistas de Alexandria. A ideia da combinação dos gêneros contribui para a crença de que os empreendimentos bem sucedidos de Flamel na Alquimia estão intimamente relacionados à sua união com Dame Pernelle. Síntese dos autores: CARVALHO, José Jorge. *Mutus Liber*: o livro mudo da alquimia. São Paulo: Attar, 1995; HUTIN, Serge. *A tradição alquímica: a pedra filosofal e o elixir da longa vida*. São Paulo: Editora Pensamento, 1979; GEBELEIN, Helmut. *Alquimia*. São Paulo: Francis, 2007; GREINER, Frank. *A alquimia*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

... ao assumir a responsabilidade de transformar a natureza, o homem passou a desempenhar o papel que cabia ao Tempo: o que teria exigido milhares de anos ou Eões para “amadurecer” nas profundezas subterrâneas, o metalúrgico e sobretudo o alquimista cuidam poder conseguir em algumas semanas. O forno substitui a matriz telúrica: é nele que os minerais-embriões completam o seu crescimento. O *vas mirabile* do alquimista, os seus fornos, as suas retortas desempenham um papel ainda mais ambicioso: esses aparelhos são a sede de uma volta ao Caos primordial, de uma repetição da cosmogonia; as substâncias nele morrem e ressuscitam para serem finalmente transmutadas em ouro.<sup>213</sup>

Os elementos químicos na alquimia representam a essência das coisas da natureza. Os elementos químicos tal como são entendidos hoje demonstram como podemos saber do que as coisas são feitas. Quando afirmamos que tal planeta é formado por gases ou ferro, por exemplo, sabemos porque tais substâncias emitem cores, e emitem cores diferentes em contato com o fogo, ou com o calor, ou com a água ou com o magnetismo. Sabemos do que são feitos os planetas. Sabemos do que é feito o nosso, a Terra, por todos os elementos que a compõem e que estão expostos organizadamente numa tabela.<sup>214</sup> Sabemos todos os ingredientes usados pelo Criador para a elaboração da Sua Grande Obra: a obra divina, o cosmos, a galáxia, o sistema solar, os planetas, a Terra.

Na alquimia, o fogo é o principal agente das modificações impostas à matéria. O fogo era a alma do laboratório de um alquimista. Sem ele nada poderia ser maturado. Lembremos que o fogo é considerado sagrado por muitas religiões. Seu culto vem desde a pré-história dos tempos. O fogo possibilitou ao homem seu desenvolvimento. Foi

---

<sup>213</sup> ELIADE, M. *Op. cit.*, p. 131.

<sup>214</sup> A *Tabela Periódica dos Elementos Químicos* foi organizada por Dimitri Mendeleev (1834-1907), químico russo, que desenvolveu o conceito de periodicidade química, juntamente com Lothar Meyer. Trabalhando independentemente, chegaram a um co-relacionamento mais detalhado das propriedades dos elementos e suas massas atômicas. Isso proporcionou uma melhor visualização da periodicidade das propriedades dos elementos. Na verdade, vários cientistas contribuíram para que se chegasse à classificação periódica dos elementos químicos; visto que muitos deles são conhecidos desde a antiguidade, porém o trabalho de Mendeleev destacou-se por ser o mais completo e ousado. Seu trabalho foi fruto da necessidade de organizar os elementos da Química Orgânica com os quais trabalhava, começou então a catalogar e classificar os elementos. Em 1869, Mendeleev apresentou à comunidade científica a sua lei periódica dos elementos. Sentindo-se muito seguro da validade de sua classificação, Mendeleev deixou posições vazias na sua tabela, dedicada a elementos que eram desconhecidos. O trabalho desenvolvido por Mendeleev foi surpreendente no sentido de que suas pesquisas foram desenvolvidas em uma época em que muitos elementos naturais eram desconhecidos como os gases nobres. Não se conhecia a estrutura atômica e os números atômicos que são utilizados na organização dos elementos da tabela atual. Ele predisse, com uma precisão surpreendente, as propriedades dos mesmos quando viessem a ser conhecidos. Para isso, utilizou como base as propriedades dos elementos vizinhos. Somente em 1913, Henry G. L. Mosely estabeleceu o conceito de número atômico; porém essa descoberta não provocou grandes alterações na classificação dos elementos feita por Mendeleev, apenas alguns rearranjos. Síntese do texto de Renata M.S. Celeghini. Disponível em: < <http://www.cdcc.usp.br/quimica/galeria/mendeleev.html> > Acesso em: 25/07/2009.

usado para iluminação, para afugentar animais, aquecer, cozinhar, fundir e reduzir a cinzas. Da Grécia à Pérsia, no Ocidente e no Oriente, o fogo sempre figurou nos ritos e rituais. Para os alquimistas, a importância do fogo se deu pelo seu poder de apressar a maturação das coisas e elevá-las de sua inferioridade primitiva, à sua perfeição. Além de ser uma substância iluminadora, portanto, o fogo promove a metamorfose da matéria.

O fogo sempre foi associado à alma.<sup>215</sup> E talvez seja o principal elemento da cisão entre a Alquimia e a Química moderna. Isto porque, segundo a tradição alquímica, a combustão liberaria um componente etéreo, a alma da matéria, idéia que inspirou o alquimista Georg Ernst Stahl a criar a teoria do flogisto. Lavoisier refutou essa teoria depois de anos de experiências em busca do flogisto. E em 1774 Joseph Priestley veio a descobrir que a substância liberada na queima da matéria era o oxigênio. Segundo o químico Helmut Gebelein, a teoria do flogisto marcou o início do declínio da Alquimia. Vale lembrar que experiências posteriores com álcool demonstram outras propriedades da combustão, pois a natureza da matéria interfere na liberação de energia.

O processo de aceleração da maturação da matéria chamado de transmutação, obedece fases de maturação que podem ser aceleradas por meio dos métodos de destilação, combustão, aquecimento, evaporação, trituração, fixação, coagulação, calcinação, sublimação, solução, putrefação e tintura.<sup>216</sup> Tais processos possibilitaram o desenvolvimento de várias técnicas de alteração da matéria, principalmente na fabricação de remédios para tratamentos médicos. Na busca pelo elixir da longevidade, Paracelso, por exemplo, realizou estudos criando a "aspargíria" (de *spao, spein*: extrair; e *agerien*: reunir), equivalente grego da expressão latina *Solve et Coagula*.<sup>217</sup> Seguindo a *Tábua de Esmeralda*, Paracelso chegou a duas etapas para a realização da aspargíria.

---

<sup>215</sup> "O fogo é a alma do grande Todo. Seus átomos elementares se expandem e fluem incessantemente sobre o mundo em correntes infinitas. Nos pontos em que estas correntes se entrecrocaram no céu, elas produzem a luz, em seus pontos de interseção na terra, elas produzem o ouro. A luz, o ouro: a mesma coisa... O fogo no estado concreto... A diferença do visível para o palpável, do fluido para o sólido na mesma substância, do vapor de água para gelo: apenas isso! Mas como fazer para subtrair, na ciência, o segredo dessa lei geral?... Sim, o fogo: eis tudo. O diamante está no carvão, o ouro está fogo..." (Claude Frollo. Notre-Dame de Paris, Livro VII, Capítulo IV.) *Apud.*: HUTIN, S. *Op. cit.*, p. 128.

<sup>216</sup> *Calciniatio, solutio, coagulatio, sublimatio, morteficatio ou putrefatio, separatio e coniunctio*. A todos esses processos são referenciados as cores. As cores e os matizes dependem do estado e da natureza da matéria. O negro é associado à putrefação, o branco à dissolução e o vermelho à coagulação. Os estágios da maturação da matéria estão associados à morte, putrefação e renascimento. No tratado árabe intitulado *Turba dos Filósofos* consta: "E sabe que o fim nada mais é do que o princípio, e que a morte é causa da vida e o começo do fim. Vede negro, vede branco, vede vermelho, e basta. Pois essa morte é a vida eterna depois da morte, gloriosa e perfeita." (René Alleau *Aspects de l'Alchimie Traditionnelle*.) *Apud.*: HUTIN, S. *Op. cit.*, p. 125.

<sup>217</sup> Paracelso é o pseudônimo do suíço Phillipus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim (1493 - 1541). Médico, alquimista, físico e astrólogo. Seu pseudônimo significa "superior a Celso" - médico romano.

Em primeiro lugar, a separação, divisão dos componentes dos corpos, de modo geral vegetais (destilação), conseguindo a extração de uma tintura: um líquido claro e volátil que contém alcoóis primários e secundários. Num segundo momento, reuniu as partes purificadas numa nova mistura harmoniosa e fixa: a quintessência, que serve de base para a fabricação dos elixires.<sup>218</sup>

A tradição hermética de Paracelso de entender o homem como microcosmo, resumo e reflexo do universo, estabeleceu entre o corpo humano e o macrocosmo, múltiplas correspondências. O coração associado ao sol e ao ouro; a cabeça, à lua e à prata; os pulmões, à Júpiter e ao estanho; e assim por diante. Cada um desses elementos, agregados em séries por semelhanças comuns seriam capazes de se desenvolver com um vínculo comum. Paracelso deduziu daí que “os semelhantes atraem os semelhantes”. Em outras palavras, devia-se curar uma doença do coração com o ouro, da cabeça com a prata... Foi aí que surgiram os fundamentos da homeopatia, sistema oposto de alopatia, *Contraria contrariis curantur*, de hoje. Segundo Paracelso, a cura seria resultado da exaltação das semelhanças, transformadas habilmente em simpatias benéficas.

Atualmente sabe-se que o magnetismo e a eletricidade são fenômenos diretamente relacionados. Porém, esta relação só foi claramente estabelecida no século XIX. O magnetismo é um fenômeno conhecido desde a antiguidade, e não foram poucos os estudos envolvendo rochas magnéticas feitos pelos chineses, por exemplo. Lembremos também que os chineses legaram aos ocidentais, no século XI, a invenção da bússola, que possibilitou as grandes navegações a partir do século XV, bem como a pólvora (combinação de elementos químicos).<sup>219</sup>

Embora saibamos da fama de Mesmer<sup>220</sup>, que no século XVIII, desenvolveu pesquisas com imã, criando o conceito de magnetismo animal, devemos lembrar que em

---

<sup>218</sup> A “quintessência”, *quinta essentia* latina, é uma tradução da expressão grega *pempté ousia*, o éter ou quinto elemento, que Aristóteles classificou acima da terra, da água, do ar e do fogo, em razão de sua sutileza. A idéia de uma *Quintessência* é um tipo especial de manifestação da matéria que preenche o cosmos. Percebida também como o *fluido universal* ou alma do mundo. (GREINER, F. *Op. cit.*, p. 91.) É bom lembrar que recentemente os cientistas contemporâneos instituíram o plasma como o 5º. estado da matéria.

<sup>219</sup> *Ad. tempora*: A tradição dos fogos de artifícios entre os chineses remonta a antiguidade. As reações químicas dos componentes dos fogos, quando submetidos ao calor e à combustão, dão efeitos de cores e formas diferentes de fogos. O bário dá ao fogo a cor verde, o estrôncio, a cor vermelha e o cobre a cor azul.

<sup>220</sup> Franz Anton Mesmer (1734 - 1815), médico e magnetizador Suábio (Alemanha). Famoso por suas experiências com o magnetismo animal. Criou uma terapia científica, revolucionando a medicina de sua época, antecipou conceitos da *Doutrina Espírita*, elaborou uma fisiologia humana espiritualista, iniciou a psicologia experimental. Suas descobertas aguardam estudos mais aprofundados. Chegou a conclusão de que o homem não é apenas um corpo e que a complexidade da fisiologia humana ultrapassa os limites de observação dos sentidos físicos. Segundo ele, o homem está imerso numa matéria sutil, que se espalha por

pleno século XVI, Giordano Bruno já desenvolvia importantes estudos sobre as propriedades do imã e da lei da atração, descritos em seu *Tratado da Magia*.

**Como o imã atrai o ferro, e o coral, o sangue etc.**

Pode deduzir-se a partir destas premissas que é pela própria natureza que a pedra de imã atrai. Na verdade, a atração é dupla: certos objetos atraem em primeiro lugar por simpatia, como quando as partes se movem em direção ao seu todo, como quando aquilo que tem um lugar definido volta ao seu lugar, quando os semelhantes estimulam os seus semelhantes e os correspondentes os seus próprios correspondentes. O outro tipo de atração faz-se sem a sobredita simpatia quando, por exemplo, um contrário é arrastado pelo seu contrário que sobre ele triunfou, não podendo fugir-lhe: assim é a unidade levada pelo fogo, como se verifica quando se coloca sobre uma bacia cheia de água uma outra cheia de fogo; a água esgota-se por virtude do calor, a ponto de evaporar-se nos ares.<sup>221</sup>

Segundo Carlos Antonio Fragoso Guimarães, o pensamento de Bruno era holista, naturalista e espiritualista.<sup>222</sup> Dentre suas idéias especulativas, destacamos a percepção de uma sabedoria que se exprime na ordem natural, onde todas as coisas, quer tenhamos idéia ou não, estão interligadas e se inter-relacionam de maneira mais ou menos sutil (holismo); a pluralidade dos mundos habitados, sendo a Terra apenas mais um de vários planetas que giram em volta de outros sistemas, etc. Por tudo isso, por essa ousadia em pensar, Bruno - que estava séculos adiante de seu tempo - pagou um alto preço. Mas sua coragem serviu de estopim e incentivo ao progresso científico e filosófico posterior.

---

todo o Universo e o interliga com todos os seres: é o princípio vital, também chamado fluido vital ou Magnetismo Animal. Essa é a causa da vitalidade orgânica e o princípio que mantém e recupera a saúde. Toda essa estrutura, desconhecida da ciência oficial, tem origem na matéria. Matéria sutil, distante do alcance dos instrumentos científicos atuais. O espírito é uma individualidade imaterial que rege essa complexa composição orgânica. Mesmer revelou ao mundo essas descobertas que renovam as ciências médicas e abrem as portas para uma medicina que possibilite a cura e que preserve a saúde. Entretanto, a ciência do Magnetismo Animal ainda é completamente desconhecida no meio acadêmico da medicina devido aos estigmas negativos de charlatanismo que sofreu Mesmer no século XVIII, como mostra Robert Darnton. Síntese de biografias. Disponível em: <<http://www.fraternidaderosacruz.org/mesmer.htm>> Acesso em: 25/07/2009; *Passim*: DARNTON, R. *O lado oculto da revolução: Mesmer e o final do Iluminismo na França*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

<sup>221</sup> BRUNO, Giordano. *Tratado da Magia*. Introdução, tradução e notas de Rui Tavares. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 67.

<sup>222</sup> GUIMARÃES, Carlos Antonio Fragoso. *Giordano Bruno: a metafísica do infinito*. Paraíba: Sociedade Espírita de João Pessoa, 1997.

## 5.2.2. Alquimista: a riqueza e a longevidade

*Os alquimistas estão chegando...*

Jorge Ben Jor

É difícil identificar um rol dos alquimistas mais importantes para a história da ciência. Correríamos o risco de negligenciar nomes importantes. No entanto, não resta dúvidas que segundo a literatura alquímica, Nicolas Flamel parece ter sido o mais famoso dos alquimistas. Diz-se que teria fabricado a pedra filosofal, o elixir da longa vida e realizado a transmutação de metais em ouro. Teria conseguido tais proezas por meio de um livro misterioso, muito antigo, de autoria de Abraham, o Judeu, que continha textos intercalados enigmáticos, com desenhos de serpentes, virgens, desertos e fontes d'água. Achando-o intrigante, passou a estudá-lo, descobrindo que se tratava de cabala e alquimia.

Eu, Nicolau Flamel, escrivão e vizinho de Paris, neste ano de 1399, residindo na minha casa da Rue des Escrivains, perto da capela de St. Jacques de la Boucherie. Ainda que tenha aprendido só um pouco de latim devido aos escassos meios dos meus pais, que, apesar de tudo, eram estimados como gente de bem. Assim pois, quando depois da morte de meus pais, ganhava a vida com a nossa arte da escrita, fazendo inventários, contas, travando os gastos de tutores e de menores, veio-me parar às mãos, por dois florins, um livro dourado muito velho e grande. Não era de papel nem pergaminho como os demais, mas de córtices (assim me pareceu) de tenros arbustos. A sua capa era de cobre fino, gravado com letras e figuras estranhas. Creio que poderiam ser caracteres gregos ou de outra língua antiga similar, pois sabia lê-lo e não eram letras ou ornamentos, já que dessa percebo um pouco. No interior, as folhas de córtice estavam gravadas com grande perfeição e escritas com buril de ferro, umas letras latinas coloridas, muito belas e claras. Continha três vezes sete folhas; assim estavam numeradas no alto da folha. A sétima não continha escrito algum. Em vez disso, estava pintado, na primeira sétima, um látego e umas serpentes mordendo-se. Na segunda sétima, uma cruz com uma serpente crucificada. (...) Na quarta folha pintou, em primeiro lugar, um jovem com asas nos calcanhares e com um caduceu na mão, rodeado por duas serpentes, com o qual golpeava um capacete que lhe cobria a cabeça. Pareceu-me o deus Mercúrio dos pagãos. Contra ele, vinha correndo e voando, com as asas abertas, um velho que levava um relógio atado na cabeça e nas suas mãos uma gadanha como a Morte, com a qual queria cortar os pés a Mercúrio.<sup>223</sup>

Flamel não tinha, à altura em que adquiriu o dito livro, um conhecimento profundo da simbologia alquímica. Por isso fez uma peregrinação à Compostela, onde encontrou um tal Mestre Canches, um sábio judeu, que teria lhe explicado o simbolismo

---

<sup>223</sup> FLAMEL, Nicolas. *O livro das figuras hieroglíficas*. São Paulo: Editora Três. Biblioteca Planeta. 1973. p. 49 – 68.

contido no livro. A partir do ano de 1380, Flamel, então, começou a se dedicar à alquimia prática. Na verdade, o mistério que cerca a sua figura, está relacionado ao fato de, dez anos mais tarde do início dos experimentos, ele ter realizado um grande número de obras de caridade, como a construção de hospitais, igrejas, abrigos e cemitérios, decorados com pinturas e esculturas contendo símbolos alquímicos e muito ouro. Especula-se que ele teria conseguido produzir ouro por meio da transmutação. Embora Flamel e sua esposa levassem uma vida simples e sem ostentação, deixaram um testamento impressionante, com generosas doações a várias instituições. Segundo consta, Flamel e sua esposa Perrenelle gozavam de uma saúde invejável e não aparentavam a idade que tinham, o que suscitou a lenda de que ele e Perrenelle teriam descoberto o elixir da longa vida e não teriam morrido.

Deixados a fama, a glória e a riqueza de lado, foi a tradição alquímica de Paracelso no século XVI, no entanto, que exerceu uma profunda influência nos cientistas do XVII, como Newton, Bacon e mesmo Kepler, os quais foram também profundos conhecedores do *Corpus Hermeticum*. A distinta natureza da filosofia de Paracelso era consequência da visão cosmológica e teológica de mundo, onde o antropocentrismo dava ao homem o lugar primordial da existência. A filosofia natural e a medicina eram entendidas à luz das analogias e correspondências entre macrocosmo e microcosmo, explicitados na *Tábua de Esmeralda* de Hermes. As especulações acerca das analogias tinham seriamente empenhado a mente dos filósofos durante toda a Idade Média. Paracelso foi o primeiro a aplicar essas especulações para o conhecimento da natureza sistemática. Isso associado com a singular posição que ele assumiu, no que diz respeito à teoria e à prática de aquisição dos conhecimentos. Rompeu com o ordinário lógico, antigo e medieval, seguindo as suas próprias linhas. Seu pensamento é naturalista, o que o aproxima dos filósofos do século XVII e antropocentrista, o que o evidencia como um homem do XVI, fortemente influenciado pelo hermetismo. Paracelso tinha um claro entendimento de que alquimia não era magia, era ciência; e a ciência obedecia as leis da natureza.

Embora Paracelso fosse médico, astrólogo e alquimista, e buscasse remédios para a cura a partir dos escritos herméticos e das relações do corpo humano com as estrelas, discordava em boa medida dos magos do seu tempo, tendo seu pensamento diferenciado do de Flamel e Agrippa, por exemplo.<sup>224</sup> Segundo Paracelso, se o homem,

---

<sup>224</sup> Heinrich Cornelius Agrippa von Nettesheim (1486 - 1535) mago alemão, escritor de ciências ocultas, astrólogo, alquimista e praticante da ciência hermética. Escreveu sobre magia natural. Acreditava no

o clímax da criação, une em si mesmo todos os componentes do mundo em torno dele como minerais, plantas, animais e corpos celestes, pode adquirir conhecimento da natureza de modo muito mais direto, sentindo internamente essas relações e correspondências. Acreditava num ato de atração simpática entre o interior representativo de um determinado objeto, na própria constituição do homem e o seu homólogo externo (as estrelas do macrocosmo). A originalidade de Paracelso, então, não foi a teoria microcós mica em si mesma, nem a busca da união com o objeto, mas o emprego consistente desses conceitos com a ampla base de um elaborado sistema de correspondências da filosofia e medicina natural.

Ouro, longevidade, poder fizeram com que, ao longo do século XIV, os alquimistas se tornassem visados, invejados e alvo de perseguições. A ganância de reis, príncipes e homens poderosos levou-os a tomar determinados cuidados no exercício de suas atividades. Constam nos conselhos ao alquimista de Alberto, o Grande, no século XIII:

1. Deve o alquimista ser silencioso, discreto, e não revelar a ninguém o resultado de suas pesquisas e operações;
2. habitar longe dos homens, em casa particular, onde destine dois ou três cômodos às sublimações, soluções e destilações;
3. escolher bem o tempo e as horas convenientes a seu trabalho;
4. ser paciente, perseverante e assíduo até o fim;

---

poder das palavras. No primeiro volume, sobre a Magia Natural, desenvolveu a teoria dos três mundos: o elementar, o intelectual e o celeste; cada um sendo governado pelo seu superior e recebendo as suas influências. Analisou as virtudes ocultas das coisas, o modo como elas provêm das idéias, da alma, do cosmos e dos influxos planetários; quais as atrações e que repulsas suscitam nas espécies animais, vegetais e minerais. No 2º volume falou sobre os números, pesos e medidas, os segredos da harmonia universal, signos. No 3º volume tratou do efeito dos nomes divinos, da hierarquia angélica, dos espíritos planetários, das nove classes de espíritos maus, dos ritos, conjurações, pontículos sagrados, dos hieróglifos cabalísticos; tudo isso no intuito de instruir o mago; dizia: "Embora o homem não seja um ser imortal como o é o Universo, ele não deixa de ser dotado de razão e com sua inteligência, sua imaginação e a sua alma, é capaz de influenciar e transformar o mundo inteiro". Agrippa defendia a necessidade de religião em todo o cerimonial mágico, dizia: "A religião é a coisa mais misteriosa e sobre ela devemos guardar segredo, pois é Trismegistro que afirma que constituiria ofensa à religião, divulgá-la à turba profana". Na sua concepção, a religião é uma mescla de cristianismo, neoplatonismo e cabala. Agrippa leu e tentou conciliar as Escrituras com os textos sagrados das outras religiões. Sobre as citações extraídas de autores estrangeiros, diz: "Eu não dou-as como verdade, é preciso ter a perspicácia para extrair o bem de todo o mal e reduzir a uma linha direita todas as coisas oblíquas". Concebeu a natureza como um conjunto vivificado em todas as suas partes por uma alma universal ou espírito do mundo que governa os elementos (Quintessência) das leituras que lhes eram proibidas. Cimentou a idéia da magia primitiva sobre bases novas fazendo evoluir seu conceito em direção à ciência experimental com o estabelecimento da chamada magia natural, da qual foi o mais alto expoente juntamente com Paracelso. Síntese dos autores: YATES. *op. cit.*; TABOSA, Adriana. *Magia e filosofia natural em Heinrich Cornelius Agrippa*. Doutoranda UNICAMP. Disponível em:

<<http://www.unifra.br/thaumazein/edicao4/Artigos/Adriana.pdf>> Acesso em: 29/07/2009.

5. executar, segundo as regras da arte, a trituração, a sublimação, a fixação, o calcinamento, a dissolução, a destilação e a solidificação (coagulação);
6. possuir recipientes de vidro ou cerâmica envernizada, pois os licores ácidos (*aquae acutae*) atacam os vasos de cobre, ferro e chumbo;
7. ter provimentos suficientes para comprar todo o necessário para as operações;
8. evitar toda relação com príncipes e grandes.<sup>225</sup>

A partir da constatação de que o ouro, bem como o elixir da longa vida, suscitavam a ganância dos homens, compreende-se o porquê da alquimia ter caído na clandestinidade.

### 5.2.3. Cientista: o empirismo e a comprovação

NAPOLEÃO: Monsieur Laplace, por que o Criador não foi mencionado em seu livro Mecânica Celeste?

LAPLACE: Sua Excelência, eu não preciso dessa hipótese.<sup>226</sup>

Lendas, discrição e críticas à parte sobre os alquimistas, podemos considerar como o mais ilustre dos alquimistas o próprio Isaac Newton. O pai da ciência moderna que, segundo Yates, esteve ligado à Ordem Rosacruz. Newton, é sem dúvida, o mais eminente cientista da era moderna. Filósofo naturalista, reconhecido no campo da Física e da Matemática. Foi também astrônomo e alquimista, como muitos do seu tempo. Sua obra, *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*, é considerada uma das mais influentes na História da Ciência. Publicada em 1687, descreveu a lei da gravitação universal e as três leis de Newton, que fundamentaram a mecânica clássica. Provou a consistência que havia entre o seu sistema idealizado e as leis de Kepler do movimento dos planetas. Foi o primeiro a demonstrar que o movimento de objetos, tanto na Terra como em outros corpos celestes, são governados pelo mesmo conjunto de leis naturais. O poder unificador e profético de suas leis centrou-se na revolução científica, no avanço do heliocentrismo de Copérnico e na difundida noção de que a investigação racional pode revelar o funcionamento mais intrínseco da natureza.

---

<sup>225</sup> *Apud*: FLAMEL, N. *Op. cit.*, p. 27. É interessante notar que os conselhos de Alberto, o Grande, foram musicados por Jorge Ben Jor em *Os alquimistas estão chegando*.

<sup>226</sup> GLEISER, M. *A dança do Universo: dos mitos de criação ao Big-Bang*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 197.

Seus estudos no campo da óptica demonstraram que a luz branca é formada por sete cores, vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. Sua lei da gravitação revolucionou a lógica do pensamento científico a partir do XVII. Newton explicou, a partir de sua *Terceira Lei da Dinâmica*, que se um objeto atrai um segundo objeto, este segundo também pode atrair o primeiro com a mesma força. Concluiu que o movimento dos corpos celestes não podia ser regular. Para ele, porém, longe do ateísmo que viria a prevalecer no pensamento científico do século XIX, a estabilidade das órbitas dos planetas implicava em reajustes contínuos sobre suas trajetórias impostas por um poder divino. Considerava que a Mecânica Celeste era governada pela gravitação universal e, principalmente, por Deus. Segundo um de seus depoimentos, podemos perceber sua íntima ligação com a idéia da nômada do hermetismo: "A maravilhosa disposição e harmonia do universo só pode ter tido origem segundo o plano de um Ser que tudo sabe e tudo pode. Isto fica sendo a minha última e mais elevada descoberta".<sup>227</sup>

Podemos afirmar que, no século XVII, visivelmente marcado pelo naturalismo e pelo racionalismo, Newton demarcou um novo paradigma científico, o mecanicismo, figurado na emblemática frase de Alexander Pope: "A Natureza e suas leis escondiam-se na escuridão. E disse Deus: 'Faça-se Newton!', e Tudo se iluminou".<sup>228</sup> Embora Newton tenha sido um deísta convicto, seu sistema da natureza, segundo Hazard, permitiu ao homem de então não mais se distinguir do conjunto mecânico dos seres vivos, criando assim uma outra religião, a religião natural, um meio caminho para as forças do ateísmo e do cientificismo do XIX.<sup>229</sup> O próprio conceito de Iluminismo, denota à essa época a idéia de que a humanidade havia saído de um período de obscuridade e de trevas, para um momento onde a ciência passou a iluminar o homem. O mais marcante legado dos filósofos iluministas, a importância dada à Natureza, fez com que Deus saísse de cena e fosse substituído pela Natureza, e nessa nova cosmologia, a ciência passou a ser a verdade única e absoluta das coisas.

---

<sup>227</sup> Os historiadores da ciência costumam ocultar a relação de Newton com a Alquimia, a Astrologia, bem como negligenciam a sua religiosidade. Newton tinha algumas opiniões acerca dos escritos bíblicos e sobre o fim do mundo. Em um manuscrito que escreveu em 1704, tentou extrair elementos científicos da Bíblia. Estimava que o mundo não iria terminar antes de 2060. Em *Escatologia*, Newton investigou uma parte da teologia e da filosofia apocalípticas, preocupado com o que se acreditou ser o último acontecimento na história do mundo, ou o derradeiro destino da humanidade. Newton escreveu muitas obras que passaram a ser classificadas como estudos ocultistas.

<sup>228</sup> GLEISER, M. *Op. cit.* p. 163.

<sup>229</sup> HAZARD, Paul. *O pensamento europeu no século XVIII*. Lisboa: Editorial Presença, 1974. p. 111 – 125.

Mas não se pode negar que o mundo antes de Newton forneceu elementos preciosos para o entendimento da natureza. Buttrfield diz que havia muito que o mundo estava familiarizado com os laboratórios e refinarias dos alquimistas, com dissolução e combinação de substâncias e estudos sobre as reações dos ácidos e do fogo. Durante o século XVI produziram-se progressos notáveis no campo da física em relação ao conhecimento que se tinha no mundo antigo. A fundição e refinação de metais, a produção de tratamento do vidro, da porcelana e das cores, o desenvolvimento de substâncias explosivas, materiais artísticos com tintas de pigmentação à base de reações químicas e a fabricação de remédios curativos, porém, do ponto de vista da ciência moderna, não representaram uma revolução científica, como foi denotado ao século XVII posteriormente.<sup>230</sup> Essas conquistas foram incipientes. De fato, a alquimia não conseguira providenciar a estrutura requerida para o pensamento científico moderno, foi antes de tudo, um fator de perturbação a ele, visto que a alquimia pressupunha um componente espiritual de ação e estava intimamente relacionada à magia.

A aproximação da Alquimia com a tradição hermética esotérica faz dela uma ciência sagrada. Essa relação místico-religiosa é o que a distancia da Química científica positiva. Ela é pensada em duas vertentes bem definidas, uma operacional e intuitiva e outra prática e aplicada, ambas intimamente ligadas à Natureza. A Alquimia operacional e intuitiva operava em nível interior, envolvendo operações em nível espiritual, simbólica e fartamente representada na literatura alquímica. A outra vertente prática e aplicada, é direcionada a mudar as forças físicas da natureza. Opera por meio das substâncias primordiais, o enxofre, o mercúrio e o sal. A busca pelos elementos componentes da natureza levaram o alquimista pesquisador a uma evolução<sup>231</sup> de técnicas, concepções, anotações, pesquisas, experimentações, que em poucos séculos se encontrou com o racionalismo empírico, conseguindo se legitimar como ciência, como Química.

Mas antes que Mendeleev, no XIX, conseguisse organizar os elementos químicos na *Tabela Periódica*, foram necessários vários séculos de experimentos e catalogação das propriedades dos elementos químicos. Embora, os elementos químicos, tais como ouro (Au), prata (Ag), estanho (Sn), cobre (Cu), chumbo (Pb) e mercúrio (Hg) fossem conhecidos desde a antiguidade, a primeira descoberta científica de um

---

<sup>230</sup> BUTTERFIELD, Herbert. *As origens da ciência moderna*. Lisboa: Edições 70. Coleção História das Idéias e do Pensamento, 1992. p. 171 – 205.

<sup>231</sup> Usamos a expressão “evolução” no sentido que Norbert Elias dá a ela, como um processo não necessariamente de melhoria e sim de *continuum*.

elemento só ocorreu em 1669, quando o alquimista Henning Brand descobriu o fósforo. As combinações químicas que resultam no nitrato de prata, no bitartarato de potássio e no sulfato ferroso também eram conhecidos dos alquimistas ilustrados. Durante os duzentos anos seguintes, um grande volume de conhecimento, relativo às propriedades dos elementos e seus compostos, foi adquirido pelos químicos. Com o aumento do número de elementos descobertos, os cientistas iniciaram a investigação de modelos para reconhecer as propriedades e desenvolver esquemas de classificação.

A primeira classificação foi a divisão dos elementos em metais e não-metais. Isso possibilitou a antecipação das propriedades de outros elementos, determinando assim, se seriam ou não metálicos. Alguns séculos se seguiram até que no XIX Mendeleev conseguiu organizar todos os elementos conhecidos numa tabela, contendo sua massa, seu número atômico e demais informações classificatórias. Ele sistematizou séculos de acúmulo de pesquisas químicas. Esse trabalho rendeu a Mendeleev o Prêmio Nobel em 1906.

O empirismo do século XVII promoveu em boa medida os experimentos científicos que se seguiram pelo XVIII e XIX. Não foram raros os laboratórios que explodiram e pesquisadores que morreram intoxicados devido à exposição a elementos desconhecidos. A natureza e o empirismo da experiência criaram, no XIX, o paradigma da verdade positiva. A comprovação científica passou a ser a autoridade validativa de um fato. A ciência monopolizou a verdade e os discursos políticos justificaram-se em nome da ciência. Tudo passou a ter que ser cientificamente comprovado.

Do ponto de vista que envolve os processos da transmissão do saber, Paolo Rossi, ao verificar o nascimento da ciência moderna na Europa, analisou como se deu a passagem do saber hermético para o saber público da revolução científica do século XVIII. Afirma o autor que, o saber, entendido como forma de poder, foi sempre fechado, hermético, velado pelo segredo e ocultado pelos labirintos de simbolismos, dissimuladores dos métodos; contrapondo-se à proposta iluminista de um saber universal, que tendia ao esclarecimento e à alfabetização, demonstrável e comunicável à todos por meio das instituições humanistas. A verdade, na proposta iluminista, deveria ser provada e comprovada por meio da nova ciência experimental. Essa nova ciência deveria ser difundida à todos, como uma forma de levar luz à ignorância e às superstições. A nova ciência deveria ser clara, didática e de linguagem simples, diferenciando-se da antiga ciência hermética.

A cabala, a astrologia, a magia e a alquimia associavam o poder do verbo, da simpatia e correspondências planetárias, da imaginação criadora e do conhecimento profundo da natureza, para a formação do que se entendia como a antiga ciência sagrada. É certo que esta relação se diluiu a partir da Renascença. Mas em suma, até o século XVI, a alquimia esteve intimamente relacionada à magia, pois sua ciência (ou prática científica) não foi pensada dissociada do divino, do Todo, do princípio *Nous*. No entanto, a partir do XVII, a alquimia ganhou novas tonalidades e sua prática voltou-se para o entendimento das leis naturais e físicas no plano empírico. A relação alquimia e magia fora então rompida.

Se a Renascença pode ser identificada como o período de transição para o rompimento entre a magia (ciência divina) e a alquimia (ciência natural), podemos considerar o Iluminismo o marco de transição entre a ciência hermética e a ciência positiva para um quase total rompimento no século XIX. Havíamos mencionado anteriormente que, dentro do conceito de tradição hermética, poderíamos apreender o sentido esotérico e o sentido científico, embora antes não pensados separadamente. Do hermetismo renascentista ao iluminista, prevaleceu, então, a herança científica. Podemos observar uma trajetória que foi da magia à alquimia, e da alquimia à química.

O que pretendemos demonstrar até aqui foi que a ciência percorreu um longo caminho histórico para se consolidar com os parâmetros atuais, embora ela relute em reconhecer sua ligação com um passado mágico. Mas as evidências falam mais alto. Na defesa da centralidade do Sol, Copérnico invocou a autoridade de Hermes Trismegisto. Francis Bacon teve sua teoria das formas fortemente condicionado à linguagem e modelos da tradição alquímica. Kepler, profundo conhecedor do *Corpus Hermeticum*, foi convicto nos princípios das correspondências, profundamente influenciado pela matemática do misticismo pitagórico. Descartes, símbolo da clareza racional, foi influenciado pelo lullismo mágico. E Newton que, não só leu e resumiu textos alquímicos, também dedicou muitas horas de sua vida à pesquisa da renegada Alquimia.

Como podemos perceber, parte da memória desse passado mágico dos ícones da ciência moderna, como Newton e Kepler, foi apagado ou “editado”, ou, pelo menos, tentou-se que caísse no esquecimento. Mas estes cientistas, bem como outros, beberam da fonte hermética do conhecimento. Copérnico, Galileu, Bruno tiveram suas teorias confirmadas e comprovadas por Newton, que assim concebeu um universo mecanicista que funcionou como paradigma científico até Einstein, que rompeu com este paradigma e vislumbrou uma nova visão de mundo com sua teoria da relatividade. O ponto crucial,

ao qual foi nossa intenção chegar por intermédio do desenvolvimento desse capítulo, foi a constatação de que há um processo de abafamento da memória acontecendo no nosso presente, como alerta Benjamin. Um processo de abafamento escandaloso que pretende propositalmente cada vez mais “esquecer” e “apagar” a antiga ligação que existiu entre Ciência e Magia.

### 5.3. Verdade: a herança do cientificismo

*Qual será o absurdo de hoje que será a verdade de amanhã?*

Alfred North Whitehead – 1925

Cada época, cada momento histórico estabelece uma relação com seu paradigma de ciência, e é possível entendermos as conexões, como afirma Serres, entre um indivíduo ou grupo de indivíduos com a ciência em um dado recorte temporal.<sup>232</sup> No entanto, para que seja possível uma compreensão mais clara da idéia de ciência de um tempo passado, tal como nos propomos a discutir, será necessário partirmos da idéia de ciência do nosso tempo presente. Ou seja, devemos apreender o paradigma de saber da nossa época atual, para então, retrocedermos e entendermos o nosso objeto inserido no seu contexto. Todavia, estamos conscientes que, entre o século XVIII e XX, existe uma lacuna temporal significativa, que é justamente o século XIX. Sabemos também da importância da cronologia. Mas, partindo da lógica de que o passado é uma construção do historiador, pois é ele quem dá sentido à memória e reconstrói o passado que deseja resgatar, assumimos uma perspectiva benjaminiana de história, em que o passado é uma construção do presente, adotando a estratégia de partir do presente, de uma perspectiva atual de ciência, desconstruindo o paradigma vigente, modernamente fossilizado, para passarmos à análise de nossas fontes efetivamente no capítulo seguinte.

Thomas Kuhn, um dos principais teóricos da história da ciência, afirma que, ao considerarmos a ciência uma reunião de fatos, teorias e métodos reunidos nos textos atuais, devemos ter então os cientistas como homens que, com ou sem sucesso, empenharam-se em contribuir com um ou outro elemento para a constituição dessa constelação específica.<sup>233</sup> Nessa linha, o desenvolvimento do atual parâmetro científico torna-se um processo gradativo por meio do qual esses itens são adicionados, isoladamente ou em combinação, ao estoque sempre crescente que constitui o

---

<sup>232</sup> SERRES, Michel. *Op. cit.*, p. 165.

<sup>233</sup> KUHN, Thomas. *Op. cit.*, p. 20.

conhecimento e a técnica científicos contemporâneos. Dentro desse quadro, a história da ciência torna-se a disciplina que registra tanto os aumentos sucessivos como os obstáculos que inibem sua acumulação. Nessa perspectiva, preocupado com o desenvolvimento científico, o historiador possui duas tarefas principais. De um lado, deve determinar quando e por quem cada fato, teoria ou lei científica contemporânea, foi descoberto ou inventado. De outro, deve descrever e explicar os amontoados de erros, mitos e superstições que inibiram a acumulação mais rápida (e verdadeira) dos elementos constituintes do moderno texto científico. Porém, nos últimos anos, os historiadores estão encontrando mais e mais dificuldades para preencher essas funções metodológicas de investigação que lhes são prescritas pelo conceito de desenvolvimento-por-acumulação pois, ao verificarem o processo de aumento, descobrem que a idéia conceitual de “adicional” torna mais difícil (e não mais fácil) encontrar respostas para perguntas como: quando foi descoberto o oxigênio e o átomo? Ou ainda, quem foi o primeiro a conceber a conservação da energia? Kuhn alerta que o que ocorre no processo de investigação da história da ciência, por tal perspectiva, é que a ciência pensada em suas mais variadas vertentes, com infinitas possibilidades de pesquisa, inclui um conjunto de crenças totalmente incompatíveis com as que hoje mantemos, tornando-se objeto de anacronismo. Isto é, o paradigma do que é pensado como ciência não pode ser tomado linearmente e cabe à história da ciência ponderar sobre as teorias científicas em seus devidos contextos. Em nosso caso, as teorias obsoletas ou místicas não podem ser tomadas, em princípio, como acientíficas ou acumulativas, como já demonstramos até aqui.

Em visão panorâmica, considerando a história da ciência, como narrada pelos historiadores, percebe-se que cada tempo se relaciona de uma maneira diferente com o seu paradigma de ciência. Da passagem do antigo saber hermético, como apontado por Rossi, no qual o segredo resguardava as técnicas, métodos e conhecimentos, para a transição da revolução científica e posteriormente à proposta iluminista do saber público, podemos sinteticamente apontar a mudança na lógica científica: na tradição da ciência hermética, o paradigma era a lógica analógica: “Verdadeiro, sem falsidade, certo e mais do que real, aquilo que está embaixo (ou inferior) é como aquilo que está em

cima (ou superior), e o que está em cima é como o que está embaixo para cumprir as maravilhas de uma coisa”.<sup>234</sup>

E no paradigma da ciência atual, a lógica passou a se fundamentar na identidade matemática, ou seja, uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa: “A” é “A” e somente “A”, e “B” é “B” e somente “B”, não pode ser outra coisa como no princípio da analogia onde “A” pode ser “B” e pode ser “C”, pelo princípio das correspondências. A realidade virtual e o mundo cibernético também são pensados dentro desse paradigma binário de identidade matemática, onde “é” ou “não é”, e não há possibilidade para o “talvez”. Mas, nas últimas décadas, a física quântica parece estar rompendo com esta perspectiva científica e vem ocupando um espaço cada vez maior na formulação do paradigma científico desse terceiro milênio. Uma nova visão de mundo parece despontar no horizonte.

No entanto, a idéia de ciência que vigora nos dias atuais está muito mais ligada ao passado do que ao futuro, mantendo uma relação maior do que podemos imaginar com o pensamento do século XIX. Somos herdeiros de um cientificismo racionalista, no qual a ciência atesta a verdade das coisas. Acreditamos no que é cientificamente comprovado. Um teste de DNA para comprovar a paternidade de um indivíduo, por exemplo, dificilmente encontra contra-argumentos que desacreditem o veredicto do resultado científico. A veracidade histórica de fontes e fósseis, pelas datações do carbono-14, também sugere a confiabilidade científica. O mesmo ocorre com os sistemas científicos de identificação de indivíduos como a impressão digital, o exame da arcada dentária e da íris dos olhos.<sup>235</sup> Acreditamos na ciência como verdade.

---

<sup>234</sup> *Tábua de Esmeralda de Hermes Trismegisto*, traduzida por R. Phelps do livro *Amphitheatre*, de Khunrath. *Ensinaamentos Herméticos*. Publicação Biblioteca Rosacruz, AMORC, Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa, 2005. p. 29.

<sup>235</sup> A impressão digital é composta por desenhos, impressos em uma superfície lisa, formados pelas papilas (elevações da pele), presentes nas polpas dos dedos das mãos. São usadas há mais de cem anos, como forma de identificação de pessoas. São únicas e são a marca pessoal de cada indivíduo, diferentes inclusive entre gêmeos univitelinos. As papilas são formadas ainda no feto e acompanham a pessoa pela vida toda sem apresentar grandes mudanças. A impressão digital apresenta pontos característicos e formações que permitem a um perito, chamado papiloscopista, identificar uma pessoa de forma bastante confiável. Nos dias de hoje, a comparação é feita também por sistemas computadorizados, os chamados sistemas AFIS (*automated fingerprint identification system*). Algumas pessoas, contudo, apresentam as pontas dos dedos lisas, o que caracteriza a chamada Síndrome de Nagali, devido ao mal funcionamento de uma proteína chamada cretin 14. Estima-se que existam apenas três mil pessoas no mundo com esse raríssimo defeito genético. Nestes casos, a identificação é feita pela íris ou pela arcada dentária, através da biometria. O sistema de identificação de pessoas pelas impressões digitais foi inventado e posto primeiro em prática na Argentina, em finais do século XIX, por um croata naturalizado, Juan Vucetich. Sínteses. Disponível em:

<<http://www.sinpapms.org.br/noticias/papilosopia.htm>> Acesso em: 29/07/2009; Disponível em:

<<http://www.appes.com.br/impressaodigital.htm>> Acesso em: 29/07/2009; Disponível em:

<[http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos\\_projetos/projeto\\_522/Proposta\\_TCC%20Aline\\_&\\_Marcelo.doc](http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos_projetos/projeto_522/Proposta_TCC%20Aline_&_Marcelo.doc)>

Acreditamos na eficácia de seus métodos. Acreditamos que, se ela ainda não tem resposta para todas as questões, terá um dia.

Mas a nossa relação com a idéia de verdade está cada vez mais fragilizada, pois a idéia progressista de ciência como verdade, legada pelo século XIX, trouxe-nos a um momento crítico de sua evolução. As estruturas sociais, econômicas, políticas, culturais e ecológicas estão em xeque. Enfrentamos dúvidas que a ciência convencional parece não responder. Vivemos um tempo de incertezas. Buscamos soluções. Uma crise de paradigmas se configura. Em meio a este turbulento contexto, muitos filósofos e cientistas do nosso tempo têm buscado redefinir alguns dos nossos paradigmas científicos. Muitos deles estão profundamente engajados em movimentos que propõem uma revolução científica, cultural e de visão de mundo. Sugerem uma ruptura de pensamento, uma mudança de relação do homem com o saber científico. O maior entusiasta dessa nova perspectiva tem sido o físico teórico Fritjof Capra, que inspirado na física moderna de Heisenberg, Einstein e Niels Bohr, tem desafiado a sabedoria da ciência convencional ao demonstrar os surpreendentes paralelos existentes entre as mais antigas tradições místicas e as descobertas da Física do século XX, a física quântica. É para entendermos o mundo a nossa volta que se torna necessário que a história da ciência revise o passado da ciência, buscando em suas origens místicas elementos que possibilitem uma discussão mais equilibrada do assunto e que permitam formar um corolário cultural da memória que contribua para melhorar as perspectivas de futuro do planeta e da humanidade. Essa é a grande contribuição que pretendemos dar com o nosso trabalho, pois acreditamos que uma pesquisa historiográfica se presta muito mais a responder as dúvidas que suscitam um presente, como afirma Benjamim, do que a contar a história de um passado inócuo e sem sentido para o presente.

Einstein é a imagem que melhor representa o cientista contemporâneo. Embora o cientista atual esteja muito mais próximo de um personagem cético, lógico, racionalista e desprovido de sentimentos, quase um robô. Mas lembremos que foi durante o XVII que se construiu na Europa não só uma imagem de ciência, a chamada “ciência nova”, que tinha como referência os artigos publicados entre a época de Copérnico e Newton, resultando na ciência mecanicista, mas também um retrato do cientista, que se confundiu com a figura do filósofo antigo, ou ainda do santo, do monge, do professor universitário, do fidalgo da corte, do príncipe perfeito, do artesão, do humanista e do

mago. Segundo Rossi, os objetivos propostos pelos grupos compósitos de intelectuais que contribuíram para a evolução do saber científico não tinham nada a ver com a santidade individual, a imoralidade literária ou a excepcional personalidade demoníaca que lhes foram atribuídos posteriormente. Segundo Bacon, um cientista era alguém com uma casta paciência, uma modéstia natural, de modos graves e recatados, com uma grande capacidade de compreender os outros e uma afável piedade para com ele.<sup>236</sup> Era um sábio!

Mas no XIX, as imagens eram outras, os discursos eram outros, a modernidade tornara tudo mais acelerado e os paradigmas se revezaram inúmeras vezes no mesmo século, como classificou Baumer nos seus mundos de pensamento (o romântico, o neo-iluminista, o evolucionista e o *fin-de-siècle*). Desde o Renascimento, à idéia de ciência foram agregados novos conceitos, como método, empirismo, precisão, racionalismo, evolucionismo, progresso, verdade. A ciência e a magia divorciaram-se inevitavelmente. A ciência passou a ser a verdade absoluta. Passou a possuir a verdade das coisas. Comprovar cientificamente era estabelecer a verdade dos fatos. Baumer identificou um culto à ciência no XIX. “Ciência, donde previsão; previsão, donde ação.”<sup>237</sup> Essa máxima, afirmada na segunda lição da *Filosofia Positivista* de Comte, serviu como lema ao Neo-iluminismo daquele século. De acordo com essa máxima, a ação dependeria da ciência, e a ciência estaria empenhada, fundamentalmente, na previsão ou no vaticínio.<sup>238</sup> A experiência, a comprovação, a repetição fizeram com que a idéia de ciência positiva do XIX ganhasse popularidade entre a comunidade científica. Foram inúmeros os trabalhos de cientistas viajantes do XIX que se utilizaram dos recursos da modernidade para comprovar determinados experimentos e pontos de vista. A fotografia foi um deles. Ela atestava a verdade na imagem. Nesse sentido, o cientificismo significou não só o crescimento da própria ciência, mas a tentativa, em marcante contraste com a disposição romântica para responder a todas as questões, de um modo científico, transformando tudo o que é possível em ciência, incluindo alguns aspectos às próprias humanidades, aplicando os princípios da ciência ao mundo da ação. Havia a ciência da sociedade, ciência da natureza humana, literatura governada pela ciência. A fragmentação e especialização do conhecimento científico tornou-se uma regra. Surgiram a biologia, a zoologia, a botânica, a física mecânica, a química

---

<sup>236</sup> ROSSI, P. *Op. cit.* p. 9.

<sup>237</sup> BAUMER, F. *Op. cit.*, p. 62.

<sup>238</sup> *Idem.*

orgânica, a medicina - que fora seccionada nas várias áreas da divisão do corpo humano - sem contar o aparecimento das ciências do homem, a sociologia, a antropologia... e do inconsciente, a psicologia e a psicanálise. Mas, e os fenômenos que até então não tinham explicação? Foram relegados à disciplina da metafísica que só podia investigar no terreno especulativo e filosófico e não no plano empírico e demonstrativo como exigia o método positivo vigente. O XIX criou não só uma geração de entusiastas da ciência, mas também uma religião da ciência. No entanto, os defensores da ciência condenavam a filosofia por causa das suas pretensões metafísicas e também por causa do seu raciocínio errado.

Os filósofos acusam os cientistas de estreiteza de espírito; os cientistas replicam que os filósofos são loucos. E assim aconteceu que os homens de ciência começaram a banir todas as influências filosóficas do seu trabalho; enquanto alguns deles, incluindo homens de grande perspicácia, foram tão longe que condenaram também a filosofia não só como inútil, mas também prejudicialmente sonhadora.<sup>239</sup>

Mas se esta concepção forçava a desistência de uma espécie de conhecimento, pôs ao alcance do homem, outra, que prometia aumentar o seu poder sobre a natureza. Nessa lógica, o conhecimento limitou-se às leis e não às causas, isto é, às causas finais e às essências. Segundo Baumer, a ciência, ao submeter o orgulho humano, aumentou proporcionalmente o seu poder. O conhecimento da essência dos fenômenos como a eletricidade, o fogo ou a vida tornou necessário compreender as suas causas imediatas e determinantes, para que fosse possível o controle da natureza. De acordo com a famosa lei dos três estágios intelectuais de Comte, a Teologia e a Metafísica, que caracterizaram o pensamento das primeiras épocas da história, haviam cedido lugar ao Positivismo, que garantia um conhecimento seguro da natureza das coisas.<sup>240</sup>

Contudo, a razão mais profunda para a ascensão da ciência foi o triunfo contínuo da própria ciência, a sua habilidade para alargar as fronteiras do conhecimento e reduzir o mundo à “leis” gerais como, por exemplo, o uniformismo na geologia e a conservação da energia, na Física.<sup>241</sup> Piamente acreditou-se que o método científico poderia assegurar a verdade do conhecimento. No entanto, se a ciência bastou para o homem no plano material e finito, não deu conta de responder o que não conhecia ou o que não

---

<sup>239</sup> HELMHOLTZ, Hermann von. *Popular Lectures on Scientific Studies*. Apud: *Ibidem*, p. 64.

<sup>240</sup> *Ibidem*, p. 64 65.

<sup>241</sup> *Ibidem*, p. 63.

concebiam. Ironicamente, há um ponto comum no paradoxo que se criou no XIX, que concordaram ciência e religião: ambas buscavam a verdade.

Ainda hoje, a submissão à comprovação científica é o que valida as teorias pensadas e idealizadas pelos cientistas. O físico brasileiro Marcelo Gleiser, ao escrever sobre a profissão do cientista afirma que essa é a beleza da ciência: “a fórmula que descreve um fenômeno pode ser usada por qualquer pessoa, seja ela jovem ou velha, judia, muçulmana ou católica, preta ou branca, liberal ou conservadora”.<sup>242</sup> Segundo o método científico, uma teoria criada por um cientista é testada por outros cientistas. Até todos terem certeza de que a teoria está mesmo correta.<sup>243</sup>

Einstein afirmou que um milhão de experimentos podem comprovar uma teoria científica, mas basta um resultado contrário para que ela seja totalmente demolida. A ciência, desde o século XIX, criou uma rigidez de parâmetros que não permite à experiência mística uma comprovação, uma vez que ela é individual e única, sem

---

<sup>242</sup> GLEISER, Marcelo. *O livro do cientista*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003. p. 25.

<sup>243</sup> O método científico é um conjunto de regras básicas para um pesquisador desenvolver uma experiência a fim de produzir novo conhecimento, bem como corrigir e integrar conhecimentos pré-existentes. Consiste em juntar evidências observáveis, empiricamente, e mensuráveis, com o uso da razão. Embora os procedimentos variem de uma área da ciência para outra, consegue-se determinar certos elementos que diferenciam o método científico de outros métodos. Primeiramente, os pesquisadores propõem hipóteses para explicar certos fenômenos e observações, e então desenvolvem experimentos que testam essas hipóteses. Se confirmadas, as hipóteses podem gerar teorias. Juntando-se hipóteses de uma certa área em uma estrutura coerente de conhecimento contribui-se na formulação de novas hipóteses, bem como coloca as hipóteses em um conjunto de conhecimento maior. Outra característica do método científico é que o processo precisa ser objetivo, e o cientista deve ser imparcial na interpretação dos resultados. Além disso, a observação precisa ser documentada, tanto no que diz respeito aos dados como aos procedimentos, para que outros cientistas possam analisar e reproduzir o procedimento. É comum o uso de métodos de estatística para se verificar a confiabilidade dos resultados. O método científico portanto, é composto dos seguintes elementos: *Caracterização*: quantificações, observações e medidas. *Hipóteses*: explicações hipotéticas das observações e medidas. *Previsões*: deduções lógicas das hipóteses. *Experimentos*: atestado de procedimento. Atualmente sobre o método científico, a comunidade científica coloca: observação, descrição, previsão (hipótese), controle, falseabilidade – toda a hipótese tem que ser falseável ou refutável. Isso quer dizer que mesmo que haja um consenso sobre uma hipótese ou teoria, é necessário que se mantenha a possibilidade de se refutá-la, isso está fortemente associado ao fato que uma teoria nunca é definitiva, eis um dos elementos mais importantes do método científico. A hipótese é o caminho que se deve levar a formulação de uma teoria. O cientista, na sua hipótese tem dois objetivos: explicar um fato e prever outros acontecimentos dele decorrentes (dedução das consequências). A hipótese deve ser testada em experiências controladas. Se, após muitas dessas experiências, os resultados obtidos pelos pesquisadores não contrariarem a hipótese, então ela será aceita como uma teoria. O procedimento científico exige: definir o problema, recolher dados, propor uma hipótese, realizar uma experiência controlada para testar a validade da hipótese; analisar os resultados; interpretar os dados e tirar conclusões para a formulação de novas hipóteses; e publicação dos resultados acessíveis à comunidade científica. Sem esse procedimento padrão, nenhuma hipótese pode ser validada. Disponível em:

<[www.producao.ufrgs.br/arquivos/.../482\\_metodos\\_de\\_pesquisa.ppt](http://www.producao.ufrgs.br/arquivos/.../482_metodos_de_pesquisa.ppt)>

Acesso em 27/07/2009; Disponível em:

<[www.periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/.../7275/6704](http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/.../7275/6704)> Acesso em 27/07/2009.

possibilidade para repetições, muito menos em laboratórios.<sup>244</sup> Portanto, a ciência não possui atualmente métodos científicos para comprovar a existência do espírito, sendo a busca de um fluido universal uma aventura dos cientistas do XIX. Questões ligadas à comprovação científica da espiritualidade humana faziam parte das preocupações daqueles homens. Possuíam eles um imaginário de que a ciência seria a redentora da humanidade. Imperava um estado de espírito otimista entre os cientistas, contrastando com o espírito niilista de Nietzsche do início do século. Porém, não pensavam nas conseqüências que esses conhecimentos e experimentos trariam à humanidade: duas guerras mundiais, bombas de destruição em massa, doenças incuráveis, mortes e o construção do mito da supremacia racial. O que esses homens do XIX fizeram? Será que o espírito sábio cientista descrito por Bacon prevaleceu nas pesquisas do fim do XIX e início do XX?

No século XIX, os europeus tinham comido da árvore da ciência e, agora, viam, mais claramente do que antes o modo como as coisas eram: o homem, aparentado com os animais, perdido num grão de areia num universo imenso e indiferente, privado da noção da sua própria identidade e infinidade, sentia, agora que perdera a inocência, o trágico absurdo de viver.<sup>245</sup>

Como herdeiros do XIX buscamos entender nosso comportamento, por que somos quem somos e somos como somos? A busca desmedida pela beleza e juventude eternas submetem-nos às mais cruéis torturas e mutilações de cirurgias plásticas e intervenções. Drogas químicas são vendidas pela indústria farmacêutica como elixires. Nossa pedra filosofal é radioativa, destrói. Conquistamos o espaço. As experiências transgênicas, as clonagens são uma realidade. O homem brinca de ser Deus. E o que nos resta discutir ao longo da experiência que herdamos dos avanços científicos do XIX: a questão ética. As experiências com plantas, animais, seres humanos acontecem, mesmo

---

<sup>244</sup> Segundo Scholem, a função conservadora da tradição mística é possibilitada pelo fato da experiência mística fundamental possuir dois aspectos: ser amorfa e passível de variadas interpretações por quem viveu a experiência. Em si mesma ela não apresenta expressão adequada. Quanto mais intensa e profundamente é experimentado o contato com Deus, tanto menos é ele suscetível de definição. Isso pressupõe, por outro lado, que semelhante experiência pode ser interpretada de maneiras diferentes e ser revestida de significados diferentes, como já vimos no capítulo sobre a tradição. No momento em que um místico tenta clarificar sua experiência por meio da reflexão, tenta formulá-la e especialmente comunicá-la a outros, sem poder deixar de impor-lhe uma estrutura de símbolos, imagens e idéias convencionais que permitem ao outro o entendimento da mensagem que se quer passar. É inevitável que haja algum ponto da experiência que não possa ser expressado adequadamente. A experiência do místico só pode ser descrita sob o mundo da percepção, em estágios que correspondem a diferentes níveis de consciência. (SCHOLEM, G. *Op. cit.*, p. 11 – 15.)

<sup>245</sup> BAUMER, F. *Op. cit.*, p. 160.

clandestinamente. Há interesses de Estados envolvidos nas pesquisas, no entanto, não se pode afirmar que haja um controle efetivo dessas atividades de pesquisa. Hoje, o homem possui olhos dentro e fora do planeta. Como controlar os interesses de poder de grupos imperialistas? A ética talvez seja um meio de controlar a prática da ciência em real benefício da humanidade.

Mas tratemos aqui dos objetivos mais nobres da ciência. Já vimos que cientificamente uma teoria tem que ser previsível, replicável e falseável. O método científico é o processo que permite aos cientistas, coletivamente e com o passar do tempo, se aventurarem para ajudar a construir uma representação de mundo cada vez mais apurada, confiável, consistente e não-arbitrária, ou pelo menos é o que eles dizem.<sup>246</sup> Tudo o que acontece se dá por alguma causa natural, que pode ser explicada racionalmente. Não conseguir ver a causa não é o mesmo que a causa não existir. A ausência de evidência não é necessariamente a evidência de ausência. Exemplo: passaram-se alguns milhares de anos sem se saber como o Sol se movia ou a chuva caía. Não se via a causa, mas ela estava lá. A lógica é: se acontece, é natural; se é natural, pode ser explicado; se ainda não é explicado, com perseverança e persistência (e, às vezes, sorte), será passível de explicação um dia. Há alguns séculos muitas coisas não tinham explicação como têm hoje. A queda dos objetos, a reprodução ou as reações químicas naturais. Outras coisas nem eram imaginadas. O DNA, por exemplo, a realidade virtual ou viagens à lua. Hoje, tudo isso é parte do conhecimento do senso comum. Mas a ciência, nesse sentido, cobra um alto preço para aceitar uma teoria. Ela deve necessariamente passar pelos crivos autenticadores do saber.

Um último ponto espinhoso a ressaltar é que, nos domínios da verdade científica, Clio não é bem-vinda. Ciência e História parecem ser termos contraditórios. Nós, historiadores, encontramos-nos numa posição delicada quando pretendemos trabalhar com a história da ciência. Na pauta das discussões, há um debate polêmico entre História e Ciência que parece remeter a posições antagônicas e conceitos que não combinam. A primeira fundamentada na tradição, e a segunda no progresso. Isto porque os cientistas acusam os “doutores da memória” de apresentarem testemunhos que não servem para a ciência, visto que eles entendem que, “nunca negamos que alguns cientistas acreditaram ou escreveram determinadas coisas, apenas consideramos que tal coisa é ‘falsa’”.<sup>247</sup> Nesse sentido, o testemunho histórico parece não ter qualquer

---

<sup>246</sup> GLEISER, M. *O livro... op. cit.*, p. 25.

<sup>247</sup> ROSSI. *O Cientista... op. cit.*, p. 241 – 242.

validade perante o critério verdadeiro/falso, parte da lógica do atual paradigma científico como já falamos anteriormente. Thomas Kuhn inteligentemente percebe que a ideologia da profissão científica desvaloriza a história. As novas descobertas levam a que o conhecimento antigo seja substituído pelo novo. E ao contrário do princípio da tradição, que conserva o velho no novo, a ciência renega seu passado considerando-o obsoleto ou ultrapassado. Há um abafamento da memória e uma super valorização do novo. A memória se tornou um incômodo, um fardo que atrasa a evolução científica. A tradição científica atual é não ter tradição.<sup>248</sup> E somente o atual e inovador parecem fazer sentido. Nós, historiadores, sofremos a acusação de que tendemos para “as coisas raras e longínquas e ignoramos as verdades mais necessárias e mais belas”.<sup>249</sup> A questão é que o historiador parece invadir o terreno da verdade absoluta da ciência, abalando seus alicerces de “verdade verdadeira” e incontestável. Mas, de verdades incontestáveis a história está cheia, verdades dogmáticas da Igreja de outrora, por exemplo, em que o dissonante e o divergente foi a própria ciência. Ironicamente, hoje, o historiador parece ocupar o papel do grande herege científico. Se o anjo da história de Benjamin olha para o passado, a ciência atual parece contemplar apenas o presente imediato.

No entanto, o modelo de ciência atual é genuinamente herdeiro do passado. Filho legítimo e consagrado universalmente. As bases científicas contemporâneas estão enraizadas no século XIX, no momento de ruptura de paradigmas científicos e de consolidação de uma tradição de ciência onde a natureza passou a imperar naturalmente. A ciência esmerou-se em romper com a natureza, tentando produzir um homem controlável, pois tudo está submetido ao laboratório e a comprovação, ou não, de uma hipótese tem validade de verdade. Se o objetivo do historiador é dar significado ao passado para que então se tenha uma melhor compreensão dos fatos pertinentes ao seu presente, justifico a presente pesquisa com o argumento de que a compreensão do que pensamos cientificamente hoje, com todos os seus rearranjos e desvios conceituais, provém, em sua origem, de um remoto passado místico. Talvez não tanto quanto desejariam alguns, mas que tem pelo menos dois mil anos de tradição, a tradição hermética. E a história não deixará a ciência romper esse elo sem invocar Mnemosyne.

---

<sup>248</sup> *Apud*: ROSSI, P. *O Cientista...op. cit.*, p. 241.

<sup>249</sup> *Ibidem*, p. 242.

## 6. REDENÇÃO: O ESPÍRITO DO DEVIR

*Deus faz o Éon  
Éon está em Deus  
A alma de Éon é Deus.*

*Éon faz o Cosmo  
O Cosmo está em Éon  
A alma do Cosmo é Éon.*

*Éon faz o Tempo  
O Tempo está no Cosmo  
O tempo faz o Vir-a-ser.<sup>250</sup>*

Ao tomarmos como nosso objeto de estudo uma idéia, a idéia de ciência de um pensador do passado, é vital que consideremos todos os meios para a reconstrução do contexto no qual ela foi pensada. A história das idéias permite-nos entender não só o porquê histórico de como as pessoas pensaram determinadas idéias, mas também, se o que pensaram era verdade; e se não era, por que consideraram verdade. O trabalho do historiador que se propõe a trabalhar com uma história das idéias, ou com uma história intelectual, como se tem chamado atualmente, é descobrir as modas mutáveis nas idéias, os elementos que as compõem e explicá-las em seu contexto histórico. No entanto, não há como negar um interesse pelas idéias em si, por sua validade, bem como por sua história, pois como se pode fazer o estudo *par excellence* da mudança, do relativo e do condicionado, sem dar um contributo imbuído de sentido para o presente? Segundo o historiador Franklin Baumer, uma discussão do imutável no meio do mutável pode mostrar como certas idéias sobreviveram e como ajudaram a construir aquilo que os homens consideram grandes civilizações nas artes e nas ciências.<sup>251</sup>

Nesse sentido, as idéias surgem em um ambiente particular. São inspiração de um momento histórico, do modo como um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, enfrenta um conjunto único de problemas. E, de fato, em grande parte, devido a este ambiente, ou momento histórico, a idéia pode ser concebida. Assim, se queremos compreender perfeitamente uma idéia e apreender a sua lógica, temos de vê-la primeiro no seu estado original, na altura em que nasceu e floresceu. Em resumo, toda a idéia tem uma dimensão histórica e esta dimensão, não só ajuda explicar como ela surgiu, mas também a sua natureza, o que ela é, efetivamente. Se não levarmos em consideração a sua dimensão, corremos o risco de interpretá-la equivocadamente. Para tanto, é

---

<sup>250</sup> *Ensinamentos Herméticos... op. cit.*, p. 17.

<sup>251</sup> BAUMER, F. *Op. cit.*, p. 293.

necessário fazermos um esforço de entrar na experiência que a tornou possível, que a tornou pensável, pois ao vermos a idéia em sua total originalidade, tornamo-la “viva” e real para nós tanto quanto foi para seus criadores.<sup>252</sup> Deste modo, podemos pensar o que foi pensado, e entender como foi entendido o nosso objeto.

Em um olhar retrospectivo, é irrefutável a afirmação de que certas épocas na história pensaram-se felizes na qualidade de suas idéias, pois os homens em seus tempos reconhecem as suas idéias como verdadeiras e acreditam nelas. Há evidências para acreditarmos que esse foi o caso do século XIX.

“Século maravilhoso!” foi o que o cientista Alfred Russel Wallace chamou ao XIX, quando, no final da sua vida, fez uma retrospectiva dos acontecimentos que ocorreram durante o século. Maravilhoso, certamente, mas incrivelmente desordenado também, graças em parte à própria idéia de evolução que ele e Darwin, simultaneamente, defenderam; e graças também ao fato de se terem habituado a viver num mundo de perpétua evolução, ou “devir”; e também ao crescente aumento das idéias que Arnold citou, e ao crescente “criticismo”, não só da velha cultura da Europa mas também da nova, que, desde a época de Newton, parecia ser, para muitos, a principal esperança do mundo. Por mais maravilhoso que tenha sido o século XIX, na verdade, foi o século do Devir.<sup>253</sup>

Para entendermos como a ciência foi pensada no século XIX, achamos pertinente ressuscitar um conceito, um tanto fora de moda na historiografia contemporânea, mas que nos aproxima de um entendimento mais fiel, bem como nos permite recriar o clima em que a idéia de ciência de Dario Vellozo foi concebida: o conceito do “espírito do tempo”. Para tanto, é necessário recorrer a outras duas noções que são freqüentemente trabalhadas pelos historiadores, e que talvez ainda não tenham alcançado um estatuto conceitual tal como mereceriam: a noção de historicidade e a de compreensão. Isto porque a ciência não pode ser entendida somente por meio de conceitos estabilizados, como já demonstramos anteriormente, mas também porque alguns conceitos, como do espírito do tempo, mesmo que ultrapassados, permitem significar novos fatos e demarcar o lugar de um campo de saber em relação a outros num dado recorte temporal.

Contudo, reconhecemos que atualmente é ousado a um historiador trabalhar com a idéia do espírito do tempo, pois a expressão inevitavelmente remete ao *Zeitgeist* de

---

<sup>252</sup> *Ibidem*, p. 294.

<sup>253</sup> *Ibidem*, p. 22.

Hegel.<sup>254</sup> Hegel atribuiu um significado ícone à expressão. Mas sua idéia sobre o espírito do tempo não necessariamente implica que todos tenham o mesmo entendimento, ou dela façam o mesmo uso. O espírito do tempo de Hegel é uma idéia, uma interpretação, um sentido atribuído ao que se pode entender e abstrair da expressão. Outros sentidos são possíveis de serem agregados, outras significações e ressignificações podem ser dadas à idéia. Lembrando Pouillon, o primeiro sentido histórico de uma expressão não comanda necessariamente o emprego que dela faz um outro autor, ou ainda, faz o leitor.<sup>255</sup> Há uma necessidade histórica de reconsiderarmos o conceito de espírito do tempo, nosso presente necessita dessa revisão.

É pertinente também apontar que o conceito de espírito de época foi usado por outros românticos alemães, mas ele ficou melhor conhecido pela *Filosofia da História* de Hegel. Os alemães românticos, tentados normalmente à redução filosófica do passado às essências, construíram o espírito de época como um argumento histórico de suas defesas intelectuais. Mas esses argumentos não foram perenes. Algumas recepções da filosofia de Hegel são um tanto negativas atualmente. Chamado por alguns de “filósofo da totalidade, do saber absoluto, do fim da história, da dedução de toda realidade a partir do conceito, da identidade que não concebe espaço para o contingente, para a diferença”.<sup>256</sup> É difícil julgar até que ponto essas qualificações são justas para com a filosofia hegeliana. Talvez esse conceito tenha se cristalizado numa idéia que não mudou, ou não se adaptou. E como já vimos, a tradição só sobrevive quando se reatualiza e se adapta, possivelmente o mesmo aconteça com os conceitos.

Críticas à parte, não podemos negar a importância do pensamento de Hegel ao longo do século XX. O renascimento de suas teorias deveu-se em parte por ter sido descoberto e reavaliado como progenitor filosófico do marxismo, e em parte por um ressurgimento da perspectiva histórica que Hegel colocou no entendimento das coisas, no que diz respeito ao seu método dialético. Não somente os alemães Lukács, Marcuse e Adorno de Frankfurt, mas também os franceses Sartre, Merleau-Ponty e Lacan foram influenciados por ele. Embora não adotemos perspectivas e concepções históricas, ou,

---

<sup>254</sup> *Zeitgeist* é uma expressão alemã cuja tradução quer dizer “espírito de época” ou “espírito do tempo”. Sinteticamente *Zeitgeist* é o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época, ou as características genéricas de um determinado período de tempo.

<sup>255</sup> *Apud*: LENCLUD, G. *Op. cit.*

<sup>256</sup> SILVEIRA, Ronie Alexandro Teles da. *Judaísmo e ciência filosófica em Hegel*. Santa Cruz do Sul/RS: EDUNISC, 2001. Disponível em: <[http://ghiraldelli.files.wordpress.com/2008/07/silveira\\_hegel.pdf](http://ghiraldelli.files.wordpress.com/2008/07/silveira_hegel.pdf)> Acesso em: 29/07/2009.

metodologias desses pensadores, é importante ressaltar suas contribuições para o pensamento histórico contemporâneo.

A aproximação do conceito do espírito do tempo e a noção de historicidade pode funcionar como um mecanismo que permite caracterizar a posição do analista de discurso em relação à do historiador. Já o deslocamento história/historicidade marca uma diferença entre as concepções históricas, de um lado como conteúdo observado, e de outro como efeito de sentido. Significa dizer que, por essa perspectiva, a história passa a ser um pano de fundo, um exterior independente, mas constitutiva da produção de sentidos de discurso. A concepção de ciência de Vellozo, nesse sentido, só pode ser compreendida, segundo a lógica do meio em que o discurso foi proferido, pois os espaços discursivos, bem como os discursos propriamente ditos, têm quadros de referências, experiências vividas, modos distintos de raciocínio, motivações, envolvimento políticos, sociais e culturais, projetos e expectativas distintas.<sup>257</sup> A historicidade, portanto, permite observar os processos de constituição dos sentidos, respeitando a opacidade do objeto de discurso (em nosso caso, uma idéia). Ao seguirmos as pistas lingüísticas, traçamos, por vezes, percursos que desfazem as cronologias pré-estabelecidas, bem como evitamos a repetição de mecanismos ideológicos conceituais para a análise do nosso objeto.

Para assegurar uma análise mais confiável de um discurso histórico, é importante considerarmos a noção de compreensão. Tal noção permite-nos distinguir o inteligível, o interpretável e o compreensível acerca do que o autor pretendeu dizer em um dado contexto. Para Orlandi, o inteligível é a atribuição de sentido atomizadamente, o que se pode entender por codificação. O interpretável é a atribuição de sentido no que se refere ao contexto lingüístico, isto é, a coesão. E o compreensível é a atribuição de sentido considerando o processo de significação no contexto de situação, colocando-se a relação enunciado e enunciação.<sup>258</sup> Afirma a autora que a compreensão, na perspectiva discursiva, não é apenas a atribuição pura e simples de um sentido ao documento, mas o conhecimento dos mecanismos que puseram em jogo um determinado processo de significação.<sup>259</sup> Assim, a noção de compreensão está diretamente associada à noção histórica-política, de que a interpretação se insere em um “conflito de interpretações”,

---

<sup>257</sup> NUNES, José Horta. *Leitura de arquivo: historicidade e compreensão*. UNESP. Disponível em: <[http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/interpretacao/Jose\\_horta.pdf](http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/interpretacao/Jose_horta.pdf)> Acesso em 29/07/2009.

<sup>258</sup> ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. Campinas: Cortez Editora UNICAMP, 1988. p. 115 – 117.

<sup>259</sup> ORLANDI, Eni P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996. p. 117.

ou seja, em um jogo de interesses interpretativos, pois assim como um discurso não é neutro, não o é também a interpretação.

Para a efetivação de nossa análise do discurso de Vellozo, atrelamos as noções de contexto, historicidade e compreensão ao conceito de espírito do tempo, de modo a criar uma via interpretativa que possibilite a apreensão dos sentidos do seu discurso, levando-se em conta as miríades de possibilidades de entendimento que se configuram a partir da leitura do mesmo.

Possivelmente a idéia de espírito do tempo seja o que ateste a historicidade de nosso objeto. No seu sentido de pertencer àquele contexto, àquele tempo, àquela época e a nenhuma outra. O conceito de espírito do tempo é o que nos possibilita particularizar o pertencimento do objeto àquele contexto, é o que o identifica historicamente. Já a noção de historicidade evita os anacronismos de julgamentos posteriores, imbuídos de experiências posteriores em relação a um recorte temporal e contextual. Acreditamos que o espírito do tempo só possa ser apreendido em visão retrospectiva, em seu sentido de passado histórico, pois, em perspectiva, o que se pode deduzir da história são apenas as tendências. Entendendo que tendências não são modos estáveis, não são concretas, são incertas e podem ser manipuladas, monitoradas ou gerenciadas por mecanismos de dominação como mídia, poder político ou cultural, o que Benjamim chama de inimigo. A tendência é o “espírito do vir a ser”, do devir. Associamos também ao espírito do tempo o que Hobsbawn chama de estados de ânimos, pois se admitimos a existência de um clima de animosidade entre as nações no período entre-guerras, devemos admitir um estado de espírito (ou ânimo) de percepção da ciência como redentora no século XIX. A esse respeito, Beatrice Webb, em sua autobiografia, fala de um culto à ciência, que inspirou o mundo vitoriano da sua juventude:

... dois princípios importantes, alguns diriam, dois ídolos do espírito, estavam unidos nesta direção vitoriana do pensamento e do sentimento. Havia a crença atual no método científico (...) por meio do qual todos os problemas mundanos deviam ser resolvidos. E juntamente com esta crença na ciência, havia a consciência de um novo motivo: a transferência da emoção do serviço do auto-sacrifício de Deus para o Homem.<sup>260</sup>

Ainda que Baumer tenha percebido a co-existência de vários mundos de pensamento no XIX, por vezes discordantes, como o embate entre os materialistas e

---

<sup>260</sup> WEBB, Beatrice. *My Apprenticeship*. Apud: BAUMER, F. *Op. cit.*, p. 62 – 63.

espiritualistas, ou entre românticos e positivistas, e mesmo, filósofos e cientistas, pode-se perceber que, em todos os mundos, o discurso científico prevaleceu, embora, justificado por diferentes argumentos. Podemos identificar como o espírito do tempo no século XIX a crença no que Baumer chamou de “triumfo do devir”.<sup>261</sup>

...a modernidade deixou os homens sem pontos de referência, colocando-os à deriva num mar infinito de devir (...). O crítico Wyndham Lewis chamou a isto o triunfo do “espírito do tempo”. O espírito do tempo vê tudo *sub specie temporis*, perpetuamente agitado, movendo-se, mudando. O espírito do espaço é o seu oposto, produz um mundo de objetos sólidos e de absolutos que existem eternamente. No entanto, o espírito do tempo foca o aspecto dinâmico da realidade, atirando as pessoas para um “êxtase de ação” fazendo-as correr, tal como os futuristas queriam que fizesse, a velocidades cada vez maiores, mas sem metas fixas, visto que a realidade era, segundo este ponto de vista, um devir, uma história, um processo dialético sem fim. A “Doutrina do Tempo” era sobretudo, na opinião de Lewis, o produto da ciência, com os seus instrumentos de pesquisa, “a filha inevitável do pensamento positivista”. Ele encontrou-a presente na filosofia contemporânea (refere-se ao “mundo do tempo” einsteiniano, bergsoniano e alexandrino), na literatura e na arte. A partir do XIX, na ciência houve um novo “culto do tempo”(…). No final do século XIX, o devir era já uma das categorias principais do pensamento, num sentido tanto decadente como criativo, e Nietzsche não estava só quando sentia o advento de uma nova era, caracterizada por uma reapreciação de valores e por uma nova, mas perigosa, abertura do pensamento e da cultura.<sup>262</sup>

Podemos entender que no XIX, o cientificismo fez da ciência a esperança da humanidade para controlar o mundo e obter um futuro mais brilhante. A visão da natureza dada pelo Neo-iluminismo, embora não necessariamente materialista, controlava a metafísica e a religião.<sup>263</sup> Um dos discursos mais importantes do XIX que atesta o nosso espírito do tempo traduzido na idéia de ciência como redentora da humanidade e que expressa a intenção dos cientistas da época é a instituição do Prêmio Nobel.<sup>264</sup>

Todo o meu patrimônio deverá ser tratado da seguinte maneira. O capital será investido pelos meus executores em títulos seguros e deverá constituir um fundo, a participação onde deverá ser distribuído anualmente em forma de prêmio para aqueles que, durante o precedente ano, deverá ter conferido o grande benefício para a

---

<sup>261</sup> *Ibidem*, p. 167.

<sup>262</sup> *Ibidem*, p. 167 – 169.

<sup>263</sup> *Ibidem*, p. 18.

<sup>264</sup> Disponível em: <http://www.nobelpreis.org/portugues/index.htm#will> Acesso em: 27/07/2009.

humanidade. A dita participação deverá ser dividida em cinco partes iguais, onde deverá ser aplicado como se segue: uma parte para a pessoa que deverá ter feito a mais importante descoberta ou invenção no campo da física; uma parte para a pessoa que deverá ter feito a mais importante descoberta química ou aperfeiçoamento; uma parte para a pessoa que deverá ter feito a mais importante descoberta no domínio da fisiologia ou medicina; uma parte para a pessoa que deverá ter produzido no campo da literatura o mais impressionante trabalho de uma tendência idealista; e uma parte para a pessoa que deverá ter feito mais ou melhor trabalho para a fraternidade entre as nações, para a abolição ou redução de exércitos permanentes e para conservação e estímulos de congressos de paz. O prêmio para físicos e químicos deverá ser entregue pela *Swedish Academy of Sciences*; o de fisiologia ou trabalhos médicos pelo *Caroline Institute* em Estocolmo; o de literatura pela *Academy* em Estocolmo; e para os campeões da paz por um comitê de cinco pessoas ainda para ser eleito pela *Norwegian Storting*. É o meu desejo expresso que quando entregue os prêmios nenhuma consideração deverá ser feita para a nacionalidade dos candidatos, para que o mais qualificado deverá receber o prêmio, seja ele escandinavo ou não.

Paris, 27 de novembro de 1895.

Alfred Bernard Nobel <sup>265</sup>

O discurso testamentário de Nobel reflete em boa medida o espírito compartilhado por muitos cientistas e homens letrados sobre as esperanças de melhorias conseguidas em prol da humanidade que a ciência traria futuramente. Nobel quis assegurar que os cientistas tivessem uma ética e um reconhecimento em relação aos propósitos de seus trabalhos. Assim como Nobel, Vellozo também acreditava numa ciência que traria benefícios à humanidade futura. Por isso acreditou ser o *radium* a pedra filosofal tão rebuscada pelos antigos alquimistas. Acreditou que as mais novas

---

<sup>265</sup> Alfred Nobel (1833-1896). Químico e industrial sueco, inventor da dinamite. Nobel que já vinha desgostoso com o uso militar dos explosivos que havia criado, ficou chocado ao ver a edição de um jornal francês, que noticiara por engano a morte de seu irmão Ludvig como sendo a sua e qualificando-o como "mercador da morte". É possível que essa visão antecipada do seu obituário tenha despertado nele o desejo de modificá-lo. Daí sua decisão de premiar aqueles que, no futuro, servissem ao bem da Humanidade - mais propriamente nos campos da física, química, fisiologia ou medicina, literatura e paz. Os prêmios são entregues anualmente, no dia 10 de Dezembro, aniversário da morte de Nobel, a pessoas que fizeram pesquisas importantes, criaram técnicas pioneiras ou deram contribuições destacadas à sociedade. Nobel jamais criou um prêmio de Economia. O que se conhece por Nobel de Economia é na verdade o *Prêmio Sveriges Riksbank de Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel*, que nada tem a ver com a Fundação Nobel. Alfred Nobel deixou uma herança de 32 milhões de coroas. Seu testamento, redigido em 1895, não deixava nenhum legado aos seus herdeiros diretos, mas determinava a criação de uma instituição à qual caberia recompensar, a cada ano, pessoas que prestaram grandes serviços à Humanidade, nos campos da paz ou da diplomacia, literatura, química, fisiologia ou medicina e física. O testamento estabelecia também que a nacionalidade das pessoas não seria considerada na atribuição do prêmio. Fundação Alfred Nobel - Disponível em: <[http://nobelprize.org/alfred\\_nobel/](http://nobelprize.org/alfred_nobel/)> Acesso em: 27/07/2009; Embaixada da Suécia Brasília – Disponível em: <[http://www.swedenabroad.com/Page\\_60524.aspx](http://www.swedenabroad.com/Page_60524.aspx)> Acesso em: 27/07/2009.

descobertas da ciência poderiam ajudar no progresso da humanidade. Mas examinemos essa relação mais a fundo no próprio discurso enunciado por Vellozo.

Retomando o foco do nosso objeto: a concepção de ciência de Dario Vellozo, dentro de uma perspectiva esotérica de mundo, relembramos que o contexto intelectual europeu, em especial o francês, do século XIX exerceu grande influência nos curitibanos de então. Já vimos que havia um intenso intercâmbio de idéias trazidas da Europa, que foram postas em prática por muitos paranaenses. Vimos o movimento simbolista, o decadentismo, o neo-pitagorismo e o ocultismo como movimentos de forte importância no processo histórico paranaense. Nosso objetivo agora é entender a idéia de ciência de Dario Vellozo. Para tanto, é essencial recriarmos o contexto intelectual em que ele escreveu, para assim compreendermos o que ele pensou, como pensou e por que pensou determinadas idéias. Mas como o contexto se forma e se dissolve, devemos captar as idéias e os conceitos no próprio texto, na fonte. Isso possibilita estabelecer claramente as conexões entre os conceitos e contextos históricos, sem que estes sejam reduzidos a esquemas de relações mecânicas, sejam elas de ordem casual ou expressiva.

Uma maneira de penetrarmos no sentido do texto é investigando o vocabulário compartilhado pela comunidade intelectual da época. Isso nos permite apreender os conteúdos dos conceitos utilizados no enunciado da obra e, conseqüentemente, permite-nos verificar sua aproximação ou afastamento de determinadas tradições intelectuais. Essa proposta da história dos conceitos nos fornece apoio teórico para a interpretação das fontes, ao indicar as aproximações e os deslocamentos de significados de determinados conceitos, afastando os riscos de anacronismos.

Para se analisar um discurso ou uma idéia, portanto, devemos ter claro o contexto em que o texto foi produzido.<sup>266</sup> Pocock diz que o autor habita um mundo historicamente determinado, que é apreensível pelos meios lingüísticos disponíveis possibilitados por linguagens historicamente construídas.<sup>267</sup> Os modelos de discurso disponíveis lhe dão as intenções que ele pode ter ao efetuar o seu discurso. É possível dessa forma também compreender as mudanças de paradigmas. Febvre, nesse sentido, fala em contexto que possibilite apreender os limites do pensável possível, o que pode ser pensado numa época. A fixação dos conceitos e a sua dicionarização assegura-nos o acesso ao aparato lingüístico do autor, pois o autor só pode expressar-se com os recursos lingüísticos que lhe estão disponíveis. A arte, todavia, talvez transcenda esses

---

<sup>266</sup> KIRSCHNER, T. C. *Entre arquivos e teorias: uma questão de fronteiras?* Brasília: Ed. da UnB.

<sup>267</sup> POCKOCK, John. *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: Edusp, 2003. p. 27.

limites. Outro fator a ser considerado é que cada época oferece um dicionário diferente, um jeito de se expressar próprio, onde as palavras podem ter seus significados alterados ou invertidos.

Contudo, é importante mencionar que alguns conceitos funcionam silenciosamente, como por exemplo o juridismo, a ressonância interdiscursiva, o sítio de significação, dentre muitas outros como aponta Orlandi.<sup>268</sup> Esses elementos mostram que no funcionamento do discurso há um espaço de invisibilidade conceitual, que no entanto, funciona e produz efeitos. Essa invisibilidade pode tanto ser produzida por mecanismos ideológicos, como por mecanismos de ocultação, como é o caso do discurso esotérico, tornando-se assim incompreensíveis. Uma vez, detectadas tais ocorrências, cabe ao historiador sinalizar sua percepção dos pontos obscuros e sugerir hipóteses interpretativas.

Pode-se aprender muito sobre a cultura política ou cultura de uma determinada sociedade nos diversos momentos de sua história, observando-se que linguagens assim originadas foram sancionadas como legítimas integrantes do universo do discurso público, e que tipos de *intelligentsia* ou profissões adquiriram autoridade no controle destes discursos. Em qual contexto a linguagem foi enunciada e na dos atos de fala e de enunciação efetuados no e sobre o contexto oferecido pela própria linguagem, interligados a outros contextos em que ela se situa. A linguagem é a chave do historiador tanto para o ato de fala quanto para o contexto. Outro elemento a ser percebido é o contexto da experiência do autor, que agrega novos sentidos à linguagem ou ao texto.

Devemos considerar também a influência imediata, a relevância do contexto espaço-físico. O contexto não pode ser pensado uniformemente em todos os lugares. Um lugar não pode ter seu tempo relacionado ao de outro lugar, embora admitamos que o mundo globalizado, na era da informação globalizada essa questão deve ser tratada de uma maneira diferente. A especificidade do tratamento dessa idéia também diz respeito ao fato de entendermos o lugar não somente como espaço físico, mas como espaço de contextos manifestáveis, espaço relações políticas, sociais, de trabalho, família e lazer de uma cidade, pois são nesses espaços de sociabilidade que se percebe a *civiltè*,<sup>269</sup> a convivência, as trocas de idéias e os diálogos. O espaço de idéias pode ser pensado mais

---

<sup>268</sup> ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. p. 25.

<sup>269</sup> No sentido dado por Norbert Elias.

amplamente, as idéias podem atravessar fronteiras e influenciar outros espaços. E essas influências foram muito mais possíveis à modernidade do que em outras épocas.

Para criar um texto, um autor necessariamente lê outros textos. Acrescenta-se, assim, um outro elemento importante para o entendimento do processo de elaboração de um enunciado, a leitura, como já abordamos anteriormente. Não podemos esquecer que nessa dinâmica, que vai da leitura de um texto à elaboração de outro texto, há a complexa questão da autoria e da intenção do autor ao enunciar seu discurso, como aborda Foucault, pois para ele, o autor é o momento de uma referência epocal.<sup>270</sup> E as interpretações que seguem a partir do texto já não são do controle desse autor. Assim, devemos estar cientes de que o historiador deve ter a sensibilidade na interpretação destes textos que, “novos leitores criam textos novos, cujas significações dependem diretamente de suas novas formas” em uma nova historicidade.

Quando o contexto lingüístico, o contexto de fala, o contexto de leitura, o contexto de experiência, o contexto de trocas de idéias e diálogos são inter-relacionados, permitem-nos ter um maior entendimento do que o autor escreveu, como escreveu e por que escreveu determinado enunciado. Quanto mais provas o historiador puder mobilizar na construção de suas hipóteses acerca das intenções do autor, que poderão então ser aplicadas ao texto ou testadas em confronto com o mesmo, maiores serão as suas chances de se aproximar da historicidade do seu objeto.

Juntando os contextos pertinentes, inter-relacionando-os, perpassando cada um deles pelo outro, podemos apreender um possível sentido do espírito do tempo de um recorte histórico. A apreensão de uma contemporaneidade que não é a nossa, é uma evidência. Ela possibilita a compreensão da historicidade do objeto. Todo o aparato conceitual lingüístico, político, social, cultural e intelectual fornecem meios de se conseguir penetrar em um mundo diferente, para entender coisas que nos são diferentes.

## **6.1 Transmutação: a proeza moderna**

*Não se pode subir irrefletidamente a árvore da ciência, sem que se tenha recebido o assentimento de Deus e que se tenha assegurado sua ajuda onipotente. O verdadeiro filósofo, humilde e paciente, solicita sobretudo a caridade divina. Eis porque o anjo iniciador indica ao*

---

<sup>270</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor*. In.: *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Coleção Ditos e Escritos III. Editora Forense Universitária. p. 277.

*neófito a sorte de um imprudente que subiu sozinho em direção ao sol do mundo.*<sup>271</sup>

Depois de um longo labor narrativo, imbuídos de todos os conceitos desenvolvidos até agora, de esoterismo, tradição, ciência e as noções de contexto, historicidade e compreensão, voltemos à análise do artigo *Proesas da moderna alchimia* de Dario Vellozo, que expusemos no capítulo de desenvolvimento do objeto “Ciência: a fonte do saber”. A nossa principal preocupação, até o momento, foi a de garantir que não caíssemos nos anacronismos. No entanto, para atingirmos tal objetivo, tivemos que abrir mão da cronologia em nosso enredo. Tecemos até aqui uma teia para que o leitor entenda o caminho que seguimos para uma melhor interpretação das fontes. Mostramos com base em que argumentos nosso estudo pode justificar-se. Para tanto, percorremos duas vias: o que as fontes nos disseram... independentemente do que perguntávamos a elas... e o que perguntávamos a elas, e elas nos respondiam... Assim, construímos nosso objeto e nossos argumentos, tecendo como Ariadne, o nosso fio da história.

As proezas alquímicas de Vellozo, consiste em uma das preciosidades documentais sobre ciência que encontramos nos arquivos. O que nos chamou a atenção nesse texto foi o fato de Dario Vellozo ter se referido ao *radium* como a pedra filosofal tão buscada pelos alquimistas. Ele inicia o artigo com a afirmativa: “*Está realizado o velho sonho da alchimia: transmutar a materia vil em materia nobre*”. Cita o casal Curie e segue “*Assim, a pedra philosophal, cuja rebusca foi, até o seculo... XVIII, considerada um crime, essa varinha magica em que o seculo XIX já não acreditava, o francez Curie a descobrio e o francez Bordas lhe provou o seo real valor*”. Essas afirmações são intrigantes para um leitor do século XXI, afinal o *radium* é uma substância radioativa. Isto porque nós enxergamos os elementos radioativos de outra forma. Em nosso tempo, pós-guerra fria, a ameaça de um conflito nuclear ainda não foi totalmente afastada. Construímos outras idéias científicas, políticas, sociais e ambientais acerca do conceito radioatividade. Embora alguns fins curativos na medicina necessitem da radioatividade terapêutica, sabemos e tememos muito mais os seus efeitos nefastos. Mas Dario Vellozo àquele tempo ainda não sabia disso. Para ele, o *radium* era uma pedra capaz de transmutar a matéria, no que ele estava coberto de razão. Porém, ele desconhecia a violência do processo desse tipo de transmutação por fissão atômica e

---

<sup>271</sup> Alchimie Expliquée sur ses Textes Classics. *Apud.: Mutus Liber... op. cit.* p. 79.

fusão nuclear.<sup>272</sup> E morreu, em 1937, antes do início da Segunda Guerra Mundial. Não viu o que aconteceu com Hiroshima e Nagasaki. Nós convivemos com a memória dos fantasmas da bomba atômica, do catastrófico evento de Chernobyl, do acidente com Césio-137 em Goiânia, e inevitavelmente associamos outras experiências ao conceito de radioatividade. Dario Vellozo não tinha essa experiência ou referência, portanto sua visão sobre o novo achado da ciência de Marie Curie merecia toda a sua admiração.<sup>273</sup>

Mas o que é a radioatividade?

A radioatividade é um fenômeno natural e artificial, pelo qual algumas substâncias ou elementos químicos, chamados radioativos, são capazes de emitir radiações, as quais têm a propriedade de impressionar placas fotográficas, ionizar gases, produzir fluorescência, atravessar corpos opacos à luz ordinária, dentre outras finalidades. As radiações emitidas pelas substâncias radioativas são principalmente partículas alfa, partículas beta e raios gama. A radioatividade é uma forma de energia nuclear, usada na medicina (radioterapia), e consiste no fato de alguns átomos como os do urânio, rádio e tório serem instáveis, pois perdem constantemente partículas alfa, beta e gama (raios-X). O urânio, por exemplo, tem 92 prótons, porém através dos séculos os vai perdendo na forma de radiações, até terminar em chumbo, com 82 prótons estáveis.

Até o século XIX predominava a idéia de que os átomos eram as menores partículas de qualquer matéria e eram semelhantes a esferas sólidas. A aceitação da teoria de Dalton de 1808 fez com que os cientistas passassem a acreditar que os elementos químicos eram imutáveis.<sup>274</sup> A descoberta da radiação revelou a existência de

---

<sup>272</sup> “Fissão atômica”: Transmutação com divisão do núcleo, dando dois núcleos menores. É a transmutação da bomba atômica.

“Fusão nuclear”: Transmutação com união de dois núcleos, dando um único núcleo. É a transmutação da bomba de hidrogênio. (PORTELA, Fernando e LICHTENTHALER FILHO, Rubens. *Energia Nuclear*. SP: Editora Ática, 1997. p. 12.).

<sup>273</sup> Marie Curie foi uma cientista francesa de origem polonesa. Ganhadora do Prêmio Nobel de Física em 1903, dividido com seu marido Pierre Curie e Becquerel, pelas suas descobertas no campo da radioatividade, que àquela altura era ainda um fenômeno pouco conhecido, e com o Prêmio Nobel de Química de 1911 pela descoberta dos elementos químicos rádio e polônio. Síntese de biografias. HAVEN, Kendall. *As 100 maiores descobertas científicas de todos os tempos*. São Paulo: Ediouro, 2008. p. 157; Disponível em: <<http://www.ifi.unicamp.br/~ghct/Biografias/Curie/Curie3.htm>> Acesso em: 30/07/2009.

<sup>274</sup> John Dalton, químico e físico inglês que em 1803, propôs uma teoria que explicasse as leis da conservação de massa chamada “Teoria Atômica de Dalton”. Essa teoria foi baseada em diversos experimentos e apontou as seguintes conclusões: a) Toda matéria é formada de partículas fundamentais, os átomos. b) Os átomos não podem ser criados e nem destruídos, eles são permanentes e indivisíveis. c) Um composto químico é formado pela combinação de átomos de dois ou mais elementos em uma razão fixa. d) Os átomos de um mesmo elemento são idênticos em todos os aspectos, já os átomos de diferentes elementos possuem propriedades diferentes. Os átomos caracterizam os elementos. e) Quando os átomos se combinam para formar um composto, quando se separam ou quando acontece um rearranjo são

partículas menores que o átomo: os prótons e nêutrons, que compõe o núcleo, e os elétrons, que giram em torno do núcleo. Essas partículas, chamadas de subatômicas, movimentam-se em altíssimas velocidades. Descobriu-se também que os átomos não são todos iguais. O átomo de hidrogênio, por exemplo, o mais simples de todos, possui 1 próton e 1 elétron (e nenhum nêutron). Já o átomo do urânio-235 conta com 92 prótons e 143 nêutrons.

Existem na natureza alguns elementos fisicamente estáveis, cujos átomos, ao se desintegrarem, emitem energia sob a forma de radiação. E radioatividade é justamente essa propriedade que tais átomos têm de emitir radiação ou seja transmitir energia através do espaço na forma de partículas ou ondas. O urânio-235, o cézio-137, o cobalto-60, o tório-232 são exemplos de elementos fisicamente instáveis e radioativos por natureza. Eles estão em lenta e constante desintegração, liberando energia através de ondas eletromagnéticas (raios gama) ou partículas subatômicas com altas velocidades (partículas alfa, beta e nêutrons). Há também a radioatividade artificial ou induzida, que é aquela provocada por transformações nucleares. Produz-se a radioatividade induzida quando se bombardeia certos núcleos com partículas apropriadas. Se a energia destas partículas tem um valor adequado, elas penetram no núcleo bombardeado formando um novo núcleo que, no caso de ser instável, se desintegra. A descoberta do casal Curie, que bombardeou núcleos de boro e alumínio com partículas alfa, foi uma revolução no campo da física nuclear.<sup>275</sup> Eles, observaram que as substâncias bombardeadas emitiam radiações após retirar o corpo radioativo emissor das partículas alfa. O estudo da radioatividade permitiu um maior conhecimento da estrutura dos núcleos atômicos e das partículas subatômicas. Abriu-se a possibilidade da transmutação dos elementos, ou seja, a transformação de certos elementos em elementos diferentes. O sonho dos alquimistas de transformar outros elementos em ouro já não era mais fantasia.

A humanidade convive no seu dia-a-dia com a radioatividade, seja através de fontes naturais ou artificiais. Os efeitos da radioatividade no ser humano dependem da

---

indícios de uma transformação química. Em resumo, Dalton acreditava que o átomo era uma esfera maciça, homogênea, indestrutível, indivisível e de carga elétrica neutra. Para Dalton, analogicamente, os átomos seriam semelhantes a bolinhas de gude: maciças e esféricas. Síntese de biografias. HAVEN, Kendall. *Op. cit.*, p. 94. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JohnDalt.html>> Acesso em: 30/07/2009.

<sup>275</sup> O já citado casal descobriu um elemento 400 vezes mais radioativo que o Urânio; eles obtiveram êxito em separar 1 grama de uma substância radioativa a partir de uma tonelada de minério. Essa substância ficou conhecida como Polônio, em homenagem à Marie que era polonesa. Posteriormente, chegaram a um elemento ainda mais radioativo: o Rádio, citado no nosso artigo-fonte. Disponível em : <<http://www.ifi.unicamp.br/~ghc/Biografias/Curie/Curieradia.htm>> Acesso em: 30/07/2009.

quantidade acumulada no organismo e do tipo de radiação. A radioatividade é inofensiva para a vida humana em pequenas doses, mas se a dose for excessiva, pode provocar lesões no sistema nervoso, no aparelho gastrointestinal, na medula óssea, enfim... pode causar câncer, ocasionando a morte, em poucos dias ou num espaço de dez a quarenta anos. Muitos tipos de radioatividade como o raio X, laser, e até mesmo a energia nuclear são utilizados na medicina, e salvam milhões de vidas todos os anos. Um desses exemplos é o uso da energia nuclear em um avançado aparelho de tomografia cerebral. Uma solução radioativa injetada na veia do paciente faz com que o resultado seja mais preciso na procura de problemas cerebrais. No entanto, vale lembrar que Marie Curie morreu de leucemia, em 1934, seguramente devido à exposição maciça à radiação durante o seu trabalho, pois ainda não se tinha conhecimento dos efeitos nocivos da radioatividade. Diz-se que suas anotações ainda hoje não foram totalmente exploradas devido à grande carga radioativa que emitem.

No começo do século XX, os cientistas comprovaram que os fenômenos radioativos (nucleares) naturais transmutavam certos elementos químicos em outros. Em 1919, Rutherford,<sup>276</sup> descobridor do núcleo atômico em 1908, fez com que partículas alfa colidissem contra núcleos de nitrogênio, e, pela primeira vez conseguiu-se transformar artificialmente um elemento químico - nitrogênio (N), em outro - oxigênio (O) <sup>277</sup>. A partir de então, muitas transmutações foram provocadas com sucesso. O sonho dos velhos alquimistas de transformar chumbo em ouro estava cada vez mais próximo.

Gebelein faz referência a um relato (talvez folclórico) publicado na revista suíça *Zeiten-Schrift*, sobre a transmutação do chumbo em ouro realizada pelo alquimista suíço Josef Lüthi:

A obra-prima é a pedra *ignis*, a pedra do fogo. A pedra do fogo é a principal condição para produzir ouro pelo caminho alquímico. Entretanto, Lüthi logo acrescenta: “O alquimista só pode produzir a pedra do fogo *ignis* a partir do antimônio<sup>278</sup>. Ninguém pode fazer ouro

---

<sup>276</sup> Ernest Rutherford, físico e químico neozelandês, realizou pesquisas com a radioatividade criando um modelo atômico a partir de experiências com placas de ouro e elementos radioativos como o Polônio. Descobriu também que um átomo é composto por um pequeno núcleo carregado positivamente e rodeado por uma grande eletrosfera, uma região em torno do núcleo que contém elétrons. No núcleo está concentrada a carga positiva e a maior parte da massa do átomo. O átomo proposto por Rutherford é o que mais se aproxima do modelo atômico utilizado atualmente. Disponível em: <<http://br.geocities.com/saladefisica9/biografias/rutherford.htm>> Acesso em 29/07/2009.

<sup>277</sup> Disponível em: <<http://www.ufpel.tche.br/ifm/histfis/first.htm>> Acesso em: 29/07/2009.

<sup>278</sup> O “antimônio” (do grego *antimonos*, oposto à solidão) é um elemento químico de símbolo Sb de número atômico 51 (51 prótons e 51 elétrons) e de massa atômica igual a 121,8. À temperatura ambiente,

do nada, só é possível transformá-lo a partir do chumbo.” Sob o ângulo da alquimia, o chumbo e o ouro são o mesmo elemento. Lüthi: “O chumbo é um ouro doente, sujo. E o ouro é um chumbo saudável. Ignis não é nada além do remédio para curar ouro doente”. Josef Lüthi confirmou essa afirmação duas vezes em laboratório, a primeira em 1973: “se acrescentamos ao chumbo líquido a 1000 graus a pedra do fogo em pó, o chumbo começa a ferver e, como por uma mão misteriosa, uma substância misteriosa sai de dentro de uma salsicha, atestada como ouro absolutamente puro pela análise...”<sup>279</sup>

### Fábula?!

Na década de 40 do século XX, físicos americanos finalmente conseguiram realizar uma transmutação em ouro ao bombardear com nêutrons o isótopo 196 do mercúrio.<sup>280</sup> Porém, essa transmutação implica numa mudança violenta do estado do núcleo do átomo, indo contra o princípio da maturação e da paciência dos antigos

---

o antimônio encontra-se em estado sólido. É um semi-metal (metalóide) do grupo 15 (5A) da *Classificação Periódica dos Elementos*. Apresenta quatro formas alotrópicas. Sua forma estável é um metal de coloração branca azulada. O antimônio negro e o amarelo são formas não metálicas instáveis. O antimônio é empregado principalmente em ligas metálicas e alguns de seus compostos para dar resistência contra o fogo, em pinturas, cerâmicas, esmaltes, vulcanização da borracha e fogos de artifício. Foi descoberto em 1450 por Thölde. O antimônio era conhecido pelos chineses e babilônios desde 3.000 a.C. O sulfeto de antimônio foi empregado como cosmético e com fins medicinais. A relação entre o nome atual do antimônio e o símbolo é complexa; o nome copto do pó cosmético de sulfeto de antimônio foi tomado do grego, e este passou ao latim, resultando o nome *stibium*. O químico Jöns Jacob Berzelius usou uma abreviatura deste nome em seus escritos e assim se converteu no símbolo Sb. Uma teoria para seu nome "stibium" é a de que muitos recipientes que guardavam vinho antigamente continham elementos metálicos com antimônio em sua composição. Este era oxidado e formava compostos que davam o sabor amargo ao vinho; daí o significado de seu nome: vida azeda. O antimônio foi amplamente empregado na alquimia. Há escritos sobre este elemento de Georg Bauer (Georgios Agrícola), e Basilio Valentín, autor de *O carro triunfal do antimônio*. Síntese do texto eletrônico do diretório de pesquisas do CNPq. Disponível em:

< <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=0333106I9D5TZU&seqlinha=5>>

Acesso em: 29/07/2009.

<sup>279</sup> GEBELEIN, H. *Op. cit.* p. 51.

<sup>280</sup> A esse respeito explica Serge Hutin que os jornalistas e outros autores de vulgarização científica, sobretudo durante o período entre 1935 – 1939 (quando se começava a falar ao grande público das primeiras belas realizações dos físicos nucleares), preferiram usar do vocábulo “alquimia moderna” para descrever as transmutações atômicas obtidas pelos sábios do século XX. Seguramente, trata-se de transmutações que transformam este ou aquele elemento químico em outro; mas, por esse meio, a obtenção de ouro a partir de chumbo – possivelmente por certo – não teve interesse algum, pois era de custo bem mais elevado que o do ouro natural. Sem dúvida, sábios nucleares – e não dos menores – não deixaram de se interessar pela estranha “pré-história” das transmutações, que era para eles a teoria alquímica da unidade fundamental da matéria, tornando, por conseqüência, possível a passagem (que Lavoisier, e seus sucessores julgavam impossivelmente absurda) de um corpo químico para outro. Não é mesma verdade que a maneira pela qual os alquimistas – tanto os antigos como os modernos – procuram realizar transmutações é bem diferente dos processos utilizados pela física nuclear. Pode-se muito bem pensar que os alquimistas tenham conhecido (eles chamavam-na de obra da morte) a nossa desintegração violenta da matéria. Pelo contrário, eles se prezam de apresentar sua Grande Obra não como algo que destrói as estruturas íntimas do núcleo, mas como algo que efetua uma espécie de trabalho de amadurecimento, de harmonização da matéria além do jogo dos opostos, de onde uma comparação clássica da alquimia com os trabalhos agrícolas. Como o agricultor, o alquimista não pode conseguir sucesso se não respeitar os ritmos, os ciclos naturais, seguindo-os com toda a submissão: “Um tempo para lavrar, um tempo para semear, um tempo para colher”. (HUTIN, S. *Op. cit.* p. 32 e 33.)

alquimistas. A questão do tempo e da aceleração desse processo deve ser natural e não violenta. Segundo os alquimistas, dever-se-ia ser submisso ao tempo, ele é a garantia de maturação das coisas, mesmo que acelerado pelos processos alquímicos. Afirmar-se que é possível que alguns alquimistas do XVI podem ter manipulado o átomo a esse ponto de transfiguração da matéria o que chamaram de “obra da morte”. Roger Bacon, célebre alquimista da Idade Média, escreveu “Carta sobre os segredos da natureza: O ponto mais alto a que a arte (a alquimia) pode chegar por meio de todo o poder da natureza é o prolongamento da vida humana durante um longo tempo”.<sup>281</sup> O respeito ao tempo é essencial. Ele se refere à longevidade e não à eternidade da matéria. Somente o espírito é eterno, pois nele está a essência. A matéria não, ela é finita e está sujeita ao tempo. Essa é a ordem natural das coisas. Há processos alquímicos baseados na natureza que podem prolongar a ação da matéria, mas eles não estão acima do tempo. A matéria não pode estar acima do tempo. O espírito pertence a outra ordem de existência, uma ordem mais evoluída, usado aqui no seu sentido de melhorada. O processo de desintegração da matéria, por meio da fusão e fissão nuclear não obedece a ordem do tempo, invade o íntimo da matéria e altera a sua essência (para uma “matéria mortal”). Portanto, o ouro obtido por meio da manipulação nuclear é radioativo e inverte o processo de criação submissa ao tempo ao atingir a sua essência primal. O custo da produção desse ouro não é economicamente viável e não tem função aplicável na ciência. Mas, que é possível essa transmutação, é!

Quando Dario Vellozo se refere às pesquisas com a radioatividade, afirma se tratar de proezas da moderna alquimia, a alquimia do seu tempo, a química moderna. Suas referências sobre a ciência química são um misto de tradição hermética alquímica, pois ele acredita na pedra filosofal, e de ciência aplicada moderna; ele cita cientistas renomados no campo da Química do seu tempo.

Encontramos ainda a seguinte afirmação de Vellozo sobre a alquimia que evidencia a sua idéia vinda de uma tradição hermética. Ele não somente usa as expressões e conceitos dos antigos alquimistas, mas coloca claramente o que é a alquimia para ele, não nos deixando dúvidas sobre o seu conhecimento da antiga arte.

---

<sup>281</sup> *Idem.*

## Alchimia

“É a arte de quintessenciar os corpos, de transmuta-los, de fabrica-los por synthese.”

“A Alchimia – applicação do hermetismo – é uma sciencia que ensina a mudar os metaes de uma especie em outra”. (Paracelso)

“A Alchimia é a sciencia que ensina a preparar uma certa medicina ou Elixir, o qual, projectado nos metaes imperfeitos, lhes comunica a perfeição no próprio momento da projecção.” (Roger Bacon)<sup>282</sup>

Em uma análise mais detalhada do texto *Proesas da moderna alchimia*, podemos apreender determinados sentidos do enunciado de Vellozo a respeito da alusão do *radium* à pedra filosofal e ver a reflexão que ele faz acerca das conseqüências econômicas de tal achado.<sup>283</sup>

... Não sabemos como é tecida a alma do professor Bordas; mas calculamos que deve ter experimentado uma commoção feita, a um tempo, de extranha alegria e de tétrico horror. Surprehender-se, de repente, possuidor do segredo de fazer e desfazer fortunas. (...) com a simples revelação do seo segredo, traíndo a natureza que, durante milhares de annos, dissimulou o parentesco que liga o metal nobre ao metal vil, são coisas que justificam o estremecimento violento de um coração dentro do peito.<sup>284</sup>

Experimenta Vellozo, a essa altura do texto, um sentimento de temor em relação ao futuro, no entanto, pondera “*Mas, os sabios pensam unica e simplesmente na sciencia, e a ancia dos descobrimentos domina-lhes todos os sentimentos e todos os pensamentos*”. Atesta aqui a sua crença na ciência como um bem à verdade.

... O professor Bordas teve apenas um desejo: recommear as experiencias, envolvendo-as de novas certezas. Pedio, pois ao joalheiro que lhe cedesse corindons aos pares, dois incolores, exactamente identicos, dois violaceos, etc... Segurou, então os pares, e, guardando um coridon de cada par, como testemunha, poz o outro em contacto com um milligramma de radium. Este, fez novamente a reacção: penetraram nas pedras e submetteram-as a uma especie de bombardeamento luminoso. Ao cabo de algumas semanas, o experimentador tornou a observar os seus dois corindons e levou-os outra vez ao joalheiro. O corindon que soffrera a acção do radium

---

<sup>282</sup> *Revista Esphyngé*, Outubro 1899, no. 4.

<sup>283</sup> *Radium*, identificado na tabela periódica como Rádio (Ra) elemento químico de número atômico 88 (88p e 88c), massa atômica: 226. Está entre os metais alcalinos terrosos, grupo 2 da classe periódica dos elementos. É um metal altamente radioativo.

<sup>284</sup> *Revista do Club Coritibano*. Fonte citada.

transformara-se em rubi, e este que antes valia uns quinhentos réis o quilate, foi avaliado ente cem e cento e vinte mil réis.<sup>285</sup>

No trecho em que informa o leitor, “*poz o outro em contacto com um milligramma de radium. Este, fez novamente a reacção: penetraram nas pedras e submetteram-as a uma especie de bombardeamento luminoso*”, Vellozo expõe o seu conhecimento sobre as pesquisas que aconteciam naquele momento, isto é, no seu contexto. Possivelmente ele leu essas informações em algum jornal ou revista européia. Percebemos em outros textos uma indicação assim grafada: “*rezumido de O Paiz*”. Infelizmente não conseguimos rastrear a fonte de Vellozo para a confecção desse seu artigo, mas com certeza sabemos que ele sintetizou essas idéias de outros textos, os quais lhe permitiram criar um terceiro enunciado sobre o assunto. Isto ocorria porque, como já sinalizamos anteriormente, Vellozo era o editor e autor de muitas revistas. O que podemos perceber nessa fonte é a opinião de Vellozo, fruto de conversas da sua *sociabilité*, das leituras que fazia e da visão de mundo de seu contexto. Podemos observar que seu enunciado é editado e reelaborado. Vellozo demonstra que sabia das pesquisas científicas de sua época. As experiências com radioatividade, que muitos cientistas empreendiam desde a descoberta do *radium* por Curie, eram comuns à época. Esses cientistas se expunham à radiação sem saber seus efeitos e possivelmente encontravam-se fascinados pela brilhante radioatividade. Em visão retrospectiva desses fatos, podemos afirmar que a ciência abriu a caixa de Pandora.

... Quanto às outras pedras submettidas à acção do radium, ellas transformaram-se assim: O coridon vermelho escuro, tornara-se vilaceo; o coridon vilaceo, azulara (*saphyra*); o corindon azul, tornara-se amarello (*topazio*). Não ha, pois, differença entre as pedras, e tem razão o velho symbolo da alchimia, “dragão que morde a cauda”, para significar que na natureza não ha principio nem fim.<sup>286</sup>

Aqui Vellozo se refere não só ao cromatismo alquímico, como menciona a simbologia do “dragão que morde a própria cauda”. Não há para ele distanciamento entre a antiga alquimia e o empirismo científico do seu século.

O minusculo tubo de radium, grande como duas cabeças de alfinete juntas, comprido de dois alfinetes postos um ao longo do outro, eis a varinha da sciencia, com o auxilio da qual ha quem possa interferir no valor das joias, ennobrecendo as pedras. Que esse milligramma de

---

<sup>285</sup> *Idem.*

<sup>286</sup> *Idem.*

radium valha uma fortuna, que um kilo seja avaliado em 80 mil contos de réis, isso que importa?! Alguns miligrammas bastam para transformar multiplas pedras, pois que cada milligramma deve conservar durante dois mil annos a sua força radio-activa. O radium parece que é a origem de tudo. A acção da radio-actividade vae, dia a dia, conquistando novas sorpresas, vae alastrando a area das suas emprevistas revelações, e, o assombro cresce e avoluma cada vez que a sciencia, a eterna insaciada e a eterna disvirginisadora dos mais insondaveis segredos da natureza, pela voz dos seos apaixonados, nos vae exhibindo todos os seos exitos. Que extraordinaria maravilha, que surprehendentemente magia encerra o radium que tanta cousa transforma, tanta cousa transmuda, que dir-se-hia, consta na sua propria essencia, perpetuamente luminosa, o poder mysterioso, occulto e ainda ignorado da vida inicial.<sup>287</sup>

É evidente a estupefação de Vellozo ao se questionar qual o valor da pedra filosofal que pode transmutar a matéria. A exposição de sua visão sobre a força radioativa, explicitando o seu desconhecimento sobre os efeitos nefastos da radioatividade, que só viriam a ser descobertos anos mais tarde, demonstra o pertencimento do discurso de Vellozo àquele contexto. Ele não podia conhecer àquela época uma coisa que não era conhecida ainda de ninguém. Essa constatação na verdade é uma evidência que comprova a historicidade da nossa fonte, a qual deve ser entendida no seu contexto. Quando afirma que “*O radium parece que é a origem de tudo*”, deixa bem claro a sua crença numa pedra que contenha essência de todas as coisas, pedra idealizada pelos místicos e alquimistas antigos, com poder de transmutar toda a matéria.

Apenas o artigo *Proesas da moderna alchimia* não é suficiente para demonstrarmos a idéia de ciência de Vellozo. Encontramos em outros documentos, indícios que corroboram o discurso desse primeiro artigo e nos ajudam a formular uma hipótese mais coerente da questão.

A Ciência vai de surpresa em surpresa, de decepção em decepção, de teoria em teoria, de preconceito em preconceito, de erro em erro, de ceticismo em ceticismo... O *radium* desnorteia os sábios. G. Le Bon constata a *Evolução da Matéria* e a *Evolução das Forças* – há séculos afirmada pelos alquimistas. Alguém vê no *radium* a substância das lâmpadas inextinguíveis. Perdida a pretensão da sabedoria contemporânea, os investigadores independentes inquirem o Passado. O vício, porém, dos processos de estudo impossibilita a síntese radiosa, - os ocidentais apenas agarrados a uma das asas do MÉTODO. O espírito, a fim de alar-se às esferas da Idéia, necessita de ambas: - a Indução e a Dedução. Os escolásticos abusaram e viciaram esta, os continuadores da Enciclopédia viciaram e abusam daquela.<sup>288</sup>

---

<sup>287</sup> *Idem.*

<sup>288</sup> VELLOZO, D. *Obras Completas I... op. cit.*, p. 359 e 360.

Desse documento podemos extrair, de antemão, pela ênfase na escrita em maiúsculo, a preocupação que Dario tem com o método. “*o espírito, a fim de alar-se às esperas da Idéia, necessita de ambas: - da Indução e da Dedução*”. Para os homens que compartilhavam essas crenças místicas havia um terceiro elemento, um componente divino, que cabia apenas ao homem, para a prática da Ciência Oculta (Magia): a *Intuição*.

A Ciência é o trâmite da *Verdade*, a base do Conhecimento. A Indução e a Dedução são as asas do Método. A Intuição leva do efeito à causa. A Ciência ocidental é, no momento, apenas o ABC da Sabedoria.<sup>289</sup>

Vellozo não pensa tão distante de cientistas como Einstein, que afirmava que a imaginação é o elemento mais importante do que o conhecimento. Segundo Einstein, não existe nenhum caminho lógico para a descoberta das leis elementares do Universo, o único caminho é o da intuição. O que quer dizer que tanto o místico quanto o cientista precisam de uma certa dose de fé no empreendimento de seus trabalhos. Se eles não acreditarem, ou intuírem, não terão como se aventurar em uma experiência. A ciência, nesse sentido, carrega em si a fé e a aventura.

Mas se a intuição é o caminho, o método é o caminhar. O que Dario Vellozo possivelmente entendia por método era uma maneira, ou meio pelo qual se poderia, com persistência e determinação, atingir a perfeição moral, uma vez intuído o caminho. O método a que ele se refere é o método pitagórico. Diz ele em outro documento que o “método pitagórico” ou “método integral do conhecimento” visa o estudo e elucidação dos problemas em seu conjunto harmônico, em radiosa síntese.<sup>290</sup> Há um segundo sentido de emprego do método usado por Vellozo, o método de Comte que abordaremos no próximo item.

Ao considerar o *radium* a pedra filosofal, Dario Vellozo expõe claramente a sua idéia de ciência embasada na tradição hermética, como pretendemos mostrar até aqui. Em olhar retrospectivo, temos a percepção da consolidação da ruptura entre magia e ciência ocorrida no XIX, embora esse processo tivesse se iniciado na Renascença e tomado fôlego no Iluminismo. Dario Vellozo tinha plena consciência desse rompimento. Era um homem consciente do seu tempo, ciente da sua contemporaneidade. Importava revistas estrangeiras, a partir das quais tinha acesso às

---

<sup>289</sup> *Ibidem*, p. 40.

<sup>290</sup> *Ibidem*, p. 133.

mais importantes descobertas e discussões científicas de sua época. Embora ele não fosse um cientista. Interessava-se por todos os assuntos científicos e não via um limite que separasse a magia da ciência, pois sua concepção de ciência era hermética. Não negava os avanços científicos do seu tempo e era um entusiasta para com as recentes descobertas. No trecho a seguir, à guisa de introdução à fundação da *Revista Esphynges* e ao seu propósito de criação, Dario Vellozo explicita a consciência que tinha da cisão do conhecimento no seu século.

### Saber, querer, ousar e calar

SCIENCIA, ARTE, MYSTERIO – eis os trez lados do Triangulo, os trez elementos de realização, a tríade sagrada, a trí-  
unidade que fulge no solio magnificante da SABEDORIA. Longe de se destruírem, completavam-se. Se, neste século aparecem divorciadas, é que a Religião perdeu as tradições, e tentou invadir os domínios da Sciencia; é que a Arte olvidada sua missão superna, quiz se fazer científica; é que a Sciencia, ultrapassando os limites da sua esfera de acção, tentou avassalar o ABSOLUTO, o INCOGNOSCIVEL.

Dahi os conflitos entre a Religião, a Arte e a Sciencia. Volva cada qual os seus domínios, prossigam nobre e digna e superiormente em sua grandiosa missão pelo BEM; e, como na Antiguidade, longe de se destruírem, se completarão, - na obra colectiva da Felicidade humana, - Grande Problema, a Grande Obra de realização da nossa espécie, no Planeta.

Esse o magnetismo Ideal dos occultistas contemporaneos.

Esse o tramite da “Esphynges”.<sup>291</sup>

E na continuação vemos que Vellozo afirma e de certa forma denuncia e critica o “divórcio” entre a Ciência e a Religião.

A **Igreja** que se fizera a depositária da TRADIÇÃO, perdera as chaves mágicas. Há séculos divorciada da **Ciência**, com a qual, outrora, caminhara a par e passo, fôra batida pela **Ciência** em todos os seus dogmas, vencida em todos os redutos de sua dialética. Seu simbolismo sublime, de uma verdade brilhante, jazia olvidado, ignorado, na derrocada sinistra de seu esoterismo.

(...)

No momento atual, em que as Filosofias se combatem e as Religiões se destroem, o Homem tateia, na incerteza do trâmite a seguir.

O absurdo, escandaloso divórcio da **Religião** e da **Ciência**, da emotividade e do raciocínio, - deixa-o exâmine, obcecado, apático.

A **Ciência** não resolveu o magno problema do ABSOLUTO; a **Religião** perdeu o verbo esotérico da FÉ.

---

<sup>291</sup> *Revista Esphynges*, 1899-1906. no.1, julho de 1899, Anno I. Diretor Dario Vellozo. Texto integralmente nos anexos. Anexo III.

Nesse imenso, esconso abismo a que o levaram o **Cristianismo exotérico** e a **Ciência experimental**, o Homem sente-se vencido, dissecado, num desequilíbrio esterilizante, numa completa derrocada de suas Ilusões, de suas Crenças, de suas Esperanças, - espectros suavíssimos do fúlgido prisma da FELICIDADE.<sup>292</sup>

Consciente do cientificismo e do racionalismo do XIX, Dario Vellozo não abandonava a crença numa verdade suprema que, para ele, a ciência viria a confirmar. Embora não fosse Vellozo um cientista, como já mencionamos, mantinha-se informado das discussões científicas de sua época. Além de Curie, outros cientistas são citados por Dario Vellozo no artigo *Proesas da moderna alchimia*, como William Ramsay<sup>293</sup> e Eugène Berthelot<sup>294</sup>, ambos químicos reconhecidos pela comunidade científica. E o dinamarquês Johannsen<sup>295</sup>, que fez pesquisas relacionadas à hereditariedade das plantas. Devemos considerar que as notícias dos avanços científicos ocorriam primeiramente na

---

<sup>292</sup> VELLOZO, D. *Obras Completas III... op. cit.*, p. 71.

<sup>293</sup> William Ramsay renomado químico e físico britânico do fim do XIX e início do século XX. Entre 1885 e 1890 publicou notáveis estudos sobre os óxidos de nitrogênio. Descobriu cinco elementos gasosos inertes, denominados gases nobres: o argônio, o hélio, o criptônio, o neônio e o xenônio. Contribuiu para o conhecimento de que o hélio é um produto da desintegração atômica do rádio. Recebeu o Prêmio Nobel de Química em 1904 em reconhecimento aos seus trabalhos sobre os gases e da determinação da posição que ocupam no sistema periódico. Seus trabalhos posteriores no campo da radiatividade também foram importantes. Síntese de biografias. Disponível em:

<<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/WilliRam.html>> Acesso em: 30/07/2009.

<sup>294</sup> Marcellin Pierre Eugène Berthelot (1827- 1907) francês, professor de química. Estudou história e filosofia, voltando suas preocupações para a ciência. A fundamental concepção que norteia todos os trabalhos químicos de Berthelot foi a de que todo fenômeno químico depende da ação de forças físicas as quais podem ser determinadas e medidas. Quando iniciou sua carreira acreditava que, embora alguns exemplos de produção sintética de substâncias orgânicas tivessem sido observadas, sobre toda a química orgânica devia restar uma ciência analítica e poderia não se tornar construtiva, porque a formação de certas substâncias requer ações de princípios vitais em alguma forma. Produziu sinteticamente numerosos hidrocarbonetos, gorduras naturais, açúcares e outras substâncias, e provou que os compostos orgânicos podem ser formados por métodos ordinários de manipulação química e obedecem as mesmas leis da substâncias inorgânicas, portanto exibindo o "criativo caráter de virtude do qual a química atualmente realiza o resumo das concepções de suas teorias e classificações". Berthelot realizou importantes contribuições sobre os estudos da origem inorgânica do petróleo, através estudos da química de carbetos metálicos. Suas investigações sobre a síntese dos compostos orgânicos foi publicada em inúmeros artigos e livros. Novamente ele sustentou que os fenômenos químicos não são governados por quaisquer leis peculiares, mas são explicáveis em termos das leis gerais da mecânica que está em operação no universo; ele desenvolveu essa visão a partir de milhares de experimentos. Síntese de biografias. Disponível em:

<<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/PierrEug.html>> Acesso em: 30/07/2009.

<sup>295</sup> Wilhelm Ludvig Johannsen (1857 - 1927): Botânico e geneticista de Copenhague, de grande importância para a Genética, criador do termo *gene* e junto com Bateson (1861-1926), tornou-se um dos arquitetos da moderna genética. Suas pesquisas sobre metabolismo e germinação em sementes, tubérculos e brotos, lhe garantiram verificar a fisiologia das plantas. Foi pioneiro em experimentos genéticos com feijões, descobridor de que os cromossomos e os *genes* neles contidos eram responsáveis pela hereditariedade. Seus estudos foram contemporâneos dos de Mendel. Foi também criador dos termos *fenótipo*, do grego *phenos*, evidente, brilhante, e *typos*, característico, e *genótipo*, do grego *genos*, originar, brilhante, e *typos* e tornou-se agricultura. Criou a palavra *gene* (1909) para designar com uma expressão curta os pedaços de cromossomos identificados pelo norte-americano Thomas Morgan. Dentro da Genética criou o conceito de "linha pura" para um melhoramento das plantas por seleção e hereditariedade. Síntese de biografias. Disponível em:

<<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/WilheLuv.html>> Acesso em: 30/07/2009.

Europa e muitas dessas novidades e discussões não tardavam a chegar em Curitiba. A atividade de editor de Dario Vellozo foi fundamental na divulgação de muitas das idéias que despertavam interesse na época. Vale lembrar que muitos dos cientistas, mencionados nos artigos de Vellozo, foram ganhadores do Prêmio Nobel por suas contribuições e concomitantemente muitos tornaram-se importantes referências da literatura espírita, pois desenvolviam pesquisas científicas relacionadas ao espiritismo à época.

## 6.2 Experiência: o fluido universal

*Fantasma sem lugar, que a minha mente  
Figura no visível, sombras minhas  
Do diálogo comigo.  
Não, não vos disse... A essência inatingível  
Da profusão das coisas, a substância,  
Furta-se até a si mesma. Se entendestes  
Neste ou naquele modo o que vos disse,  
Não o entendestes, que lhe falta o modo  
Porque se entenda.*

Fernando Pessoa

Em uma série de outros textos publicados na *Revista Esphynges* em 1899, intitulado *O Fluido Universal*, vemos Dario Vellozo citar cientistas sérios e charlatões que gozavam a mesma credibilidade à época. Lembrando que o charlatanismo de alguns veio a ser descoberto só posteriormente.

### Parte Philosophica e Scientifica

#### O FLUIDO UNIVERSAL

Rychnowski, sabio director do Instituto Mecânico da cidade de Lemberg (Gallicia), mandou, em Maio de 1896, á Academia de Sciencias de Vienna, a primeira communicação de uma descoberta sua, a que deo o nome de *Fluido Universal* ou *Electroide*.

(...)

Relembra essa nevoa o OD de Reichenbach e tambem as formas luminosas das sessões espiritas, principalmente as azuladas, em cujo amago se formam e destacam as aparições de formas humanas, modernamente chamadas *materialisações de espiritos*. Com effeito, todos os sabios, que têm visto e estudado semelhante phenomeno e (hoje são elles uma legião) descrevem a nevoa que o precede, e que é, por assim dizer, o seo involucro, tal qual se apresenta a nevoa do *fluido universal* de Rychnowsky – Zöllner, Bodisco, W.Crookes, Wallace, Aksakoff, Baraduc, etc., etc., são todos accordes neste ponto.

(...)

Século de experimentação, de analyse, rebuscou os mais inacessíveis reductos da MATERIA PONDERAVEL, desceo à Cellula, à Molecula, ao Atomo, num indonito enlace scientifico, de quem quer saber, de quem quer explicar, de quem quer solver definitivamente o magno problema do ABSOLUTO...

(...)

f) – *Acção do fluido sobre as substancias organicas:*

- É, em geral, conservadora a acção do fluido sobre as substancias organicas: destroe-lhes as baterias da fermentação e da putrefacção.

- O Dr. Hahn hezitou em registrar as experiencias feitas com *sangue-humano fresco*; não que ellas não tenham sido legitimas, disse elle, visto que o fluido de Rychnowsky mantem liquido o sangue e mantem a vida nos seos globulos durante sete dias, donde a possibilidade de poder elle, o sangue, uma vez electroidizado, passar por modificações do maior interesse...

- Fluidizado o sangue humano produzio formas humanas (phantasmas, aparições) que Rychnowsky photographou, e que se modificavam conforme a acção demorada do fluido.

Uma dessas photographias representa a *cabeça de um homem barbado*; outra, duas pequenas cabeças.

“É possível que seja tudo accidental” diz Hahn, “mas de certo para fazer rir, teve Rychnowsky a exquiritice de dizer que – podia perfeitamente ser que o seo fluido vivificando a forma material do espirito que animava os globulos sanguineos, ou então transformando-a em outra, o revelasse.” Accrescenta: “Seria o *homunculus*, sem tirar, nem pôr.”

(...)

O electroide, ou *fluido universal*, é para Rychnowski uma energia quasi livre, dispersa pelas mais pequenas particulas da materia; em outros termos: - é substancia immensamente tenue, subtil, e que encerra energia livre.

Porque o termo *fluido* anda ha tempos desprestigiado em sciencia, Rychnowski hezita em dal-o ao electroide. Mas que nome merece uma energia de tal ordem que penetra todos os corpos, nelles se accumula, podendo condensar-se em globulos que, por sua vez, podem ser conservados por longos dias?

Aprezentam-se o electroide como se fosse o elemento fundamental da materia primitiva, da energia primordial lembra o *Ether* universal, entidade hypothetica, por assim dizer imponderavel, absolutamente inacessivel a nossos sentidos e aos demais meios de investigação. Os occultistas o identificaram com o *Akasa*.

Rychnowski attribue ao fluido universal (expressão tomada á tecnologia occultista) todos os phenomenos do universo, de ordem physica, chimica, mechanica e vital e diz que o maior invetor será aquelle que transformar directamente um raio de ether em movimento ponderavel – calor, luz, força chimica e força electrica; esse terá dotado a humanidade com os meios de producção da energia, debaixo de todas as suas formas, na quantidade que se quizer, seja onde fôr, e – de graça.

E accrescenta Oscar Koschett:

“Ficará então demonstrado que so ha uma força primordial, de mutabilidade proteica abrangendo todos os phenomenos, desde os menores até os maiores, - o microcosmo e o macrocosmo. Surprehender-se-ha e em tal força a *alma do mundo* dos antigos, delles

que desde as origens da philosophia grega, tanto se empenharam todos os phenomenos a um elemento primordial, *primordial* de Heraclito surgirá então com a sua significação physica e real, não com a que lhe dariam asneiras, mas com a de Rechembach, a do OD, que, quando luminoso, penetra todos os corpos e tem sido citado em todos os seculos debaixo de varios nomes como, por exemplo: - Telesma, em Hermés; *Enormon* ou *Ignio subtilissimus*, em Hippocrates; *Akasa*, na Índia; *Luz Astral* nos Kabbalistas; *Pneuma*, por Galeno; *Blas Humanun* por van Helmont; *Alcahest*, por Paracelso; e *côpula* (intermediario entre o espirito e o corpo) por Boerhave, chamam-lhe os alchimistas: *Quinta essencia*; *Espirito Universal* ou *Espirito-vital*, os occultistas da idade media; *Materia subtil*, Desacartes; e *Spiritus subtilissimus*, Newton.

(...)

- Que é a vida? pergunta Rychnowski.

Onde está o segredo da cellula organica com que Darwin pretende edificar o Universo inteiro? Sabemos que, se o fluido incide em lamina polida, parte dos raios reflectidos forma globulos brilhantes do mesmo fluido, então liquido, globulos que passam a ser centros de força, centros dynamicos, e que, por sua vez, tambem e constantemente, emittem raios centrifugos, que attrahem a materia e com ella se cobrem. Esses globulos mudam de forma, tomam a forma da materia attrahida, de conformidade com a natureza chimica dessa mesma materia e de conformidade com as condições em que o fluido actua. Assim, perde o centro dynamico o seu poder de irradiação; mas a particula attrahida, essa fica saturada de energia.

Comsiga o homem dominar um só que seja dos elementos que entram na formação dos organismos, e poderá, desde esse momento, dadas certas condições, modificar a natureza do homem e dos animaes e, particularizando, - alliviar a dor aos enfermos.

(...)

Antigas ou modernas, as theorias occultistas admittem, posto que debaixo de varios nomes, uma força primordial mysteriosa, de base material, porque, por mais tenue ou subtil que a imaginem, é sempre material.

- Para Thury, os phenomenos de mediumnidade são causados por uma substancia especial, agente ou fluido, que, tal qual o ether dos physicos, transmite a luz, penetra a materia (organica e inorganica), e a que deo elle o nome de *psychódio*, tendo proposto o de *força ectenica* (de expansão) para a acção do espirito levada á distancia por meio do psychódio. A *força psychica* de William Crookes é a mesma *ectenica* de Thury, e tem franco parentesco com o fluido de Rychnowski.

Não foi, porem, Rychnowski, e sim Lang, quem demonstrou as analogias occultistas.

- A levitação, o deslocamento de objectos, etc.; enfim todos os phenomenos de movimento, effectuados com a presença de mediums, como que têm cabal explicação no desprendimento do fluido universal, porque se, actuando sobre os corpos, elle lhes augmenta ou diminue a gravitação, por isso mesmo tambem lhes augmenta ou diminue os respectivos pesos. Esta harmonia, unificação ou accôrdo entre o Homem e o Universo, essa identidade, seria da maior importancia para o Occultismo, e adquiriria o valor de um facto scientifico se estivesse provado que a força emittida pelo homem é

capaz de produzir movimentos de rotação analogos aos produzidos pelo fluido rychnowskiano.

Para Lang, as mesinhas gyratorias, os movimentos ódicos e os movimentos causados pelo effuvio das mãos provam cabalmente aquelle modo de vêr.

Nas sessões espiritas os phenomenos physicos são seguidos de *aura* (aragem fresca) no ambiente, facto igualmente verificado nas experiencias de magnetismo animal (- *hypnotismo*, se quizerem). Lang compara a *aura* dessas experiencias com a *aura* electrica. Posta uma cortina no aparelho electroidico, enfuna-se e apresenta resistencia, - tal qual como as cortinas das sessões espiritas, experimentaes, de effectos physicos.

Finalmente, é tambem no electroide ou *fluido universal* emittido pelos mediuns que se deve buscar a causa dos *phenomenos luminosos* e da onda perfumada das sessões espiritas. Entre os phenomenos luminosos estão as brumas ou nevoas de reflexos azulados, que precedem a aparição das formas materializadas, analogas as condensações vaporosas do fluido electroidico.

- Sabe-se que, para Rychnowski, o halito é abundante fonte de OD, por causa dos processos chimicos effectuados nos pulmões; é elle visto luminoso pelos sensitivos, não só em si como nas outras pessoas.

“O electroide, diz Hahn, deverá constituir até certo ponto, o *corpo astral* do universo, devendo estar naturalmente em perpetua relação com o corpo astral humano”.

Pensa Hahn que o *fluido universal*, o electroide rychnowskiano, vae dar ao mundo um espiritismo sem espiritos.

Concluido o seo artigo, diz Hahn que a divulgação do segredo de Rychnowski é tanto mais para desejar quanto é certo que, para a humanidade, seriam de importancia verdadeiramente extraordinaria as applicações do seo electroide ou fluido universal.

1899.<sup>296</sup>

Neste curioso texto, Dario Vellozo cita cientistas conceituados como Reichenbach<sup>297</sup>, Zöllner<sup>298</sup>, Bodisco<sup>299</sup>, Crookes<sup>300</sup>, Wallace<sup>301</sup>, Aksakoff<sup>302</sup>,

---

<sup>296</sup> *Revista Esphyngé*, no. 4. Outubro de 1899. Parte Philosophica e Scientifica. *O Fluido Universal*. Ver artigo na íntegra nos anexos. Anexo IV.

<sup>297</sup> Karl Ludwig Freiherr von Reichenbach (1788 - 1869), químico alemão, conhecido pelas descobertas da querosene, da parafina e do fenol antisséptico, usado nos sprays bucais modernos. Reichenbach passou a última parte da sua vida desenvolvendo a teoria vitalista da “força ódica”, o principio vital que, acreditava, envolveria e ligaria todos os seres vivos, conceito que jamais obteve crédito entre os cientistas. Síntese de biografias. Disponível em:

<<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/diversos/ciencia/bibliografia.html>> Acesso em: 30/07/2009.

Disponível em: <[www.autoresespiritasclassicos.com](http://www.autoresespiritasclassicos.com)> Acesso em: 29/07/2009.

<sup>298</sup> Johan Karl Friedrich Zöllner (1834 - 1882) astrônomo e físico alemão. Criador do conceito da ilusão de ótica. Membro da Universidade de Leipzig, da *Royal Society*, da Real Sociedade Astronômica de Londres, da Imperial Academia de Ciências Físicas e Naturais de Moscou e da Sociedade Científica de Estudos Psíquicos de Paris, além de membro honorário da Associação de Ciências Físicas de Frankfurt. Síntese de biografias. Disponível em:

<<http://revistas.pucsp.br/index.php/circumhc/article/viewfile/570/422>> Acesso em: 30/07/2009.

<sup>299</sup> Alexander de Bodisco. Embaixador do czar russo Nicolau I, participou de inúmeras experiências com espiritos, fotografias e descrição. Acompanhava estudos científicos sobre os fenômenos espiritas e fotografou muitas dessas experiências. Síntese de biografias.

Disponível em: <[www.autoresespiritasclassicos.com](http://www.autoresespiritasclassicos.com)> Acesso em: 29/07/2009.

Baraduc<sup>303</sup>, e ainda, Otto Hahn<sup>304</sup>, Thury<sup>305</sup>, Helmholtz<sup>306</sup>, Darwin<sup>307</sup> ao lado Rychnowski. Esse último em especial está em evidência no texto. Foi ele um químico

---

<sup>300</sup> William Crookes (1832 - 1919) químico e físico inglês, frequentou o *Royal College of Chemistry* em Londres, trabalhando com espectroscopia. Em 1861, descobriu em seu espectrômetro um elemento que tinha uma linha de emissão verde brilhante, ao qual deu o nome de tálio, do grego *thalos*, um broto verde. O Tálio é um elemento químico de número atômico 81. Foi pioneiro na elaboração dos tubos de vácuo. Crookes também identificou a primeira amostra conhecida de hélio. Fez pesquisas sobre a condutividade da eletricidade em gases sob baixa pressão. Investigou também o que hoje é chamado de plasma. Além de ter criado um dos primeiros instrumentos para estudar a radioatividade nuclear, o espintariscópio. Síntese de biografias. Disponível em:

<<http://www.tecnologiacomciencia.ufrgs.br/banners/tubos-raios-catodicos-05a.pdf>>

Acesso em: 30/07/2009. Disponível em:

<<http://ghtc.ifi.unicamp.br/AFHIC3/Trabalhos/34-Juliana-Mesquita-Hidalgo-Ferreira.pdf>>

Acesso em: 30/07/2009.

<sup>301</sup> Alfred Russel Wallace (1823 – 1913), pesquisador britânico, naturalista, geógrafo, antropólogo e biólogo. Durante uma jornada de pesquisas nas ilhas Molucas, Indonésia, Wallace escreveu um ensaio no qual praticamente definia as bases da teoria da evolução e enviou-o a Charles Darwin, com quem mantinha correspondência. Darwin, já vinha desenvolvendo seu trabalho há muito tempo, e percebendo que Wallace apresentava uma teoria praticamente idêntica à sua comentou "Toda a minha originalidade será esmagada". Para evitar maiores constrangimentos ambos resolveram apresentar os resultados de suas pesquisas simultaneamente. Wallace foi o primeiro a propor uma "geografia" das espécies animais e, como tal, é considerado um dos precursores da ecologia e da biogeografia e, por vezes, chamado de "Pai da Biogeografia". Wallace participou de muitas pesquisas a respeito dos fenômenos espíritas, junto com Crookes, Thury e Zöllner. (Revista *Scientific American Brasil*. Ano 7, no. 81. Fevereiro de 2009); Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/AlfredRu.html>> Acesso em: 30/07/2009.

<sup>302</sup> Alexander Aksakoff (1832 – 1903), cientista russo que investigou os fenômenos ligados ao espiritismo. Disponível em: <[www.autoresespiritasclassicos.com](http://www.autoresespiritasclassicos.com)> Acesso em: 29/07/2009.

<sup>303</sup> Henry Baraduc, médico francês, fez importantes pesquisas com fotografias em fins do XIX e início do XX, as eletrografias. Fotografou mãos, plantas, animais. Os resultados foram imagens que revelavam coroas, bolhas e manchas em torno do objeto fotografado, fenômeno que Baraduc chamou de "eflúvios". Apesar de fazer experiências sérias, Baraduc não conseguiu despertar o interesse dos cientistas de sua época, os quais alegavam que os efeitos conseguidos nas fotos não passavam de "calor das mãos". Posteriormente, em 1939, o casal Kirlian oficialmente confirmou que o reflexo fotografado refletia estados químicos da matéria. Síntese de biografias. Disponível em: <[www.autoresespiritasclassicos.com](http://www.autoresespiritasclassicos.com)> Acesso em: 29/07/2009; Disponível em: <<http://bioenergia0.tripod.com/histbioel.htm>> Acesso em: 31/07/2009.

<sup>304</sup> Otto Hahn (1879 - 1968), importante químico alemão, participou das pesquisas que descobriram o processo da fissão nuclear, conhecimento que contribuiu para a fabricação da bomba atômica. Durante a Segunda Guerra, Hahn foi participante do programa alemão para o desenvolvimento de armas atômicas. Em 1944, Hahn recebeu o prêmio Nobel de Química, embora não tenha comparecido à premiação. No pós-guerra Hahn se tornou um ativista popular contra a utilização das armas de destruição em massa. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/OttoHahn.html>> Acesso em: 31/07/2009.

<sup>305</sup> Marc Thury, cientista suíço, investigou fenômenos ligados ao espiritismo. *Criou os conceitos de "força ectênica"* ou psíquica, que seriam manifestados nas sessões. Participou juntamente com outros nomes do texto de Vellozo, como o evolucionista Wallace, Zöllner e Crookes, de outras experiências espíritas. Disponível em:

<[http://www.viasantos.com/pense/down/ANDRE\\_DUMAS\\_-\\_Allan\\_Kardec\\_Sua\\_Vida\\_e\\_Sua\\_Obra\\_-\\_PENSE.pdf](http://www.viasantos.com/pense/down/ANDRE_DUMAS_-_Allan_Kardec_Sua_Vida_e_Sua_Obra_-_PENSE.pdf)> Acesso em 31/07/2009.

<sup>306</sup> Hermann Ferdinand Ludwig von Helmholtz (1821 - 1894). Médico e físico alemão. Contribuiu com a ciência com estudos da Fisiologia e da Psicologia Fisiológica, além das teorias da visão, da percepção visual, percepção espacial, visão a cores, sensação de tom sonoro, percepção do som, etc. Na Física, ficou conhecido por sua teoria da conservação da energia. Realizou trabalhos em Eletrodinâmica e Termodinâmica. Na Filosofia, é conhecido por sua Filosofia da Ciência, idéias sobre a relação entre as leis da percepção e as leis da natureza, sobre a Estética e idéias sobre o poder civilizador da Ciência. Também foi ele o criador da Teoria da "Panspermia Cósmica". A panspermia é a hipótese segundo a qual as sementes de vida existem em todo o Universo e que a vida na Terra começou quando uma dessas sementes aqui chegou, tendo se proliferado em várias formas de vida. Essa idéia tem origem nos pensamentos de Anaxágoras, mas a sua versão mais moderna foi proposta por Helmholtz em 1879. A

polonês, que teria realizado experiências pseudo-científicas para comprovar a existência do Fluido Universal,<sup>308</sup> conseguindo resultados duvidosos, vindo a ser considerado posteriormente como um charlatão.

A busca do *humunculus* dos antigos alquimistas não havia deixado de exercer certo fascínio nos homens do XIX. No trecho que diz “*Fluidizado o sangue humano produziu formas humanas (phantasmas, aparições) que Rychnowsky photographou, e que se modificavam conforme a acção demorada do fluido*”, fica evidente a fraude no resultado das pesquisas informadas por Rychnowski.

As pesquisas realizadas reuniam a imprensa para atestar a existência e veracidade desses experimentos. O embuste era recorrente. Lembremos que o século XIX foi o século do ilusionismo, motivado pelos estudos da ilusão ótica de Zöllner. Os mágicos atuais ainda se utilizam de muitas das técnicas ilusionistas. Zöllner, juntamente com os já citados Crookes, Wallace, Aksakoff e Baraduc, participou de uma experiência espírita em 1875, a qual consta entre os relatos produzidos pela Federação Espírita e que tinha por objetivo alertar para o perigo das fraudes:

Em 1875 os jornais, que se apresentaram em geral, eram como adversários dos fatos espíritas, não deixavam de aproveitar a oportunidade de ridicularizar nossa doutrina e seus defensores. A despeito das alegações de mais de 140 testemunhas, que afirmaram, sob palavra de honra, haver reconhecido personagens moitas de sua família, e obtido suas fotografias, aproveitaram a má-fé do médium Buguet para fazer acreditar ao público que nessas produções só havia, de um lado, velhacaria e, do outro, credulidade estúpida. É incontestável que Buguet abusou da boa fé das pessoas que confiaram em sua honestidade; os manequins encontrados em sua casa o provam suficientemente, mas não é menos certo que ele era médium, de fato,

---

panspermia tanto pode ser interestelar, como interplanetária. Não existe ainda nenhuma evidência forte, quer para contestar essa teoria, quer para a suportar, embora atualmente os cientistas estejam trabalhando com essa possibilidade. SOUZA FILHO, Osvaldo Melo. *A física de Helmholtz e suas bases filosóficas*. In.: Revista da Sociedade Brasileira da História da Ciência, no. 13, Janeiro a Junho/1995. Disponível em: <[http://www.mast.br/arquivos\\_sbhc/171.pdf](http://www.mast.br/arquivos_sbhc/171.pdf)> Acesso em: 31/07/2009.

<sup>307</sup> Charles Darwin (1809 - 1882) dispensa apresentações. Com certeza foi o mais controverso cientista do século XIX. Pesquisador inglês, revolucionou o que se pensava a respeito da origem do homem e sua relação com a natureza até então. Naturalista, ganhou notoriedade ao convencer a comunidade científica da teoria da evolução. Propôs que o processo de evolução se dá por meio da seleção natural. Esta teoria se consolidou como paradigma central para explicação de diversos fenômenos na Biologia. As pesquisas de Wallace, que apresentavam resultados semelhantes, vieram a corroborar com a sua teoria. Em sua *Origem das espécies* introduziu a idéia de evolução a partir de um ancestral comum, por meio de seleção natural. Esta se tornou a explicação científica dominante para a diversidade de espécies na natureza. A polêmica que cerca a teoria da evolução de Darwin diz muito mais respeito às questões morais do que científicas propriamente ditas. Ele dá o golpe final no desbancamento do homem como centro da criação e estabelece o império da natureza. O homem, nesse ponto de vista, não é mais do que o “acaso” da natureza reinante. *Revista Scientific American Brasil*. Ano 7, no. 81. Fevereiro de 2009.

<sup>308</sup> O fluido universal é a alma do mundo, o Telesma hermético. A substância primordial de onde tudo teria sido criado.

quando começou. Quando se vêem pessoas sérias como Royard, químico, Tremeschini, engenheiro, a condessa de Caithness, o conde Pomar, o príncipe de Wittgenstein, o duque de Leuchtemberg, o conde de Bullet, o coronel Devolluet, o Sullivan, ministro dos Estados Unidos, de Turck, cônsul, jurarem que reconheceram Espíritos, por serem a reprodução exata da fisionomia de seus parentes ou amigos mortos, é preciso ser cego para duvidar da realidade das manifestações.

Os juízes, entretanto, não hesitaram em condenar Leymarie, gerente da sociedade espírita, a um ano de prisão e 500 francos de multa, porque esperavam atingir nele o Espiritismo, doutrina que toca tão de perto o clero que não se pode deixar de sentir a sua ação na penalidade infligida àquele que representava o Espiritismo francês.

Sobre este assunto, pensamos como Eugène Nus e diremos com ele:

- Nesta espécie de causas e em muitas outras, desconfio do Tribunal, tanto quanto do acusado. Se há neste mundo intrigantes, charlatães, impostores, inimigos da propriedade, da Religião, da Ciência e da família, há também, nas cadeiras com toga vermelha ou preta, homens que, com a melhor boa fé do mundo, prestam serviços, acreditando lavrar sentenças.<sup>309</sup>

A observação dos cientistas se dava tanto na questão da prática da experiência, quanto no policiamento das fraudes. Havia critérios científicos para se confirmar um evento como sobrenatural e genuinamente espírita. Nesse aspecto, é importante lembrar que o espiritismo kardecista pretendeu ser uma religião científica, moldado pelo pensamento científico evolucionista do século XIX.<sup>310</sup> Sobre o espiritismo, afirma a historiadora Eliane Moura que, na segunda metade do século XIX, houve na Europa um movimento espiritual, filosófico e científico centrado no contato sistemático e regular com os mortos e manifestações conscientes dos espíritos, articulado às práticas da necromancia, com princípios da ciência positiva, da filosofia secularizada e do materialismo político e racional. Ainda segundo a autora, a teologia e a metafísica desenvolvidas pela doutrina espírita elaboraram uma nova relação entre o mundo dos vivos e o dos mortos: na interpretação espírita, os desencarnados não eram puros espíritos e sua presença constante, sentida e pressentida, podendo impressionar chapas

---

<sup>309</sup> DELLANE, Gabriel. *O espiritismo perante a ciência*. Edição da Federação Espírita, 1993. s/p.

<sup>310</sup> “Seguindo uma tendência que já despontava na época, foi na França, a partir de 1858, que o movimento espírita ganhou sua feição mais organizada e integrada como doutrina em expansão, codificada, segundo as instruções espirituais ditadas pelos mortos, por um francês chamado *Hippolite Leon Denizard Rivail*, mais conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec. O movimento espírita colocou-se como uma revolução do pensamento de sua época. Começou como ciência do mundo espiritual, da sobrevivência espiritual após a morte, dos fenômenos sobrenaturais estudados do ponto de vista racional para se transformar, anos depois, num movimento filosófico-religioso específico”. (MOURA, E. *Fé e leitura: a literatura espírita e o imaginário religioso*. São Paulo: UNICAMP.). Versão on-line enviada pela autora.

fotográficas, marcar objetos e moldes em cera, erguer, transportar, materializar e desmaterializar objetos em compartimentos fechados ou apresentar-se numa identidade visível à semelhança do corpo de sua existência material. A invenção da mesa *Ouija*, por exemplo, em meados do século XIX, foi uma tentativa de comunicação com os mortos, por meio de um método científico passível de observação.

As representações dos desencarnados em formas fluidas, diáfanas e etéreas na verdade formavam imagens românticas. Expressavam uma particularidade da época na qual materialidade e fluidez podiam ser representadas em associação com a energia e a luz elétrica. Esta era a magia dos espetáculos da feérica *Louie Fuller*, a bailarina dos teatros da *Belle Époque* com seus espetáculos de dança em jogos de luz e sombras que lhe conferiam um aspecto mágico e sobrenatural.

Explorar a morte e o mundo dos espíritos transformou-se em uma maneira de abordar o insondável, de alcançar uma compreensão, uma comunhão com a Natureza Universal e Eterna, apoiada na Razão Científica e no empirismo do século XIX. Era também uma sensibilidade religiosa e uma mentalidade diante da morte indicativas da vontade de comunicar com os mortos, de não interromper os afetos, as relações, de minimizar as dolorosas separações causadas pela morte, a angústia diante da finitude. O espiritismo, portanto, foi um vasto sistema de conhecimento da sobrevivência e de práticas de comunicação com o Além, numa aliança entre religião e conhecimento científico se enquadrando numa visão maior de manifestações de espiritualidade como foram os movimentos espiritualistas do século XIX.

As evidências que nos interessaram discutir nos dois artigos de Vellozo (*Proesas da moderna Alchimia e O Fluido Universal*) foram: primeiro, Dario Vellozo sabia das experiências que ocorriam em grande parte da Europa. Dos cientistas citados, pudemos perceber que quase todos tinham interesse pelas pesquisas espíritas. A ciência de então, que tentava dar explicações racionais a fenômenos sobrenaturais, embrenhava-se no campo da investigação mística. Tentava-se dar uma explicação lógica (a lógica e compreensão da realidade vigente) às questões metafísicas; e segundo, Dario Vellozo acreditava que a ciência moderna estava caminhando para uma evolução, no seu sentido de melhoria e progresso, idéias percebidas por diferentes historiadores como verdadeiras crenças no século XIX. Acreditava ele entusiasticamente que as recentes descobertas poderiam transformar e transmutar o próprio ser humano para melhor.

Que extraordinária maravilha, que surprehendentemente magia encerra o radium que tanta coisa transforma, tanta coisa transmuda,

que dir-se-hia, conta na sua propria essencia, perpetuamente luminosa, o poder mysterioso, occulto e ainda ignorado da vida inicial. Outros maravilhosos descobrimentos, certo, se deverão à acção do radium, e a vida actual, que tem as suas superstições e os seus preconceitos de organização social alicerçados em bases que se julgavam solidas, talvez esta vida tenha de transformar-se tambem, e então o espectáculo da sua desorganização será um extraordinario capitulo a que – ae de nós não podermos assistir.<sup>311</sup>

Para Vellozo, o que a Ciência sabia já era sabido pelos sábios de diversas culturas de outrora. Mestres, heróis, deuses, sacerdotes, messias, avatares, que guardaram um segredo sagrado revelado a poucos por meio de simbolismos, desvendáveis apenas para os que tivessem as chaves, ou seja, para os que fossem portadores do entendimento dos significados dos códigos simbólicos. Os símbolos trazem em si idéias implícitas, carregam variados significados, acessados pelas possíveis correspondências e analogias. Não foi a toa que o simbolismo tenha sido a principal forma de expressão literária dos curitibanos. O símbolo portador de significados e arquétipos, que somado ao caráter metafórico do texto, pode velar e revelar muito sobre o que pensavam aqueles homens. Em meio a tantos simbolismos, curiosamente em seu texto Vellozo declarou de maneira explícita a impossibilidade de saber onde a ciência do seu tempo chegaria com todas aquelas descobertas “*ae de nós não podermos assistir*”.

### **6.3 Modernidade: o diálogo científico**

*Se queremos resistir aos poderes que ameaçam suprimir liberdade intelectual e individual, devemos conservar bem nítido diante de nós o que está em jogo e o que devemos àquela liberdade que nossos antepassados conquistaram para nós depois de árduas lutas.*

Einstein

Quando definimos o nosso objeto, ainda na fase de elaboração do projeto de pesquisa, à idéia de ciência de Dario Vellozo, já estavam referenciadas muitas afirmações acerca da sua concepção de ciência. Uma delas, que aparece recorrentemente nas narrativas historiográficas paranaenses, é o positivismo, e outra, o evolucionismo. Tínhamos estas afirmações de antemão do nosso objeto. Embora ambas as correntes científicas do século XIX apareçam com frequência na obra de Vellozo,

---

<sup>311</sup> *Revista Club Coritibano*, ANNO XIV, Março, no. 3, 1913. Fonte citada.

elas não representam o grau de importância de seu pensamento tanto quanto achávamos de início.<sup>312</sup> Não estamos com isso negando a importância do positivismo ou do evolucionismo para Dario Vellozo. O que estamos tentando mostrar é que estas duas correntes de idéias do XIX faziam parte das discussões e tendências de pensamento da época, foram idéias concebidas e criadas no próprio século XIX, e que podemos até aqui, identificar como componentes do contexto do nosso espírito do tempo. Elas serviram antes de tudo, como pontos de diálogo contextual, isto é, eram idéias que estavam em circulação, sendo amplamente discutidas no momento.

Como Dario Vellozo leu tudo que lhe foi possível e se interessou por todos os assuntos científicos e espiritualistas, ele não deixou de privilegiar determinados pontos de vistas seus acerca desses pensamentos. Levou para Curitiba muitas idéias e as colocou em discussão. Sua atividade como editor possibilitou que ele disseminasse-as e expusesse claramente o seu ponto de vista acerca desses assuntos. Tais evidências demonstram que na verdade, ele dialogou com a ciência do seu tempo. Ora concordando, ora discordando e reelaborando novas idéias conforme o seu entendimento.

Um ponto crucial nas pesquisas dos historiadores curitibanos que trabalham o contexto é o extenso currículo de idéias que são atribuídas aos homens daquele tempo. Essas idéias eram discutidas na imprensa, nos cafés e nos clubes e manifestavam discursos, posicionamentos e opiniões, como já vimos. Tais idéias, a princípio parecem paradoxais entre si, contudo apresentam pontos que viabilizam um discurso perfeitamente coerente à época. A discussão era importante, bem como o diálogo e a troca. Por conseqüência, as opiniões, os embates e as reelaborações de discursos eram inevitáveis. Um texto lido criou outro, que gerou outro... um discurso ouvido suscitou outro e tornou-se outro, obedecendo o princípio da circularidade da leitura e interpretação como lembra Ginzburg.

---

<sup>312</sup> A grande referência de pesquisa sobre Dario Vellozo são as *Obras Completas*. No entanto, tais obras são reuniões póstumas de seus textos, compilados por temáticas e não necessariamente em ordem cronológica. Outra questão é que nem todos os artigos publicados por Vellozo estão presentes nas *Obras Completas*, é o caso de nossas fontes-chaves, encontradas nos microfilmes de revistas nos arquivos da Biblioteca Pública do Paraná. Somente as *Obras Completas* não podem ser tomadas como representativas do pensamento desse autor, até porque, como já discutimos anteriormente, tais obras já não são mais de sua autoria como pondera Foucault. É importante ressaltar que só captamos essa dinâmica da autoria da obra de Vellozo no andamento da pesquisa.

### 6.3.1 Editoria: a alquimia do discurso

*Sei que às vezes uso  
Palavras repetidas  
Mas quais são as palavras  
Que nunca são ditas?*

Renato Russo

Simplificadamente “editar” significa escolher, selecionar e organizar um texto para a sua publicação. O texto pode ser publicado na íntegra, em partes, ou ainda acrescido de glosas e mesmo outros textos, e cabe ao editor a decisão do que deve ou não ser lido pelos leitores. A fundamental importância de Dario Vellozo como editor se dá justamente porque era ele quem escolhia os textos que seriam divulgados, o que reflete em boa medida, a sua predileção pelos textos de caráter científico, esotérico e ocultista.

Sobre a atividade de editoria de Vellozo, é importante esclarecer que não temos como precisar até que ponto, os assuntos que ele pôs em circulação, refletiam a sua opinião, ou se independentemente dessa, ele os colocou apenas em discussão, ou ainda apenas para divulgação. Já mencionamos que ele veiculava algumas opiniões adversas sobre os artigos publicados. E nesse sentido, as revistas serviam como um verdadeiro canal de diálogo, com espaço para réplicas e tréplicas dos leitores. Todavia, tais configurações dissonantes aparecem com pouca frequência nas fontes pesquisadas. Como nem todos os textos das revistas trazem a indicação da autoria, embora editadas por Vellozo, centramos nossa atenção nos textos assinados por ele ou que, mesmo pertencendo a outros autores, repetem-se em alguns trechos editados nas *Obras Completas* ou em outras revistas. O que quer dizer, que na atividade editorial de Vellozo, os textos e idéias de determinados autores, passaram a compor também o seu discurso.

Um exemplo concreto de que Vellozo absorvia idéias e reelaborava-as, por vezes juntando, por outras criando novos conceitos ou agregando novos significados é o seguinte trecho do texto *Entre o Cáucaso e o Olimpo*, de 1912, assinado por Apolônio de Tiana, pseudônimo adotado por Vellozo:

Os homens que obsedam da superstição materialista, sofrem decepções acerbadas, criam sucúbios exaurentes. A Matéria é tão indestrutível como a Fôrça; *Fôrça e Matéria* são formas da Substância eterna. As Formas passam em sua instabilidade efêmera, mas a Essência é imutável, una.

- *Nada se cria e nada se perde na Natureza*, afirmou Lavoisier.

- Gustave le Bon exclamou: - *Nada se cria. Tudo se perde.*

- Poderíamos concluir: - *Tudo se cria; nada se perde.* Os enunciados são verdadeiros; simplesmente: os pontos de vista de Le Bon e Lavoisier são distintos. Le Bon parte de certo estado da Matéria exausta; Lavoisier refere-se à Matéria no Infinito.

O terceiro enunciado fixa o momento do Fiat! no caos, a transmutação da Substância no Cosmos. De então, *nada se perde; tudo se cria...* nada se pode perder, de fato, no Infinito; tudo se cria no Universo, porquanto a Essência se transmuda em Substância, a Substância em Fôrça e Matéria, a Fôrça e Matéria em novos, constantes, perenes aspectos, formas e corpos. Tudo se cria, porque tudo envolve do Inconsciente ao Consciente, os ciclos da Perfectibilidade.<sup>313</sup>

Vemos Lavoisier, filósofo iluminista do século XVIII, pai da Química moderna que enunciou o princípio da conservação da matéria e refutou a teoria do flogisto, numa interação com Gustave Le Bon. As credenciais de Le Bon, por sua vez, são mais ecléticas. Como sociólogo do XIX, estudou a psicologia e o comportamento das massas e da mídia e interessou-se pelo campo da Física. Le Bon contribuiu para os debates sobre a natureza da matéria e energia. Seu livro *A Evolução da Matéria* se tornou popular na França, chegando a doze edições. Embora algumas de suas idéias, notadamente a de que toda a matéria era inerentemente instável e estava constante e lentamente transformando-se em éter tenham sido levadas em conta favoravelmente pelos físicos da época, sua formulação específica da teoria não teve a mesma consideração.

A célebre frase “*Na Natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma*” de Lavoisier, aparece nesse texto de Vellozo em interação com “*Nada se cria. Tudo se perde*” de Le Bon. Ambas as idéias sobre a matéria são conciliadas por Vellozo quando ele afirma que “*Poderíamos concluir: - Tudo se cria; nada se perde.*” E mais adiante são reelaboradas num outro enunciado “*O terceiro enunciado fixa o momento do Fiat! no caos, a transmutação da Substância no Cosmos. De então, nada se perde; tudo se cria...*” A maneira como as afirmações antagônicas são deslocadas do seu sentido, conciliadas e reelaboradas demonstram a habilidade de Vellozo em interagir com discursos opostos, mas que ao misturá-los dá a eles uma outra coerência, justificando que “*nada se pode perder, de fato, no Infinito; tudo se cria no Universo, porquanto a Essência se transmuda em Substância, a Substância em Fôrça e Matéria, a Fôrça e*

---

<sup>313</sup> VELLOZO, D. *Obras Completas I...op. cit.*, p. 393 e 394.

*Matéria em novos, constantes, perenes aspectos, formas e corpos. Tudo se cria, porque tudo envolve do Inconsciente ao Consciente, os ciclos da Perfectibilidade.”*

É interessante notar que Vellozo usa textualmente o método hermético dos alquimistas de separar e unir os elementos (no caso, idéias), de forma a extrair uma terceira, colocada no seu terceiro enunciado. Podemos afirmar que Vellozo é um alquimista do discurso. Segue os ritmos e polaridades das idéias de seu tempo, retirando-lhes um sentido e atribuindo o seu, fruto de sua interpretação de mundo. Ao observar o conjunto da obra de Vellozo, podemos perceber que ele procede de tal maneira em quase todo o seu discurso. Ele imprime uma originalidade de quem lê, interpreta e reelabora o texto, deixando uma marca pessoal da sua interpretação. Este fragmento nos pareceu significativo, na medida em que ele mostra textualmente como Vellozo conciliou idéias antagônicas, fruto de leituras variadas. Separar, para depois juntar e adaptar é notadamente uma prática alquimista que Vellozo aplica ao discurso, seu objeto de experiência (diferente do uso de elementos químicos como objeto, como faziam os alquimistas). A prática editorial tem grande importância nesse processo. É ela quem permite o labor com as palavras, a reelaboração dos discursos e rearranjo das idéias. No conjunto de sua obra, foi possível perceber também que Vellozo reutilizou fragmentos de textos, de artigos mais antigos, em artigos mais novos, numa espécie de recorte e colagem, técnica possivelmente adotada pelos mais variados editores. Isto ocorre porque encontramos trechos que se repetem em discursos diferentes e aparecem diluídos em outros artigos.

... Deves separar a terra do fogo, e o sutil do rude e grosseiro, mas com amor, com grande compreensão e discernimento. (...) Todas as coisas são criadas (ou restauradas) de uma única coisa, todas as coisas provêm de uma única coisa por prescrição e união (adaptação), pela vontade e comando (pela mediação).<sup>314</sup>

Vellozo portanto, adapta os discursos, como um alquimista das palavras, de maneira a lhes dar um novo sentido e coerência. Na mesma página, junto ao mesmo trecho que selecionamos, encontramos a seguinte afirmação a *“harmonia resulta da analogia dos contrários”*, isto é, ele harmoniza discursos contraditórios.<sup>315</sup>

Parte dessa mesma série de trechos encontramos *“o bom estilo é a perfeita harmonia entre as idéias e as palavras”*, e, *“seguir a moda em literatura, é suicidar-se*

---

<sup>314</sup> Trechos extraídos da *Tábua de Esmeralda. Hermes Trismegisto*. Publicação AMORC. *Op. cit.*, p. 31.

<sup>315</sup> VELLOZO, D. *Obras Completas I...op. cit.*, p. 393.

*literariamente por completo*".<sup>316</sup> Podemos considerar esses fragmentos representativos de como Vellozo entende, expressa e labora o seu discurso, imprimindo as impressões que tem das leituras, na elaboração do novo texto, do terceiro enunciado.

Esses indícios textuais são apenas uma demonstração de como Dario Vellozo dialogava com a ciência do seu tempo. Usava argumentos científicos, reelaborando-os num discurso seu, conferindo-lhe lógica argumentativa. Isso quer dizer que, por mais estranho que possa parecer, um poeta simbolista podia ser ao mesmo tempo positivista, evolucionista, hermetista; e ainda assim, encontramos sentido coerente em sua fala.

É necessário agora, apresentarmos como Dario Vellozo dialogava com o positivismo e o evolucionismo, idéias científicas em pauta à época, sem no entanto, aprofundarmos a discussão, uma vez que essas idéias não são em si a base do pensamento de Vellozo, e sim, pontos de intercâmbios de concepções científicas.

### **6.3.2 Positivismo: o método como caminho**

*O Método filosófico é luz e trâmite na Humanidade. Sem o clarão do Método, as concepções da mente se podem metamorfosear em monstros. O Método é a chave do conhecimento. O Método é a lâmpada, o caminho para a luz, e a luz no caminho.*

Dario Vellozo

Comte é um dos pensadores do século XIX que exerceu grande influência na formação de Vellozo. O método positivista parece ser o ponto de apoio que sua obra oferece a ele. Seleccionamos alguns trechos do Volume I das *Obras Completas* em que Vellozo exerce sua habilidade de interpretar, aproximar e reelaborar idéias.

No sistema de *Política Positiva* Augusto Comte assim se expressa: "Pitágoras realizou admiravelmente êste grande desígnio, instituindo disciplina sistemática a um tempo privada e pública. Assim surgiu, em escala restrita, mas decisiva, sistematização direta da vida humana, física, intelectual e moral." (v. III, pág. 336).

Os pitagóricos, diz A. Comte, realizaram ativamente o tipo do verdadeiro poder espiritual, constituindo livremente, conforme contínuo respeito da sociabilidade real, as cidades que os consultavam espontaneamente, sem nunca participarem das magistraturas que estabelecem. (v. III, pág. 337)<sup>317</sup>

Mais adiante, no capítulo *No jardim do templo do I.N.P.*, em *À luz do método pitagórico* diz Vellozo:

---

<sup>316</sup> *Ibidem*, p. 394.

<sup>317</sup> *Luz de Crótona: Pitágoras e a Teosofia*, p. 33 e 34. In.: *Obras Completas*, Volume I, 1969.

Meditados os livros de Platão e Aristóteles, ricos de ouro de idéias pitagóricas; estudados Descartes e Victor Cousin, - elucidativa a leitura do *Livro Preliminar (Do Método, V. I)* de *O positivismo e a Ciência experimental* - do Abbade Broglie; idem, dos *Prolegômenos sobre o Método*, da obra *Significação histórica do Cristianismo* - de Clemente Ricci; idem, do *Ultimum Organum* - de J. Strada; idem, do *Método Geral e Científico* - de Jacques Brieu. Auferem do valor do Método, coroa da Lógica, as lições do Dr. Euzébio Mota, grande e solitária luz da Filosofia, em terras paranaenses. (...) O método neo-pitagórico estuda os problemas sob os possíveis pontos de vista, concluindo, provisoriamente, de acordo com o conhecimento adquirido<sup>318</sup>.

(...)

Alfred Dubuisson é um dos executores testamentários de Augusto Comte. O *Positivismo Integral* foi redigido estudando em “sua fonte” as concepções do Filósofo.

Augusto Comte impregnou-se das doutrinas da Escola de Crótona, em mais de uma página da *Política Positiva* procurando render justiça ao valor de Pitágoras.

Em sua *Síntese Subjetiva*, (v. I., pág. 9), assim se expressa:

“... A sabedoria final institue a sinergia em síntese fundada na simpatia, concebendo toda atividade dirigida pelo amor a HARMONIA UNIVERSAL.”

O enunciado é genuinamente pitagórico. Se o coordenador da *Filosofia Positiva*, nem sempre conclue de acordo com o filósofo de Samos, - talvez porque perturbado pelo preconceito aristotélico; - é fato que, em suas concepções mais luminosas, muito se lhe aproxima.

Não fôra a crítica de Aristóteles que, por vezes, tirou dos fragmentos pitagóricos conclusões incompatíveis com o espírito dos *Versos Dourados*, quicá as concepções de A. Comte, em relação aos destinos do Homem, fôssem de todo idênticas às da *Escola de Crótona*.

Nos pontos em que Aristóteles se afiniza a Platão, Comte se afiniza a Pitágoras.<sup>319</sup>

(...)

A lâmpada é chave do Saber é o Método Integral ou *Método neo-pitagórico*. A missão especial do Instituto resume-se em conservar incorruptível o MÉTODO, propagando-o. Nosso esforço, garantindo Nova Crótona pela agricultura e pelas artes, instruindo e educando, cultivando a Ciência e a Filosofia, proporcionando ao Pitagórico a subsistência, o conforto, a vida afetiva, estética e moral, tende a premunir o MÉTODO contra azares possíveis, sempre fatais ao gênero humano.

O Método filosófico é luz e trâmite na Humanidade.<sup>320</sup>

Não pretendemos aqui discutir a filosofia positivista de Comte. Pretendemos, com os fragmentos aqui escolhidos, demonstrar como Vellozo procede em relação às suas influências. Ele junta idéias antagônicas e reinterpreta conforme o seu

---

<sup>318</sup> *Ibidem*, p. 55 e 56.

<sup>319</sup> *Ibidem*, p. 92.

<sup>320</sup> *Ibidem*, p. 265.

entendimento. Ele alia o método positivista comtista ao método pitagórico, mesmo que por vezes os métodos se contradigam. Ele mesmo afirma que aproxima “*as concepções mais luminosas*” de ambos os métodos e “*Nos pontos em que Aristóteles se afiniza a Platão, Comte se afiniza a Pitágoras*”.

Neste outro fragmento podemos ver como Vellozo rearranja o enunciado acerca do método de Comte ao método de Papus, sem poupar inter-relações.<sup>321</sup>

Diz Papus; - “O methodo principal da Sciencia Occulta é a *analogia*. Pela analogia se determinam as relações que existem entre os phenomenos.

Dado o estudo do homem, trez methods principaes podem levar ao fim:

Pode-se estudar o homem em sua vida, em sua intelligencia, no que se chama a sua alma: é o estudo do invizível, o *estudo por deducção*.

Pode-se emfim, reunindo estes dous methods, considerar a relação que existe entre os órgãos e a função, ou entre duas funções, ou entre dous órgãos: é o *estudo por analogia*.

O *methodo analogico* não é pois, nem a *deducção*, nem a *inducção*; é a applicação lucida que resulta da união destes dous methods.” (*Science Occulte*.)

3º. – Nem se ajusta inteiramente a Philosophia ou Sciencia Espirita o quaternario occultista: *Saber, Querer, Ouzar, Calar*.

“*Saber, Querer, Ouzar*, sim: - mas nunca sepultar no Sigillo o resultado de suas investigações, sobre os phenomenos psychicos ou sobre o mundo invizível.

(...) – *Saber Querer, Ouzar, Calar* – é o quadrivium que a ESPHYNGE (egyptia) encerra, e traduzimos tambem por: - INTELIGENCIA, VONTADE, OUZADIA, SIGILO, essa primeira chave, - dissemos – O Neophito abriria a primeira porta do templo...”<sup>322</sup>

O que pudemos perceber ao analisarmos as fontes é que Dario Vellozo tinha profunda admiração por Comte como um grande homem do seu tempo. Utiliza partes da filosofia positivista, sem no entanto ser doutrinado por ela. Acreditamos que se ele fosse tão positivista quanto se afirma, teria fundado uma igreja positivista em Curitiba, o que

---

<sup>321</sup> Papus (Gerard Anacleto Vincent Encausse: (1865-1916). Médico, escritor ocultista, rosacruicista, cabalista, e maçom. Fundou o martinismo moderno, ainda continuado nos dias de hoje na *Tradicional Ordem Martinista* - TOM. Filho de pai francês, o químico Louis Encausse, e de mãe espanhola, de origem cigana, a senhora Irene Perez. Dedicou horas aos estudos dos segredos ocultistas na Biblioteca Nacional de Paris e na Biblioteca do Arsenal, analisando os segredos da Alquimia e da Cabala. O nome *Papus* foi adotado por influência de Eliphaz Levi, e identifica-se com uma entidade espiritual dedicada à terapia. Em 1882 foi iniciado por Henri Delaage na Sociedade dos Filósofos Desconhecidos, ordem que teria sido fundada por Louis Claude de Saint-Martin, no século XVIII, na França. Não podemos contemplar aqui toda a influência exercida por Papus em Dario Vellozo, essa relação ainda não foi explorada. Sua história por si só rende uma pesquisa acadêmica. Mas podemos afirmar que Papus é autor ocultista mais publicado, editado e citado por Vellozo. Informações sobre o autor. (PAPUS. *A Cabala*. São Paulo: Martins Fontes: Sociedade das Ciências Antigas, 1988.)

<sup>322</sup> *Ibidem*. Agosto, 1899, Anno I, no. 2.

não ocorreu. Ele fundou o I.N.P. com base na antiga tradição esotérica pitagórica, agregando a esta filosofia uma reatualização de conceitos e práticas para o seu mundo. Ele ao mesmo tempo ressuscita e reinventa o pitagorismo, agregando argumentos fornecidos pelas mais diversas correntes de pensamento do seu tempo. A fórmula para sua nova conceituação de método parece ser a mesma usada na conciliação dos discursos de Lavoisier e Le Bon mostradas anteriormente. Ele usa os argumentos de método integral de Comte associado ao método pitagórico, tirando daí um terceiro enunciado: o seu método neo-pitagórico aplicado e ensinado no instituto. O que Vellozo efetivamente entende por método é o caminho, o meio que possibilita o indivíduo evoluir nessa existência.<sup>323</sup>

Além dos textos inseridos nas *Obras Completas*, encontramos nos arquivos um artigo publicado na *Revista Esphynges*, intitulado *O Positivismo*, o qual sugere que Dario Vellozo via Comte como um grande homem.<sup>324</sup> Elogiava-o por ter fundado uma nova religião, uma religião da humanidade. Mas não seguia a risca toda a Doutrina Positivista. Vellozo na verdade, se apropriava de parte da filosofia, a parte que ele achava mais coerente e conveniente, e transformava-a numa nova idéia, fruto da sua interpretação. A nova idéia criada, por sua vez, era conciliada a outros argumentos e a outros discursos de forma a dar coerência ao discurso-criado de Vellozo. Ele enquadrava Comte como um *orthólogo*, assim como ele também se pensava um “orthólogo”.<sup>325</sup>

### 6.3.3 Evolucionismo: o caminho em espiral

*Se eficiência mecânica se tornar a nova medida de aptidão evolucionária, muito do que consideramos fundamentalmente humano será eliminado.*

Revista Scientific American

---

<sup>323</sup> “Método” e “verdade” são palavras que imprimem ao pensamento curitibano um caráter racionalista. A palavra “Método” vem do grego *methodos*, que quer dizer “caminho para chegar a um fim”. Na filosofia o método delimita o *modus* da obtenção do conhecimento: a epistemologia. O *Discurso sobre o Método* de Decartes, obra seminal do Iluminismo, abriu o caminho para a ciência moderna e para o conceito de método científico. Na ciência o método científico é constituído por uma série de passos codificados, que se tem de tomar, de forma esquemática para atingir um determinado objetivo científico. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie190empdf.pdf>> Acesso em: 31/07/2009.

<sup>324</sup> O texto consta integralmente entre os anexos. Embora, reconheçamos a importância do pensamento de Comte para a ciência moderna, não aprofundaremos a análise do texto por entendermos que esse tema mereceria uma pesquisa própria e por fugir à proposta de discussão do nosso objeto. Ver Anexo V.

<sup>325</sup> A palavra “orthologia” já não aparece mais nos dicionários de hoje. Encontramos uma referência a essa expressão no artigo do João do Rio, maior crítico dos esotéricos paranaenses, no qual ele critica a orthologia e o autor do texto Magnus Söndahl, que Dario Vellozo editou e publicou. Dentre os documentos microfilmados, encontramos também várias edições do curso de Orthologia divulgado na *Revista Esphynges* que constam entre os anexos. Ver Anexo VI.

Quanto a relação de Vellozo com o evolucionismo, encontramos no artigo intitulado *Da Antiguidade do homem* de 1905 a referência bibliográfica que Vellozo utilizou para escrever seu texto.<sup>326</sup> Nela vemos citado Darwin e muitos outros autores.

Respeito à Antiguidade do homem, lembro as seguintes obras que estudei e se recomendam pela alta competência de seus autores:

Debierre – *L’Homme avant l’Histoire*.  
Cotteau – *Le Préhistorique en Europe*.  
P. Topinard – *L’Anthropologie*.  
P. Topinard – *Anthropologie générale*.  
Letourneau – *La Sociologie*.  
G. Mortillet – *L’Préhistorique*.  
Bordier – *La Géographie médicale*.  
Dr. Fauvelle – *La Physico-Chimie*.  
Hovelacque – *Les Debuts de l’Humanité*.  
Flammarion – *Le monde avant la création de l’homme*.  
E. Sodi – *La Langue Sacrée*.  
Lapparent – *Traité de Géologie*.  
C. Claus – *Traité de Zoologie*.  
Huxley – *De la place de l’homme dans la nature*.  
Darwin – *La descendance de l’Homme*.  
Darwin – *Origines des espèces*.  
Haeckel – *Histoire de la Création*.  
De Nadallac – *L’Amérique Préhistorique*.  
Quatrefages – *Introduction à l’étude des races humaines*.  
Lubbock – *L’Homme avant l’histoire*.  
Revel – *L’Evolution de la Vie*.  
Papus – *Traité méthodique des sciences occultes*.  
Blavatsky – *Ísis sin velo*.  
Blavatsky – *La Doctrina secreta*.  
Alves de Magalhães – *Nova Lei do Systema do Mundo*.  
R. Cronau – *America*.  
Draper – *Conflictos da Sciencia com a religião*.  
G. de Raille – *La Mythologie comparée*.  
Snider – *La Création et ses mystères*.  
Humboldt – *Cosmos*.  
Buchner – *Force et matière*.<sup>327</sup>

O artigo é razoavelmente pequeno, uma página apenas. Mas a deduzir por essa extensa bibliografia, vemos que Vellozo era um leitor e pesquisador, embora não fosse um cientista, propriamente dito. Era, antes de tudo, um filósofo livre-pensador. Sua fala está aqui ancorada em nomes de credibilidade no campo da pesquisa científica sobre o homem. Contudo, seu interesse ia ainda mais longe. Interessava-se também pela anatomia dos primeiros hominídeos, embora reconheçamos que em fins do XIX essas

---

<sup>326</sup> VELLOZO. *Obras Completas IV... op. cit.*, p. 313.

<sup>327</sup> *Ibidem*, p. 364 e 365.

idéias também em muito perpassavam o campo da especulação. É sabido que à época das discussões de Darwin, o que as pesquisas científicas haviam colocado em cheque era a dignidade do homem, restou-se discutir os desdobramentos éticos e conciliar o discurso científico e o discurso moral se apresentando o progresso espiritual, que depende da vontade do indivíduo, como a alternativa conciliadora dessas idéias tão antagônicas. E evidentemente, Vellozo caminhou por essa via.

Noutro artigo publicado na *Revista do Club Coritibano*, Vellozo apresenta algumas evidências como provas irrefutáveis da evolução humana, embora haja um certo sarcasmo em sua colocação de que a ciência estaria hesitando nas afirmações acerca de nosso parentesco com seres tão similares e tão diferentes a nós.

### **O precursor do homem**

(Conclusão)

O femur, em vez de pesar 350 grammas, peso ordinario de um femur daquela dimensão, peza um kilogramma. Os dentes tornaram-se silicosos e esta é a primeira vez que se encontram ossos humanos tão completamente fossilizados. Um dente assemelha-se ao de um Neo-Calendonio, sendo um pouco maior, mas recorda tambem o de um chimpansé novo. É pois absolutamente intermediario por seos caracteres entre um dente humano e um dente de macaco.

A parte inferior do femur é mais arredondada que a do femur humano, e póde-se affirmar que aquelle femur pertence a um ser que teve uma marcha bipede.

A calotta craneana apresenta uma saliencia das arcadas superciliaes, muito accentuada como no craneo humano quaternario celebre de Neenderthal. A fronte é extremamente estreita. Póde-se entretanto encontrar igual estreiteza em craneos actuaes. O Sr. Manouvrier dá um exemplo proveniente das catacumbas. Mas a saliencia e o comprimento da fronte, projectada além das arcadas superciliaes, apresenta caracteres que são impossiveis de serem encontrados na especie humana.

É pois evidente que se trata de craneo muito inferior á capacidade craneana muito pequena (1.000 no maximo) e apresentando o conjunto dos seguintes caracteres: craneo muito baixo, frontal minimo muito pequeno, viseira frontal muito pronunciada, levantamento lateral da base da região temporal.

Em summa, o pretendido Pithecanthropos é um grande macaco, um gorila gigantesco, como ainda não se vio, ou um homem. Mas se é um homem, pelo que se infere da capacidade craneana, não podia ser senão um idiota.

Esta descoberta, pelo campo que abre ás hypotheses, é uma das mais interessantes que se têm feito: não são ossadas vulgares essas diante das quaes a sciencia hesita, não sabendo se o ser de que proveio era um homem ou um animal.<sup>328</sup>

---

<sup>328</sup> *Revista do Club Coritibano*, agosto 1898, Anno IX, nº.8.

Manouvrier, citado nesse texto, atualmente parece ser um nome controverso entre os antropólogos, que negam, ou preferem não lembrar, a sua relação com a antropologia. Manouvrier desenvolveu pesquisas na área da antropotecnia e bio-sociologia, ciência em ascensão na época.<sup>329</sup> Segundo artigo de Claude Blanckaert, publicado na *Revista Brasileira de História*, a antropometria era um método estatístico de análise do corpo humano criado por volta de 1850 para precisar o lugar do homem na natureza e definir os caracteres das raças humanas.<sup>330</sup> Ela foi rapidamente utilizada para apreciar os fatores "biossociológicos" na origem da decadência ou da prosperidade das nações e discriminar os grupos sociais desviantes, criminais ou inadaptados. Os antropólogos esperavam manifestar assim sua competência especializada. Consideravam-se os únicos capazes de formular os verdadeiros fins da humanidade e os meios de apressar seus progressos. Esta ideologia profissional corrente foi criticada pelo anatomista Léonce Manouvrier, um adversário de Cesare Lombroso convertido à etiologia comum entre os sociólogos. O artigo de Blanckaert lembra os fundamentos da antropotecnia, os termos da controvérsia que opôs os teóricos da hereditariedade e do meio, nas discussões do fim do XIX e início do XX. Ao contrário de outros cientistas de sua época, dentro da antropotecnia, Manouvrier defendia que as diferenças humanas estavam muito mais relacionadas aos fatores externos e culturais, do que das cifras físicas do indivíduo.

Não pretendemos aqui discutir o tema evolução e o surgimento da disciplina de antropologia, pois estaríamos fugindo ao nosso objeto. Mas é importante lembrar que

---

<sup>329</sup> Antropometria: Sistema de mensuração do corpo humano, antropologia física e posteriormente antropologia criminal, criminologia. Desde seu nascimento, a antropometria procedeu de outras exigências, quase obsessivas, relativas à vitalidade geral das populações. Daí vem o interesse pela demografia, pelas condições sanitárias das cidades e dos campos, das fusões étnicas que configuraram velhas nações e dos riscos de decadência biológica que arruinaria sua marcha progressiva em direção à civilização. Vale lembrar, que se por um lado havia o caráter etnocêntrico nas pesquisas antropométricas, elas possibilitaram à Medicina identificar doenças e síndromes patológicas como a *síndrome de Down*. Down (1828 – 1896) identificou que algumas crianças, mesmo filhas de pais europeus, tinham características físicas similares ao povo da Mongólia. Posteriormente, o francês Jerome Lejeune descobriu que as pessoas descritas pelo Dr. John Langdon Down tinham uma síndrome genética. *Síndrome de Down* ou *trissomia do cromossomo 21* é um distúrbio genético causado pela presença de um cromossomo 21 extra total ou parcialmente. Como um cientista do XIX, Down mapeou, por meios e métodos científicos, maneiras de se identificar um tipo de ser humano. Na atualidade, científica e eticamente, a síndrome de Down é considerada um evento genético natural e universal, estando presente em todas as raças e classes sociais. Não é uma doença e, portanto, as pessoas com síndrome de Down não são doentes. A síndrome de Down também não é contagiosa. A mesma analogia, válida para conceituação dos seres humanos "diferentes", é usada para anões e albinos. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v21n41/a08v2141.pdf>> Acesso em 31/07/2009.

<sup>330</sup> BLANCKAERT, Claude. *Lógicas da antropotecnia: mensuração do homem e bio-sociologia*. Revista Brasileira de História. Volume 21, no. 41. São Paulo, 2001. s/p.

concomitantemente às teorias de evolução do XIX, surgiam também as teorias de superioridade racial, as quais fomentaram os discursos racistas ao longo do século XX. A antropologia tem suas origens nesse contexto, embora este passado seja renegado pelos atuais antropólogos. À época, outros teóricos e cientistas tentaram provar cientificamente a supremacia de algumas nações em relação as outras. É certo que as justificativas para a escravidão existiam desde os tempos mais antigos. Mas o que diferencia os discursos colonialistas do século XVI sobre a suposta inferioridade do negro e do índio, dos discursos do XIX, é que a justificativa era religiosa e moral, pois para os colonizadores negros e índios não tinham alma. No XIX essa visão passou a ter uma pretensão de justificativa científica. Buscou-se cientificamente esta diferença. Outra questão ainda sobre esse tema espinhoso dos mitos de superioridade é que a ariosofia, por exemplo, que guarneceu posteriormente o discurso nazista, contando com argumentações e justificativas científicas, místicas, esotéricas e ocultistas, é um pensamento próprio do contexto do XIX. Portanto, a origem do homem, sua suposta superioridade e sua evolução foram a pauta de discussão do momento.

Vellozo entendia que tudo estava em processo de evolução, o homem, as sociedades, as raças, as nações, em uma dinâmica espiralada. Entendia que nada é perene. Articula as idéias evolucionistas científicas à idéia de um processo de evolução espiritual. Não concebia estas duas relações separadamente, assim como na matriz de pensamento evolutivo kardecista. Acreditava que a evolução levaria a humanidade à perfeição.

A espiral é o símbolo da Evolução, o caminho da Perceptibilidade...

A Vida é espiral: as sociedades, as civilizações, as raças, as espécies – não avançam ou recuam descrevendo circunferências. A subida é espiral, espiral a queda. Os ciclos manvantáricos são curvas espiralantes. Não passa o mesmo astro duas vezes em mesmo ponto do espaço; nem repassa o Homem os pontos do trâmite percorrido... Não há duas sensações perfeitamente iguais, nem impressão ou emoção que se reproduza. O momento vivido está perdido... Só o sonho, a Cisma, a Reminiscência evocam os édens e os infernos.<sup>331</sup>

Devemos levar em consideração que o pensamento de Vellozo é carregado do espírito progressista do XIX, onde ao progresso é creditado a esperança de uma melhoria em um futuro buscado tanto pela ciência quanto pelo espiritualismo.

---

<sup>331</sup> *Ibidem*, p. 400.

A crença no conhecimento racional, bem como no progresso e na razão são concepções comuns ao naturalismo e ao evolucionismo que se caracterizaram nesse século. Explicar os fenômenos sobrenaturais à luz da ciência tornou-se um desafio para muitos estudiosos. Não foram poucas as experiências com o uso da fotografia, como já vimos, para provar um determinado ponto de vista. Porém, para homens como Dario Vellozo, o sobrenatural não existia. Tudo tinha uma causa natural e buscava-se uma explicação pelas vias metódicas da ciência positiva que se consolidava naquele momento. O sobrenatural, entretanto, não poderia ser compreendido apenas pela ótica da ciência e da filosofia, carecia de outros conhecimentos reservados às chamadas então “ciências ocultas”.

Não existe o milagre. Os efeitos têm causas; os fenômenos naturais têm causas naturais. Não há fenômenos sobrenaturais. O Universo é a Natureza.<sup>332</sup>

A questão que nos interessa aqui levantar é que, independentemente do que Vellozo achava sobre as pesquisas científicas, ao publicar textos com este teor, ele contribuía para a divulgação das mais novas descobertas no campo da ciência de sua época. Lembremos que muitos aspectos da nossa atual concepção de mundo se formaram ao longo do século XX, que cientificamente se moldou por uma perda de memória da antiga ciência obsoleta.

O que percebemos é que como Vellozo estava sempre inteirado das discussões científicas do seu tempo, não titubeava em usar todos os argumentos fornecidos pela ciência positiva para justificar seu discurso, conforme aquilo que lhe era conveniente. Ele usava todos os discursos científicos que lhe pareciam racionais. Para ele, não havia essa visão paradoxal entre ciência e misticismo como vemos hoje em olhar retrospectivo. Ele citava Gustave Le Bon, Darwin, Curie, Krishna, Baudelaire, Pitágoras, Jesus, Newton, Voltaire... Tudo o que lhe parecesse coerente e que acrescentasse argumentos plausíveis às suas idéias. Dario Vellozo aplicou o método hermético de separar e depois unir os elementos. Decididamente, Vellozo foi mais que um alquimista do discurso, foi um alquimista de idéias.

---

<sup>332</sup> VELLOZO, D. *Obras Completas I... op. cit.*, p.51.

## 6.4 Presente: o tempo das possibilidades

*Olhamos para um céu irreal que reflete um céu passado e que não aconteceu. A belíssima visão do Universo, que sempre fascinou os homens de todos os tempos, reflete um céu que “não aconteceu” da forma como a imagem refletida chega até nós. Se hoje fotografarmos um setor do Universo, veremos estrelas e astros que nos mandaram suas luzes de um tempo tão remoto, de épocas tão diferentes, que o quadro atual, como nos chega, é quase uma “fantasia cósmica”. Uma estrela que já morreu há um bilhão de anos envia sua imagem ao lado de outra que transmitiu sua luz há 100 milhões de anos... Elas “aparecem juntas”, nesta foto fantástica, como se tivessem vivido ao mesmo tempo ou como se estivessem lá agora, tal qual “a foto do seu tataravô ao lado do seu trineto que ainda não nasceu”.*

Reflexões de Einstein

É consenso entre nós historiadores que as narrativas históricas são uma construção do historiador. É ele quem recorta o passado e lhe dá um sentido. Portanto, a história é uma construção do presente. Mas o passado a ser lembrado não é aleatório. Ele está intimamente ligado às necessidades e conveniências do presente que o retoma, seja na busca de respostas ou necessidade de entendimento do próprio presente, como observa Benjamim, seja no entendimento do próprio passado. Em contrapartida, uma história do tempo presente só pode ser pensada enraizada num passado. Nesse sentido, Pierre Nora afirma que no historiador é depositado a esperança de que ele possa fornecer os segredos do nosso tempo.<sup>333</sup>

Entender o nosso presente requer entender outros presentes, que já se tornaram passado. Mas será que é possível entendermos outros presentes deslocando-nos do nosso próprio presente? Talvez sim. Para tanto, é necessário evitarmos o anacronismo nos despidendo de conceitos e preconceitos do julgamento da história. Voltamo-nos a um outro presente, o presente de Dario Vellozo, e percebemos um oceano de idéias, algumas que poderiam ser consideradas por nós, ultrapassadas, e outras, com pleno vigor teórico e ideológico na atualidade. E é essa visão de universos paralelos, de presentes diferentes, que assegura o objetivo da nossa pesquisa, de termos conseguido penetrar em outro mundo.

A partir dos três eixos conceituais que nos nortearam: esoterismo, tradição e ciência e as noções de contexto e historicidade, demos um panorama do mundo do fim do XIX e início do XX. Pudemos relacionar a busca dos antigos alquimistas pela pedra

---

<sup>333</sup> NORA, Pierre. *O acontecimento e o historiador do presente*. In.: LE GOFF, LADURIE, DUBY. *A nova história*. Lisboa: Edições 70, 1983. p. 47 a 56.

filosofal, o elixir da longa vida e a criação do *humunculus* com as pesquisas dos cientistas do XIX. Embora Vellozo não fosse um cientista, vimos que a sua idéia de ciência estava intimamente ligada à tradição da ciência hermética, sem negar, no entanto, os avanços da ciência positiva de sua época. O ambiente contextual da modernidade, que possibilitou os intercâmbios, permitiu-lhe uma reelaboração de idéias antigas caracterizadas de outras formas e imbuídas de outros artificios aplicadas a novas realidades, isto é, idéias que foram adaptadas, pois vimos que as referências de Vellozo ganharam novos sentidos em seu discurso.

No que se refere a pedra filosofal, o texto *Proesas da moderna alchimia* relaciona explicitamente os empreendimentos químicos radioativos de sua época a antiga prática alquímica. Na fala de Vellozo vimos claramente que, naquele tempo, ele acreditou que a ciência poderia redimir a humanidade do futuro, pois acreditava ele, na evolução, na comprovação científica e no progresso, enquanto melhoria. No entanto, não sabia quais os efeitos colaterais das pesquisas do XIX estariam reservados ao futuro. Via com bons olhos as pesquisas de seu tempo, embora criticasse o crescente racionalismo científicista que se havia divorciado da ciência sagrada. A compreensão do presente de Vellozo nos leva a crer que muitos daqueles homens eram bem intencionados em seus experimentos.

Se por um lado o século XX herdou uma ciência que se revelou destrutiva e mortal, por outro, os experimentos científicos no campo da Química, por exemplo, possibilitaram o desenvolvimento de medicamentos e tecnologias que transformaram a indústria farmacêutica em um verdadeiro império. A cura para todos os males, o elixir da longa vida dessas descobertas, se não imortalizaram nenhum homem, ao menos contribuíram para a melhoria e prolongamento da sua qualidade de vida. Experimentamos uma ciência que criou e matou.

Da procura do *humunculus*, desde as mais bizarras pesquisas dos alquimistas e cabalistas de outros tempos, tivemos a formação das disciplinas na especialização do conhecimento das ciências nas áreas da Medicina, Antropologia, Biologia e Genética. Ciências estas que parecem suscitar as discussões mais polêmicas da atualidade e que ultrapassam a prática e tangem à Ética e a Moral. Dolly existe. As experiências genéticas, bem como a manipulação de vírus contam com regulamentação de estatutos próprios de cada país. Não há um controle mundial dessas pesquisas, como há em relação às armas de destruição em massa, ou projetos nucleares. Talvez porque o imaginário de uma catástrofe nuclear seja mais monstruoso do que um ser artificial.

*Frankenstein*, de Mary Shelley, a história de um estudante de ciências naturais que constrói um monstro em seu laboratório, reflete o imaginário acerca dos perigos das pesquisas biológicas do contexto que já anteviam alguns modernos. Não se pode negar que as experiências do XIX possibilitaram a volta dos sonhos alquimistas da produção da pedra filosofal, do elixir da longa vida e da criação do *humunculus*, embora travestidos de outros argumentos e outros artificios. O paradigma científico, no entanto era outro. O homem já não se pensava como antes. O homem agora era o produto do acaso da seleção natural e não mais o centro da criação. A Natureza imperava e a Ciência comandava. A máquina poderia substituí-lo. E ao futuro estava reservado o fim da espécie humana, substituída pela máquina ou dominada por um estado totalitário. Co-existiam o pessimismo e o otimismo, como espíritos de futuro, oscilando entre os humores modernos.

Confiante, consciente, crítico e bem informado, Vellozo preferiu o otimismo, acreditou no progresso e na evolução espiritual. Embora a onda de cientificismo e racionalismo tenha perdurado como “ponto fixo”, paradigma de pensamento do contexto, Dario Vellozo sincretizou a verdade científica de sua época a uma verdade suprema da tradição hermética. A ciência havia dado conta de resolver a matéria, mas não havia resolvido o problema da vida. Ele bebeu então de outras fontes: Schuré, Papus, Blavatsky, Fabre d’Olivet, Éliphas Levi, que num primeiro momento, deram-lhe as repostas que procurava para solucionar os mistérios do seu tempo.

Ao publicar textos de caráter científico positivo e textos esotéricos ocultistas, Vellozo tentou conciliar religião e ciência. Fundiu conceitos antagônicos e criou novos conceitos. Como um verdadeiro alquimista que era, adaptou as esperanças.

Compreender o que permeava os discursos, o que se passava àquele tempo, os anseios, as esperanças, as decepções e os pontos de vista daqueles homens nos aproxima cada vez mais da resposta à nossa grande questão: qual a concepção de ciência de Vellozo? A essa altura de nossa narrativa, temos uma resposta objetiva e concreta: a idéia de ciência de Vellozo era a de uma ciência de tradição hermética que, adicionada à ciência positiva de sua época, com todas as suas descobertas e invenções, revelava-se como redentora da futura humanidade.

**Sciencia Occulta**  
(Barlet e Lejay)

O pouco que poderemos dizer do mundo invisível e suas relações com a nossa vida terrestre é por demais insuficiente para vos dar ideia

da magnitude que se prende ao seu conhecimento. Constitue, em verdade, mui vasta e completa e antiga sciencia, de que o estudo do Astral é apenas fragmento, e desvenda innumerous mysterios do mais alto interesse.

E esta sciencia, que uma especie de renascimento chama actualmente à vida, pode fornecer à Arte preciosos elementos, superiores àquelles que a tem feito brilhar em seus mais bellos periodos.

Esta sciencia *Hermetica*, ou *Esoterica*, tem por objecto a actividade particularizada e precisa das tres Potencias universais que já hemos indicado: a Divina, a Humana e a da Natureza, bem assim as relações harmonicas que se extendem da mais rigorosa lei physica até às mais elevadas iniciativas do Absoluto. É nada menos que a synthese essencial de todas as sciencias, de todas as philosophias, de todas as religiões, synthese que as illumina de prodigiosa luz, reunindo-as na Unidade de alguns principios tão simples quanto fecundos.

Sciencia das causas e dos fins de todas as cousas, capaz entretanto de chegar até as mais insignificantes particularidades pela força de seus primeiros Principios, é ao mesmo tempo a philosophia a mais profunda, a poesia a mais sublime, a religião a mais nitida; a fonte a mais inexgotavel, portanto, de inspirações artisticas, grandiosas ou commovedoras. Abraçando, como abraça, todo o universo e todas as formas de sua vida inenarrável, é sempre accessivel à alma humana e assaz emocionante, pois lhe delinea o que mais a interessa.

Liberta-nos das desolações do fatalismo naturalista, pois nos mostra que a Natureza representa apenas a infancia dos seres, o estado de minoridade da alma chamada à vida eterna. Cura-nos das duvidas melancolicas do positivismo, porque nos abre, acima da analyse, todas as formas da sciencia directa. Conserva-se extranha, entretanto, aos terrores do mysticismo porque nos traça nas leis da evolução, o tramite que conduz pela pratica activa e san da vida ao centro radioso da infinita bondade, da verdade absoluta, e do poder supremo.

(De l'Art de Demain)

Dario Vellozo<sup>334</sup>

A aproximação de Vellozo com a tradição hermética de pensamento deu-se até por influência dos conhecidos ocultistas europeus, predominantemente franceses e belgas, que por característica, voltaram-se para a busca de uma tradição primordial, como foi a teosofia de Helena Blavatsky, remontando o culto a Ísis e o orientalismo indiano descrito em sua *Doutrina Secreta*. Curitiba parece ter se afastado de uma tradição de pensamento portuguesa colonialista ou mesmo imperialista como poderíamos supor de antemão, e estabeleceu uma identidade com os europeus, talvez fruto da própria corrente migratória que sofreu o sul do país no contexto.

---

<sup>334</sup> *Revista do Club Coritibano*, 1899, Anno X, nº.3

A principal fonte de estudos de Vellozo foi o ocultismo francês. Isto porque o fenômeno que se traduziu como ocultismo no XIX pareceu sintetizar a antiga ciência hermética às novas possibilidades da ciência positiva do XIX. Os alquimistas haviam voltado com novos métodos, novas descobertas e novas estratégias. Nesse sentido, do ponto de vista teórico-metodológico, para a definição dos conceitos que usamos até aqui, entendemos o ocultismo como uma das formas, categorias, da história do esoterismo durante o século XIX como propôs Moura. Esta definição foi fundamental e decisiva para a emergência de uma série de diferentes correntes que incluíram o moderno Espiritualismo, os rituais mágico-ocultistas, as sociedades herméticas, o cristianismo gnóstico e o aparecimento da moderna Sociedade Teosófica. Podemos interpretar o ocultismo nessa conjuntura como uma adaptação histórica do esoterismo a um mundo em processo de dessacralização, baseando-se numa concepção segundo a qual a experiência do sagrado acontecia na vida cotidiana. O ocultismo, como uma importante forma do esoterismo ocidental, emergiu da interação entre uma concepção antiga e esotérica de “correspondências” com um novo conceito de “causalidade”. Permaneceu num caminho ambivalente entre o esoterismo tradicional e os modernos pontos de vista científicos. O que quer dizer que, podemos entender o ocultismo como o esoterismo moderno, aparelhado pelas novas concepções científicas de então.

### **Occultismo**

Papus

Dr. em Medicina

Dr. em Kabbala

Quando houve certeza de que a maior parte dos fenômenos produzidos pela força psíquica eram reais, foi lembrada a existência de uma teoria particular destes fenômenos: a Magia.

Os Magos da Pérsia pretendiam explicar e produzir a vontade factos do mesmo género; seria, pois interessante conhecer suas ideias nesse sentido.

Estas ideias não se acham tão inteiramente perdidas como se poderia crer. Um estudo, mesmo superficial, dos autores que têm tratado de Magia e de Alchimia, e algumas confrontações entre as ideias expostas por tais autores e as emitidas no Zend-Avesta e pela Kabbala, permitem reconhecer, mesmo com a transformação dos vocabulários através das idades, a perfeita concordância das ideias. De todo esse conjunto se desprende uma doutrina particular que pode perfeitamente aliar-se a nossas teorias científicas, contemporâneas, e pode ainda auxiliar a ciência a levar alguma luz ao caos dos factos, ainda inexplicados, da Natureza.

O Occultismo é uma doutrina que vale o que valem todas as doutrinas. Não tem a pretensão de possuir a Verdade em tudo; porém, as teorias que expõe tendem a substituir o misticismo por um certo

racionalismo. Principalmente no estado dos factos espiritas, o Occultismo, sem negar a intervenção, em certos casos, das entidades pessoas dos sêres defuntos, restringe consideravelmente o papel que se possa atribuir a essas entidades, e entende que a maior parte de taes factos são devidos a phenomenos de hypnotismo transcendente, produzidos principalmente pelas forças emanadas do medium e dos assistentes.

A Historia conta que os maiores pensadores da Antiguidade, que o Occidente tem visto nascer, foram completas a instrução nos mysterios Egepcios.

A Sciencia ensinada pelos possuidores desses mysterios é conhecida com differentes nomes:

Sciencia Occulta, Hermetismo, Magia, Occultismo, Esoterismo, etc, etc.

Em tudo identica em seos principios, este codigo de construção constitue a Sciencia tradicional dos Magos, a que damos geralmente o nome de OCCULTISMO. Esta Sciencia continha a theoria e a pratica de grande numero de phenomenos, de entre os quaes apenas uma insignificante parte constitue actualmente o dominio do magnetismo ou das evocações ditas *espiritas*. Estas praticas, contidas no estudo da Psychurgia, eram, repetimos, uma insignificante parte da SCIENCIA OCCULTA, que comprehendia ainda trez grandes divisões: a Theurgia, a Magia e a Alchimia.

O estudo do Occultismo é capital sob dous pontos de vista: illumina o passado de uma luz intensa e nova, e permite ao historiador estudar a antiguidade sob aspecto quasi desconhecido ainda. Apresenta ao experimentador contemporaneo um systema synthetico de affirmações a comprovar pela sciencia, e ideas sobre forças ignoradas quasi, forças da Natureza ou do Homem a comprovar pela observação.

O emprego da analogia, methodo caracteristico do Occultismo, e sua applicação a nossas sciencias contemporaneos ou a nossas concepções modernas de Arte e de Sociologia, permite lançar uma luz inteiramente nova sobre os problemas que mais insoluveis parecem.

O occultismo não pretende, entretanto, ter a unica solução possivel das questões de que trata. É um instrumento de trabalho, um meio de estudo; e só um tolo orgulho, poderia levar a seos adeptos a pretensão de possuir a Verdade Absoluta. O occultismo é um systema philosophico e scientifico que rezolve quasi sempre as questões, que se apresentam a nosso espirito. Tal solução será a expressão unica da Verdade? É o que só a experimentação e a observação podem determinar.

O occultismo, para que seja evitado qualquer erro de interpretação, deve ser dividido em duas grandes partes:

1ª. – Uma parte immutavel formando a base da tradição e que facilmente se pode encontrar nos escriptos de todos os hermetistas, qualquer que seja a epocha e a origem.

2ª. – Uma parte pessoal ao auctor e constituida por alguns commentarios e applicações especiaes.

A parte immutavel pode ser dividida em trez partes:

1ª. – A existencia da *Tri-unidade* como lei fundamental de acção em todos os planos do Universo.

2ª. – A existencia das *correspondencias* unindo intimamente todas as porções do Universo vizivel e invizivel.

A possibilidade dada a cada intelligencia de manifestar suas potencialidades nas applicações de pormenor é a causa efficiente do progresso dos estudos, a origem das diversas escholas e a prova da possibilidade que tem cada auctor de conservar toda sua individualidade, qualquer que seja o campo de acção por si attendido.

Magia: A Magia é a sciencia tradicional dos segredos da Natureza.

Foi-nos legado pelos Magos. O Adepto ou Iniciado é o senhor de grandes poderes, que lhe dão a faculdade de obter imprevistos resultados, cujo alcance é ignorado pela quasi totalidade dos homens. Entre os magos mais celebres notam-se Hermes Trismegisto, Osíris, Orpheo, Appolonio de Thyana, Juliano o Philosopho, Cornellius Aggripa, Merlim, etc.

- Intelligencia lucida e cultivada, audácia indomavel, Vontade inflexivel e Discreção Absoluta.

Dahi os quatro verbos: Saber, Querer, Ousar e Calar.<sup>335</sup>

Para Vellozo o que a Ciência positiva vinha descobrindo, já era sabido pelos antigos sábios e alquimistas. Tais homens teriam comunicado seus segredos por meio dos simbolismos que cercam a literatura alquímica, pela tradição e pelos monumentos antigos e medievais, como mostrou Fulcanelli em *As mansões filosofais*. Somente os portadores das chaves, isto é, do conhecimento da linguagem simbólica, poderiam ter acesso à Ciência Sagrada. Não foi por acaso que o simbolismo tenha se configurado na principal forma de expressão literária dos curitibanos. Podemos afirmar com base no teor da documentação pesquisada que Dario Vellozo funcionava dentro de uma tradição hermética de pensamento advinda de uma releitura dos europeus do século XIX. Ele não negava a importância do método científico positivo e a busca da verdade científica. Mas conciliava essas idéias a crenças mais antigas da existência de uma ciência sagrada. Por isso é tão evidente a idéia de “ciências” em suas obras. A ciência sagrada, ou que se pensa sobre ela, como já vimos é transmitida a iniciados, e Dario Vellozo acreditava nessa premissa, ou não teria buscado nos cultos dos mistérios pitagóricos o seu mote *Sciencia, Arte e Mysterio...*

O *revival* místico observado por Franklin Baumer e Eugen Weber na Europa do XIX teve seus adeptos entre os curitibanos deste lado do mundo, os quais aspiravam ares cosmopolitas e desejavam reconhecimento nacional, dentro de um projeto de República. Esoteristas e membros de entidades espiritualistas como a Maçonaria, a Ordem Rosa-Cruz e o Instituto Neo-Pitagórico, construíram uma visão particular de mundo.

---

<sup>335</sup> *Revista Esphynges*, no. 2, Anno I, Agosto 1899.

Paul Veyne afirma que "durante muito tempo acreditou-se nos mitos, segundo programas muito diferentes de época para época".<sup>336</sup> Segundo ele, o mito é um produto social, o reflexo das crenças populares, das idéias de um povo, numa dada época, num dado contexto. Continua Paul Veyne que "acreditamos nas obras da imaginação. Acreditamos nas religiões, em Madame Bovary durante a leitura, em Einstein. Em certas sociedades essas idéias poderiam ser consideradas ficção".<sup>337</sup> Situações que podem ser fictícias para uns, não o são para outros, tudo depende do seu programa de verdade. A questão que se coloca aqui é que a verdade é relativa e a crença numa verdade no campo político e ideológico, obedece a um programa estabelecido, um paradigma. E foi o XIX que elegeu a ciência como o nosso paradigma de verdade.

A verdade varia historicamente. Então, o mito diz a verdade. Os gregos acreditavam na verdade das coisas e do homem. Para eles, o devir do mundo seria um perpétuo recomeço, uma lógica advinda da observação da natureza, a "verdade natural". Os modernos do XIX deixaram de acreditar no ciclo, mas passaram a acreditar na evolução e no progresso. Se o mito deixou de dizer a verdade, a sua antiga função social garantiu que houvesse uma verdade das coisas: na Ciência.

O XIX foi um século marcado pelas sensações e sentidos. O magnetismo, a hipnose, a eletricidade como fluido mágico, foram estudados por muitos ocultistas que já haviam superado a alquimia. Novos elementos foram descobertos e seria possível à ciência dar mais respostas a respeito dos mitos. O desconhecido estava perto de ser revelado. Mas a ciência sozinha não podia explicar os mistérios daquele presente.

A pesquisa de Silvestrin já havia demonstrado que o orientalismo, as influências dos chamados ocultistas europeus, o simbolismo, o positivismo, o evolucionismo e a forte crença no progresso forneceram aos curitibanos argumentos que construíram um modo de pensar eclético, onde as idéias não entraram em confronto, mas sim se complementaram. Apontado o caminho, restou-nos verificar como se construíram esses argumentos paradoxais para a concepção de mundo de Dario Vellozo. Os curitibanos possuíam um claro projeto de nação e civilização baseado em valores morais altruístas, com profundos sentimentos de caráter espiritualista e justificativa científica, com uma forte crença no progresso e na evolução, ancorado num passado idealizado. Dissera certa vez Dario "*O Brasil será a Grécia da humanidade futura, possa ser Curitiba, sua Atenas*".

---

<sup>336</sup> VEYNE, Paul. Acreditaram os gregos em seus mitos? Lisboa: Edições 70, 1983. p. 139.

<sup>337</sup> *Ibidem*, p. 139.

A *Scientia* é a Verdade demonstrada. Consciosamente investigadora, desapaixonada e austera, observa demoradamente os mais estranhos fenômenos, impondo, em a serenidade impecável dos métodos, os Princípios e as Leis;<sup>338</sup>

Só a Ciência que investiga, inquirir, compara e analisa; volta ao passado e medita o porquê das civilizações mortas, insaciável de Verdade e insaciável de Saber (...). Só a Ciência é fanal seguro para guiar a Humanidade aos sólios sereníssimos do Amanhã.<sup>339</sup>

Vellozo, afinal, acreditava na ciência como a redentora da humanidade futura, uma ciência messiânica. “*Só a Ciência é fanal seguro para guiar a Humanidade aos sólios sereníssimos do Amanhã*”.

---

<sup>338</sup> *Revista Esphynges*, Julho, 1899, Anno I, no. 1.

<sup>339</sup> *Obras Completas IV... op. cit.* p. 382.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Eu tenho um sonho!”, disse um pensador da paz. Era também um poeta da vida. O sonho motiva o homem e a ciência. Para se tornar um cientista, todo homem precisa ser poeta e ter um sonho. Todo cientista precisa de um sonho capaz de fazê-lo voar e motivar seu desejo de paz e de conhecimento.*<sup>340</sup>

A nossa trama de Ariadne agora está pronta. Perpassando e costurando cada um dos três eixos conceituais que desenvolvemos, bordando as noções de entendimento, chegamos a nossa colcha de retalhos históricos que pode ser contemplada como uma das muitas possíveis histórias, muitas possíveis interpretações de uma fonte, de um discurso, de um contexto, de uma idéia, feito por uma historiadora em um determinado ponto no tempo, imbuída de leituras, pesquisas, opiniões e experiências sobre o objeto estudado. Visualizando o mosaico com todos os fragmentos, podemos agora ter uma noção mais nítida e equilibrada da visão de mundo de Dario Vellozo.

Nos Santuários, os sacerdotes ensinavam a ciência de *Hermes*, o magno inventor da *Arte Sagrada*, senhor dos mais custosos arcanos da *Alquimia*.

*Hermes* gravou em pedra preciosa diversas sentenças, conhecidas com o nome de *Tábua de Esmeralda*, resumo das doutrinas ensinadas nos Templos.

“A *Tábua de Esmeralda*, diz Eliphaz Lévi, é toda a Magia em uma só página.”

A ciência de *Hermes* era recebida por *Iniciação*. A *Iniciação* achava-se dividida em *Pequenos* e *Grandes Mistérios*.

Os *Pequenos Mistérios* eram o estudo sintético das ciências elementares, os *Grandes Mistérios* estudavam a metafísica das ciências e a *Arte Sagrada*. (E. Bosc).

(...)

Para receber a *Iniciação*, o postulantes *Neófito* era obrigado a passar por diversas *provas*, em que se lhe experimentavam a coragem, a ousadia, a discrição e o saber.

(...)

Cada prova mostrava o estado, a inteligência e a força moral que possuía o postulante neófito, que não podia passar de um degrau a outro, isto é, de grau inferior a grau superior, sem haver satisfeito inteiramente as provas sucessivas às quais estava adstrito.” (E. Bosc).

É que em cada grau o Iniciado, recebia parte do Ensino, cuja chave um símbolo resumia e velava.

(...)

A *Esfinge*, as *Pirâmides* eram simbólicas.

---

<sup>340</sup> CASTRO, Gustavo de. *Sob o céu da cultura*. Prefácio. Brasília: Thesaurus; Casa das Musas, 204. p. 11.

“A Esfinge é o monstro simbólico da mitologia egípcia. é chave da ciência oculta. É quaternário oculto que simboliza: SABER, QUERER, OUSAR, CALAR-SE.” (E. Bosc).

(...)

A Esfinge é o símbolo da *força* vitoriosa, da *vontade* humana, dirigida *discretamente* pela *Inteligência Suprema*.

INTELIGÊNCIA, VONTEDE, OUSADIA, SIGILO, eis o quadrivium da Esfinge.

(...)

Conhecido o simbolismo da *Esfinge* e das *Pirâmides*, em cuja interpretação mediava o Iniciado, deixarei a *Papus* a narrativa das *provas* por que passava o postulante, a fim de ser admitido à Iniciação, encetando os estudos que constituíam os *Pequenos Mistérios*.

(...)

Findas as provas, o iniciando encetava os estudos que o levariam com os anos, ao perfeito conhecimento da CIÊNCIA, da ARTE e do MISTÉRIO. Ao concluir os estudos preparatórios, nos quais surpreendia a *Aritmética*, a *Geometria*, o *Desenho*, etc., ensinavam-lhe a *Hieroglifia*, a *Terapêutica*, a *Astronomia*.

(...)

Nos *Grandes Mistérios* eram revelados os profundos arcanos da *Astrologia*, da *Alquimia*, do *Magnetismo*; e a *Arte Sagrada* fulgia, proclamando a harmonia do Universo e perfeito equilíbrio do Homem, *impelido pelos Instintos*, esclarecido pela INTELIGÊNCIA para AGIR.

(...)

“A CABALA é a chave das *Ciências Ocultas*.”

Um dos mais belos Adeptos da Ciência Esotérica, senhor dos segredos da CABALA, pontífice da religião do *Iniciados*, na Palestina, foi SALOMÃO, rei de Jerusalém, famoso pela sabedoria e sugestivo encanto da linguagem.

(...)

Contam, possuía a *Ciência das Evocações*, a arte de magnetizar as correntes de luz astral e dirigi-las à vontade. Tinha anel constelado, composto dos sete metais, com a assinatura dos sete gênios e sete anjos, com pedra de imã encarnado, na qual estavam gravados, de um lado a figura do selo ordinário de Salomão, do outro seu selo mágico.

341

Nessas lições iniciáticas, podemos perceber a relação da ciência mosaica de Vellozo com os ensinamentos herméticos, chamados por ele de Arte Sagrada e ensinados somente aos iniciados depois de passarem por provas que asseguravam sua coragem, ousadia, sigilo e sabedoria (o saber, querer, ousar e calar-se). Vellozo acreditava que a Esfinge de Gizé resguardava os segredos da Ciência Sagrada e que as provas, que possibilitavam o alcance de tais atributos, eram realizadas nas pirâmides, monumentos esses objetos de muitos estudos, curiosidades e especulações no século XIX. A alquimia para ele compunha a rede de conhecimentos sagrados, assim como a

---

<sup>341</sup> VELLOZO, Dario. *Obras Completas IV*. Os arquitetos do templo: Egito e os seus mistérios. Editora do I.N.P.: Curitiba, 1975. p. 37 – 51.

magia, a astrologia e a cabala: a alquimia, o saber dos segredos da natureza; a magia, a vontade dirigida; a astrologia, conhecimento do que está em cima e do que está embaixo; e a cabala, a ciência das evocações. Ao associar e dominar estas quatro artes, o iniciado poderia tornar-se então um neófito por mérito.

Da mensagem, objeto de transmissão do conhecimento da ciência sagrada, para o meio que permite a sua transmissão, a poesia, vemos a habilidade de Vellozo, como um verdadeiro alquimista das palavras, em transmutar os ensinamentos alquímicos herméticos em poesia.

#### ROSA ALQUÍMICA.

**Olha, ó virgem, - não te iludas, -  
Eu só tenho a lira e a cruz.**

(...)  
Nos atanores da Magia  
Achei mercúrio, enxofre e sal  
Filtros ocultos da Magia,  
Ó luz estranha, ó luz feral!...  
Corvo soturno da Magia,  
Onde os alvares do brial?

As esmeraldas da Esperança  
Na luz astral vão refulgir;  
O vivo argentum da Esperança  
Brilha nas pérolas de Ofir;  
Fulvos leões, rubra esperança,  
Tecel da morte e do Porvir.

Extingue a lâmpada, Alquimista!  
A Lua desce para o Além...  
Rutila o Sol... – Velho Alquimista,  
Dá-me êsse filtro que faz bem!  
Santelmo fui, velho Alquimista,  
E fui saltério, - Alma do Além.

Ó Renascença, ó filtro de ouro,  
- XX - : mistérios do Binário!  
Entra, minha alma, os sólios de ouro  
Dêsse esplendente santuário!  
Brilham Santelmos, - prata e ouro, -  
Analogias do Binário.<sup>342</sup>

Obviamente a mensagem transmitida não é de fácil interpretação a qualquer leitor. Podemos dizer que é necessário um conhecimento sobre Ciências Ocultas e

---

<sup>342</sup> *Ibidem*, p. 275 - 276.

hermetismo para entender o que esse poeta alquimista está querendo dizer. Não se trata apenas de um jogo de palavras e metáforas esotéricas. Ele alude os processos alquímicos de transmutação aos processos de transformação interior, no seu sentido espiritual, embora isso ocorra, como já demonstramos anteriormente, sem que para ele corpo, mente e espírito sejam elementos pensados separadamente.

Vellozo é um grande mestre, não no sentido vulgar ao qual esse termo é aplicado, mas no sentido de alguém que consegue com maestria e cuidado transmitir um ensinamento a um discípulo por meio da palavra escrita, ainda que haja um grande espaço de tempo entre seus escritos e a leitura de um leitor. Ele consegue ser claro a quem porta o conhecimento da linguagem simbólica e prolixo a quem lê seus escritos apenas por curiosidade ou especulação. Ou seja, ele não revela gratuitamente os segredos sagrados, e, somente um estudioso de ciências ocultas consegue acessar sua mensagem, ainda que inevitavelmente sujeita a uma interpretação.

Nesse sentido, somos conscientes de que nossa pesquisa é apenas uma interpretação da obra de Vellozo: a nossa interpretação. Os resultados e impressões aqui narrados são na verdade uma versão, um depoimento do nosso entendimento de sua idéia de ciência.

Como todo o trabalho historiográfico, o que conseguimos de outro tempo foi apenas um olhar, uma espiadela por um buraco de fechadura. Apreendemos apenas um pequeno fragmento de história, uma pequena porção daquilo que foi. Ao vislumbrarmos imagens caleidoscópicas do século vivido por outros homens, vimos apenas uma dimensão do nosso objeto, embora tenhamos nos esmerado em trabalhar os aspectos multidimensionais do contexto no qual os discursos que estudamos foram proferidos. Em uma abordagem mais abrangente sobre o recorte temporal onde nosso objeto se encontra inserido, o que nossos olhos viram no passado, através do pequeno orifício, foi uma virada de século imersa em um mar de certezas racionalistas e dúvidas espirituais. O pessimismo e o otimismo se revelaram duas faces da mesma moeda. Mas houve algo (talvez o espírito do tempo) compartilhado pelos “*hominus scientificus*”, como Dario Vellozo, que os tornou tão especiais: a crença em um futuro melhor.

Historicamente foi a modernidade que possibilitou um olhar histórico para o futuro, uma vez que o futuro profético apocalíptico sempre se referiu ao tempo presente e futuro imediato como o tempo do fim do mundo.<sup>343</sup> Segundo Jeffrey Richards, não

---

<sup>343</sup> *Passim*: WEBER, Eugen. *Após o Apocalipse: crenças de fim (e recomeço) de mundo*. São Paulo: Mercuryo, 2000.

houve tempo pós-evangelho que não tenha se pensado como o momento apocalíptico, como o tempo do fim dos tempos.<sup>344</sup> Embora a idéia de um apocalipse tenha sido temporalmente sempre pensada como futuro não tão distante e que no entanto, foi um futuro que não aconteceu efetivamente aos moldes imaginados por cada época, o XIX pensou um futuro melhor. O progresso e a evolução foram o seu mote. Houve um sentimento otimista relacionado à ciência e ao futuro. O XIX idealizou um futuro guiado pelas asas da ciência. E a visão de futuro, com base na idéia de ciência como redentora da humanidade, foi manifestado na literatura de Júlio Verne, nas atitudes éticas testamentárias de Nobel e nas crenças otimistas de homens como Vellozo. Vigorou o espírito do devir.

No século XIX, as diferentes formas de espiritualidade adquiriram características específicas, conectadas ao cientificismo, utopias sociais, livre pensamento e representaram uma encruzilhada de idéias e tendências não muito estanques. O ocultismo foi um destes movimentos. O ocultismo associou a tradição hermética aos métodos da ciência. A multifacetada idéia de ciência de Vellozo como vimos, foi fruto desse contexto, substrato de uma ciência hermética, de tradição alquímica que remonta a Renascença. No entanto, Vellozo viu com entusiasmo as novas descobertas científicas do seu presente e não negou os avanços da ciência de sua época. Interpretou seu mundo com os argumentos fornecidos pelo seu presente, reelaborando, em seu discurso, velhos e novos conceitos. Vellozo foi um otimista disseminador de idéias, um alquimista das palavras. Compartilhou discussões e opiniões sobre a origem do homem, embora acreditasse em uma evolução advinda da centelha divina. A evolução biológica e espiritual, o progresso, próprios do espírito otimista acerca do futuro que reinou no Paraná até o início da Primeira Grande Guerra, marcaram grande parte de seus discursos.

A título de reflexão, a pesquisa e a leitura fizeram-nos perceber que a historiografia que cerca a temática da história da ciência por vezes, não intencionalmente, omite a relação entre magia e ciência no passado de outrora. Negligencia grandes detalhes sobre essa relação. Seus discursos nos fazem acreditar em uma verdade científica despida de misticismo, tornando-nos céticos. A esse respeito, previne-nos Thomas Kuhn, para o que Ortega y Gasset, em *Rebeliões das massas*, chama de “plenitude dos tempos”: a idéia de que as coisas todas estão melhor postas

---

<sup>344</sup> RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. RJ: Jorge Zahar editor, 1993. p. 13 -14.

hoje do que em todo o tempo anterior, pode ser equivocada. Percebemos, por parte de alguns membros da comunidade científica, uma clara intenção de abafamento da memória, como sugere Benjamim. Há uma negação da memória da tradição da ciência hermética, fato possivelmente ligado a questões políticas, de poder e identitárias.

Assim como Bacon associou a figura do cientista ao sábio, nós associamos o cientista do XIX ao viajante que buscou o desconhecido. Um aventureiro que olhou de novo para a natureza a procura de repostas e descobriu novos mundos, novas realidades. Os geólogos procuraram nas entranhas da terra. Os psicanalistas abriram as portas do inconsciente. Os antropólogos voltaram-se para as diferenças culturais em busca de um ponto comum entre as diversidades. Encontrou-se culturas, diferenças e um passado cada vez mais desconhecido. Incontáveis mundos aguardavam ser descobertos pela ciência.

Se Copérnico, Galileu e Bruno tiveram suas teorias confirmadas e comprovadas por Newton, com o estabelecimento de um universo paradigmático mecanicista, no século XX, Einstein e a teoria da relatividade romperam com essas verdades absolutas. As revoluções científicas, tal como percebidas por Thomas Kuhn, sustentaram-se como paradigmas porque houve consenso entre determinada comunidade científica de cada época. Entretanto, os rompimentos não são sem embates. Os gigantes precursores da física quântica moderna, enfrentaram muitos dilemas durante as três primeiras décadas do século XX, quando começaram a explorar a estrutura dos átomos e a natureza dos fenômenos subatômicos. A nova concepção do universo físico não foi facilmente aceita, em absoluto, pelos cientistas do começo do século. Essa exploração os colocou em contato com uma estranha e inesperada realidade que estilhaçou os alicerces de suas visões de mundo e os forçou a pensar de maneira inteiramente nova, uma realidade que parecia desafiar qualquer descrição coerente de mundo. O mundo material, que então observaram, já não se assemelhava a uma máquina, constituída de uma infinidade de objetos distintos; surgiram-lhes em vez disso, um todo indivisível, uma rede de relações que incluía o observador humano de modo essencial. Em suas tentativas de compreender a natureza dos fenômenos subatômicos, esses cientistas tornaram-se dolorosamente cientes de que seus conceitos básicos, suas linguagens e todo o seu modo de pensar eram inadequados para a descrição da nova realidade. A física quântica e a astrofísica vieram a vislumbrar um novo mundo ao homem.

O entendimento de sistemas complexos, de organização como as teorias do sistema dinâmico, da complexidade, da dinâmica não linear, da dinâmica das redes (teia

da vida – inter-relações), das idéias de atratores caóticos, dos fractais, de estruturas dissipativas, de auto-organização... são conceitos chaves que nos mostram novas percepções da realidade, que o universo atômico e subatômico nos permitem entender. Se a ciência atualmente admite a existência das forças de atração, vibração e energia, vale lembrar que estes são princípios herméticos já há muito conhecidos dos magos e alquimistas.

A ciência moderna prova que o que chamamos de Matéria e Energia, são simplesmente modos de movimento vibratório, e muitos dos nossos mais adiantados cientistas estão se aproximando, cada vez mais, dos ocultistas, os quais sustentam que os fenômenos da Mente são modos semelhantes de vibração e movimento, permitindo-nos examinar mais de perto o que já dizia a ciência hermética sobre a questão das vibrações da energia na matéria. (...) Sobre as diversas formas de energia, a ciência hermética ensina que a luz, o calor, o magnetismo e a eletricidade são simplesmente formas de movimento vibratório emanadas do Éter.<sup>345</sup>

As drásticas mudanças de conceitos e idéias que ocorreram na Física durante a última década do XIX e os primeiros trinta anos do século XX e que ainda estão sendo elaboradas nas atuais teorias da matéria, apontam novos conceitos na Física que redirecionam as nossas concepções mecanicista de Descartes e Newton, para uma visão holística, onde se percebe uma aproximação entre ciência e misticismo. Pelo menos essa é a proposta de pensadores como o físico teórico Fritjof Capra, que é o maior crítico do pensamento cartesiano consolidado como lógica de saber na biologia, na medicina, na psicologia e na economia. Capra explica como a nossa abordagem dos problemas orgânicos levou-nos a um impasse perigoso na relação entre o homem e a natureza. Ao mesmo tempo, como base na constatação de sistemas emergentes de vida, de mente, de consciência e de evolução, ele propõe possíveis perspectivas de futuro e traz uma nova visão da realidade, que envolve mudanças radicais em nossos pensamentos. Essa nova visão inclui novos conceitos de espaço, de tempo e de matéria, desenvolvidos pela física subatômica.<sup>346</sup>

Infelizmente os movimentos que propõem uma mudança de paradigmas são rotulados pejorativamente de movimentos “Nova Era”. Há interesses políticos e econômicos envolvidos. Tais movimentos suscitam uma perturbação na lógica e na epistemologia científica atuais, fundamentados no determinismo mecanicista, no positivismo e no niilismo. A questão é que chegamos a um mal-estar generalizado na

---

<sup>345</sup> *O Caibalion... op. cit.*, p.80 – 81.

<sup>346</sup> CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Editora Cultrix, 1997. p. 22.

ciência e não são poucos os cientistas que percebem a urgência de mudanças. Enfrentamos problemas de gravidades sem precedentes na história da humanidade: crise nuclear, de energia, violência, guerras com uso de armas químicas, desequilíbrio ecológico, crise de sustentabilidade, fome... a lista aqui poderia ser quase infinita. Pensando nesses problemas, grupos de cientistas têm-se organizado em congressos, encontros, colóquios, assembleias pelo mundo todo. Caracterizam o que temos chamado de movimento para um novo paradigma científico holístico.<sup>347</sup> Isto é, uma reencontro entre ciência e sabedoria mística. Para alguns utopia. Mas cada vez mais, cientistas de todas as áreas e do mundo todo, têm aderido e contribuído com essa nova concepção científica. Thomas Kuhn afirma que a transição de uma paradigma para outro é invariavelmente caracterizado por uma crise. Para ele, é natural a resistência à mudança e quanto maior for a resistência, mais garantias haverá de sua aceitação posterior.<sup>348</sup> O movimento holístico toma força em nossa época e somente a história do futuro poderá dar uma resposta segura sobre a efetivação das mudanças dos nossos paradigmas científicos. Precisamos evoluir como “*homo ecologicus*”. Mas estamos falando aqui do nosso presente. Homens como Vellozo, já no XIX, propunham uma integração ou reintegração entre a ciência e as sabedorias místicas como vimos no decorrer de nossa pesquisa, e seus discursos, mesmo que com mais de um século de intervalo, não diferem tanto assim dos discursos atuais.

O “X” de nossa equação, no entanto, está na ciência do século XIX e início do XX. Podemos comparar a descoberta da radioatividade, de Marie Curie (as proezas da moderna alquimia, na visão de Vellozo) com a “caixa de Pandora”. Essa extraordinária descoberta, possibilitou aos homens fabricar a mais terrível obra: a bomba nuclear. Existem milhares delas espalhadas pelo mundo. Mas bastaria apenas uma para a destruição total do planeta. É interessante notar que a visão de ciência dos cientistas do XIX mudou com a experiência das guerras. O discurso testamentário de Nobel que refletiu a preocupação com o mau uso da ciência no futuro que estaria por vir, mostrou

---

<sup>347</sup> “Holismo”, do grego *holos*, todo. É a idéia de que as propriedades de um sistema, quer se trate de seres humanos ou outros organismos, não podem ser explicadas apenas pela soma de seus componentes. A palavra foi usada pela primeira vez em 1926 por um general sul-africano, um dos primeiros partidários do movimento anti-*apartheid*, o filósofo Ian Christian Smuts, em um livro editado em Londres, sob o título: *Holism and Evolution*, que assim a definiu: "A tendência da natureza a formar, através de evolução criativa, ‘todos’ que são maiores do que a soma de suas partes". Vê o mundo como um todo integrado, como um organismo. O princípio geral do holismo pode ser resumido por Aristóteles na sua Metafísica: "O inteiro é mais do que a simples soma de suas partes". (BRANDÃO, Dênis M.S; CREMA, Roberto. (Org.). *O novo paradigma holístico: ciência, filosofia, arte e mística*. São Paulo: Sammus, 1991. p. 19 – 20.)

<sup>348</sup> *Apud.*: *Ibidem*, p. 15 – 16.

também a boa intenção de homens como ele que acreditavam que a ciência deveria ser usada em benefício da humanidade. Mas a história guardou tristes surpresas.

As experiências de Hiroshima e Nagasaki fizeram com que, em 1947 um grupo de cientistas atômicos de Chicago, dentre os quais Einstein, instituísem o Relógio do Juízo Final como um alarme da iminência de um conflito hecatômico.<sup>349</sup> O relógio existe fisicamente em Chicago, bem como um boletim com o mesmo nome destinado às discussões da comunidade científica sobre o assunto. Esse evento simbólico marca como esses homens voltaram-se para o passado e tomaram consciência a que zonas de perigos a ciência os havia levado. Hoje somos capazes de inverter a criação ao termos poder para destruir cada coisa vivente. Temos o poder de desfazer a Grande Obra divina, a Terra, o planeta e todas as espécies viventes que nele habitam. Assim como na caixa de Pandora, o único vislumbre que podemos ter de nosso futuro sombrio, mostrado tanto pela profecia quanto pela ciência, é a esperança... que talvez esteja na consolidação de um novo paradigma: a ciência holística... mas essa é uma outra história... a ser contada por outras Scheherazades...

*A ciência, a ciência, a ciência...  
Ah, como tudo é nulo e vão!  
A pobreza da inteligência.  
Ante a riqueza da emoção!  
Aquela mulher que trabalha  
Como uma santa em sacrifício,  
Com quanto esforço dado ralha!  
Contra o pensar, que é o meu vício!  
A ciência!  
Como é pobre e nada!  
Rico é o que alma dá e tem.  
Fernando Pessoa<sup>350</sup>*

---

<sup>349</sup> Quando foi instituído em 1947, inicialmente os ponteiros do relógio marcavam 23h53, a sete minutos da "meia-noite" do eventual Apocalipse, e, desde então, foram adiantados ou atrasados 18 vezes. Atualmente, os especialistas que integram a revista "Boletim de Cientistas Atômicos" decidiram adiantar os ponteiros mais dois minutos, das 23h53 para as 23h55, o que significa, simbolicamente, que estamos a cinco minutos do Juízo Final. As razões que levaram a esta mudança são as "crescentes preocupações com uma Segunda Era Nuclear, marcada por graves ameaças", afirma um comunicado divulgado pelo grupo. Entre as ameaças mais urgentes, os especialistas citam as ambições nucleares do Irã e da Coreia do Norte e os materiais atômicos sem garantias de países como a Rússia. Desta vez, os cientistas também alertam para o fato de que "os perigos da mudança climática são quase tão graves quanto os das armas nucleares". "Como cidadãos do mundo, temos a obrigação de alertar a opinião pública para os riscos desnecessários que corremos diariamente, e para os perigos que prevemos caso os Governos e as sociedades não ajam no sentido de inutilizar as armas nucleares e evitar uma maior mudança climática", declarou Stephen Hawking, famoso cientista britânico e patrocinador do Boletim. "Como cientistas compreendemos os perigos das armas nucleares e seus efeitos devastadores, e estamos vendo como as tecnologias e as atividades humanas estão afetando o clima, de forma que podem mudar a vida na Terra para sempre", declarou. ("Relógio do Juízo Final" é adiantado por causa de crise nuclear e climática. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2007/01/17/ult1809u10364.jhtm>> Acesso 13/06/2009.

<sup>350</sup> PESSOA, Fernando. *Poesias Ocultistas*. SP: Editora Aquariana, 1996.

## **FONTES:**

VELLOZO, Dario. *Obras Completas I*. Curitiba: Publicação Instituto Neo-Pitagórico, 1969.

\_\_\_\_\_. *Obras Completas II*. Curitiba: Publicação Instituto Neo-Pitagórico, 1969.

\_\_\_\_\_. *Obras Completas III*. Curitiba: Publicação Instituto Neo-Pitagórico, 1969.

\_\_\_\_\_. *Obras Completas IV*. Curitiba: Publicação Instituto Neo-Pitagórico, 1975.

\_\_\_\_\_. *Obras Completas V*. Curitiba: Publicação Instituto Neo-Pitagórico, 1985.

*Revista do Club Coritibano*. Acervo da Biblioteca Pública do Paraná. Microfilme 1896 – 1913.

*Revista Esphyngé*. Acervo da Biblioteca Pública do Paraná. Microfilme 1899 – 1906.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMSTRONG, Karen. *Uma História de Deus: Quatro Milênios de Busca do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.,

BALAKIAN, Anna. *O Simbolismo*. São Paulo: Editora perspectiva, 1985.

BALHANA, C. A. de F. *Idéias em confronto*. Grafipar, 1981. Coleção Estudos Paranaenses.

BALHANA, Altiva P; MACHADO, Brasil P.; WESTPHALEN, Cecília M. *História do Paraná*. 1º. vol. Curitiba: Grafipar, 1969.

BAUMER, Franklin. *O pensamento europeu moderno: Séculos XIX e XX*. Vol. II. Lisboa: Edições 70, 2002.

BAYLEY, Alice A. *Um tratado sobre magia branca: o caminho do discípulo*. Editado por Lucis Publishing Company/New York. Porto Alegre: Gráfica e Editora A Nação, 1951.

BELTRAMI, Rafael C. de C. *Da poesia na ciência: fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná – uma história de suas idéias*. Dissertação de Mestrado pela UFPR, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_, *Rua de mão única*. Obras Escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 1997.

\_\_\_\_\_, *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Obras Escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 1997.

BENSAUDE-VICENT, Bernadette; STRENGERS, Isabelle. *História da Química*. Porto Alegre: Instituto Piaget, 1992.

BERBERI, Elizabete. *Impressões: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

BESANT, Annie. *A Sabedoria Antiga*. Brasília: Editora Teosófica, 2004.

BLANCKAERT, Claude. *Lógicas da antropotécnia: mensuração do homem e bio-sociologia*. Revista Brasileira de História. Volume 21, no. 41. São Paulo, 2001.

BLAVATSKY, Helena P. *A doutrina mística*. Narrações Ocultistas. São Paulo: Editora Hemus. s/d.

\_\_\_\_\_, *Síntese da doutrina secreta*. São Paulo: Editora Pensamento, s/d.

\_\_\_\_\_, *Ísis sem véu*. SP: Editora Pensamento, 1995.

BRANDÃO, Dênis M.S; CREMA, Roberto. (Org.). *O novo paradigma holístico: ciência, filosofia, arte e mística*. São Paulo: Sammus, 1991.

BRUNO, Giordano. *Tratado de magia*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BURKE, Peter. *Variedades de História cultural*. RJ: Civilização Brasileira, 2006.

BURTT, Edwin A. *As bases metafísicas da ciência moderna*. Brasília: Editora da UnB, 1991.

BUTTERFIELD, Herbert. *As origens da ciência moderna*. Lisboa: Edições 70, 1992.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

\_\_\_\_\_. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

\_\_\_\_\_. *Sabedoria incomum*. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

\_\_\_\_\_. *O Tao da Física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental*. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

CAROLLO, Cassiana L. *Decadismo e Simbolismo no Brasil: crítica e poética*. 2º. vol. Rio de Janeiro: LTC; Brasília, MEC/INL, 1980.

CARVALHO, Alessandra I. de. *Nestor Victor: um intelectual e as idéias de seu tempo*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

CARVALHO, José Jorge. *Mutus Liber: o livro mudo da alquimia*. São Paulo: Attar, 1995.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CELEGHINI, Renata M.S. Disponível em:  
<<http://www.cdcc.usp.br/quimica/galeria/mendeleev.html>> Acesso em: 01/08/2009.

CHALMERS, Alan F. *A fabricação da ciência*. São Paulo: Editora UNESP, 1994

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Lisboa: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_, *A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Editora da UnB, 1994.

CORDIOLLI, Marcos A. *O Olhar de um Ponto Diverso: As Gênesis de um Idílio. A trajetória de Dario Vellozo*. In.: BOLETIM DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, 1(6):6-25. Curitiba, 1989.

- DAMPIER, Sir William Cecil. *História da Ciência*. São Paulo: IBRASA, 1986.
- DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- \_\_\_\_\_, *O lado oculto da revolução: Mesmer e o final do Iluminismo na França*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- \_\_\_\_\_, *O beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. Coleção Os homens que mudaram a humanidade. São Paulo: Editora Três, 1974.
- DEBUS, Allen. G. *El hombre y la naturaleza en el renacimiento*. México D.F.: Fondo de Cultura Econômica, 1996.
- DELUMEAU, Jean. *A Civilização do Renascimento*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984.
- DENIS, Léon. *O Progresso*. Rio de Janeiro: Edições Léon Denis, 2005.
- DENIPOTI, Cláudio. *Um homem no mundo do livro e da leitura*. Disponível em: <[www.rhr.uepg.br/v6n2/4Denipoti.pdf](http://www.rhr.uepg.br/v6n2/4Denipoti.pdf)> Acesso em: 01/08/2009.
- DICIONÁRIO *Histórico-Biográfico do Estado do Paraná*. ed. por Luis Roberto N. Soares. Curitiba: Livraria do Chain; BANESTADO, 1991.
- DURVILLE, Henri. *A ciência secreta: as grandes correntes iniciáticas através da história*. Vol. 1, São Paulo: Editora Pensamento, 1995. (edição original 1912)
- ECO, Umberto. *O irracionalismo ontem e hoje*. Conferência pronunciada na Feira de Frankfurt, em 6 de outubro de 1987 e publicada na edição de 31 de outubro de 1987 da Folha de São Paulo. Tradução de Roldão Arruda.
- ELIADE, Mircea. *Ferreiros e alquimistas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1980. p. 79.
- \_\_\_\_\_. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- FAIVRE, Antoine. *O esoterismo*. Campinas: São Paulo: Papyrus, 1994.
- FARIA, Miguel. *Vaticínios e superstições: 1524 – 1577*. In.: Revista Oceanos, *Memória da África*. no. 73, Março 1993. p. 50 – 57.
- FLAMEL, Nicolas. *O livro das figuras hieroglíficas*. Biblioteca Planeta. São Paulo: Editora Três, 1973.
- FRANZ, Marie Louise von. *Alquimia: introdução ao simbolismo e à Psicologia*. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.

FOUCAULT, M. *O que é um autor*. In.: *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Coleção Ditos e Escritos III. Editora Forense Universitária.

\_\_\_\_\_. *Sobre as maneiras de escrever a história*. In.: *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Coleção Ditos e Escritos III. Editora Forense Universitária.

FULCANELLI. *As mansões filosóficas*. Lisboa: Edições 70. Coleção Esfinge, 1990. Prefácio de Eugene Canseliet.

GARIN, Eugenio. *O homem renascentista*. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

GEBELEIN, Helmut. *Alquimia*. São Paulo: Francis, 2007.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GLEISER, Marcelo. *A Dança do Universo: dos mitos de criação ao Big-Bang*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_, *O livro do cientista*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

GOLDFARB, Ana Maria Alfonso. *O que é História da Ciência*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_, *Da Alquimia à Química*. São Paulo: Nova Stella: Editora USP, 1987.

GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GREINER, Frank. *A alquimia*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

GUIMARÃES, José Otávio. *Reatualizar a tradição clássica*. In.: CHEVITARESE, A. L.; CORNELLI, G.; SILVA, M. A. de O. (orgs). *Tradição clássica no Brasil*. Brasília: Editora Fortium/Archai, 2008.

GUIMARÃES, Carlos Antonio Frago. *Giordano Bruno: a metafísica do infinito*. Paraíba: Sociedade Espírita de João Pessoa, 1997.

HAAG, Carlos. *A agenda secreta da Química*. In.: *Revista Pesquisa Fapesp*, no. 154, 2008. p. 17 a 21.

HAVEN, Kendall. *As 100 maiores descobertas científicas de todos os tempos*. São Paulo: Ediouro, 2008.

HAZARD, Paul. *O pensamento europeu no século XVIII*. Lisboa: Editorial Presença, 1974.

HEGEL, G.W.F. *Filosofia da História*. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 1999.

HERMES TRISMEGISTO. *Ensinamentos Herméticos*. Edição da Biblioteca Rosacruz, 2005.

\_\_\_\_\_, *Corpus Hermeticum*. Instituto Michael: Brasil.

HOBBSAWN, Eric. *A Invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HUTIN, Serge. *A tradição alquímica: a pedra filosofal e o elixir da longa vida*. São Paulo: Editora Pensamento, 1979.

IDEIAS, José António Costa. (Universidade Nova de Lisboa). Disponível em:  
<<http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/D/decadentismo.htm>> Acesso em: 01/08/2009.

I.N.P. *BLAVATSKY: 100 anos depois*. Publicação do INP, no. 29. Curitiba: 1991.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos* de Allan Kardec. Edição da Petit Editora. São Paulo: 1999.

KIRSCHNER, T. C. *Entre arquivos e teorias: uma questão de fronteiras?* Brasília: Ed. UnB.

KIRSCHNER, Tereza; LACERDA, Sonia. *Tradição intelectual e espaços historiográficos ou porque dar atenção aos textos clássicos*. In.: Revista da Pós-Graduação em História da Unb. Vol. 5, no. 2, 1997.

KOESTLER, Arthur. *O homem e o universo: como a concepção de universo se modificou através dos tempos*. 2ª. edição, São Paulo: 1989.

KOSELLECK, R. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. RJ: EDUERJ: Contraponto, 1999.

\_\_\_\_\_, *Futuro Passado: contribuição à semântica do tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto. Ed. PUC Rio, 2006.

\_\_\_\_\_, *Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos*. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos, vol. 5, no. 10, 1992. p. 134-146.

**KUHN, Thomas**. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007. Coleção Debates.

LALOUP, Jean. *A ciência e o homem*. São Paulo: Editora Herder, 1966.

LÉVI, Eliphas. *História da Magia*. São Paulo: Editora Pensamento, 1993.

\_\_\_\_\_, *As origens da Cabala*. São Paulo: Editora Pensamento, s/d.

\_\_\_\_\_, *Grande Arcano*. São Paulo: Editora Pensamento, 2000.

LENCLUD, Gérard. *A tradição não é mais o que era...* sobre as noções de tradição e de tradicional em etnologia. Extraído de *Terrain: revue d'ethnologie de l'Europe*, no. 9 (*Habiter la Maison*), 1987. Traduzido do francês por José Otávio Nogueira Guimarães – Núcleo de Estudos Clássicos/Departamento de História/UnB.

MACEDO, António. *O que é esoterismo?* Lisboa. Disponível em:

<<http://paginasesotericas.tripod.com/esoterismo.htm>> Acesso em: 01/08/2009.

\_\_\_\_\_. *Alquimia Espiritual dos Rosacruz*. Transmutação mental, Transmutação cordial e a Themis Aurea. Disponível em:

< <http://www.triplov.com/alquimias/bmacedo.htm> > Acesso em: 25/07/2009.

MARTINS, Romário. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MARCHETTE, Tatiana Dantas. *Corvos nos Galhos das Acácias: anticlericalismo e clericalização em Curitiba 1896-1912*. Curitiba/UFPR. Dissertação de Mestrado em História, 1996.

MILHONES, Newton. *O misticismo à luz da ciência*. São Paulo: IBRASA, 1997.

MOREIRA, Caio Ricardo Bona. *Atlântida e o templo das musas, de Dario Vellozo: um poema de pé, um poema de pedras*. Versão on-line enviada pelo autor.

MOURA, Eliane Silva. *O Cristo Reinterpretado: Espíritas, Teósofos e Ocultistas do Século XIX*. In.: SOUZA NETO, Francisco Benjamim (org). *Jesus: Anúncio e Reflexão*. Revista Idéias, v.04, Campinas, SP:IFCH/UNICAMP, 2002.

\_\_\_\_\_. *O Ocultismo do Século XIX*. Campinas: SP:IFCH/UNICAMP, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Espiritualismo no Século XIX: Reflexões teóricas e históricas sobre correntes culturais e religiosidade*. Campinas, SP:IFCH/UNICAMP, 2001.

\_\_\_\_\_. *Gênero e Religião: mulheres nos movimentos metafísicos e questões teóricas sobre lideranças femininas*. In: *Mandrágora - Gênero, Cultura e Religião*, Ano IX, n° 10, 2005, São Bernardo do Campo, SP: UMESSP.

\_\_\_\_\_. *Similaridades e diferenças entre estilos de espiritualidade metafísica: o caso do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento (1908-1943)*. In.: Isaia, Artur Cesar (org). *Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea*. Uberlândia, EDUFU, 2006.

\_\_\_\_\_. *Maçonaria, anticlericalismo e livre-pensamento no Brasil (1901 – 1909)*. Mesa Redonda *Maçonaria e Cidadania no XIX* - Simpósio Nacional de História ANPUH.

\_\_\_\_\_. *Corpos sutis: uma contribuição aos estudos espíritas*. São Paulo: UNICAMP. Versão on-line enviada pela autora.

\_\_\_\_\_. *Adivinhação: um conhecimento sagrado*. São Paulo: UNICAMP. Versão on-line enviada pela autora.

\_\_\_\_\_. *A tradição hermética e a mágica de Giordano Bruno*. São Paulo: UNICAMP. Versão on-line enviada pela autora.

\_\_\_\_\_. *Esotericismo e Ocultismo no século XIX: uma hermenêutica da cultura espiritual*. São Paulo: UNICAMP. Versão on-line enviada pela autora.

\_\_\_\_\_. *Fé e leitura: a literatura espírita e o imaginário religioso*. São Paulo: UNICAMP. Versão on-line enviada pela autora.

MOTA, Aparecida Rezende. *Sílvio Romero: Dilemas e combates no Brasil da virada do século XX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

NORA, Pierre. *O acontecimento e o historiador do presente*. In.: LE GOFF, LADURIE, DUBY. *A nova história*. Lisboa: Edições 70, 1983. p. 47 a 56.

NUNES, José Horta. *Leitura de arquivo: historicidade e compreensão*. UNESP. Disponível em: <[http://www.discursos.ufrgs.br/sead2/doc/interpretacao/Jose\\_horta.pdf](http://www.discursos.ufrgs.br/sead2/doc/interpretacao/Jose_horta.pdf)> Acesso em 29/07/2009.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. Campinas: Cortez Editora UNICAMP, 1988.

ORLANDI, Eni P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

PAPUS. *A Cabala*. São Paulo: Martins Fontes: Sociedade das Ciências Antigas, 1988.

\_\_\_\_\_. *O Ocultismo*. Lisboa: Edições 70. Coleção Esfinge, 1986.

PAWELS, Louis; BERGIER, Jacques. *O despertar dos mágicos: Introdução ao Realismo Fantástico*. São Paulo: Difel, 1981.

PEREIRA, L. F. L. *Paranismo: o Paraná inventado: cultura e imaginário no Paraná da I República*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

PEREIRA, Magnus R. de M. *Semeando iras rumo ao progresso*. Curitiba: Ed. UFPR.

PESSOA, Fernando. *Poesias Ocultistas*. SP: Editora Aquariana, 1996.

PILOTTO, Valfrido. *A estirpe apostolar de Dario Vellozo*. Curitiba: Edição do autor, 1990.

**POCOCK**, John. *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: Edusp, 2003.

POMBO, Rocha. *Para a história*. Curitiba: edição da Fundação Cultural de Curitiba, 1980.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA. *O Ocultismo: a revelação da ciência dos magos*. São Paulo: Coleção Portas do desconhecido, 1973.

QUELUZ, Gilson. *Rocha Pombo: romantismos e utopias 1890-1905*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

RIFFARD, Pierre A. *O esoterismo*. São Paulo: Mandarim, 1996.

ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Bauru: EDUSC, 2001.

\_\_\_\_\_, *O Cientista*. In.: VILLARI, Rosario. *O homem barroco*. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

RONAN, Colin A. *História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge*. Vol. 3. da Renascença à Revolução científica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SADOUL, Jacques. *O tesouro dos alquimistas*. Brasília: Editora Unb. s/d. Acervo da Biblioteca da UnB.

SCHOLEM, Gershom. *A Cabala e o seu simbolismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

SERRES, Michel. *As ciências*. In.: LE GOFF, J. ; NORA, P. *História: Novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SILVA, Eliane M. *O Cristo reinterpretado*. Espíritas, teósofos e ocultistas do séc. XIX. Unicamp. Edição eletrônica. Disponível em:  
<[www.fflch.usp.br/dh/ceveh/public\\_html/biblioteca/artigos/](http://www.fflch.usp.br/dh/ceveh/public_html/biblioteca/artigos/)> Acesso em: 01/08/2009.

SILVEIRA, Ronie Alexandro Teles da. *Judaísmo e ciência filosófica em Hegel*. Santa Cruz do Sul/RS: EDUNISC, 2001. Disponível em:  
<[http://ghiraldelli.files.wordpress.com/2008/07/silveira\\_hegel.pdf](http://ghiraldelli.files.wordpress.com/2008/07/silveira_hegel.pdf)> Acesso em: 29/07/2009.

SILVESTRIN, Mônia L. *Olhares extremos: 1900 e as imagens do fim de século na imprensa curitibana*. Dissertação de Mestrado. USP, 2003.

SHOURÉ, Edouard. *Hermes: os grandes iniciados*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

\_\_\_\_\_. *Pitágoras: os grandes iniciados*. São Paulo: Martin Claret, 1986.

SHORSKE, Carl E. *Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870/1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SOUZA, José Henrique. *O verdadeiro caminho para a iniciação: ocultismo e teosofia*. São Paulo: 3ª. edição. Editora Oficina nas Minas, 1966.

TABOSA, Adriana. *Magia e filosofia natural em Heinrich Cornelius Agrippa*. Doutoranda UNICAMP. Disponível em:

<<http://www.unifra.br/thaumazein/edicao4/Artigos/Adriana.pdf>>

Acesso em: 29/07/2009.

TRÊS INICIADOS. *O Caibalion: estudo da filosofia hermética do antigo Egito e da Grécia*. São Paulo: Editora Pensamento, s/d.

VERGANI, Teresa. *Entre comunicação e episteme: a consciência simbólica*. In.: CASTRO, Gustavo de. *Sob o céu da Cultura*. Brasília: Thesaurus; Casa das Musas, 2004.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Brasília: Ed. UnB, 1995.

\_\_\_\_\_, *Acreditaram os gregos nos seus mitos?* Lisboa: Edições 70, 1983.

VÍTOR, Nestor. *A terra do futuro: impressões do Paraná*. . 2ª edição. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996.

YATES, F. A. *O Iluminismo Rosa-Cruz*. São Paulo: Editora Cultrix Pensamento. 1972.

\_\_\_\_\_. *Giordano Bruno e a tradição hermética*. São Paulo: Editora Cultrix. 1964.

WEBER, Eugene. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

\_\_\_\_\_. *Após o Apocalipse: crenças de fim (e recomeço) de mundo*. São Paulo: Mercury, 2000.

WOORTMANN, Klass. *Religião e Ciência no Renascimento*. Brasília. Editora Unb. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie200empdf.pdf>> Acesso em: 01/08/2009.

### **Páginas Eletrônicas:**

Autores Espíritos Clássicos. Disponível em: <[www.autoresespiritasclassicos.com](http://www.autoresespiritasclassicos.com)> Acesso em: 29/07/2009.

APPES (Associação dos Peritos em Papiloscopia do Espírito Santo). Disponível em: <<http://www.appes.com.br/impressaodigital.htm>> Acesso em: 29/07/2009.

Diretório de Pesquisas do CNPq. Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=033310619D5TZU&seqlinha=5>> Acesso em: 29/07/2009.

Embaixada da Suécia Brasília. Disponível em: <[http://www.swedenabroad.com/Page\\_60524.aspx](http://www.swedenabroad.com/Page_60524.aspx)> Acesso em: 27/07/2009.

Fraternidade Rosa Cruz. Disponível em: <<http://www.fraternidaderosacruz.org/mesmer.htm>> Acesso em: 25/07/2009.

Fundação Alfred Nobel. Disponível em: <[http://nobelprize.org/alfred\\_nobel/](http://nobelprize.org/alfred_nobel/)> Acesso em: 01/08/2009.

Galeria Prêmio Nobel. Disponível em: <http://www.nobelpreis.org/portugues/index.htm#will> Acesso em: 27/07/2009.

Instituto Neo-Pitagórico. Disponível em: <<http://www.pitagorico.org.br/livros.asp>> Acesso em: 01/08/2009.

Instituto René Guénon de Estudos Tradicionais. Disponível em: <<http://www.renegenon.net/guenonbiografia.html>> Acesso em: 01/08/2009.

Mineratins (Cia. de Mineração do Tocantins). Disponível em: <<http://mineratins.to.gov.br/iframe/estatico.php?id=233>> Acesso em: 24/07/2009.

Núcleo de Estudos e Pesquisas Landell de Moura. Disponível em: <<http://bioenergia0.tripod.com/histbioel.htm>> Acesso em: 31/07/2009.

Ordem Grande Oriente no Brasil. Disponível em: <<http://www.brasilmacom.com.br/gobpr.htm>> Acesso em: 01/08/2009.

Ordem Rosa Cruz. Disponível em: <<http://www.fraternidaderosacruz.org/>> e <<http://www.amorc.org.br/>> Acesso em: 01/08/2009.

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0220296\\_04\\_cap\\_01.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0220296_04_cap_01.pdf)> Acesso em: 25/07/2009.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, revista. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/revistanures/Revista12/nures12\\_Vitor.pdf](http://www.pucsp.br/revistanures/Revista12/nures12_Vitor.pdf)> Acesso em: 22/07/2009; Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/circumhc/article/viewfile/570/422>> Acesso em: 30/07/2009.

Portal do Espírito. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/diversos/ciencia/bibliografia.html>> Acesso em: 30/07/2009.

SINPAPMS (Sindicato dos Papiloscopistas do Mato Grosso do Sul). Disponível em: <<http://www.sinpapms.org.br/noticias/papilosopia.htm>> Acesso em: 29/07/2009.

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Disponível em: <<http://www.ifi.unicamp.br/~ghtc/Biografias/Curie/Curie3.htm>> Acesso em: 30/07/2009; Disponível em: <<http://ghtc.ifi.unicamp.br/AFHIC3/Trabalhos/34-Juliana-Mesquita-Hidalgo-Ferreira.pdf>> Acesso em:, 30/07/2009.

Universidade Federal de Campo Grande, biografias. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/>> Acesso em: 22/07/2009; Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JohnDalt.html>> Acesso em: 30/07/2009.

Universidade Federal de Pelotas. Disponível em:  
<<http://www.ufpel.tche.br/ifm/histfis/first.htm>> Acesso em: 29/07/2009.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em:  
<[www.producao.ufrgs.br/arquivos/.../482\\_metodos\\_de\\_pesquisa.ppt](http://www.producao.ufrgs.br/arquivos/.../482_metodos_de_pesquisa.ppt)> Acesso em  
27/07/2009; Disponível em:  
<<http://www.tecnologiacomciencia.ufrgs.br/banners/tubos-raios-catodicos-05a.pdf>>  
Acesso em: 30/07/2009.

Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em:  
<[http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos\\_projetos/projeto\\_522/Proposta\\_TCC%20Aline\\_&\\_Marcelo.doc](http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos_projetos/projeto_522/Proposta_TCC%20Aline_&_Marcelo.doc)> Acesso em: 29/07/2009; Disponível em:  
<[www.periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/.../7275/6704](http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/.../7275/6704)> Acesso em 27/07/2009.

# ANEXOS

## Anexo I:

ARLS Dario Vellozo nº 1213 - Windows Internet Explorer

http://dariovellozo.com/index.htm

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

ARLS Dario Vellozo nº 1213

**Augusta e Respeitável Loja Simbólica  
Cruz da Perfeição Maçônica e  
Capitular**

**Dario Vellozo  
nº1213**

FEDERADA AO GRANDE ORIENTE DO BRASIL  
JURISDICIONADA AO GOB-PR

REAA - Reuniões todas as quintas-feiras às 20:00 horas

[Página Inicial](#) [Diretoria](#) [Contato](#) [Localização](#)

**Síntese Histórica**

**UNIÃO PARANAENSE:** primeira Loja a ser instalada no Paraná (Paranaguá). Fundada em 21-03-1857(5 anos após a instalação do Grande Oriente do Brasil).

**FRATERNIDADE CORYTIBANA:** segunda loja a ser instalada no Paraná e primeira em Curitiba. Brevê Constitucional do GOB em 01-04-1845 para o Rito Escocês. Cadastro 75. Em 1861 o GOB declara-a adormecida.

**27 DE DEZEMBRO:** Fundada em 27-12-1873 - Carta Constitucional do Grande Oriente Unido para o Rito Escocês. Cad- 165. em 01-04-1876 filia-se ao GOB, os contrários a filiação fundam a loja Apóstolo da Caridade. Em 1882 a loja 27 DE DEZEMBRO abate colunas e em 14-01-1897 é reerguida sob a denominação de: FRATERNIDADE PARANAENSE. Recebe o Brevê Constitucional do GOB. Cadastro 555. Em 24-06-1900 inaugura o Templo instalado no Edifício Acácia na Praça Zacarias em Curitiba. A FRATERNIDADE PARANAENSE vive vários percalços em 06-03-1947 funde-se com a Loja DARIO VELLOZO.

**ACÁCIA PARANAENSE:** É fundada em 02-07-1900 por dissidentes da FRATERNIDADE PARANAENSE contando com 150 membros.

Concluído

[Página Inicial](#) [Diretoria](#) [Contato](#) [Localização](#)

**Síntese Histórica**

**UNIÃO PARANAENSE:** primeira Loja a ser instalada no Paraná (Paranaguá). Fundada em 21-03-1857(5 anos após a instalação do Grande Oriente do Brasil).

**FRATERNIDADE CORYTIBANA:** segunda loja a ser instalada no Paraná e primeira em Curitiba. Brevê Constitucional do GOB em 01-04-1845 para o Rito Escocês. Cadastro 75. Em 1861 o GOB declara-a adormecida.

**27 DE DEZEMBRO:** Fundada em 27-12-1873 - Carta Constitucional do Grande Oriente Unido para o Rito Escocês. Cad- 165. em 01-04-1876 filia-se ao GOB, os contrários a filiação fundam a loja Apóstolo da Caridade. Em 1882 a loja 27 DE DEZEMBRO abate colunas e em 14-01-1897 é reerguida sob a denominação de: FRATERNIDADE PARANAENSE. Recebe o Brevê Constitucional do GOB. Cadastro 555. Em 24-06-1900 inaugura o Templo instalado no Edifício Acácia na Praça Zacarias em Curitiba. A FRATERNIDADE PARANAENSE vive vários percalços em 06-03-1947 funde-se com a Loja DARIO VELLOZO.

**ACÁCIA PARANAENSE:** É fundada em 02-07-1900 por dissidentes da FRATERNIDADE PARANAENSE contando com 150 membros.

**FILHAS DA ACÁCIA:** Loja de adoção feminina, criada em 21-06-1902 pela ACÁCIA PARANAENSE. Brevê Constitucional no GOB. Cadastro 767. Tem a primeira Venerável do Paraná. Não chega a se instalar. As duas lojas São eliminadas pelo GOB em 15-07-1902. Tendo em vista ter sido eliminada pelo GOB, a Loja ACÁCIA PARANAENSE trabalha descoberta até quando volta ao GOB em 22-08-1921 com o mesmo nome em 26-04-1939 funde-se com a LOJA DARIO VELLOZO. Em face das ameaças hitleristas e facistas na Europa, sentia o elemento italiano das 2 lojas durante a Segunda Grande Guerra e para não estarem sujeitas a uma eventual desapropriação dos seus patrimônios, fundiram-se com a Loja DARIO VELLOZO.

**UNIONE E FRATELLANZA:** Descendentes italianos, na totalidade, fundam-na em 02-06-1902, com o Brevê Constitucional do GOB para o Rito Escocês - Cadastro 779. Em 26-04-1939, devido as circunstâncias da Segunda Guerra Mundial, funde-se com a Loja DARIO VELLOZO.

**GIUSEPPE GARIBALDI:** Fundada em maio de 1902. Brevê Constitucional do GOB. Cadastro 960. Durante a Segunda Guerra ficou inativa buscando refúgio na Loja CARDOSO JÚNIOR. A Segunda Guerra leva-a a fundar-se com a loja DARIO VELLOZO.

**LOJA DARIO VELLOZO - 1213**  
"Os trabalhos preliminares para a formação da LOJA DARIO VELLOZO datam de 9 de abril de 1939, conforme o que consta na Ata existente no arquivo. A instalação e a regularização definitiva tiveram lugar em sessão solene realizada no dia 24 de maio de 1939, recebendo então o Brevê Constitucional expedido pela Grande Secretaria Geral da Ordem, contendo nesta ocasião 242 membros." Deve-se salientar que o GOB reergueu a Loja FRATERNIDADE PARANAENSE para fundi-la depois com a Loja DARIO VELLOZO. A fusão foi sancionada pelo GOB por Ato 2036 de 11-04-47, sendo Venerável o Dr. Benedito Sadock de Sá

Dados compilados dos livros: "Archevas para a História da Maçonaria Paranaense" do autor Isa Ch'na(1978) e "Subsídios para a História da Loja" do Ten. Cel. Carlos Bardelli (1939). Síntese e Colaboração do Ir. Átila.

Concluído

ARLS Dario Vellozo nº 1213 - Windows Internet Explorer  
http://dariovellozo.com/diretoria.htm

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

ARLS Dario Vellozo nº 1213

**Augusta e Respeitável Loja Simbólica  
Cruz da Perfeição Maçônica e Capitular**



# Dario Vellozo, nº 1213

FEDERADA AO GRANDE ORIENTE DO BRASIL  
JURISDICIONADA AO GOB-PR

REAA - Reuniões todas as quintas-feiras às 20:00 horas

[Página Inicial](#) [Diretoria](#) [Contato](#) [Localização](#)

## Diretoria

Venerável: Aristides Rodrigues do Prado Neto

- 1º Vigilante:
- 2º Vigilante:
- Orador:
- Secretário:
- Tesoureiro:
- Chanceler:

http://dariovellozo.com/contato.htm

ARLS Dario Vellozo nº 1213 - Windows Internet Explorer  
http://dariovellozo.com/localizacao.htm

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

ARLS Dario Vellozo nº 1213

**Augusta e Respeitável Loja Simbólica  
Cruz da Perfeição Maçônica e Capitular**



# Dario Vellozo, nº 1213

FEDERADA AO GRANDE ORIENTE DO BRASIL  
JURISDICIONADA AO GOB-PR

REAA - Reuniões todas as quintas-feiras às 20:00 horas

[Página Inicial](#) [Diretoria](#) [Contato](#) [Localização](#)

## Localização

A Loja está situada em Curitiba-PR, na Praça Zacarias, edifício Acácia, 2º andar

## Anexo II:

Revista Club Coritibano  
ANNO X – 1899 – num. 7  
*Segunda epocha*  
Coritiba – Julho

### O Nirvana

A Dario Vellozo e Emiliano Pernetta.

O estado critico que apresenta o mundo intellectual leva a descobrirem-se muitas tendencias, se não inteiramente novas na historia da humanidade, mas novissimas nas aspirações do momento, na fôrma que revestem e na energia com que se apresentam no campo de lucta.

Parece que um elemento extranho introduzio-se no dominio das ideas.

A facilidade nas communições internacionaes, a diffusão do ensino, a aspiração ao progresso material, que se apodera dos povos e dos governos, o descredito dos velhos systemas e outras causas teem feito nascer um insolitomovimento intellectual.

A Europa manda seos missionarios aos povos antigos de quem herdará suas concepções, e o velho mundo, file á sua historia, envia para a America, ora cautelosa, ora ostensivamente, propagadores audazes de suas desconsoladoras doutrinas.

A lucta pela vida parece que vae passando, do animal ao homem e do homem aos povos, sem circumnscrever-se ao puramente materia, mas, convertida na lucta pelas ideas, invade a sciencia, a religião, a philosophia.

A tyrannia de um dogma intransigente e opressor deo logar, primeiro, ao indifferentismo, logo á descrença e em seguida á resolução.

Os excessos desta occasionaram, por sua vez, a reacção; mas ficaram de pé, como uma conquista do progresso, a independencia da razão e a liberdade da consciencia. Muito tem faltado ás grandes revoluções para realizarem o seo *desideratum*; ellas teem derribado aquillo que existia sem reconstruir qualquer cousa que satisfaça a sede de verdade e de justiça que sempre ha impulsionado o instincto da humanidade.

Aos nobres impulsos populares teem-se anteposto ambições injustificaveis; o sangue generoso que tantas vezes tem regado o mundo, alem de infecundo, tem aberto o caminho a novas, e cada vez mais terriveis commoções.

A lucta que presenciaram os ultimos annos do seculo XIX é, sem duvida, a mais gigantesca que se contará na vida da humanidade.

Oxalá seja a ultima!...

Ao lado da lucta economica está a lucta pelas ideas; em frente das crenças levanta-se a sciencia; ante uma religião apresentam-se as outras, e sobre todas ellas o dedo de Deos indicando ás gerações o destino eterno de toda creaturaintelligente e livre.

Quem sabe se o proprio planeta não se prepara para uma transformação...(\*)

---

(\*) Ao contemplar a magestade dos Alpes, disse Edgard Quinet:

“Se a geologia é antes de tudo uma historia, deve reproduzir as leis mais geraes da historia, e por ahi comecei a lobrigar pontos communs entre as revoluções do globo e as do genero humano, como se pertencessem umas e outras a um mesmo plano que vae se

desenvolvendo de idade em idade. Ao mesmo tempo me pareceo que era aquelle um campo aberto no qual ninguem havia posto o pé ainda, e á medida que fui avançando, maravilhei-me da infinidade de relações que nasciam por si mesmas entre umas sciencias que sempre se hão separado e que, entretanto, teem o mesmo nome – *historia natural, historia civil* – e me pareceo entrever que uma podia illustrar a outra, na maioria dos casos.

A invasão do budhismo no pensamento europeu é um dos caracteres da lucta de que acabávamos de falar.

Sumangala, o Pontifice da Egreja do Sul, faz proselytos com a sua theosophia, e a desconsoladora doutrina do Nirvana vae achando abrigo nos corações vazios de toda esperança, nas intelligencias abaladas pelo scepticismo e nas almas debeis para as luctas com a adversidade.

Tambem alguns povos acolhem, com notavel interesse, doutrinas que servem perfeitamente ás vistas de reacções liberticidas.

Parte de uma mocidade generosa, mas cheia de inquietações, ávida de saber, mas sem a calma de quem investiga *pari passu*, fugindo do dogma tyranno e inexoravel, precipita-se na noite silenciosa e terna do Nirvana, supremo ideal da philosophia que representa o Sumo Pontifice de Ceylão. A essa mocidade, nobre mas inexperta, é preciso repetir as palavras do Apostolo aos thessalonicenses: “Experimentae tudo, mas acceitae o que fôr bom.”

Esta investigação não se refere certamente aos interesses materiaes ephemeros e passageiros, mas ás concepções da intelligencia, porque de outro modo não estaria de accordo a sentença: *Querite primum Dei*. E de todo o trabalho intellectual nada ha mais importante, mais imperioso, mais fundamental, do que a investigação das causas primarias e da causa e destino da humanidade.

Mas a philosophia não pode ser estudada sem a Historia, e esta nos mostra as consequencias moraes, politicas e sociaes que se teem derivado dos systemas philosophicos que teem regido o pensamento da humanidade.

A historia do pensamento primitivo se confunde com a historia da religião, porque a vida religiosa absorve toda a actividade dos povos antigos.

Não se podem conhecer, pois, as consequencias sociaes doutrinas philosophicas da antiguidade sem que se estudem as religiões primitivas. Apezar disto e do conselho do Apostolo, tira-se das mãos do povo christão todo documento que se refira ás crenças de nosso avós, e pretende-se lançar um veo impenetravel sobre os tempos passados.

Se ao partir da origem dos estudos indianistas, inaugurados por Anquetil – Duperron, pode-se classificar de *pantheismo* o systema philosophico dos povos aborigenes do Himalaya, não se pode fazer o mesmo com o budhismo contemporaneo.

“Por difficil de conceber que nos pareça isto – diz Max Müller – Budha não admitte que tenha havido uma causa real deste mundo *não real*. Nega a existencia não só de um Creador, mas tambem de um Ser absoluto qualquer.

Segundo as doutrinas metaphysicas, se não do mesmo Budha, ao menos de seos Sectarios, não ha realidade em parte alguma, nem no passado, nem no futuro. A verdadeira sabedoria consiste em comprehender a variedade de todas as cousas, em desejar anniquilar-se; extinguir-se, entrar no *Nirvana*. A emanação obtem-se pela extincção completa, não pela *absorção em Brahma* nem pelo regresso da alma á sua verdadeira condicção.

Se a existencia traz consigo a desventura, a não existencia deve trazer a felicidade; e a felicidade no anniquilamento é a mais alta recompensa promettida por Budha a seos discipulos”.

E o grande reformador era logico. O idealismo absoluto não pode admitir senão o anniquilamento da formas; e quando o eo consciente que *existe por si mesmo*, tem passado por todas as formas, *a natureza extingue-se como se extingue uma luz quando é soprada – Nirvana...*

O campo de acção de Sumangala tem sido dextramente preparado ou habilmente explorado.

A *philosophia Positiva*, que restringe o dominio do conhecimento ao phenomeno sensivel e o *Evolucionismo* que sujeita o Cosmos a um movimento eterno de multiplas

combinações alheias á acção de uma causa primaria, devem trazer como consequencia um incremento da philosophia budhista: - a extincção da personalidade. Mas esta aspiração não pode ser o que logicamente chamamos um *ideal*, isto é, uma *idea racional* em harmonia com as noções primordiais, irreduzíveis do entendimento.

Admittida a eternidade da materia e a perpetuidade das formas, sob a lei do progresso, não ha razão para determinar-se um limite a essas forma.

E se se suppõe que haja um limite, a extincção estabelece um contra-principio e o *nada* se impõe como o remate de toda obra do progresso. Luctar contra todas as dores, contra todas as adversidades, fazer frente ao imperio da materia, submeter-se a um dever ficticio e sacrificar-lhe os desejos, os deleites e todas as paixões, ser victima de tudo que nos cerca e nos combate para achar a cúspide da pureza das formas, poderá ser uma concepção ousada, se tal coisa pretende, mas, seguramente, não será abrigada nas almas isentas das loucas ambições do egoismo, nem nas intelligencias, ás quaes não perturba o brilho de doutrinas decrepitas que querem rejuvenescer-se disfarçando suas tendencias deploraveis com nomes novos e pomposos. Convertida em evidencia a theoria de Darwin, tambem não se acharia o porque de um limite á selecção das formas; e nós não só não o vemos, mas, ao contrario, nos parece ella eterna para servir de meio á ascenção infinita do aperfeiçoamento, espirital. Um parallelismo entre as formas da materia e os estados dos espiritos nos parece a consequencia logica das existencias, sem que possamos ainda falar do processo da *selecção espirital* (permitta-se-nos a expressão) como os naturalistas não poderam ainda seguir o porcesso que a natureza emprega no melhoramento das especies. Mas não é este o pensamento da Theosophia. A apotheose de Darwin, á *sua entrada no Nirvana*, nos adverte como Sumangala se apercebe de tudo quanto favorece as tendencias da propaganda budhista, e como favorecem a esta as theorias que eliminam da sciencia o Sêr supremo e a alma humana.

Theosophos que têm medo de confessar sua adhesão á philosophia nihilista, contentam-se com um evolucionismo indefinido, improvavel, mas que parece inclinar-se, com tendencia fatal, á bemaventurança do ceo christão.

As escolas medias ente um materialismo franco e leal, um dogmatismo intransigente e inflexivel, teem compromettido sempre a marcha do progresso e aplainado o caminho a dominações funestas.

Dar a mão direita ao materialismo e apresentar a esquerda ao espiritalismo com apretensão de gual-os arrastando-os para os arraiaes do budhismo, é apprehendimento impossivel, e as declarações do Papa Sumangala fazem-n'o irrealizavel.

Em um artigo que publicou Le Temps de 23 de Fevereiro de 1884, o correspondente, em Ceylão, dá conta de uma conferencia que teve com o chefe espirital dos 460 milhões de budhistas e estabelece, entre outros, este principio fundamental de crença:

*“Não ha alma immortal; os individuos são incarnações passageiras de formas.  
Nada sobrevive de nós, depois da morte.”*

Ante uma affirmação tão cathgorica como esta, não é licito aos defensores do Nirvana basear interpretações heterodoxas: ou aceitam a declaração de principios do chefe natural do budhismo, ou abandonam o *Nirvana*. “Assim como não é licito dar a nenhuma agremiação de individuos um nome que estes mesmos repellem, tambem não o é appropriar-se, para desnatural-os, de principios que teem já na historia uma significação cathgoricamente definida.”

E quaes são as consequencias naturaes do Nirvana? A historia as apresenta: o sensualismo, o egoismo e a tyrannia.

Para afastar tão funestos resultados é preciso fugir das causas que os produzem; e as mesmas causas produzem sempre os mesmos effeitos...

(Alfredo Munhoz)

### Anexo III:

Revista EsphYnge  
1899-1906  
no. 1 – julho de 1899  
Ann1  
Diretor Dario Vellozo

Saber, querer, ousar e calar

SCIENCIA, ARTE, MYSTERIO – eis os trez lados do Triangulo, os trez elementos de realização, a tríade sagrada, a tri-unidade que fulge no solio magnificante da SABEDORIA. Longe de se destruírem, completavam-se. Se, neste século apparecem divorciadas, é que a Religião perdeu as tradições, e tentou invadir os domínios da Sciencia; é que a Arte olvidada sua missão superna, quiz se fazer scientifica; é que a Sciencia, ultrapassando os limites da sua esphera de acção, tentou avassalar o ABSOLUTO, o INCOGNOSCIVEL.

Dahi os conflitos entre a Religião, a Arte e a Sciencia. Volva cada qual os seus dominios, prossigam nobre e digna e superiormente em sua grandiosa missão pelo BEM; e, como na Antiguidade, longe de se destruírem, se completarão, - na obra collectiva da Felicidade humana, - Grande Problema, a Grande Obra de realização da nossa espécie, no Planeta.

Esse o magnetismo Ideal dos occultistas contemporaneos.

Esse o tramite da “Esphynges”.

---

O Brazil não podia conservar-se alheio ao bello momento que se tem accentuado na Europa e se vae accentuando na America.

Os arautos do século XX proclamam a Renascença do Espirito, a Éra nova da alma. De novo são investigados aos sanctuarios antigos. Os templos da Sciencia Occulta iluminam-se, sábios e pensadores grupam-se, em Centros de Estudos Esotericos – continuando as tradições da Kabbala, da Gnose, da Rosa+Cruz... Os symbolos da Maçonria nos sanctuarios; e a Alma das Tradições surge, numa apparição radiosa, alimentando no coração dos F.ºV.º a flamejante estrella da ESPERANÇA.

Dizer o que é SCIENCIA Occulta, preparar o espirito de nossos Irmãos para receber a grandiosa luz do século XX, eis o nosso intento.

Tradução celebres de occultistas e esoteristas europeus:

Nossa parte iniciatica será principalmente aproveitada por todo aquelle que conhece a Acácia; pelos esoteristas; e, ainda, pelos peregrinos romeiros do Ideal e do sonho.

A parte philosophica e scientifica dirá sempre algo de elevado e sublime, para a educação Moral e Intellectual da Humanidade.

A parte litteraria e Artistica, em seus trabalhos ameníssimos, trará por vezes a revelação de profundos mysterios, - luminosamente interpretados por quem lê com attenção e lucidez a nossa primeira parte.

Assim, iremos apresentando sempre novos ensinamentos que, reunidos aos primeiros, darão noção nítida do que seja a Sciencia Occulta, sua razão de ser e a dos Antigos Mysterios, procurando alevantar o espirito do leitor e levar-lhe á a alcançar serenidade absoluta, que é o elixir da FELICIDADE.

Almejamos que a Ignorancia irreflectiva não nos obrigue jamais a descer a arena das discussões infructiferas, para repellir assaltos que se nos deem.

Não somos sectarios de Typhon, mas Iniciados de Osiris, não trazemos à destra o tridente do Mal, porém um ramo de acácia...

Contudo, saberemos terçar as armas dos hoplitas da luz, e repellir para longe os aggressores, com a coragem serena dos que se batem pelas boas causas.

- Parte iniciatica: ensaios sobre a Maçonaria

- Parte Philosophica e scientifica: tradução de artigos de E.Levi, Papus.

## Anexo IV:

Revista Esphynges em 1899.

### Parte 1:

#### Parte Philosophica e scientifica

#### O FLUIDO UNIVERSAL

Rychnowski, sabio director do Instituto Mecânico da cidade de Lemberg (Gallicia), mandou, em Maio de 1896, á Academia de Sciencias de Vienna, a primeira communicação de uma descoberta sua, a que deo o nome de *Fluido Universal* ou *Electroide*.

O aparelho gerador do *electroide* ou *fluido universal* é simplesmente uma caixinha de pao, toda fechada, apenas com um tubosinho ou chaminé, em cima ou de lado, de ponta afunilada, e que serve para dar sahida a vontade do experimentador, ao fluido nella contido. Esta ligada a um aparelho hermetico que, por combinação de reativos chimicos, lhe fornece o *electroide*. Essa nova energia, de que a sciencia vae dispor, tem sertas propriedades da electricidade. Dir-se-hia que os reativos chimicos decompõem, izolam electricamente o hydrogenio que não é corpo simples.

Nas experiencias a que se procederam ante uma commissão de especialistas, composta de professores da Eschola Superior Technica e da Real Eschola Superior, de Lemberg, foram observados diversos phenomenos.

#### PHENOMENOS LUMINOSOS

a) – *Aposento em trevas ou illuminado por luzes vermelha* – Jorra o fluido pelo bico da caxinha, forma fora um invertido cone de luz azulada ou roxo clara, imagem cujo vertice toca o bico do tubo. Na base do cone a luz transforma-se em nevoa, inunda gradualmente o recinto em obscuridade, e gradualmente se vae depositando por cima de todos os objectos, moveis, etc, até que, no fim de certo tempo, longo relativamente, os torna visiveis, os destaca por luminosidade. O aposento illuminou-se; tudo nelle é vizivel.

Relembra essa nevoa o OD de Reichenbach e tambem as formas luminosas das sessões espiritas, principalmente as azuladas, em cujo amago se formam e destacam as aparições de formas humanas, modernamente chamadas *materializações de espiritos*. Com effeito, todos os sabios, que têm visto e estudado semelhante phenomeno e (hoje são elles uma legião) descrevem a nevoa que o precede, e que é, por assim dizer, o seo involucro, tal qual se apresenta a nevoa do *fluido universal* de Rychnowsky – Zöllner, Bodisco, W.Crookes, Wallace, Aksakoff, Baraduc, etc., etc., são todos accordes neste ponto.

b) – *Experiencias com os tubos de Geissler* – Ia. Exerce sobre elles a mesma influencia que a electricidade. Approximados do cone luminoso, illuminam-se de luz phosphorescente, matizada de roxo-desmaiado ou verde-claro. Tal côr se converte em intenso azul violaceo, no nivel da primeira cintura dos tubos, isso mesmo a um metro de distancia do bico emissor do fluido.

2ª. Illuminado assim um tubo de Geissler, todos os outros que forem approximados delle tambem se illuminam, uma vez que as pontas estejam na mesma linha do primeiro. O vacuo destes tubos é meio de primeira ordem para a propagação do *fluido universal*; este, ao contrario da electricidade, tem no vidro o seo melhor conductor.

c) – *Experiencia com globos de vidro* – Io. Qualquer globo de vidro luminoso, como por exemplo, os da illumination electrica por incandescencia, tambem se illumina como os tubos geisslerianos, mas com esta differença: - porque taes globos são muito maiores, muito mais vivo é o phenomeno, e a luz se manifesta por turbilhões azulados, como nuvens, especie de fumaça azulada.

2º. Um globo de vidro, vazio, posto dentro de um vaso de vidro, aberto, e de antemão cheio de fluido universal, - fica logo luminoso. A inversa não dá o mesmo resultado.

3°. Qualquer lampada grande, do tamanho das empregadas por Tesla, chegada perto da torneira, illuminam-se da mesma luz que ha pouco nos referimos, azulada e diffuza, semelhante a do dia.

Provam todas estas experiencias que o fluido de Rychnowski atravessa o vidro.

Já Mesmer tinha observado que o *fluido magnetico* (magnetismo animal) tambem atravessava o vidro. Dando lhe o nome de *fluido humano*, Baraduc confirmou essas observações. É sabido que as irradiações electricas hertzianas atravessam os corpos isoladores da electricidade. Assim, com mais razão ainda, essa propriedade deve ser apanagio do fluido universal.

Se este encontra, porém, grandes obstaculos, vidros muito grossos, por exemplo, ou se está em estado de repouso, tende então a condensar-se em globulos brancos, luminosos. As irradiações do fluido universal são reflectidas por uma chapa polida, de conformidade com as leis communs da optica. É branca a luz reflectida e forma no ponto de incidencia uma especie de estrella flammejante, ou então de flor, cercada de globulos brilhantes, que se condensam na extremidade das irradiações ou petalas. Essas irradiações apresentam ás vezes uma ou mais caudas, cousa que lhes dá o aspecto de cometas.

d) – *Effeitos photo-chimicos* – Io. A luz do *fluido universal* actua energicamente, e sem auxilio de nenhum aparelho, sobre qualquer chapa photographica.

Uma chapa, exposta directamente e por muito tempo á emissão do fluido, se torna luminosa, e se reveste de uma camada de orvalho resplandescente: mergulhada na agoa, esse orvalho se desprende e sobrenada.

2°. – O fluido diluido perde a luminosidade. Entretanto, ainda assim, com elle se reunem e photographan os *raios inviziveis*, emittidos pelos objectos.

Dahi resultam mais uma vez as affinidades que ha entre o OD e o *fluido universal* de Rychnowski.

3°. – As partes osseas, internas, já são photographadas pelo fluido universal, exactamente como o seriam pelos *raios X*.

Rychnowski espera conseguir, pela illuminação interna produzida pelo *fluido universal* – a supressão da opacidade.

e) – *Phenomenos mechanicos* – Io. Em torno de um eixo fijo, um corpo movel gyra, bola de vidro, de ambar, etc., exposto na distancia de alguns centimetros ao *fluido universal*, conduzido por um tubo de borracha.

2°. – Expostos ao fluido, dous aneis concentricos tambem gyram, mas um para a direita e outro para a esquerda.

3°. – Uma bola de vidro, enfiada num eixo fijo, simultaneamente se illumina e gyra; enfiado um anel no mesmo eixo, gyrou em torno da bola, em sentido contrario á rotação della; uma segunda bola de vidro, enfiada, gyrou em torno do anel, no sentido da rotação da primeira.

Tudo isso fez lembrar os movimentos de Saturno, de seos aneis e satellites.

4°. – Duas bolas de celluloido num prato de metal, com um furo em bico, no centro. Passando o fluido elo bico furado, pozeram-se as duas bolas a gyrar, a primeira em torno do bico, ou eixo e a outra ao redor da primeira.

5°. – Livremente suspenso e movel, exposto ao fluido, tende um balão de vidro a duplo movimento um de rotação sobre si mesmo, e outro de translação elliptica ao redor do ponto de cahida do fluido.

Accresce que electroidizado (quer dizer: - exposto ao *fluido universal* ou electroide), todo e qualquer balão atrahe os outros balões, perturbando-lhes assim as orbitas ellipticas. (*Continua*)<sup>351</sup>.

## Parte 2:

### Fluido Universal

---

<sup>351</sup> Revista Esphynges, no. 2. Agosto de 1899. Parte Philosophica e scientifica. *O Fluido Universal*.

Século de experimentação, de analyse, rebuscou os mais inacessíveis reductos sa MATERIA PONDERAVEL, desceo à Cellula, à Molecula, ao Atomo, num indonito enlace scientifico, de quem quer saber, de quem quer explicar, de quem quer solver definitivamente o magno problema do ABSOLUTO...

Parte philosophica e scientifica:

Os numeros

Evidentissima é a acção magnetica no sentido do eixo de rotação. Mais ainda: - electroidizado, qualquer balão de vidro obriga as bolas menores, que lhe ficam perto, a dous movimentos, - um de rotação sobre si mesmas, outro de translação elliptica ao redor do balão.

E ainda: - A direcção dos movimentos do menor é inversa a dos movimentos do maior, facto que recorda os effeitos das correntes galvanicas de indução.

f) – *Acção do fluido sobre as substancias organicas:*

- É, em geral, conservadora a acção do fluido sobre as substancias organicas: destroe-lhes as baterias da fermentação e da putrefacção.

- O Dr. Hahn hezitou em registrar as experiencias feitas com *sangue-humano fresco*; não que ellas não tenham sido legitimas, disse elle, visto que o fluido de Rychnowsky mantem liquido o sangue e mantem a vida nos seos globulos durante sete dias, donde a possibilidade de poder elle, o sangue, uma vez electroidizado, passar por modificações do maior interesse...

- Fluidizado o sangue humano produzio formas humanas (phantasmas, aparições) que Rychnowsky photographou, e que se modificavam conforme a acção demorada do fluido.

Uma dessas photographias representa a *cabeça de um homem barbado*; outra, duas pequenas cabeças.

“É possível que seja tudo accidental” diz Hahn, “mas de certo para fazer rir, teve Rychnowsky a exquzitive de dizer que – podia perfeitamente ser que o seo fluido vivificando a forma material do espirito que animava os globulos sanguineos, ou então transformando-a em outra, o revelasse.” Accrescenta: “Seria o *homunculus*, sem tirar, nem pôr.”

g) – *Outras propriedades do fluido* – Já se vio que electroide tem francas analogias com a electricidade, com o OD e com o magnetismo animal. Diferenças importantes ha no entanto, principalmente no que concerne a electricidade. Se, á pequena distancia, é a agulha imanada desviada pelo *fluido universal*, em compensação, não actua na superficie dos corpos como a electricidade; mas os penetra e nelles se accumula, facto que aproxima o fluido do OD e da força que opera nos phenomenos de mediunidade. Alem disso, maos conductores de electricidade, o vidro e a borracha são bons conductores do fluido, facto ainda mais interessante: exposta a tal fluido, qualquer lamina finissima de mica (malacacheta) carrega-se de electricidade em tão alta tensão que, á ponta de dedo, mas não sem dor, della se tiram grandes faiscas. No entanto, a mica é hoje empregada em electricidade justamente como isolador!

Às vezes, nas sessões experimentadas de Occultismo, diz Lang, se notem tal aura, aragem ou sopro fresco, e tal perfume, que é geralmente comparado as emanções phosphoreas.<sup>352</sup>

Parte 3:

Parte Philosophica e Scientifica  
O FLUIDO UNIVERSAL  
THEORIA E APPLICAÇÕES

O electroide, ou *fluido universal*, é para Rychnowski uma energia quasi livre, dispersa pelas mais pequenas particulas da materia; em outros termos: - é substancia immensamente tenue, subtil, e que encerra energia livre.

<sup>352</sup> Revista Esphyngé, no. 3. Setembro de 1899. Parte Philosophica e scientifica. *O Fluido Universal*.

Porque o termo *fluido* anda ha tempos desprestigiado em sciencia, Rychnowski hezita em dal-o ao electroide. Mas que nome merece uma energia de tal ordem que penetra todos os corpos, nelles se accumula, podendo condensar-se em globulos que, por sua vez, podem ser conservados por longos dias?

Aprezentam-se o electroide como se fosse o elemento fundamental da materia primitiva, da energia primordial lembra o *Ether* universal, entidade hypothetica, por assim dizer imponderavel, absolutamente inacessivel a nossos sentidos e aos demais meios de investigação. Os occultistas o identificaram com o *Akasa*.

Rychnowski attribue ao fluido universal (expressão tomada á tecnologia occultista) todos os phenomenos do universo, de ordem physica, chimica, mechanica e vital e diz que o maior inventor será aquelle que transformar directamente um raio de ether em movimento ponderavel – calor, luz, força chimica e força electrica; esse terá dotado a humanidade com os meios de producção da energia, debaixo de todas as suas formas, na quantidade que se quizer, seja onde fôr, e – de graça.

E accrescenta Oscar Koschett:

“Ficará então demonstrado que so ha uma força primordial, de mutabilidade proteica abrangendo todos os phenomenos, desde os menores até os maiores, - o microcosmo e o macrocosmo. Surprehender-se-ha e em tal força a *alma do mundo* dos antigos, delles que desde as origens da philosophia grega, tanto se empenharam todos os phenomenos a um elemento primordial, *primordial* de Heraclito surgirá então com a sua significação physica e real, não com a que lhe dariam asneiras, mas com a de Rechembach, a do OD, que, quando luminoso, penetra todos os corpos e tem sido citado em todos os seculos debaixo de varios nomes como, por exemplo: - Telesma, em Hermés; *Enormon* ou *Ignio subtilissimus*, em Hippocrates; *Akasa*, na Índia; *Luz Astral* nos Kabbalistas; *Pneuma*, por Galeno; *Blas Humanun* por van Helmont; *Alcahest*, por Paracelso; e *côpula* (intermediario entre o espirito e o corpo) por Boerhave, chamam-lhe os alchimistas: *Quinta essencia*; *Espirito Universal* ou *Espirito-vital*, os occultistas da idade media; *Materia subtil*, Desacartes; e *Spiritus subtilissimus*, Newton.

\*

Qual a causa, a origem de semelhante fluido a sua origem, a sua grande fonte, é o Sol, diz Rychnowski. Mas, o sol não a tem, não a possui em si mesmo; recebe-a de um outro astro, ainda desconhecido, de um outro sol talvez, e bem maior que o nosso.

As irradiações solares, que só encerram energia livre transformam-se em luz, calor, vida, se a terra ou qualquer outro planeta lhes impede a propagação rectilinea.

A energia livre transforma-se, para Rychnowski, do seguinte modo:

- A terra, gyrando no espaço, detem as irradiações do fluido universal. Detidas, fragmentam-se em trez partes, conforme as direcções que tomam: a) as que se enterram no globo, mudam em movimento *ondulatorio*, calorifico, a direcção que traziam; - b) as que são reflectidas, e o são em movimento *vibratorio*, proprio da luz e da electricidade; e c) as que passam a rodear o globo de leste a oeste, imprimindo-lhe, por attracção, o seo gyro inverso, de oeste para leste, mantendo-lhe o equilibrio do eixo de rotação, e isto, sem falar nos phenomenos magneticos produzidos pela propria rotação.

Retido como calor, o *fluido universal* mantem em estado liquido tudo que fica abaixo da crusta da terra. E, como tambem os liquidos podem ter rotação, a massa liquida do centro do globo deve gyrrar, mas em sentido contrario ao da crusta. Assim, seria o magnetismo physico apenas um effeito desse duplo movimento.

Diz Hahn que, nessa theoria de Rychnowski ha tentativa de conciliação das duas theorias: - a da *emissão* e a das *ondulações*.

Ha directa influencia dos raios solares, por sua acção magnetica, sobre os sêres organicos.

Depende da presença desses raios rotatorios a força vivificadora e refrigerante de nossa atmosphaera. São raios de *vida* em toda a extensão do termo. Supprimidos abatem-se os processos vitales... A *supressão* é o *somno* nas pessoas que gozam boa saude; é uma peiora nos doentes. Os enfermos, em estado grave, esperam com impaciencia a hora que lhes vae trazer o

alívio, e o espírito abatido de novo se lhes levanta desde que surge no Oriente o primeiro raio de sol.

*Propriedades dos raios electroídicos:*

Dão aos corpos, em que tocam, impulso de movimento duplo (*rotação e translação*).

O movimento translatório é sempre uma linha curva; portanto, a forma da órbita depende da massa do corpo, donde resulta que corpos de massa pequena não podem descrever curva circular ou elíptica; mas, como os cometas, simplesmente linha alongada.

## CONSEQUÊNCIAS BIOLÓGICAS

- Que é a vida? pergunta Rychnowski.

Onde está o segredo da célula orgânica com que Darwin pretende edificar o Universo inteiro? Sabemos que, se o fluido incide em lâmina polida, parte dos raios reflectidos forma globos brilhantes do mesmo fluido, então líquido, globos que passam a ser centros de força, centros dinâmicos, e que, por sua vez, também e constantemente, emitem raios centrífugos, que atraem a matéria e com ella se cobrem. Esses globos mudam de forma, tomam a forma da matéria atraída, de conformidade com a natureza química dessa mesma matéria e de conformidade com as condições em que o fluido actua. Assim, perde o centro dinâmico o seu poder de irradiação; mas a partícula atraída, essa fica saturada de energia.

Comsiga o homem dominar um só que seja dos elementos que entram na formação dos organismos, e poderá, desde esse momento, dadas certas condições, modificar a natureza do homem e dos animais e, particularizando, - alliviar a dor aos enfermos.

Segundo Rychnowski, o fluido, respirado, produz os seguintes efeitos:

- a) - Somno tranquilo, se a acção não for prolongada;
- b) - abertura e augmento do appetite, com grande actividade das funções digestivas;
- c) - augmento das funções sexuaes;
- d) - destruição, em geral, dos principios septicos e nocivos;
- e) - acceleração do crescimento das plantas (como os passes magneticos);
- f) - desenvolvimento tal do aroma das flores, que, applicado a flores

frescas, vivas, os seus principios volateis foram recolhidos em oleo, num aparelho especial de Rychnowski, feito para esse fim.

Age o fluido como o sol nos climas das montanhas: - desinfecta, apura, vivifica (*raios vitae*), e tudo isso dentro de um delicioso banho de frescura.

Crê Rychnowski que, por applicações do fluido, se ha de chegar a garantir o organismo humano contra a sua prematura destruição.

- Modificados pelas superficies que os reflectem e pelos corpos que atravessa, esses raios trazem ou levam comsigo as imagens das scenas e dos objectos, imagens que seriam integralmente reproduzidas se os raios (geometricamente) normaes a isso se não oppuzessem: - sonhos, allucinações, visões, etc., passariam simplesmente a ser as imagens evocadas no espirito do homem por esses raios, também concorrendo para o mesmo fim os raios graves.

## APPLICAÇÕES AO OCCULTISMO

Antigas ou modernas, as theorias occultistas admittem, posto que debaixo de varios nomes, uma força primordial mysteriosa, de base material, porque, por mais tenue ou subtil que a imaginem, é sempre material.

- Para Thury, os phenomenos de mediumnidade são causados por uma substancia especial, agente ou fluido, que, tal qual o ether dos physicos, transmite a luz, penetra a matéria (organica e inorganica), e a que deo elle o nome de *psychódio*, tendo proposto o de *força ectenica* (de expansão) para a acção do espirito levada á distancia por meio do psychódio. A *força psychica* de William Crookes é a mesma *ectenica* de Thury, e tem franco parentesco com o fluido de Rychnowski.

Não foi, porem, Rychnowsk, e sim Lang, quem demonstrou as analogias occultistas.

- A levitação, o deslocamento de objectos, etc.; enfim todos os phenomenos de movimento, effectuados com a presença de mediums, como que têm cabal explicação no desprendimento do fluido universal, porque se, actuando sobre os corpos, elle lhes augmenta ou diminue a gravitação, por isso mesmo tambem lhes augmenta ou diminue os respectivos pesos. Esta harmonia, unificação ou accôrdo entre o Homem e o Universo, essa identidade, seria da maior importancia para o Occultismo, e adquiriria o valor de um facto scientifico se estivesse provado que a força emittida pelo homem é capaz de produzir movimentos de rotação analogos aos produzidos pelo fluido rychnowskiano.

Para Lang, as mesinhas gyratorias, os movimentos ódicos e os movimentos causados pelo effuvio das mãos provam cabalmente aquelle modo de vêr.

Nas sessões espiritas os phenomenos physicos são seguidos de *aura* (aragem fresca) no ambiente, facto igualmente veverificado nas experiencias de magnetismo animal (- *hypnotismo*, se quizerem). Lang compara a *aura* dessas experiencias com a *aura* electrica. Posta uma cortina no aparelho electroidico, enfuna-se e apresenta resitencia, - tal qual como as cortinas das sessões espiriticas, experimentaes, de effectos physicos.

Finalmente, é tambem no electroide ou *fluido universal* emittido pelos mediums que se deve buscar a causa dos *phenomenos luminosos* e da onda perfumada das sessões espiritas. Entre os phenomenos luminosos estão as brumas ou nevoas de reflexos azulados, que precedem a apparição das formas materialisadas, analogas as condensações vaporosas do fluido electroidico.

- Sabe-se que, para Rychnowski, o halito é abundante fonte de OD, por causa dos processos chimicos effectuados nos pulmões; é elle visto luminoso pelos sensitivos, não só em si como nas outras pessoas.

“O electroide, diz Hahn, deverá constituir até certo ponto, o *corpo astral* do universo, devendo estar naturalmente em perpetua relação com o corpo astral humano”.

Pensa Hahn que o *fluido universal*, o electroide rychnowskiano, vae dar ao mundo um espiritismo sem espiritos.

Concluido o seo artigo, diz Hahn que a divulgação do segredo de Rychnowski é tanto mais para desejar quanto é certo que, para a humanidade, seriam de importancia verdadeiramente extraordinaria as applicações do seo electroide ou fluido universal.

1899.<sup>353</sup>

---

<sup>353</sup> Revista Esphyngue, no. 4. Outubro de 1899. Parte Philosophica e scientifica. *O Fluido Universal*.

## Anexo V:

Revista Esphyngue  
Signo Cancer a libra – 1904  
ANNO VI + nos. 6 a 9

### O Positivismo (1)

#### ORTHOLOGICAMENTE CONSIDERADO.

Surgio, no seculo passado, em França, um grande philosopho, Augusto Comte, incontestavelmente, um dos maiores Genios da Humanidade. Esse Homem synthetizou e incorporou em seo cerebro toda a evolução do seo Paiz, filiando-a, além d'isso, ás suas fontes mais directas da evolução Occidental.

A Orthologia, que torna tudo bello, não pôde deixar de inspirar-nos uma justa admiração por esse grande talento.

Quando se fala em *positivismo* é impossivel deixar. de lembrar o nome glorioso de Comte, pois que esse Homem tomou essa palavra para designar a indole e espirito de sua Philosophia Doutrinaria.

Convem comtudo, observar desde já que, falando assim de Aug. Comte, relevo uma curiosa influencia da orthologia, pois que eu sou considerado, pelos comtistas orthodoxos, um adversario e um transviado.

E devo explicar de passagem que o motivo d'esta extranha conducta minha é que a Orthologia destroe em nosso espirito toda a veneração obsecada e toda e qualquer dependencia individual subjectiva; quer dizer: - destroe o menorlaivo de subserviencia, e substitue a veneração e a submissão dos religiosos quaesquer, pelo sentimento *normal* de *Justiça*.

Além d'isso a Orthologia nos suggere theoreticamente o mais absoluto *Individualismo*; por isso para nós só é grande quem fôr grande, mas seos imitadores *nullos*, como *imitadores*.

Ha, pois, a distinguir, n'essa apreciação que o mesmo Individuo pode ter merito proprio n'uma certa cousa a ser no entanto um imitador em outra, pode ser, por exemplo, rico affectivamente, mas intellectualmente desnortado, o que se revelará n'uma conducta generosa, mas incoherente. A Orthologia não admite as sentenças absolutas, e muito menos admite a depreciação do Individuo. A orthologia não condemna nunca, mas justifica sempre. O Orthologo ama sempre o *Individuo*, por mais defeitos que lhe attribuem os catões; e tanto em si como em outrem. Não é portanto o Orthologo, além d'isso, nem *egoista*, nem *altruista*.

Mas, voltando a considerar o positivismo, é preciso dizer que, embora Augusto Comte denomine assim seo systema e a sua doutrina, nem por isso deixa esse termo de exprimir um estado particular da intellectualidade humana, que, manifestando-se embora de modo caracteristico em Augusto Comte, Tambem se manifestou e se manifestará em outros cerebros.

Ha, natuaralmente, duas grandes correntes intellectuaes na evolução da humanidade: - a primeira que se refere á Existencia Physica, e a segunda que se refere á Existencia Psychica.

D'ahi as duas grandes Escolas Philosophicas que têm-se disputado, uma á outra, a supremacia theorica, em os destinos humanos: - a Eschola Materialista e a Espiritualista.

---

Ver Esphyngue, n. 12 – 1903; pag. 208.

Como o Subjectivismo devia por força preponderar nos primeiros tempos de evolução humana, em que a observação e a experiencia eram deficientes, era fatal que primeiro dominasse o Espiritualismo que constitue o campo da Imaginação, para ser depois pouco a pouco ponderado pela acção do campo opposto, o da Observação, ou o Materialismo.

Essas duas verêdas oppostas, evoluindo paralellamente tinham que se fundir um dia, sob pena de ficar a Humanidade para sempre privada da luz da Razão, ou lei artificial, que acarreta necessariamente escravização social e abusos; regeitamos, em summa, todos os dogmas, todos os Regimens, todas as religiões; todas as prescrições *á priori*, que a razão universal e a Logica não tiveram dictado, devendo ser, ainda assim, livremente acceitas, pela Razão Individual.

No entanto, repito, Augusto Comte foi grande e justo até nos próprios erros!

Seo Dogma é um dogma emancipador; seo regimen, só pelo facto de ser positivo, é racional; seo culto e sua Religião são um verdadeiro *Poema*.

Passando á sua Philosophia devo apenas salientar dous factos:

1º. – Que essa bella construcção representa a coordenação geral de todos os Conhecimentos humanos, apresentados sob um ponto de vista synthetico e generalizador;

2º. – Que sua classificação da sciencias representa o serviço theorico, o mais eminente, que até seo tempo se ralizára.

Sua construcção philosophica foi levada ao auge da perfeição pela instituição da Philosophia Primeira, para nós, Orthólogos, seo maior titulo de gloria; e pela tentativa final de uma Logica positiva e de uma Synthese subjectiva universal.

Comtudo, para nós, Orthólogos, a Philosophia Primeira fica reduzida a uma unica Lei, e substituida por essa Lei Universal e absoluta: - que todos os phenomenos, resultantes das transformações sem fim da Materia, constituem uma escala ascendente, illimitada, a qual é, por sua vez, a integração successiva de um numero infinito de escalas parciaes, ascendentes e descendentes.

Augusto Comte foi incoherente dizendo, em sua Synthese, que toda Sciencia era incompleta e sua synthese, em rigor, impossivel, emquanto não se podesse reduzir, como a Astronomia por exemplo, a uma unica lei fundamental, pretendendo, apesar disso, construir a Synthese de todas as Sciencias sem basear-se em uma só Lei Universal e unica.

Entretanto agora na parte mais importante do trabalho de Augusto Comte, sua construcção religiosa, procurarei caracterizar seo espirito emancipador, a que retro alludi, citando o seguinte trecho textual de seo cathecismo:

-“De hoje em deante, abandonada espontaneamente á sua corrupção natural, a crença monotéica, christan ou musulmana, merece cada vez mais a reprovação que seo advento inspirou, por espaço de tres seculos, aos mais nobres praticos e theoricos do mundo romano. Não podendo então julgar o systema senão pela doutrina, elles não hesitavam em repellir, como inimiga do genero humano, uma religião provisoria que fazia consistir a perfeição em um isolamento celeste. O instincto moderno reprova ainda mais uma moral que proclama as inclinações benevolas como alheias á nossa natureza; que desconhece a dignidade do trabalho ao ponto de fael-o derivar de uma maldição divina; e que erige a mulher um fonte de todo o mal”...

Aqui começa a parte bella da construcção de Comte, e que só raros discipulos seos têm sabido vagamente apreciar... tornando-se *religiosos!*...

Esse trabalho não é nada mais, porém, do que a preponderancia irrevogavel, sobre nós, das Leis naturaes, por maiores que sejam construcção do Culto positivo, tomou, no entanto, um cunho grandioso e sublime nas mãos de Augusto Comte. Sua vasta mentalidade, sua generosidade enorme fizeram com que extendesse ao Genero Humano, - Passado, Presente e Futuro, - a extraordinaria paixão que concebo pela sympathia e poetica Clotilde!

Ouçamol-o por um momento:

– “... Para fazer melhor apreciar seo ascendente angelico, só o poderei caracterizar combinado dous versos admiraveis, destinados respectivamente a Beatriz e Laura:

*Quella che imparadisa la mia mente,  
Ogni basso pensier dal cor m'avulse.*

E, mais adenate, conclue:

.....

...”Ouso, portanto esperar, que, para testemunhar minha justa gratidão, a condiga assistencia das almas selectas suprirá em breve a profunda inópia que sinto no meio de minhas melhores affusões quotidianas, como Dante, em relação á sua suave padroeira:

*Nom é l'alfezions mia tanto profunda,  
Che basti a render voi grazia per grazia.”*

Quer isso dizer em linguagem simples que pedia e esperava o culto universal para sua Clotilde.

Não posso detalhar mais, nem prolongar-me sobre esse assumpto, por hoje, por mais tocante que seja.

Mas, pergunto, antes de concluir: - Porventura não é esse o sentimento natural do Coração humano? - Não é isso o Amôr que inda vive em nossos seios, prompto a irromper ao menor signal, de debaixo das cinzas frias que a theologia lançou sobre a ara santa de nossos melhores affectos, queimando os nossos verdadeiros Idolos?...

Sem duvida!

Mas, synthetizando n'uma imagem clara tudo que temos dito, teremos a seguinte conclusão relativamente ao assumpto que ora nos occupa a meditação e o sentimento:

1º. – O Positivismo systematico, qualquer, não é senão um aspecto individual ou doutrinario da grande corrente Objectivista, na evolução mental do Genero Humano. e o Espiritualismo, qualquer, é um caso individual da outra vasta corrente Subjectivista.

2º. – Só uma Logica superior, qualquer nome que lhe queiramos dar, é capaz de conciliar esses dous campos da razão, explicando as apparentes divergencias; é capaz, portanto, de harmonizar e fundir estes dous elementos de lucta e de destruição, tornando-os, unidos, uma unica fôrça *Constructora*.

3º. – Augusto Comte foi incontestavelmente um Genio, mas sua doutrina não é senão um dos aspectos individuaes do Positivismo natural.

4º. – sua philosophia Primeira é uma obra prima, representando um nobre esforço para a redução das Leis Scientificas a uma unica Lei, se para elle tivesse sido possivel.

5º. – Sua Philosophia Segunda não é mais do que a generalização philosophica dos conhecimentos scientificos de sua época, apresentados segundo a ordem por elle adoptada para a hierarchia das sciencias.

6º. – Sua Politica, por mais bem intencionada que fosse, não passa de uma horrivel mistura de phantasia, de philosophia e de empirismo... – No emtanto, é preferivel a todas as politicas reinantes!...

7º. – Sua Religião é, de todas a melhor e a mais bella, mas, em compensação a mais perigosa socialmente, ou na pratica.

8º. – Em summa, a obra de Augusto Comte é, como todas as philosophias, um bello Romance do Espirito. Mas, sua politica, como as outras politicas, não passaria jamais, na pratica, de uma triste Comedia; sua Relião, como as outras religiões, degeneraria fatalmente em uma Tragedia dolorosa.

9º. – o emtanto, é preciso nunca esquecer que a obra de Augusto Comte, no seo genero, é a mais perfeita. O culto da Mulher que elle institue representa um dos mais bellos aspectos do Culto Natural. O culto da Humanidade é o que em lingoagem orthologica se poderia chamar o Culto das Origens incompletamente instituido. Porque, em Orthologia, o Culto das Origens abrange o Universo todo no ponto de vista *eidonomico* e *objectivo*. mas, o culto dos Grandes Homens, que Augusto Comte propõe, esse tem um carcter extremamente sympathico para os Orthólogos, devido ao seo cunho Individualista.

10. – Em conclusão, porém, é isso tudo extremamente imperfeito em relação áquillo que a Orthologia nos revela; e toda a perfeição de semelhante trabalho só é rela, e toda a perfeição de semelhante trabalho só é real, comparada com o Passado e o Presente, mas, desaparece, em confronto com as Utopias racionaes e os Ideaes positivos que a Orthologia nos revela para o futuro.

A orthologia nos colloca em uma situação excepcionalmente feliz, porque nos apresenta a *realidade*, não no Presente, e nem no passado, mas sim no FUTURO. podemos assim ter consciencia de nossa *regeneração* diaria, tanto social como individualmente. Os erros tambem, sociaes ou individuaes se annullam e desaparecem, desde o momento que passaram, sabendo nós que deixam sempre um beneficio qualquer, não podendo sem elles haver progresso. A Orthologia, pois, não admite *doutrina*, nem *crença*, mas Logica e certeza. Não quer isso dizer que um Orthologo seja infallivel: - a Orthologia é que o é, porque a Verdade em cada caso é *uma só*, e ella fornece os meios de deduzil-a por uma *synése*, que é uma nova fôrma da equação mathematica applicando-se a todas as cousas e a todas as formas do raciocinio.

E, embora eo, como Orthologo que desejo ser, reconheço com o grao de Orthologia que alcancei que é exposta, *ipso facto*, a uma lucta interina e ingloria devido á radical incompatibilidade dos Objectivistas e dos Subjectivistas.

Essa fusão e essa harmonia definitiva a Orthologia veio trazer. Ou antes, essa harmonia final de todas as Escólas, de todos os Crédos, de todas as Políticas, de todas as religiões, é o que nós, os Super-Homens, chamamos de Orthologia. E essa orthologia é o estado final da Razão humana, estado que se passar no Mundo exterior.

No entanto o positivismo, tal como Aug. Comte o concebeo, representa uma das mais vigorosas columnas do novo templo da Humanidade.

Esse positivismo eliminou a ficção perigosa de Deos, aquillo que Diderot chamava – “o Grande Preconceito”.

Ninguem que conhece a Historia pode ignorar que a falsa noção de semelhante termo tem trazido as mais funestas consequencias para a Humanidade, pois que ainda hoje se vê cada seita theologica pretender estultamente que só o seu Deos é o é o Deos verdadeiro!

Além d’isso, Augusto Comte presentio o verdadeiro destino do Affecto humano, instituindo o mais doce culto natural: - o amor mutuo dos sexos. Regenerou a philosophia, completando Aristoteles, a quem elle mesmo chamou, com justiça: - “o eterno principe dos verdadeiros pensadores”.

Tentou a descoberta da Lei Universal, que é a chave sublime da Orthologia, instituindo a “*Philosophia Primeira*”, na qual reduz a quinze as Leis Geraes da Natureza. Completou esse esforço pela organização da melhor classificação das sciencias que até então se fizera. E coroou o esse bello edificio intellectual pela incomparavel tentativa de fundar uma Logica positiva, e uma Syntheses Subjectiva universal.

E, embora pareça uma aberração a instituição de sua pretendida Religião da Humanidade; por maiores erros e disparates, aliás, que contenha seu Culto e seu regimen contenha, não é menos certo que n’essas duas tentativas Augusto comte manifestou toda a sua grandeza, e toda a força de seu Genio!

Em Orthologia não ha maior immoralidade do que prescrever moral, actos de conducta, ou intuir um regimen religioso. No entanto, como Orthologo, admiro Augusto Comte, n’este acto mais *immoral* de sua vida!...

Sua Religião da Humanidade reproduz o velho typo da Virgem-Mãe, conhecido dos Aztecas do Anahuac, e de todas as populações selvagens da Antiguidade e transmittido, por fim, do Brahmanismo para o Buddhismo e do Buddhismo para a Religião Catholica. Mas sua concepção da Virgem-Mãe tem um cunho originario; e tem tanto de bello quanto de absurdo!...

Tem de bello o amor e o culto pela nossa Origem commum na Humanidade, Amor e culto que os Orthologos extendem á Terra, ao Sol, á Materia, e ao Universo. Tem de absurdo, a celebre “*Utopia*”, da Mulher conceber e gerar por parthenogenése, isto é, sem a fecundação do ovulo! Semelhante disparate bastaria para que toda creatura de bom-senso repudiasse semelhante religião e culto, se não fosse a educação da maioria em religiões anteriores, de dogmas mais absurdos ainda, e cheias de mysterios e de milagres!...

No entanto, essa absurda Utopia é, não só, a mais bella concepção de Augusto Comte, como ainda de todo o Passado humano; porque é o germen de todas as Utopias regionaes ou scientificas, hoje systematicamente instituidas em Orthologia. Era pois inevitavel e natural que Aug. Comte se entusiasmasse com semelhante concepção, que era um novo Clarão nas sombras do Futuro, uma immensa revelação dos grandes Arcanos da Intellectualidade humana!...

Pode-se, quanto ao primeiro ponto, caracterizar sua influencia sobre a eliminação do sophisma theologico, citando a proclamação decisiva com que esse celebre Philosopho terminou, no *Palais Cardinal*, no domingo 19 de Outubro de 1851, após um resumo de cinco horas, seu terceiro *Curso philosophico sobre a historia geral da Humanidade*.

Só encontrei, posteriormente, Nietzsche, phrases que revelassem tanta grandeza individual!

Eil-as:

“Em nome do passado e do Futuro, os servidores theoreticos e os servidores praticos da HUMANIDADE vêm tomar dignamente a direcção geral dos negociosterrestres, para constituirem emfim a verdadeira providencia, moral, intellectual, e material; excluindo irrevogavelmente da supremacia politica todos os diversos escravos de Deos, catholicos, protestantes, ou deistas, como sendo, ao mesmo tempo, atrazados e perturbadores.”

Devo completar essa citação por uma outra; um outro trecho que se encontra em continuação a esse, no prefacio do *Catecismo positivista*. Este segundo trecho caracteriza a íntima ligação dos Orthologos com Augusto Comte, os quaes se tornam seos unicos e sinceros continuadores, sem que repitam, aliás servilmente sua doutrina. Eis o trecho:

“Vimos, pois, abertamente libertar o Occidente de uma democracia anarchica e de uma aristocracia retrograda, para constituirmos, tanto quanto possivel, uma verdadeira Sociologia, que faça concorrer sabiamente para a regeneração commum de todas as forças humanas, sempre applicadas conforme a natureza de cada uma. Com effeito, nós. Sociocratas, não somos nem democratas, nem aristocratas. A Nossos olhos, a massa respeitavel d’esses dois partidos oppostos representa empiricamente, de um lado a solidariedade, do outro a continuidade, entrea s quaes o positivismo estabelece profundamente uma subordinação necessaria, que substitue emfim o antagonismo deploravel que as separava”...

E mais adiante diz elle ainda:

“... A natureza retrograda das doutrinas exaustas que os nossos conservadores empregam provisoriamente, deve tornal-as essencialmente improprias para dirigirem a politica real no meio de uma anarchia que teve sua primeira origem na impotencia final das antigas crenças. A razão occidental não póde mais deixar-se guiar por opiniões evidentemente indemonstraveis, e até radicalmente chiméricas, como todas as que são inspiradas por uma theologia qualquer, ainda mesmo reduzida a seo dogma fundamental. Todos reconhecem hoje que a nossa actividade pratica deve cessar de consumir-se em hostilidades mutuas, para fomentar na paz o aproveitamento comum do nosso Planeta.”

N’esse ponto de vista sociocratico estamos nós, os Othólogos, em pleno accôrdo com Aug. Comte. Não acceitamos, porém, sua pretensa organização politica, sua Dictadura, nem mesmo scientifica, seo Triumvirato industrial, seos Proletarios condenados a uma eterna pobreza resignada, nem queremos seos Patricios, e ainda menos seos novos Padres, mesmo com toda a sua philosophia!

Por isso nós, os Orthologos, nos intitulos Sociocratas, em contraposição a Theocratas, mas intitulo-nos de *Sociocratas Libertarios*, porque regeitamos toda imitação servil, toda especie de prescrição a Humanidade se acha ainda n’um verdadeiro estado de infancia intellectual, mas de decrepitude physica, (d’onde não podêrem as instituições actuaes ser mais do que Comedias, para um Homem superior), comtudo, como Orthologo, não posso, com Augusto Comte, excluir nem maldizer ninguem, por maiores defeitos que tenha; só posso esperar que se regenere pela Logica, ou se destrua por seos proprios *erros!*...

No emtanto, é incontestavel que a Humanidade progride apezar do atrazo geral da grande mairia Humana, e isso de accordo coma Lei Universal. Mas, de que modo se manifestam n’uma Synthese de Verdade as bellissimas integrações daquillo que o vulgo chama *Erros?* – Pelo apparecimento de Grandes Typos da Especie Humana, pelo apparecimento de Super-Homens, como foi, por exemplo, Augusto Comte em sua epocha.

Todos, porem, contribuem, consciente ou inconscientemente para o surto d’esses Typos excepcionaes: - os Fortes e os Fracos, os Ricos e os Pobres, os Sabios e o ignorantes, os Virtuosos e os Viciosos!

Temos pois necessidade, sob pensa de Mizeria e Dôr, de procurar a Verdade e o Bem, por todas a parte!... Mas, asseguro-vos que não podemos nunca julgar do Individuo sem commeter *Injustiça*.

Portanto vos declaro, para que ninguem interprete mal qualquer phrase minha, que em Augusto Comte, nos Homens, ou na Sociedade, só distingo Erros ou Acertos, limitando-me, pois, em toda parte, a amar o Bello e o Bom, e evitar o Mal.

Tal é a unica e simples moral que a Orthologia aconselha, mas que não prescreve!...

Corotba, I90I.

MAGNUS SÖNDAHL .?  
Collaborador da *Esphyngé*.

## **Anexo VI:**

Revista Esphyngé  
n.12  
Signo: Sagitário 1903  
Anno V

Parte Philosophica e Scientifica

8. Programa do Curso Orthologico  
ou  
Universidade Sociocrática  
Primeiro Grao  
(Doutoral)

Eidonomia

(Estudo dos seres, constituindo a Sciencia propriamente dita)

- 1º. - Synthese, ou geração normal dos núcleos universaes, de accordo com a propriedade fundamental da Matéria.
- 2º. – Kosmogonia e Kosmogonese. Sóes, Planetas, Satellites, Cometas, Asteroides, Meteoritos, Systemas planetarios e Astros em geral, suas metamorphoses, sua habitabilidade, causas de crescimento.
- 3º. – Biogonia e biogenese, ou aparecimento e reprodução dos seres vivos ou biomorphoses, sua Evolução, suas transformações e metamorphoses na Bióse e na Kosmose.
- 4º. – Estudo objectivo do nosso planeta, a Terra, sua origem, seu aspecto interior (Geologia), sua constituição mineral, sua Flora, sua Fauna, seos liquidos e seos gazes, sua posição e equilibrio no Espaço, sua forma, seo panorama e seo destino.
- 5º. Antropologia: Origem do homem, suas transformações, seu destino.
- 6º. Glothologia, origem da Ligoagem, impressão e expressão; Arte. A possibilidade de uma Lingoa Scientifica ou Philosophica Universal, sua instituição e prática.
- 7º. Anatomia do Homem e Anatomia comparada. Physiologia geral e especial. Pathologia e Therapeutica Chimica, Physica. ausas e Efeitos em geral e em particular sobre o Organismo humano. Saude e Doença. Arte de prolongar a vida.

Segundo Grao  
(Philosophico)

Eimologia

(Estudo abstracto dos sêres, ou phenomenos e propriedades geraes da Materia)

- 1º. – Geographia e Historia da Terra. Aparecimento do homem e Historia da Humanidade.
- 2º. – Tradições historicas, monumentos e documentos, Sciencias e Artes da Antiguidade Humana.
- 3º. – Lendas e tradições religiosas, crenças e superstições.
- 4º. – Historia e Philosophia e sua evolução até os nossos dias.
- 5º. - Estudo especial das tradições Esotericas e Occultistas, da Astrologia, Alchimia e da Theosophia hodierna.
- 6º. – Estudo especial da Philosophia Positiva e do plano religioso e poetico de Augusto Comte, Buddha, Confucio, Aristoteles, Diderot.
- 7º. Curso Philosophico das Sciencias, de accordo com a classificação proposta por Augusto Comte. Estudo especial da Engenharia e do Direito. Retrospecto, e vista geral sobre a sociedade

de hoje. Origem de destino da Religião e da Política. Agricultura, Agronomia, Industria, Artes manufatureiras, commercio e Finanças. Economia Social e a extinção do Pauperismo.

Terceiro Grao  
(Orthologico)

Ergonomia

(Estudo da Logica Universal, preparando o individuo para a Vida pratica como Homem livre e superior)

1º. – Descoberta da lei universal e a verificação de sua existencia em qualquer ordem de phenomenos.

2º. – A orthologia deduzida normalmente da Syngenese e da Lei Universal.

3º. – A orthologia applicada à Mathematica, simplificando e racionalizando seo estudo.

4º. – A orthologia applicada ao estudo da Astronomia, da Chimica e da Physica.

5º. – A orthologia applicada aos estudos da Biologia e da Psychologia.

6º. – A orthologia applicada a Lingoagem e a Esthetica.

7º. – A orthologia applicada a Reconstrução Social. Extinção do Pauperismo Intellectual e Affectivo. Grandes revelações dos mysterios kosmicos e psychicos. Explicação de todas as tradições humanas. Theoria do Super-Homem. Theoria do FUTURO.

Coritiba, 1901  
Magnus Söndahal  
Aeropagista da União Sociocrática